

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - ESTUDOS DA LINGUAGEM

SILVANA SILVA

**ENUNCIÇÃO E SINTAXE:  
uma abordagem das preposições do português**

Dissertação apresentada à banca examinadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE EM TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO.

Orientador: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores

Porto Alegre, abril de 2005

“Forma e sentido aparecem como propriedades conjuntas, dadas necessária e simultaneamente, inseparáveis no funcionamento da língua<sup>87</sup>.”

<sup>87</sup>Ferdinand de Saussure parece haver concebido também o “sentido” como um componente interno da forma lingüística, embora não se exprima a não ser por meio de uma comparação destinada a refutar outra comparação: “Freqüentemente se comparou essa unidade de duas faces [significante e significado] com a unidade da pessoa humana, composta de corpo e alma(...) Poderíamos pensar com mais justeza num composto químico, a água por exemplo: é uma combinação de hidrogênio e oxigênio; tomado à parte, cada um desses elementos não tem nenhuma propriedade da água” (*Cours 2*, p. 145).”

(Émile Benveniste, PLG I, *Os níveis da análise lingüística*, p. 136, nota 87)

## **AGRADECIMENTOS**

A meu orientador, Valdir do Nascimento Flores, por ter me ensinado a produzir, nos últimos oito anos, enunciações sempre especulativas, auto-críticas, consistentes, as quais pudessem enriquecer o dizer do outro, seja esse outro uma teoria, uma gramática, um autor ou uma iniciante em pesquisa científica como eu. A Valdir, o principal interlocutor deste trabalho.

A minhas colegas de pesquisa em Enunciação, Sônia Lichtenberg, Magali Lopes Endruweit e Carmem Luci da Costa Silva, cujas enunciações sempre atentas, pontuais e gentis acerca de minha dissertação me auxiliaram a observar suas fragilidades e cujas enunciações de encorajamento me ensinaram a conviver com elas até começar a superá-las.

A minhas professoras deste Curso de Pós-Graduação, Maria José Bocorny Finatto, Elsa Maria Nistche Ortiz e Anna Maria Becker Maciel, por aceitarem meus dizeres enviesados e por me ensinarem que pesquisar é sempre a produção de um saber próprio, singular.

A meus colegas do Curso de Pós-Graduação, Cristina Damim, Jaçanã Ribeiro, Elza Lisboa Montano, Taíse Marchiori Soares, por escutarem e enriquecerem minhas primeiras enunciações sobre a natureza da linguagem.

À CAPES que, através da concessão de bolsa de estudos e da estipulação de deveres como participar de estágio de docência em disciplina de graduação, permitiu que minha enunciação científica fosse conduzida com tranquilidade e aprendizagem.

À minha família, cujo apoio incondicional é condição da presente enunciação.

## RESUMO

Este trabalho propõe-se a estudar os sentidos das preposições essenciais do português, a partir da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. As preposições consideradas advêm de um *corpus de dados* retirado de gramáticas contemporâneas do português. Ao abordar a descrição do sentido das preposições nas gramáticas e estudos lingüísticos brasileiros, constatamos que essa descrição é baseada em noções paradigmáticas constantes e genéricas, tais como *espaço* e *tempo*. A partir dos textos de análise de Benveniste, constatamos que o estudo da língua depende da consideração de uma dupla sintaxe, a saber, sintaxe da língua e sintaxe da enunciação, de uma dupla definição de sentido, a saber, valor e referência, de uma dupla definição de unidade, a saber, locução e enunciado e de uma dupla definição de língua, a saber, língua enquanto sistema de signos (língua) e língua enquanto comunicação intersubjetiva (língua-discurso). Constatamos ainda que a dupla consideração do sentido depende da postulação de uma unidade intermediária entre língua e língua-discurso, dita locução ou signo-palavra. Além disso, tal estudo nos mostra que uma metodologia de análise do sentido depende da simultânea consideração das relações de dissociação de forma e integração de sentido entre signos-palavra. A partir do estudo dos textos da Teoria da Enunciação, observamos que, para o estudo do sentido das preposições, devemos considerar que o significado genérico e repetível da locução na língua é determinado pela referência única e irrepetível da locução no enunciado. Assim, as noções genéricas de *espaço* e *tempo* das preposições enquanto signo transformam-se em sentidos particulares a partir das relações sintagmático-semânticas de integração da preposição enquanto signo-palavra. Para estudar os sentidos das preposições, construímos um *corpus de fatos* constituído de textos extraídos da versão *online* do jornal Zero Hora do ano de 2004. Com o auxílio do aplicativo Wordsmith, identificamos a estrutura de locuções da língua enquanto sistema de signos. A partir de 24 análises enunciativas das preposições, constatamos que as noções de espaço ou de tempo das preposições são determinadas pela posição singular que o locutor e, por vezes, o alocutário ocupa em cada enunciado, ou seja, pela sintaxe da enunciação.

## RÉSUMÉ

Ce travail se propose d'étudier les sens des prépositions essentielles de la langue portugaise en utilisant des concepts de la Théorie de l'Énonciation de Émile Benveniste. Les prépositions à l'étude sont issues d'un *corpus de données* extrait des grammaires contemporaines du portugais. Nous remarquons au cours de ce travail que la description du sens des prépositions dans les grammaires aussi bien que dans les études linguistiques brésiliens se fait sur des notions paradigmatiques constantes et génériques, tels que *l'espace* et *le temps*. À partir des textes d'analyse de Benveniste, nous avons observé que l'étude de la langue dépend de la prise en égard d'une double syntaxe, à savoir, la syntaxe de la langue et de l'énonciation, d'une double définition de sens, à savoir, la valeur et la référence, d'une double définition d'unité, à savoir, la locution et l'énoncé, et d'une double définition de langue, à savoir, la langue en tant que système de signes (langue) et la langue en tant que communication intersubjective (langue-discours). Nous avons aussi constaté que la double considération du sens dépend de l'établissement d'une unité intermédiaire entre langue et langue-discours, nommée locution ou signe-parole. Par surcroît, cet étude nous montre qu'une méthodologie d'analyse du sens dépend de la considération simultanée des relations de dissociation de forme et intégration de sens entre signe-paroles. À partir de l'étude des textes de la Théorie de l'Énonciation, nous avons observé que, en ce qui concerne l'étude des prépositions, il faut considérer que la signification générique et qui peut être répétée de la locution dans la langue est déterminée par la référence unique et qui ne peut pas être répétée de la locution dans l'énoncé. Ainsi, les notions génériques d'*espace* et de *temps* des prépositions en tant que signe deviennent des sens particuliers à partir des relations syntagmatique-semanticques d'intégration de la préposition en tant que signe-parole. Afin d'étudier les sens des prépositions, nous avons construit un *corpus de fait* issue de textes extraits de la version *online* du Journal Zero Hora de l'an 2004. Avec l'aide du logiciel Wordsmith, nous avons identifié la structure de locutions de la langue en tant que système de signes. À partir de 24 analyses énonciatives des prépositions, nous avons constaté que les notions de *temps* ou d'*espace* des prépositions sont déterminées par la position singulier occupée par le locuteur et parfois par l'interlocuteur dans chaque énoncé, c'est-à-dire, par la syntaxe de l'énonciation.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	IV
<b>RÉSUMÉ</b> .....	V
<b>ÍNDICE DE QUADROS</b> .....	IX
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. ESTUDOS SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES EM PORTUGUÊS: as noções de espaço e tempo</b> .....	15
<b>Introdução</b> .....	15
<b>1.1 Gramáticas de Língua Portuguesa</b> .....	17
1.1.1 Estudos gramaticais não-centrados nas noções de <i>espaço e tempo</i> nas preposições.....	18
1.1.1.1 Comparação das gramáticas não-centradas nas noções de espaço e tempo.....	21
1.1.2 Estudos gramaticais centrados nas categorias de <i>espaço e tempo</i> nas preposições.....	23
1.1.2.1 Cunha (1975).....	23
1.1.2.2 Neves (2000).....	26
1.1.3 Considerações acerca dos estudos gramaticais não-centrados e centrados nas noções de <i>espaço e tempo</i> .....	33

<b>1.2 Estudos lingüísticos do português.....</b>	<b>38</b>
1.2.1 Pontes (1992).....	38
1.2.2 Fiorin (2002).....	42
1.2.3 Considerações acerca dos estudos lingüísticos.....	47
<b>1.3 Considerações parciais: a análise da língua a partir da subordinação à sintaxe e ao sentido não-enunciativo.....</b>	<b>49</b>
<b>2. SINTAXE DA LÍNGUA EM BENVENISTE: questões metodológicas para um estudo enunciativo das preposições.....</b>	<b>53</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>53</b>
<b>2.1 <i>Léxico e cultura</i>: o léxico como sintaxe, a evolução do léxico como estilo.....</b>	<b>57</b>
<b>2.2 <i>Funções sintáticas</i>: uma frase, várias funções.....</b>	<b>60</b>
<b>2.3 <i>O homem na língua</i>: morfologia como sintaxe; sintaxe como enunciação.....</b>	<b>65</b>
<b>2.4 <i>Estruturas e análises</i>: a frase como unidade da preposição, duas frases como método de análise do sentido .....</b>	<b>68</b>
<b>2.5 Considerações parciais: a análise da língua a partir das relações sintáticas entre <i>forma e sentido</i>.....</b>	<b>72</b>
<b>3. SINTAXE DA ENUNCIÇÃO EM BENVENISTE: princípios para um estudo enunciativo das preposições.....</b>	<b>77</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>77</b>
<b>3.1 Da concepção de linguagem à de língua ou da passagem da <i>função</i> ao <i>uso</i>.....</b>	<b>79</b>
<b>3.2 A relação entre a <i>pessoa</i> e a <i>não-pessoa</i> ou o nível do signo.....</b>	<b>85</b>
<b>3.3 A relação entre a língua e a enunciação da língua ou o nível do enunciado.....</b>	<b>93</b>
<b>3.4 As noções de <i>espaço</i> e <i>tempo</i> em suas implicações para a língua-discurso ou da passagem do espaço e tempo ao espaço-tempo.....</b>	<b>100</b>
<b>3.5 Considerações parciais: a relevância da locução para a sintaxe da enunciação.....</b>	<b>103</b>
<b>4. CONSEQUÊNCIAS METODOLÓGICAS PARA UM ESTUDO ENUNCIATIVO DAS PREPOSIÇÕES: do método e do <i>corpus</i>.....</b>	<b>111</b>

<b>Introdução</b> .....	111
<b>4.1 Da metodologia de análise</b> .....	112
<b>4.2 Da constituição do <i>corpus</i></b> .....	114
4.2.1 Do conceito e da coleta do <i>corpus</i> ou do <i>corpus</i> de dados.....	114
4.2.2 Das características do <i>corpus</i> ou do <i>corpus</i> de fatos.....	119
4.2.3 Das notações utilizadas.....	120
<b>5. ANÁLISES ENUNCIATIVAS DAS PREPOSIÇÕES DO PORTUGUÊS: das noções de espaço e tempo aos sentidos de espaço e tempo</b> .....	122
<b>Introdução</b> .....	122
<b>5.1 Análises enunciativas ilustrativas</b> .....	122
5.1.1 Da preposição <i>a</i> .....	123
5.1.2 Da preposição <i>ante</i> .....	124
5.1.3 Da preposição <i>após</i> .....	125
5.1.4 Da preposição <i>até</i> .....	126
5.1.5 Da preposição <i>com</i> .....	128
5.1.6 Da preposição <i>contra</i> .....	129
5.1.7 Da preposição <i>de</i> .....	130
5.1.8 Da preposição <i>desde</i> .....	131
5.1.9 Da preposição <i>em</i> .....	133
5.1.10 Da preposição <i>entre</i> .....	134
5.1.11 Da preposição <i>para</i> .....	135
5.1.12 Da preposição <i>perante</i> .....	136
5.1.13 Da preposição <i>por</i> .....	138
5.1.14 Da preposição <i>sem</i> .....	139
5.1.15 Da preposição <i>sob</i> .....	140
5.1.16 Da preposição <i>sobre</i> .....	141
5.1.17 Considerações parciais: acerca das conseqüências descritivas e teóricas da análise enunciativa.....	142
<b>5.2 Análises enunciativas comparativas</b> .....	148
5.2.1 Da locução <i>estudou até + escolaridade</i> : acerca do sentido de <i>tempo</i> da preposição <i>até</i> .....	148
5.2.2 Da locução <i>verbo de movimento + até + local</i> : acerca do sentido de <i>espaço</i> da preposição <i>até</i> .....	153
5.2.3 Considerações parciais: acerca da metodologia para a análise enunciativa.....	157



**CONSIDERAÇÕES FINAIS: da sintaxe da língua à sintaxe da enunciação.....161**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....170**

### ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Gramáticas não-centradas nas noções de espaço e tempo.....	22
Quadro 2 – Gramáticas não-centradas e centradas nas noções de espaço e tempo.....	34-35
Quadro 3 - As noções de <i>espaço</i> e <i>tempo</i> em Cunha (1975) e Neves (2000).....	36
Quadro 4 - Descrição semântica das preposições em Cunha (1975) e Neves (2000).....	36-37
Quadro 5 - <i>Corpus</i> inicial de preposições .....	38
Quadro 6 - Descrição semântica em Pontes (1990).....	42
Quadro 7 - Descrição da noção de tempo em Fiorin (2002).....	47
Quadro 8 - Descrição da noção de lugar em Fiorin (2002).....	47
Quadro 9 - Descrição semântica das preposições em Pontes (1990) e Fiorin (2002).....	48
Quadro 10 - <i>Corpus</i> final de preposições.....	52
Quadro 11 - Sintaxe da língua em Benveniste.....	76
Quadro 12 - A correlação de personalidade: a oposição pessoa/ não-pessoa.....	88
Quadro 13 - Sintaxe d’emblée em Benveniste.....	110
Quadro 14 - Metodologia de análise enunciativa das preposições.....	114
Quadro 15 - Descrição enunciativa das preposições .....	147
Quadro 16 - Sentidos da preposição <i>até</i> na locução <i>estudou até + escolaridade</i> .....	153
Quadro 17 - Sentidos de tempo da preposição <i>até</i> .....	153
Quadro 18 - Sentidos da locução <i>verbo de movimento + até + lugar</i> .....	157
Quadro 19 - Sentidos de espaço da preposição <i>até</i> .....	157

## INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se a estudar o sentido das preposições essenciais do português contemporâneo, a partir das noções de *espaço* e *tempo*, sob a perspectiva da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. Nosso objetivo segue um dos postulados da Teoria da Enunciação, a saber, *sentido constrange sintaxe*. Postulamos, com isso, a precedência do sentido sobre a sintaxe e da *referência* de *espaço-tempo* sobre as noções de *espaço* ou *tempo*. Ou melhor, na perspectiva enunciativa, a *referência* única de *espaço-tempo* de uma preposição produzida por um *locutor* a um *alocutário* determina as relações sintático-semânticas de *espaço* e *tempo* ao longo do *enunciado*, revelada num constante jogo de formas, sejam elas *locuções* que se *integram* a outras locuções, sejam partes de locuções que se integram a outras partes. As 16 preposições essenciais analisadas advêm de resultado de comparação entre as listagens apresentadas pelas gramáticas contemporâneas do português e são apresentadas em um *corpus* de dados.

Para que possamos realizar nosso intento, rastreamos as concepções de *sintaxe*, *sentido* e de *espaço* e *tempo*, em gramáticas e estudos lingüísticos brasileiros bem como na Teoria da Enunciação de Benveniste. Uma de nossas mais evidentes constatações é a de que

os diferentes estudos trouxeram diferentes concepções de *sentido* e, conseqüentemente, de *sintaxe*, *espaço* e *tempo*. Dentre as gramáticas e os estudos lingüísticos, selecionamos aqueles que propõem uma análise *semântica* das preposições, uma vez que nosso objetivo é, como afirmado acima, fazer um estudo do sentido das preposições. Por que, então, a escolha das noções semânticas de *espaço* e *tempo*? A partir da análise de mais de duas dezenas de estudos sobre preposições, constatamos que as noções de *espaço* e *tempo* não apenas são as mais freqüentes, como são aquelas que caracterizam o paradigma das preposições de forma mais sistemática. Com isso, elas nos servem de ponto de partida para uma análise semântica das preposições.

Em linhas gerais, podemos dizer que a *concepção de sintaxe* desencadeia as outras noções para as gramáticas estudadas. Para os estudos lingüísticos, a noção de *espaço* e de *tempo* é o conceito fundamental. Em contrapartida, a concepção de *sentido* desencadeia as outras noções, para a Teoria da Enunciação. Assim, para as gramáticas analisadas, há dominância de sentido de um termo sobre outro do predicado ou sujeito da frase. Em contrapartida, há oposição de traços de sentido do paradigma das preposições, nos estudos lingüísticos abordados. Para a Teoria da Enunciação, há, por sua vez, a múltipla determinação de sentido entre as partes no enunciado.

Constatamos, ainda, que a *concepção de sentido* não apenas é diferente para gramáticas, estudos lingüísticos e Teoria da Enunciação, como ocupa lugares diferentes em cada perspectiva. Desse fato conclui-se que, das concepções de *sintaxe*, *sentido* e de *espaço* e *tempo*, a concepção de sentido, na Teoria da Enunciação, ganha primazia. Como o sentido, segundo a Teoria da Enunciação, é *único*, por revelar a posição de *um* locutor, e *irrepetível*, por revelar a posição de um locutor em uma *efêmera* situação discursiva, tal perspectiva faz com que não possamos falar de *uma sintaxe*, mas de uma *dupla sintaxe*. Igualmente faz com que não possamos falar de *espaço ou tempo*, e sim de *espaço-tempo*.

Finalmente, observamos que as *noções de tempo* e *espaço* apresentam, igualmente, concepções diferentes, em especial para as gramáticas brasileiras e para a Teoria da Enunciação de Benveniste. Para as primeiras, *espaço* e *tempo* são concebidos segundo uma perspectiva não-enunciativa, isto é, em uma perspectiva dicotômica, geral e partitiva dessas noções. Detalhando: uma preposição é descrita por ter sentido de tempo ou espaço e nada

mais; a preposição apresenta-os com um sentido sempre constante e genérico; e, finalmente, o sentido de espaço *ou* tempo da preposição é desencadeado exclusivamente pelo termo regente (verbo ou nome) ou pelo complemento em que se situa preposição, ou seja, na *parte* do predicado ou sujeito da frase. Para a segunda, *espaço* e *tempo* são concebidos de acordo com uma perspectiva lingüística, isto é, em uma perspectiva global, específica e total dessas noções. Detalhando: uma preposição é descrita por ter sentido de espaço ou tempo acrescido de outros sentidos; a preposição apresenta-os com um sentido variável e específico a cada enunciação; e, finalmente, o sentido da preposição é desencadeado pelo conjunto de relações sintático-semânticas da preposição com inúmeros e não classificáveis elementos do enunciado, ou seja, pelo *todo* da enunciação.

Em relação à Teoria da Enunciação, observamos sua estreita vinculação com o método saussuriano de análise lingüística, realizado através de comparações de *identidade* e *diferença* ou diferença na identidade. Com isso, acreditamos que o método de *integração* e *dissociação* de Benveniste segue a interpretação da comparação entre *identidade* e *diferença* em Saussure, ainda que tenha estatuto completamente diferente do mesmo. Ressaltamos que não apenas a vinculação entre os dois autores faz parte de nossa interpretação mas também que a observação de uma metodologia em Benveniste é pautada em nossa leitura do autor (ver capítulos 2 e 3).

Como escrevera Benveniste, há duas maneiras de ser língua na forma e no sentido. Assim, além de postular uma *dupla sintaxe*, a saber, *sintaxe da língua* e *sintaxe da enunciação*, devemos postular dois conceitos de língua, a saber, *língua enquanto sistema de signos (língua)* e *língua enquanto comunicação intersubjetiva (língua-discurso)*, dois conceitos de forma, a saber, *locução* e *enunciado*, dois conceitos de sentido, a saber, *valor* e *referência*. Detalhemos, neste momento, os dois conceitos de sintaxe. Observamos que a concepção de linguagem em Benveniste comporta um nível intermediário entre língua e língua-discurso, através do qual podemos visualizar o funcionamento da linguagem: a *palavra*. Ora, se a preposição é uma palavra, ela serve para estudar esse funcionamento. A partir do estudo de dois artigos de Benveniste tratando da preposição, constatamos que essa classe gramatical, por não poder ser enunciada isoladamente, deve ser estudada como parte da *palavra*, ou do que ele chama de *locução*. A partir do estudo da Teoria da Enunciação, concluímos que uma *sintaxe da língua* é determinada pela constituição de uma *locução* de

forma abstrata e valor constante derivada da enunciação de uma *locução* de forma concreta e valor variável, ou seja, por uma *sintaxe da enunciação*. Tal processo é cunhado por Benveniste de *derivação sintática* definida como a transformação de um enunciado atual em virtual. Assim, se nosso objetivo é estudar o sentido das preposições, podemos estudar a passagem da preposição enquanto *signo* à preposição enquanto *palavra*, ou seja, estudar a passagem do *valor* do signo preposição à referência da palavra preposição.

Em meio a essas duplicidades, há a necessidade de um elemento que *movimenta*, que *engendra* a produção de sentido na enunciação. O *locutor* funciona como dispositivo da língua, isto é, como elemento que, simultaneamente, engendra e constitui a enunciação. O *locutor*, enquanto *eu...*, é palavra da enunciação engendrada por “eu”, pessoa subjetiva que se apropria da língua para referir ao mundo e co-referir ao alocutário, ao dizer *eu...* Na enunciação do locutor, a *locução* ou o *signo-palavra* é a unidade lingüística intermediária entre língua e língua-discurso ou entre forma abstrata e forma concretizada, sentido repetível e sentido irrepitível. Através da análise da constituição do sentido irrepitível a partir do repetível, observaremos como o locutor *dispõe* sentido(s) *diferentes* na *unidade* de locução do enunciado, a partir da *identidade* de sentido das preposições em sua *unidade* de locução da língua.

A partir dessas constatações, desenvolvidas ao longo dos três primeiros capítulos desta dissertação, intitulados, respectivamente, “Estudos semânticos das preposições do português: as noções de *espaço* e *tempo*”; “Sintaxe da língua em Benveniste: questões metodológicas para um estudo enunciativo das preposições” e “Sintaxe da enunciação de Benveniste: princípios para um estudo enunciativo das preposições”, propusemos uma metodologia de análise das preposições, a qual é explanada no capítulo quatro, intitulado “Consequências metodológicas para um estudo enunciativo das preposições: do método e do *corpus*”. Essa metodologia pretende contemplar as duplicidades referidas. No capítulo quatro, apresentamos igualmente a forma de constituição do *corpus* de textos, denominado *corpus* de fatos, bem como a forma de coleta e constituição dos *enunciados* que serão analisados. Nosso *corpus* de fatos é composto de textos do jornal Zero Hora, versão *online*, datados de março a setembro de 2004. Através de um programa de computador da Lingüística de *Corpus*, podemos selecionar rapidamente as preposições desejadas bem como observar a constituição de locuções para a realização das análises enunciativas.

Tendo em vista que nosso objetivo não é a exaustividade de descrição das preposições e sim o de apontar algumas diretrizes de análise enunciativa, optamos, em um primeiro momento, pela análise de *um* enunciado para cada uma das preposições essenciais de nosso *corpus* de dados. Com isso, observaremos a eficácia da metodologia em demonstrar o processo enunciativo entre o sentido repetível e irrepitível das preposições. Em um segundo momento, a partir de *uma* preposição, a saber, *até*, comparamos o valor de uma mesma locução da língua às diferentes *referências* da locução em três enunciados. Com isso, corroboraremos o postulado da Teoria da Enunciação, a saber, *sentido constringe sintaxe*. Assim, o capítulo cinco, intitulado “Análises enunciativas das preposições do português: das noções de espaço e tempo aos sentidos de espaço e tempo” será dividido em duas seções, intituladas “Análises enunciativas ilustrativas” e “Análises enunciativas comparativas”.

A principal conclusão deste trabalho é a de que a referência da preposição na enunciação advém da totalidade do sentido das relações de integração da locução com outros sintagmas ou partes de sintagmas ou mesmo morfemas. Detalhando: a referência da preposição na enunciação é *transversal* às unidades sintáticas, diferentemente da perspectiva gramatical, em que o sentido da preposição é *linear* às unidades sintáticas. Se o sentido das preposições, nas gramáticas abordadas, é determinado pela *regência* de um termo sobre o seguinte ou sobre o que o antecede, o sentido das preposições, na perspectiva enunciativa benvenistiana, o sentido é determinado pela *co-regência* entre *todos* os termos do enunciado entre si. Se a referência das preposições é variável, tal fato se deve à existência de *um* centro de referência interna à língua enquanto sistema de signos, a saber, *eu-tu-este-aqui-agora*. A cada comunicação intersubjetiva, tal centro de referência toma uma (dis)posição singular relativamente à posição objetiva representada pela preposição. Ou seja: se a referência da preposição é variável, tal fato decorre da posição variável do locutor e, por vezes, do alocutário quanto ao que é dito.

## **1. ESTUDOS SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES DO PORTUGUÊS: as noções de espaço e tempo**

“Quando se emprega a expressão gramática descritiva, se estende tal estudo como referente ao momento atual, ou presente, em que é feita. Já tinha em princípio esse objetivo a gramática tradicional. Ora, mais propriamente normativa (...) Ora, mais ambiciosa, procura ascender a um plano que bem se pode chamar de científico, pois procura explicar a organização e o funcionamento das formas linguísticas com objetividade e espírito de análise.” (Câmara Jr., 1980, p.11)

### **Introdução**

Este capítulo tem por objetivo estudar as categorias semânticas por meio das quais as preposições do português são descritas segundo as gramáticas e estudos lingüísticos brasileiros. Em um exame prévio<sup>1</sup>, observa-se que as noções de espaço e tempo são as mais recorrentes. Os mais diversos estudos da língua abordam essas categorias em sua correlação com as seguintes *classes gramaticais*: os *advérbios* (de lugar e de tempo), os *pronomes* (demonstrativos), os *verbos* (tempo), as *conjunções* e as *preposições*. Dessas cinco classes gramaticais, observamos que apenas a preposição apresenta as noções de espaço e de tempo como característica de *toda* categoria. Além disso, essa é a única classe que é descrita como tendo a mesma forma denotando espaço e tempo e não apenas tempo e não espaço (tempo dos verbos, advérbios de tempo) ou espaço e não tempo (advérbios de lugar). Dessa forma, a partir dos estudos do português, constatamos que o fato dessas noções aparecerem de forma sistemática nos mais diversos estudos mostra que sua abordagem é fundamental para a descrição do sentido da *preposição*.

Como nenhum outro sentido de preposição aparece de forma tão consistente e sistemática nos estudos de língua, essa constatação nos leva a conceber o seguinte: *Todas as preposições podem receber descrição semântica a partir das noções de espaço e tempo*.

Para estudar as noções de espaço e tempo de forma sistemática, não trataremos, nesse trabalho, das preposições acidentais<sup>2</sup>, muitas das quais não estão relacionadas *diretamente* às noções acima, tais como *segundo, visto, feito, menos, conforme, como, senão* (cf. NEVES, 2000, p. 732). Não estudaremos igualmente as locuções prepositivas, pois as

---

<sup>1</sup> Foram pesquisadas 16 gramáticas, das quais oito apresentaram o *significado das preposições*. As gramáticas consultadas foram Almeida (1999), Silveira Bueno (1956), Rocha Lima (1985), Said Ali (1964a), Said Ali (1964b), Luft (1976a), Luft (1976b), Cunha (1970), Cunha (1975), Cunha e Cintra (1985), Mateus et.alli. (1987), Macambira (1997), Bechara (1976), Bechara (1999), Perini (1998) e Neves (2000). Said Ali (1964a) refere-se à *Gramática Secundária de Língua Portuguesa*; Said Ali (1964b) refere-se à *Gramática Histórica de Língua Portuguesa*. Tal notação deve-se ao fato de termos tido acesso a uma publicação conjugada das duas obras. Foram pesquisados quatro estudos lingüísticos, dos quais quatro apresentaram o *sentido das preposições*. Os estudos consultados foram Pontes (1992), Leitão de Almeida (1998), Poggio (2002) e Fiorin (2002).

<sup>2</sup> Fiorin (2000), um dos poucos estudos existentes sobre as noções de espaço e tempo para as preposições na Enunciação, corrobora nossa análise, ao mostrar que o sentido de tempo é marcado apenas na preposição acidental *durante*; já o sentido de espaço não é marcado nas preposições acidentais.



mesmas merecem um estudo à parte. Por serem formadas de *advérbios ou substantivos + preposição de*, sua configuração sintática é diferente das preposições essenciais<sup>3</sup>.

Além disso, averiguamos que as preposições não receberam muitos estudos de descrição semântica. É provável que tal fato se deva à sua natureza relacional, o que faz com que ela seja estudada predominantemente do ponto de vista sintático. Assim, a gramática de Rocha Lima (1985) não apresenta descrição dos significados das preposições no capítulo *As preposições*. Contudo, ele traz a significação dos verbos em seus diferentes empregos da preposição no capítulo *Regência verbal*<sup>4</sup>, o qual é situado no campo da sintaxe. Assim, o sentido da preposição não é estudado como característica das preposições e sim como característica vinculada a uma sintaxe verbal.

Como as noções de espaço e tempo são as noções mais recorrentes, tanto a escolha das gramáticas quanto a dos estudos lingüísticos far-se-á através da presença de descrição das preposições a partir das noções de espaço e tempo. Com isso, um dos objetivos desse capítulo é o de verificar as formas de descrição dessas noções nos vários estudos de língua. Para realizá-lo, compararemos a concepção e a descrição de espaço e tempo entre as gramáticas, entre os estudos lingüísticos e entre os dois grupos. Além disso, a partir do cotejo entre gramáticas e estudos lingüísticos brasileiros, objetivamos constituir o *corpus* de preposições do português contemporâneo a serem analisadas.

Este capítulo será dividido de acordo com a natureza da abordagem das preposições nos estudos do português, a saber: 1.1. Gramáticas de Língua Portuguesa; 1.2 Estudos lingüísticos do português; 1.3 Considerações parciais: a análise da língua a partir da subordinação à sintaxe e ao sentido não-enunciativo.

## 1.1 Gramáticas de Língua Portuguesa

---

<sup>3</sup>Pontes (1992, p. 47) afirma que as listas das locuções prepositivas das gramáticas apresentam locuções em graus diferentes de evolução, fazendo com que sejam confundidos casos de *locução* com casos de *sintagma prepositivo*. Se tivéssemos que incluir as locuções, deveríamos fazer um estudo sintático prévio das mesmas, estudo que foge aos objetivos deste trabalho.

<sup>4</sup> Nesse trabalho, não problematizaremos as noções de *complemento verbal e adjunto adverbial*, categorias caras a um estudo sintático do verbo e não a um estudo semântico das preposições.

Se compararmos qualquer uma das gramáticas da década de sessenta a uma das mais atuais, constatamos um enriquecimento descritivo considerável das classes gramaticais. Por exemplo, a preposição *de*, em gramática de 1958 é descrita em *um* emprego. Em gramática de 2000, diferentemente, ela é descrita em *dez* empregos. Muitas vezes, tal enriquecimento mantém as categorias constantes em gramáticas mais antigas, como, por exemplo, tempo e espaço, as quais são complementadas por outras como, por exemplo, *limite* e *posição*. Com isso, queremos dizer que as gramáticas, ao estudar *os empregos* de determinada classe, não fazem simplesmente descrições aleatórias das preposições e, sim, descrevem tal classe de forma a agregar novos conhecimentos aos antigos. Cavalieri (2000), em estudo sobre a *gramática científica brasileira*, mostra que: “os principais lingüistas e filólogos do período em foco [primeiros anos do século XX] mantinham absoluto respeito à descrição científica do fato lingüístico, despidos de qualquer ranço purista, eventualmente presente na obra de autores menores” (p. 20). O estudo de Cavalieri nos mostra que a gramática brasileira sempre esteve pautada por um estudo científico<sup>5</sup> da língua, razão essa que justifica seu estudo para este trabalho.

Em suma, duas razões justificam o estudo das gramáticas brasileiras para um estudo lingüístico: 1<sup>a</sup>) representam os primeiros estudos sistemáticos das preposições do português; 2<sup>a</sup>) são os primeiros estudos semânticos das preposições do português.

O estudo das preposições nas gramáticas será realizado a partir do seguinte critério: significado relativo às noções de espaço e tempo. Dessa forma, as gramáticas foram divididas em estudos não-centrados nas noções de espaço e tempo nas preposições e estudos centrados nas noções de espaço e tempo nas preposições. Com essa divisão, procuramos demonstrar o alcance dessas noções para o estudo das preposições. Para um autor do primeiro grupo, por exemplo, três preposições não podem ser descritas com relação às noções de espaço e tempo, enquanto que, para um autor do segundo, todas as preposições estão relacionadas àquelas noções.

### 1.1.1 Estudos gramaticais não-centrados nas noções de espaço e tempo nas preposições

---

<sup>5</sup> Estamos aqui mobilizando o conceito de ciência que Câmara Jr (ver epígrafe acima) elabora para as gramáticas: objetividade e sistematicidade de observação de um fenômeno.

As gramáticas que apresentaram estudos não-centrados nas categorias de espaço e tempo foram Almeida (1999), Said Ali (1964b), Bueno (1956) e Bechara (1999). Serão abordados os seguintes tópicos: (A) definição de preposição, (B) listagem das preposições e (C) significado das preposições relativamente às noções de espaço e tempo. Os tópicos serão apresentados de forma seqüencial, a fim de que possam ser comparadas as abordagens entre si.

#### (A) Definição de preposição

Para Almeida (1999, p. 306), preposição é conetivo, isto é, tem função de ligação de palavras. É palavra invariável que liga o complemento (conseqüente) à palavra completada (antecedente). A ordem antecedente + preposição + conseqüente pode estar invertida: *Sobre isto, não quero falar*.

Para Said Ali (1964b, p. 203), as preposições são definidas diacronicamente como advindas de advérbios. As preposições têm papel análogo ao dos sufixos dos antigos casos oblíquos. São usadas antepostas a substantivos e pronomes para lhes acrescentar noção de lugar, instrumento, posse, etc.

Para Bueno (1956, p. 397), as preposições “diferem muito pouco dos advérbios em sua função na frase: **indicam**, como aqueles, **circunstâncias de lugar, de tempo**, diferindo em que **servem de ligação entre duas palavras**, mostrando dependência entre elas, o que não se passa para os advérbios” (grifos nossos, p. 397)

Para Bechara (1999), a preposição é definida como “unidade lingüística desprovida de independência, isto é, não aparece sozinha no discurso, estando muitas vezes sujeita à ‘servidão gramatical’<sup>6</sup>, isto é, ao uso exclusivo de uma forma na frase, uso este exterior ao falante”. (p. 297). O autor faz comentários sobre o significado das preposições: “Cada preposição tem seu significado unitário, fundamental, primário que se desdobra em outros significados contextuais (sentidos), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo. Exemplo: a preposição *com* significa ‘co-

---

<sup>6</sup> *Servidão gramatical* significa que a preposição não funciona na frase como elemento de sentido; a preposição é uma parte do verbo tanto quanto suas desinências modo-temporais. O verbo *gostar* é, na verdade, *gostar de*.

presença’, os significados de companhia, modo, instrumento, causa, etc. são contextuais.” (p. 298).

Concluimos que todas as gramáticas não-centradas nas noções de espaço e tempo apresentam definição semelhante de preposição, a qual pode ser formulada da seguinte forma: *preposição é palavra dependente que relaciona dois termos, subordinando o segundo ao primeiro e tendo os mesmos sentidos que os advérbios.*

### (B) Listagem das preposições

Para Almeida (1999, p. 336), as preposições essenciais são *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre e trás.*

Said Ali (1964b) não faz listagem das preposições, apenas descreve a passagem de algumas preposições do latim ao português.

Para Bueno (1956, p. 397), as preposições essenciais são *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

Para Bechara (1999, p. 300), as preposições essenciais são *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

Assim, observamos que uma gramática apresenta 18 preposições essenciais e duas gramáticas apresentam 17 preposições<sup>7</sup>.

### (C) Significado das preposições relativamente às noções de espaço e tempo

Para Almeida (1999), as preposições definidas em relação às noções de espaço e tempo são *a* e *em*. Vejamos:

“**a** indica *quietação, estada* num lugar, *movimento* para um lugar. Exemplo: *Estivemos à janela* (quietação). *Dirigimo-nos à (para a) janela.* (movimento)” (p. 336). Da

<sup>7</sup> O próprio Almeida (1999, p. 337) já escrevera que a preposição *per* tem uso restrito a duas expressões: *de per si, de permeio*, o que a descaracteriza como preposição pertencente ao português contemporâneo.

segunda, ele escreve “não devemos usar a preposição **em** com verbos de movimento, porquanto **em** indica *lugar onde*. Exemplo: *ir ao colégio* e não *ir no colégio*. Exceção: *ingressar no seminário*” (p. 337).

Said Ali (1964b) aborda o uso das preposições na passagem do latim ao português. Destacaremos apenas os usos em português.

DE. Da significação mais antiga de ‘lugar donde’, procede o emprego da preposição para denotar causa. Serve a preposição não somente para assinalar ponto no espaço donde alguma coisa começa e se estende, mas também para marcar a época ou instante desde quando algum instante perdura. Torna-se sinônimo de *desde*: *Como se de longo tempo ho ouvessem por senhor*. DES, DESDE (*de ex*), significa ponto de partida, referenciando-se tanto a lugar como a tempo. *Des dia pinticoste*. COM. Denota fato simultâneo ou paralelo a outro. *Affonso que não saber sossegar pro estende co’a fama a curta vida*. CONTRA. Emprega-se quando se trata de movimento contrário a outro movimento ou esforço oposto a outro (*remar contra a maré*) ou ir contra obstáculo (*contra a lei*) ou dirigir movimento perpendicular a uma superfície (*as pedras contra o muro*). A. conceito de direção, movimento para algum ponto, aproximação a final junção. Há concorrência atual com *para*, que lhe cerceia os empregos. Lugar onde, ponto terminal: *Estar à mesa, à esquerda*. É usada para locuções de tempo: *às três horas, a 22 de julho*. EM. exprime interioridade com referência tanto a lugar como a tempo. TRÁS, ATRÁS DE, DETRÁS. Com verbos de movimento, significa ‘após’: *E assi correndo tras elle*. PÓS, APÓS, EM PÓS DE, PÓS. São formas desusadas, exceto *após*. Usos com sentido de ‘depois de’ ou ‘atrás de’, com verbos de movimento. PER, POR, PERA, PARA. *Por* tem uso atual de ‘em lugar de’: *Por cobre teriam ouro*. *Para* denota lugar para onde, destinação, sendo usada em variação com *a*, sendo a diferença de difícil percepção. Se houver, *para* indica demora, *a*, efemeridade.

Para Bueno (1956), quase todas as preposições são descritas como tendo sentido de espaço e tempo, tendo em vista que esse autor colocou essas noções como parte da definição de preposição. As referidas preposições são *a, até, após, com, de, em, entre, para, por, sob, sobre*. Não são definidas em termos de espaço e tempo as seguintes preposições: *ante, com, perante e sem*. Vejamos sua descrição:

*a*, lugar, direção: *Ir à cidade*; lugar: onde, junto a: *estar à porta*; distância: *A escola fica a dez passos daqui*; tempo em que: *Nasceu às três da manhã*; tempo iminente: *Ia a dizer-lhe*.

*Até, até a*, limite, ponto extremo, lugar ou tempo: *Do palácio até a taberna*.

*Após*, sucessão de tempo, das coisas: *Após mim, virá quem bem me fará*.

*Contra*, lugar imediato: *contramestre*.

*De*, lugar donde, proveniência: *Venho da missa*; tempo: *Chegou de noite*.

*Em*, lugar onde: *estou no colégio*; tempo: *Na calada da noite*.

*Entre*, lugar onde: *Vivia entre as árvores*.

*Para*, lugar, destino: *Ir para Santos*; tempo: *para as férias, farei isto*.

*Por*, lugar: *por mar e por terra*; tempo: *Estudou latim por dois anos*.

*Sob*, lugar, posição inferior: *Trabalhavam sob a direção do feitor*.

*Sobre*, lugar em cima: *Sobre a minha alma*; proximidades: *sobre a tarde, refresca o ar*; direção: *Os soldados caíram sobre os inimigos*.

Bechara (1999) descreve os sentidos das preposições. Vejamos:

**A**. Introduz circunstâncias: 1) termo de movimento, ou extensão: *Levei-os ao Banco do Brasil*. 2) tempo em que uma coisa sucede: *La por ali às vezes*. 3) fim ou destino: *Tocar à missa*. 4) lugar, aproximação, contigüidade, exposição a um agente físico: *Estar à janela*.

**ATÉ**. Indica o limite, o termo do movimento: *Comoveu-o até as lágrimas*.

**COM**. Aparece nas circunstâncias de companhia, simultaneidade. *A economia com o trabalho é uma preciosa mina de ouro*.

**CONTRA**. Denota oposição, direção contrária, hostilidade: *Lutava contra tudo e contra todos*.

**DE**. Denota: 1) indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço): *Ela desaparece da vida doméstica e de todos os lugares não vistos da multidão*. 2) indica o tempo: *De noite todos os gatos são pardos*.

**EM**. Denota: 1) lugar onde, situação: *Formam-se mais tempestades em nós mesmos que no ar*. 2) tempo, duração, prazo: *Os homens em todos os tempos fabularam*. 3) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão: *Entrar em casa*.

**ENTRE**. Denota posição intermediária no espaço ou no tempo. *Entre o queijo e o café, demonstrou-me Quincas que o sistema era a destruição da dor*.

**PARA**. Denota: 1) termo do movimento, direção para um lugar com a idéia acessória de demora ou destino: *Foi para Europa*. 2) tempo a que se destina um objeto ou ação: *Vou aí para as seis horas*.

**POR (PER)**. Denota: 1) lugar por onde: *Tantas reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo afora*. 2) tempo, duração: *qual é aquele que, assentado por noite de luar, não sente irem-se-lhe os olhos?* (p. 308-318).

#### 1.1.1. 1 Comparação das gramáticas não-centradas nas noções de espaço e tempo

A partir da abordagem dos estudos gramaticais não-centrados nas noções de espaço e tempo, observamos que a descrição semântica é nocional em Almeida, Bueno, Said Ali e Bechara. Nos quatro autores, o critério levado em consideração é o sentido do *predicado verbal*, mesmo que de forma implícita. Assim, os elementos responsáveis pelos sentidos de espaço e tempo da preposição são *elemento antecedente + preposição + elemento conseqüente*.

Não podemos deixar de destacar o trabalho de Bueno (1956) por ser uma das primeiras gramáticas a propor o critério semântico ao lado do critério sintático na própria

definição de preposição, diferentemente das outras três gramáticas, as quais propuseram apenas uma definição baseada em critério sintático<sup>8</sup>.

Abaixo, segue um quadro-síntese das abordagens. O quadro foi organizado da seguinte forma: partir da gramática que trazia descrição mais simples, isto é, com menor número de exemplos e texto descritivo mais curto, à descrição mais detalhada, isto é, com maior número de exemplos e texto descritivo mais longo.

		ALMEIDA	SAID ALI	BUENO	bechara
A	Espaço	- sim	- sim	- sim	-sim
	Tempo	- sim	- sim	- sim	- não
Ante	Espaço	- não	- não	- não	-não
	Tempo	- não	- não	- não	-não
Após	Espaço	- não	- sim	- não	-não
	Tempo	- não	- sim	- sim	-não
Até	Espaço	- não	- não	- sim	-sim
	Tempo	- não	- não	- sim	- não
Com	Espaço	- não	- não	- não	-não
	Tempo	- não	- sim	- não	-não
Contra	Espaço	- não	- sim	- sim	-não
	Tempo	- não	- não	- não	- não
De	Espaço	- não	- sim	- sim	-sim
	Tempo	- não	- sim	- sim	-sim
Desde	Espaço	- não	- sim	- sim	-não
	Tempo	- não	- sim	- sim	-não
Em	Espaço	- sim	- sim	- sim	-sim
	Tempo	- sim	- sim	- sim	-sim
Entre	Espaço	- não	- não	- sim	- sim
	Tempo	- não	- não	- não	-sim
Para	Espaço	- não	- não	- sim	- sim
	Tempo	- não	- sim	- sim	- sim
Perante	Espaço	- não	- não	- não	-não
	Tempo	- não	- não	- não	- não
Por	Espaço	- não	- sim	- sim	-sim
	Tempo	- não	- não	- sim	-sim
Sem	Espaço	- não	- não	- não	- não
	Tempo	- não	- não	- não	-não
Sob	Espaço	- não	- não	- sim	-sim
	Tempo	- não	- não	- não	-não
Sobre	Espaço	- não	- não	- sim	-sim
	Tempo	- não	- não	- não	-não

Quadro 1-Gramáticas não-centradas nas noções de espaço e tempo

<sup>8</sup> Todas as 16 gramáticas pesquisadas propuseram definição sintática para a preposição. *Algumas*, tais como a de Bueno, *acrescentaram* definição semântica.

Observamos que o número de preposições descritas em relação às noções de espaço e tempo é proporcional ao número de exemplos que as gramáticas trazem: quanto maior o número de exemplos, maior o número de noções que as preposições apresentam. Com isso, podemos constatar que as preposições, apesar de serem definidas em relação à sua função não lexical, apresentam, da mesma forma que as palavras lexicais, *tantos sentidos quantos forem os seus usos*. Essa constatação aproxima os dois tipos de palavra em relação ao seu emprego lingüístico.

Observamos ainda que há expressiva diferença entre o trabalho de Bueno (1956) que apresenta 12 preposições relacionadas às noções de espaço e tempo e o trabalho dos outros três gramáticos que apresentaram, em média, sete preposições relacionadas àquelas noções, ou seja, quase metade em relação àquela gramática. Como vimos, os três autores trazem definição sintática das preposições, enquanto Bueno traz definição sintática e semântica das mesmas.

#### 1.1.2. Estudos gramaticais centrados nas categorias de espaço e tempo nas preposições

As gramáticas que apresentaram estudos sistemáticos foram Cunha (1975)<sup>9</sup> e Neves (2000). Abordaremos os seguintes tópicos: (A) *definição* de preposição; (B) listagem das preposições; (C) significado das preposições. Cada gramática será analisada em separado, tendo em vista a importância atribuída às noções de espaço e tempo. A seguir, faremos uma comparação.

##### 1.1. 2. 1 Cunha (1975)

###### (A) Definição de preposição

Para Cunha (1975, p. 90), as classes de palavras dividem-se em dois grupos: *palavras* (morfemas lexicais) e *vocábulos gramaticais* (morfemas gramaticais). No segundo

---

<sup>9</sup> Consultamos três edições da obra de Cunha, a saber, Cunha (1970), Cunha (1975) e Cunha e Cintra (1985). Como as três apresentam a mesma descrição, com exemplos diferentes, optamos pela segunda



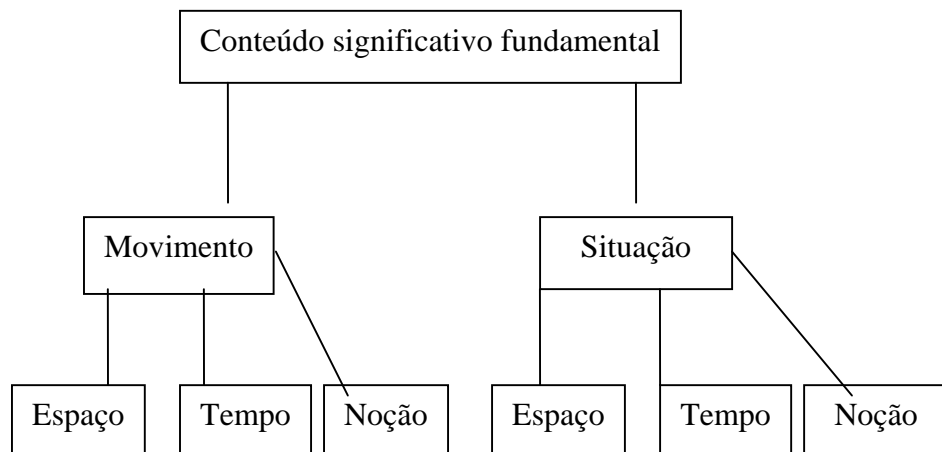
grupo estão preposição, conjunção, artigo, pronome e advérbio (à exceção de advérbio de modo). A preposição é definida como: “vocábulo gramatical invariável que relaciona dois termos de uma oração” (p. 511).

### (B) Listagem das preposições

As preposições são *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás*.

### (C) Significado<sup>10</sup> das preposições relativamente às noções de espaço e tempo

Cunha (1975) observa que as preposições apresentam grande variedade de usos no discurso, sendo possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, através das noções de *movimento* ou de *situação*, aplicável aos campos *espacial, temporal e nocional*. Vejamos o esquema (p. 514):




---

gramática de Cunha por constituir revisão e apresentar pequeno acréscimo de descrição em relação à edição anterior.

<sup>10</sup> Segundo Cunha (1975, p. 514, nota 1), essa seção foi inspirada em *Systématique des éléments de relation*, de Pottier (1962). Para Poggio (2002, p. 108-9), em estudo sobre a gramaticalização das preposições do latim ao português arcaico, Pottier apresenta um “estudo sistemático das preposições latinas”. Segundo ela, Pottier inova o estudo das preposições, pois concebe as noções de *espaço* e tempo (e *noção*) como advindas de dois significados básicos: movimento e situação. Para Poggio, tal concepção é inovadora pois concebe as noções de espaço e tempo da mesma maneira que a física moderna, a saber, de forma conjunta.

O autor propõe uma classificação baseada no tipo de *relação sintática* estabelecida pela preposição, denominada *função relacional*. Quanto mais forte for a relação sintática entre as palavras, menos visível será a significação da preposição. Há três tipos de relação: *fixa*, *necessária* ou *livre*. Nas *relações fixas*, verifica-se que o uso uniu de tal forma as palavras que elas passam a constituir um todo significativo, uma verdadeira palavra composta. Nesse caso, o sentido mesmo da preposição se esvazia completamente, mudando completamente sua denotação. Exemplo: *dar com* (= topar), *de longe em longe* (= de vez em quando). Nas *relações necessárias*, as preposições relacionam ao termo principal um conseqüente necessário. Intensifica-se a função relacional das preposições com prejuízo do seu conteúdo significativo. São os casos de: verbo + preposição + objeto indireto; substantivo + preposição + complemento nominal; verbo + preposição + adjunto adverbial necessário. Nas *relações livres*, a presença da preposição é possível mas não é necessária sintaticamente e, conseqüentemente, seu significado básico tem alta intensidade. Exemplo: *Encontrar com um amigo/ Encontrar um amigo*. O autor faz a ressalva de que os significados básicos de espaço, tempo e *noção* das preposições operam em todos os casos, mesmo naqueles em que se costuma desprezar o sentido da preposição e considerá-lo um simples elo sintático, vazio de conteúdo nocional.

No item, *Valores das preposições*, o autor faz a descrição das preposições a partir do esquema proposto sobre o significado básico:

**A. 1. MOVIMENTO** = direção a um limite:

a) no espaço: *Dirigem-se as duas à fonte*. b) no tempo: *Daqui a trezentos anos, não existirei mais*.

**2. SITUAÇÃO** = coincidência, concomitância

a) no espaço: *Esses caras ficarão à direita da Mão*. b) no tempo: *Estou molhado dos limos primitivos, e ao mesmo tempo ressôo as trombetas finais*.

**ANTE. 1. SITUAÇÃO** = anterioridade relativa a um limite

a) no espaço: *Ajoelhada ante o painel de S. Bernardo, a madre orava*. b) no tempo: *As melhores coisas, muito pensadas antes de possuídas, desmerecem quando se possuem*.

**APÓS. 1. SITUAÇÃO** = posterioridade relativamente a um limite próximo.

a) no espaço: *Luzia foi subindo após eles, sem esforço, lentamente*. b) no tempo: *Que horrível pesadelo, após sonho tão belo!*

**ATÉ. 1. MOVIMENTO** = aproximação a um limite com insistência nele:

a) no espaço: *Os gemidos abalavam a casa, ressoavam até o fundo do pomar*. b) no tempo: *Joana Inês desvelou-se no tratamento das irmãs até cair ela mesma vítima do mal*.

**COM. 1. SITUAÇÃO**: adição, associação, companhia, comunidade, simultaneidade. Não apresenta sentidos de espaço ou de tempo.

**CONTRA. 1. SITUAÇÃO**: proximidade a um limite.

a) no espaço: *Eu castigava a mão contra o meu rosto*.

**DE.** 1. MOVIMENTO = afastamento de um limite, procedência, origem.

a) no espaço: *Ninguém sabe de onde vem esse vento, Dona Maria.* b) no tempo: *A casa datava dos fins do outro século.*

**DESDE.** 1. MOVIMENTO = afastamento de um limite com insistência no ponto de partida

a) no espaço: *No interior das terras, estabelecimentos dos tupi seguiam-se desde a Lagoa dos Patos até ao Amazonas.* b) no tempo: *Não sei por quê, passamos a cumprimentar-nos desde esse dia.*

**EM.** 1. MOVIMENTO = superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de:

a) no espaço: *Foi crescendo uma luz maior que baixou rapidamente na direção do berço.* b) no tempo: *De quando em quando, ouvia-se uma voz, sussurando...*

2. SITUAÇÃO = posição no interior de, em contato com, em cima de:

a) no espaço: *Soluçam as águas em seu manancial.* b) no tempo: *O major sucumbira em poucos minutos.*

**ENTRE.** 1. SITUAÇÃO = posição no interior de dois limites.

a) no espaço: *Entre as pedras do fundo, que andarás fazendo?* b) no tempo: *Entre o que foi e o que a alma faz, meu ser oculto já não chora.*

**PARA.** 1. MOVIMENTO = tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva.

a) no espaço: *Vós sabeis onde estão as latitudes, e as fronteiras fechadas para as ilhas.* b) no tempo: *Meu olhar se volta constantemente para o passado.*

**PERANTE.** 1. SITUAÇÃO = anterioridade relativamente a um limite (intensivo de *ante*):

a) no espaço: *Eu desafio agora essa grandeza, perante a qual meus olhos se extasiam.*

**POR (PER).** 1. MOVIMENTO = percurso de uma extensão entre limites, através de, duração.

a) no espaço: *Meu coração escorre pelo bico da pena.* b) no tempo: *E eu ficava por muito tempo a olhá-lo.*

2. SITUAÇÃO = resultado do movimento de aproximação a um limite.

a) no tempo: *Pela madrugada, se aparece poeira no alto da serra, é porque os engenheiros já estão mexendo.*

**SEM.** SITUAÇÃO = subtração, ausência, desacompanhamento. Não apresenta sentidos de espaço ou de tempo.

**SOB.** SITUAÇÃO = posição de inferioridade em relação a um limite:

a) no espaço: *Sob a raiz de um deles havia uma barroca macia e funda.* b) no tempo: *Sob os Filipos, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras.*

**SOBRE.** SITUAÇÃO = posição de superioridade em relação a um limite (com contato, aproximação ou alguma distância)

a) o espaço: *Cai o céu sobre mim em pirilampos.* b) o tempo: *Jorge foi jantar e sobre a tarde apareceu Procópio Dias.*

A definição de preposição de Cunha (1975) é baseada no critério sintático e sua descrição é baseada no critério semântico. Sua lista inclui preposição que não pertence ao português contemporâneo, mas que não está contemplada na descrição, a saber, *trás*. Para o autor, as preposições relacionadas às noções de espaço e tempo são *a*, *ante*, *até*, *após*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *por*, *sob* e *sobre*. As preposições que não estão relacionadas a nenhuma dessas noções são *com* e *sem*. As preposições relacionadas apenas à noção de espaço são *contra* e *perante*.

### 1.1.2.2 Neves (2000)

#### (A) Definição de preposição

O conceito de preposição de Neves (2000) é o de que pertencem à “esfera semântica das relações e processos atuando na junção dos elementos do discurso” (p. 601).

#### (B) Listagem das preposições

Para Neves (2000), as preposições são ditas *preposições introdutoras de argumentos*, *preposições não-introdutoras de argumentos*<sup>11</sup> e *preposições acidentais*. As duas primeiras equivalem às preposições essenciais da gramática tradicional, objeto de nosso estudo. São elas: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre*.

#### (C) Significado das preposições relativamente às noções de espaço e tempo

Para Neves (*op.cit*, p. 603-731), quase todas as preposições apresentam *alguma* aceção de espaço ou de tempo, à exceção da preposição *sem*. Vejamos sua descrição:

- Preposições introdutoras de argumentos:

**A:** no sistema de transitividade<sup>12</sup>: introduz complemento de verbo I - o complemento se refere a um ponto de chegada ou ponto final de referência (meta) a) *com verbos + dinâmicos*: g) movimento em direção a um lugar: *Sáimos para ir AO cinema*. II – o complemento se refere a um ponto de origem. a) com verbos + dinâmicos: distanciamento: *Não se pode fugir à realidade*. **A:** fora do sistema de transitividade: Introduz adjunto adverbial. Circunstanciação: a) de tempo. a.1) Com sintagma nominal (ponto no tempo): *A lua nasce à meia-noite*. a.2) com infinitivo precedido de artigo (concomitância entre dois eventos): *AO ver-me chegar ansioso, Norberto sorriu*. a.3) Com sintagma nominal no plural, sendo o núcleo um nome relativo a dia da semana (tempo freqüentativo ou habitual): *AOS domingos a mãe cozinava*. a. 4) com datação, horário ou idade (ponto final no decurso do

<sup>11</sup> Em Neves (2000), as preposições introdutoras de argumentos são aquelas que funcionam no sistema de transitividade, isto é, introduzem complemento bem como relações semânticas; as não-introdutoras não funcionam no sistema de transitividade, estabelecendo apenas relações semânticas. As primeiras são *a, até, com, contra, de, em, entre, para, por, sob, sobre*. As segundas são *ante, após, desde, perante, sem*.

<sup>12</sup> Luft (1987, p. 5-6) foi um dos primeiros lingüistas a observar que alguns elementos com significado circunstancial, podem pertencer ou não à transitividade do verbo, ditos respectivamente *complementos e adjuntos*. Assim, em *pôr o carro na garagem*, o verbo prevê em sua significação o elemento *na garagem*, sendo, portanto, dito *complemento*. Já em *consertar o carro na garagem*, o verbo não prevê o mesmo elemento em sua significação, sendo, portanto, considerado *adjunto*.

tempo, sendo que o ponto inicial se marca com a preposição *DE*): *A safra do Pará vai de julho A março*. b) de lugar (com sintagma nominal) b. 1) localização no espaço: *A bela sinhá Leandro (...) ajoelhou-se AO pé do moribundo*. b.2) ponto final de uma extensão no espaço (o ponto inicial se marca com a preposição *DE*): *Diante de mim, alumiado de ponta a ponta, rolava o mar*. c) Proximidade ou contigüidade (com sintagma nominal): *Maria sentou-se á mesa, depois de insistentes pedidos*. o) de termo de movimento, ou termo de extensão no tempo: *E de junho a outubro o pasto descansa*.

A partir da descrição acima, observamos que as noções de espaço e tempo estão relacionadas a sintagmas verbais e nominais e a casos de sintagmas funcionando dentro e fora do sistema de transitividade. No caso dos verbos, essas noções ocorrem apenas com verbos + dinâmicos.

**ATÉ:** no sistema de transitividade, introduz complemento locativo de verbo: *As águas vinham até os seus pés*. fora do sistema de transitividade: no sintagma verbal (adjunto adverbial) 1. circunstanciação. 1.1. de lugar: o substantivo expressa o ponto de chegada, o limite final espacial: *Segui-a, ATÉ a uma mangueira enorme*. 1.2. de tempo: o substantivo expressa o limite final temporal: *O Afraninho ATÉ hoje mal contém o susto*. No sintagma nominal (adjunto adnominal) 1. circunstanciação. 1.1. de lugar: *Revelha-lhe que talvez dê uma caminhada ATÉ o arroio*. No sintagma adjetivo (adjunto adnominal) 1. Circunstanciação 1.1 de lugar: *As casas começam, poucas, paredes sujas ATÉ meia altura*. 1.2. de tempo: *Este, [filme] inédito ATÉ hoje....*

A partir da descrição acima, observamos que as noções de espaço e tempo estão relacionadas a sintagmas verbais, nominais e adjetivais e a casos de sintagmas funcionando dentro e fora do sistema de transitividade.

**COM:** fora do sistema de transitividade: no sintagma verbal (adjunto adverbial): 1. Circunstanciação: e) de tempo: *COM o tempo sua magreza mais se acentuava*. h) de lugar: *Talvez existia, COM o fim da estrada, o verdadeiro mundo*.

A partir da descrição acima, observamos que as noções de espaço e tempo estão relacionadas a sintagmas verbais e a casos de sintagmas funcionando fora do sistema de transitividade.

**CONTRA:** fora do sistema de transitividade: no sintagma verbal (adjunto adverbial): 1. relação de lugar: 1.1 com movimento: 1.1.1 na indicação de junção ou aproximação: *O professor desfechou um golpe violento CONTRA o peito do aluno*. 1.1.2. na indicação de contigüidade: *A zebra se coça CONTRA uma árvore*. 1.1.3. na indicação de direção contrária: *Pra que ficar aí remando CONTRA a corrente?* 1.2. sem movimento, na indicação de posição fronteira: *CONTRA a luz, mais pálida, ela não me parece morta*. no sintagma

nominal (adjunto adnominal): 2. relação de lugar (com ou sem movimento): *Chapéu de Panamá CONTRA o peito, seguro por ambas as mãos.*

A partir da descrição acima, observamos que a noção de espaço está relacionada a sintagmas verbais e nominais fora do sistema de transitividade.

**DE<sup>13</sup>:** no sistema de transitividade. I- introduz complemento de verbo. O complemento se refere ao ponto de origem, ponto de partida, ponto inicial de referência. Com verbos + dinâmicos: a) afastamento: *Convém que o senhor não se afaste Desta cidade.* b) saída, partida: *Saía eu DE uma beleza e entrava em outra.* D) origem, proveniência: *Tudo vem DE nossa experiência.* Com verbos – dinâmicos: b) distância espacial: *A casa distava três quarteirões DA praia.* b) distância temporal: *Creio que data DESSA época o desenho animado.* O complemento se refere a um ponto de chegada, ou ponto final de referência (meta). Com verbos + dinâmicos: *Sampaio aproximava-se DOS 35 anos.* Fora do sistema de transitividade: no sintagma verbal (adjunto adverbial) 2.Circunstanciação: b) de lugar b.1) localização no espaço: *Daí a pouco aparecia gente DE todos os lados.* b.2) ponto inicial de uma extensão no espaço (o ponto final se marca com a preposição): *Era DA cabeça aos pés, da mesma grossura.* b.3) lugar de onde (origem): *DO alto da amendoeira, rolou agouro de coruja.* c) de tempo ou aspecto c.1) localização no tempo: *Hoje DE manhã procuramos por ele.* c.2) com datação, horário ou idade, ponto inicial no decurso do tempo: *A safra do Pará vai DE julho a março.* no sintagma nominal (adjunto adnominal): 2. Relação de pertença. 5. Localização espacial ou temporal: *A sala DA frente estava sempre de luz apagada.*

A partir da descrição acima, observamos que as noções de espaço e tempo estão relacionadas a sintagmas verbais e nominais fora do sistema de transitividade. As noções de ‘origem’ e de ‘afastamento’ (dentro do sistema de transitividade) não são consideradas hipônimas das noções de *lugar* ou tempo, tal como fez Bueno.

**EM:** no sistema de transitividade. 4.O complemento indica a posição em que algo ou alguém é colocado: *Novamente ele me colocava NUMA posição falsa.* 5. O complemento indica o lugar a que alguém ou algo chega: *Garotos subiram NOS postes e árvores.* fora do sistema de transitividade. no sintagma verbal (adjunto adverbial). 1. Relação de circunstanciação. 1.1. lugar onde (locativo, não-diretivo) 1.1.1 sem movimento: a) localização na superfície, sem entrar em questão o tipo de contato com essa superfície, embora esse contato seja entendido como de certa duração. *João lia NA cama obras pornográficas.* b) interioridade (= dentro de) *Deixamos Curitiba NUM cargueiro da FAB.* c) situação medial (= no meio de): *Sentia-se dotado da maior potência e, de volta, com a bem querida NOS braços.* 1.1.2 com movimento a) localização na superfície: *Um engraxate batuca NA caixa.* b) ponto de contato: *Um deles me tocou NO ombro, meio bruto, com a coronha da arma.* c) contigüidade(=ao longo de): *Passsei a mão EM suas coxas.* As indicações locativas expressas por EM + SINTAGMA NOMINAL podem referir-se a um espaço abstraído: *João NO meu*

<sup>13</sup> Como não estudaremos as locuções prepositivas, não trataremos de sua descrição, tal como realizada em Neves (2000).

*conceito não passa de um refinadíssimo canalha.* A discriminação dos tipos de localização é marcada, em certos contextos, pelos traços do substantivos à direita e à esquerda: açúcar na xícara. Há casos em que não há localização espacial exata: *Uma voz parecida soou NA praça.* A discriminação também pode ser marcada pelo conhecimento de mundo dos interlocutores<sup>14</sup>. Na ocorrência *Chegava a dormir NA mesa da redação*, entende-se a localização como de contigüidade em não como de localização na superfície, pois não é hábito dormir-se nas mesas. 1.2. De tempo: a) o nome indica ponto no tempo, evento com certa duração: *Na primeira semana chamara a irmã viúva em sua companhia.* b) duração: o nome indica período de tempo. *NOS dois primeiros anos de noivo eu mal podia dormir de tão inflamado.* c) limite temporal: o nome vem quantificado (= no prazo de): *Maria Clara pediu a caneta e EM cinco minutos tinha rabiscado o novo epílogo.* d) espaço de tempo dentro do qual algo ocorre: *Jogue um níquel e EM dois minutos aparece o seu retrato.* No sintagma nominal (adjunto adnominal). 1. Relação de lugar: a) superfície: *Um toque de caspa NO paletó ao fim do dia.* b) interioridade: *Brizola NO xadrez.* c) contigüidade: *A faixa NO braço.*

A partir da descrição acima, observamos que as noções de espaço e tempo estão relacionadas a sintagmas verbais e nominais dentro e fora do sistema de transitividade.

**ENTRE:** fora do sistema de transitividade: no sintagma verbal (adjunto adverbial): 1. de lugar: 1.1. indica situação no espaço intervalar de dois ou mais elementos. a) *Perceberão a lanterna correndo entre os arbustos.* 1.2. Indica situação no interior de um conjunto de: a) pessoas: *Havia muita gente, muito alvoroço, muito entusiasmo ENTRE os concorrentes.* b) coisas: com nome não animado coletivo ou plural visto como conjunto: *Vi Abílio ENTRE as ruínas da casa.* 1.3. situação no espaço interior de elementos. 1.3.1. sendo os elementos vistos individualmente (=dentro de): *Mesmo que o sangue corra normal entre as veias.* 1.3.2 sendo os elementos vistos formando um todo contínuo: *Flávio dorme, reclinado no divã, ENTRE almofadas.* 1.4. intervalo entre dois pontos no espaço, podendo implicar movimento de um ponto de partida a um ponto de chegada, ou movimento nos dois sentidos (no intervalo espacial de, de...a): *Como poderei viver circulando ENTRE Rio e São Paulo?* 2. de tempo: intervalo entre dois pontos no tempo (= de ... a) : *ENTRE 1979 e 1984 foram vendidas duzentas e três mil peruas médias e grandes.* No sintagma nominal (adjunto adnominal) noções semelhantes as do sintagma verbal. *A distância entre o rancho e o rio ultrapassava quinhentos metros.*

A partir da descrição acima, observamos que as noções de espaço e tempo estão relacionadas a sintagmas verbais e nominais fora do sistema de transitividade.

**PARA:** no sistema de transitividade: o complemento se refere a um ponto de chegada, a um ponto final. Com verbos + dinâmicos: a) movimento em direção a: *As duas jovens foram levadas PARA uma casa de saúde particular.* b) inclinação: *Camila se inclinou*

<sup>14</sup> Luft (1987, p. 6) também utiliza a preposição *em* para exemplificar um caso de “interpretação”. Vejamos: *Trabalhar num prédio* pode ter o elemento *num prédio* como significando objeto ou lugar, produzindo as respectivas significações: ‘trabalhar nele’ ou ‘trabalhar lá’. Em Luft, essa interpretação parece ficar a cargo do contexto lingüístico da frase; em Neves, essa interpretação está condicionada ao conhecimento de mundo dos falantes.

*para meu lado*. c) direcionamento, orientação: *Golda Meyer canalizou a mesma energia para a vida política*. Com verbos – dinâmicos: c) permanência: *A metade do corpo ficou para fora da porta*. Fora do sistema de transitividade: no sintagma verbal (adjunto adverbial): 1. Relação de circunstanciação: a) direção: *Peguei um coche PARA a velha estrada*. b) de tempo: *Marcamos uma reunião PARA o dia 26*. c) de lugar (idéia acessória de afastamento): *Havia um resto de farinha pelo chão e mais PARA o canto o mestre reparou num pedaço de jornal*. A construção DE + NOME A + PARA + NOME A equivale a ENTRE + OS NOMEs NO PLURAL: *A armação da fogueira varia de lugar para lugar* (= entre os lugares).na construção de perífrase (+ infinitivo). a) Temporal. Indicando iminência. *Chiquinho está PARA roubar um sanduíche*.

A partir da descrição acima, observamos que as noções de espaço e tempo estão relacionadas a sintagma verbal fora do sistema de transitividade. Constatamos que, diferentemente de Bueno (1956), Neves separa as noções de direção e lugar. Para Bueno, as noções *origem* e *destino* são hiponímicas em relação a ‘lugar’.

**POR**: no sistema de transitividade: O complemento se refere ao objeto de referência. 1. Com verbos de ação que indicam orientação, norteamto: *Sempre me guiei POR esse pensamento*. O complemento se refere ao locativo. 1. Com verbos de movimento que indicam percurso: *Que tinha o senhor que passar POR lá, insultando?* Fora do sistema de transitividade: no sintagma verbal (adjunto adverbial). Indica circunstanciação: 1. de lugar 1.1. com verbo de movimento: a) implica a consideração de pontos no espaço, entrando como relacionante desses pontos, na indicação de percurso (=através de): *Arrastaram PELO campo até a horta*. b) indica movimentação dentro do espaço, com idéia de dispersão: *Correndo assim POR essas brenhas, quero ver!* c) indica chegada ou aparecimento em um lugar não muito bem especificado: *Como é que essa galinhada veio aparecer POR aqui assim de uma hora para outra?* 1.2. Com verbo que não indica movimento, refere a localização não pontual, não específica: *O arado descobriu bichinhos que iam ficando POR ali na terra*. 3. de tempo aproximado ou indeterminado: *Na piscina, PELA manhã, você parecia radiante*. 4. de duração: *Saltou e observou as obras POR alguns minutos*. No sintagma nominal (adjunto adnominal): sintagma + POR + nome de lugar. Indica localização de modo vago: *Manchas PELO chão assinalavam grande luta*.

A partir da descrição acima, observamos que as noções de espaço e tempo estão relacionadas a sintagmas verbais e nominais fora do sistema de transitividade. A noção de ‘direção’ não foi considerada como hiponímica de lugar, tal como postulou Bueno. A noção de ‘duração’ não foi considerada com hiponímica de tempo.

**SOB**: no sistema de transitividade, introduz complemento locativo: *Ponham essa escada lá embaixo, SOB o pórtico*. Fora do sistema de transitividade: no sintagma verbal (adjunto adverbial) 1. Relação de circunstanciação: 1.1 de lugar (posição inferior): *Escondas SOB essas pedras*. No sintagma nominal (adjunto adnominal). 1. Relação de



circunstanciação. 1.1. de lugar: *Talvez a cor da pele SOB o tecido, ainda mais ressalta a alvura.*

A partir da descrição acima, observamos que a noção de espaço está relacionada a sintagmas verbais e nominais dentro e fora do sistema de transitividade.

**SOBRE: no sistema de transitividade:** O complemento é locativo. Com verbos que indicam: a) situação acima (com ou sem contato): *O embrulho fica SOBRE a mesa.* b) assentamento, apoio: *Firmou-se SOBRE seus pés e pode tentar de novo.* c) colocação: *Põe-lhe os braços SOBRE os ombros.* d) movimento em direção a (com e sem contato): *Cumprimentou-me e saltou SOBRE o piano.* e) movimento em cima de (com ou sem contato): *Ele agora pisava SOBRE o que era seu.* **Fora do sistema de transitividade.** sintagma verbal (adjunto adverbial): Relações de circunstanciação: 1. lugar (posição superior, com ou sem contato): *Plutão e Prosepina dançam também, SOBRE o estrado.* No sintagma nominal (adjunto adnominal). 2. Circunstanciação. 2.1. de lugar: *Olhou as moscas SOBRE as roseiras.* 2.3. De seqüência no espaço ou no tempo: *Temos preferido acumular mentiras SOBRE mentiras.*

A partir da descrição acima, observamos que a noção de espaço está relacionada a sintagma verbais no sistema de transitividade; em contrapartida, a noção de espaço está relacionada a sintagmas verbais fora do sistema de transitividade e as noções de espaço e tempo estão relacionadas a sintagmas verbais e nominais fora do sistema de transitividade.

- Preposições não introdutoras de argumentos:

**ANTE: fora do sistema de transitividade:** no sintagma verbal (adjunto adverbial). Circunstanciação. 1. de lugar: na indicação de posição fronteira ou relação espacial de copresença entre dois elementos: *A caterva desembestada pararia ANTE o orador.* Na indicação de relação de copresença, pode estar envolvida uma relação de ascendência do segundo sobre o primeiro: *A Polícia Civil se reabilita parcialmente ANTE a opinião pública.* A copresença pode envolver defrontação, enfrentamento: *Nem mesmo ANTE o terror se detém o homem moderno.* No sintagma nominal (adjunto adnominal), os mesmos tipos de relações semânticas são indicadas: *Esse país árabe foi um dos poucos a manifestar sinceras preocupações ANTE o inevitável aumento dos preços do petróleo.* No sintagma adjetivo (adjunto adnominal), os mesmos tipos de relações semânticas são indicadas: *Depois o mundo se interrogou, desorientado ANTE o bigode de Stalin.*

A partir da descrição acima, observamos que a noção de espaço está relacionada a sintagmas verbais e nominais fora do sistema de transitividade.

**APÓS:** fora do sistema de transitividade: no sintagma verbal (adjunto adverbial). O valor semântico é de posteridade: *APÓS a apresentação, madame alegou afazeres urgentes.* No sintagma nominal (adjunto adnominal): O valor semântico é de subsequência. *Dia APÓS dia, evoluindo como um pesadelo.*

A partir da descrição acima, observamos que as noções espaço e tempo não são abordadas. Implicitamente, os exemplos dizem respeito à noção de tempo em sintagmas verbais e nominais fora do sistema de transitividade.

**DESDE:** fora do sistema de transitividade: no sintagma verbal (adjunto adverbial): Circunstanciação: 1.1. Relação de tempo 1.1.1 indicação de tempo ligado a um ponto temporal de origem, indica extensão no tempo a partir desse ponto: *DESDE pequeno, no berço já me olhava assim.* Fica implicada a possibilidade de expressão do limite final da extensão do tempo: *A verdade é que vim DESDE a meia-noite até de manhã deitado suspenso na treva da insônia.* 1. 1. 2. com sintagma nominal indicativo de período de tempo, indica tempo decorrido a partir de um ponto inicial: *Sua vida DESDE algum tempo era vigiá-lo.* 1.2 relação de lugar ligado a um ponto de origem, indicando extensão no espaço a partir desse ponto: *Ela já se despede DESDE a escada rolante.* Fica implicada a possibilidade de expressão do limite final, dada no espaço: *O leitor sente a presença da Sombra e do Mal DESDE a primeira até a última página.*

A partir da descrição acima, observamos que as noções de espaço e tempo estão relacionadas a sintagmas verbais fora do sistema de transitividade.

**PERANTE:** fora do sistema de transitividade: 1.1. indicação de posição fronteira ou relação simplesmente espacial de copresença de dois elementos: *A comitiva (...) iniciou o comício PERANTE dois mil assistentes.* 1.2 *Perante* coloca o segundo como instância à qual é remetida a ação, o processo ou o estado: algum tipo de ascendência do segundo elemento sobre o primeiro: *Seus pequenos corações fremiam PERANTE os cadetes e os guardamarinhas.* No sintagma nominal (adjunto adnominal), estabelece as mesmas relações semânticas: *A independência da arte significa, para o Renascimento, independência PERANTE a Igreja.* No sintagma adjetivo (adjunto adnominal), estabelece os mesmos tipos de relações semânticas: *O romântico sentiu-se indefeso PERANTE ela.*

A partir da descrição acima, observamos que a noção de espaço está relacionada a sintagmas verbais, nominais e adjetivos fora do sistema de transitividade.

**SEM:** Não há indicação das noções de espaço ou de tempo.

A partir do estudo de Neves (2000), concluímos que *todas* as preposições relacionadas às noções de espaço e tempo, ligadas à noção de *circunstanciação*, ocorrem fora

do sistema de transitividade independentemente da natureza do sintagma, e *algumas* ocorrem dentro do sistema de transitividade. Estas se referem a complementos do tipo locativo. Tal como o nome sugere, a noção presente no sistema de transitividade é apenas a de espaço. As preposições desse caso são *a, até, em, sob e sobre*.

Para Neves (2000), as preposições *a, até, com, de, desde, em, entre, para e por* estão relacionadas às noções de espaço bem como de tempo. *Ante, contra, perante, sob e sobre* estão relacionadas apenas à noção de lugar; *após*, apenas à noção de tempo e *sem*, a nenhuma dessas noções.

### 1.1.3 Considerações acerca dos estudos gramaticais não-centrados e centrados nas noções de espaço e tempo

Nosso cotejo das abordagens das gramáticas pode ser dividido em quatro partes: a) definição da preposição; b) descrição através do critério sintático; c) descrição através do critério semântico; d) constituição do *corpus* inicial de preposições.

#### (A) Definição da preposição

Todas as gramáticas estudadas privilegiaram o critério sintático na *definição* da preposição, com exceção de Bueno (1956) que apresentou definição baseada, predominantemente, em critério semântico.

#### (B) Descrição através do critério sintático

Quanto à *descrição sintática* das preposições, destacamos o trabalho de Cunha (1976) e de Neves (2000). No trabalho de Cunha (1975), destacamos a descrição detalhada do que chamou *função relacional* da preposição na frase, equivalente ao critério sintático. Cunha (1975), apesar de classificar a “intensidade significativa” das preposições de acordo com a sintaxe, considera as noções de espaço e tempo para todos os empregos de preposições. Essa aparente contradição observada em Cunha (1975) faz-nos perceber que o critério sintático não é suficiente para decidir quando e como o significado de espaço e tempo se realiza. Constatamos em Neves (2000) que as noções de espaço e tempo ocorrem *em quase todas as*

*preposições* quando em sintagmas (verbais ou nominais) fora do sistema de transitividade, no que ela chamou de *relação de circunstanciação*. A noção de espaço ocorre apenas em cinco preposições - *a, até, em, sob* e *sobre* - em sintagmas dentro do sistema de transitividade, no caso locativo<sup>15</sup>. O trabalho de Neves poderia nos indicar que apenas os sintagmas fora do sistema de transitividade servem para um estudo semântico das noções de espaço e tempo das preposições.

### (C) Descrição através do critério semântico

Quanto à descrição semântica, destacamos o trabalho de Bueno (1956), Cunha (1975) e Neves (2000). Para Bueno (1956), há uma descrição sistemática, ainda que genérica, das noções de espaço e tempo aplicada a quase todas as preposições. No trabalho de Cunha (1975), as noções de espaço e tempo, combinadas às de *movimento* e *situação*, aparecem de *forma alternada* em cada emprego de preposição. O mesmo pode ser dito de Neves (2000), para a qual o emprego da preposição na frase tem sentido de espaço *ou* de tempo.

As noções de espaço e tempo não são definidas pelas gramáticas. No entanto, está implícito que essas noções são – ou fazem parte de - significados genéricos e regulares.

Observemos o quadro da descrição semântica das preposições nas gramáticas centradas e não-centradas nas noções de espaço e tempo.

PREPOSIÇÕES	noções	ALMEIDA	SAID ALI	BUENO	NEVES	CUNHA
A	Espaço:	sim	sim	sim	sim	sim
	Tempo:	sim	sim	sim	sim	sim
Ante	Espaço:	não	não	não	sim	sim
	Tempo:	não	não	não	não	sim
Após	Espaço:	não	sim	não	não	sim
	Tempo:	não	sim	sim	sim	sim
Até	Espaço:	não	não	sim	sim	sim
	Tempo:	não	não	sim	sim	sim
Com	Espaço:	não	não	não	sim	não
	Tempo:	não	sim	não	sim	não

<sup>15</sup> Nas frases como *Ir à praia*, o sintagma nominal é exigido pelo verbo, pois o mesmo designa movimento em direção a **um lugar**. Pensamos que Neves, ao contemplar os casos de sintagmas de lugar exigidos pelo verbo, propõe uma solução para a polêmica gramatical da oposição termo integrante ou acessório, subjacente às classificações de *complemento nominal* e *adjunto adnominal*. A discussão dessa polêmica pode ser encontrada em Azeredo (2000, p.79-80).

<i>Contra</i>	Espaço:	não	sim	sim	sim	sim
	Tempo:	não	não	não	não	não
<i>De</i>	Espaço:	não	sim	sim	sim	sim
	Tempo:	não	sim	sim	sim	sim
<i>Desde</i>	Espaço:	não	sim	sim	sim	sim
	Tempo:	não	sim	sim	sim	sim
<i>Em</i>	Espaço:	sim	sim	sim	sim	sim
	Tempo:	sim	sim	sim	sim	sim
<i>Entre</i>	Espaço:	não	não	sim	sim	sim
	Tempo:	não	não	não	sim	sim
<i>Para</i>	Espaço:	não	não	sim	sim	sim
	Tempo:	não	sim	sim	sim	sim
<i>Perante</i>	Espaço:	não	não	não	sim	sim
	Tempo:	não	não	não	não	não
<i>Por</i>	Espaço:	não	sim	sim	sim	sim
	Tempo:	não	não	sim	sim	sim
<i>Sem</i>	Espaço:	não	não	não	não	não
	Tempo:	não	não	não	não	não
<i>Sob</i>	Espaço:	não	não	sim	sim	sim
	Tempo:	não	não	não	não	sim
<i>Sobre</i>	Espaço:	não	não	sim	sim	sim
	Tempo:	não	não	não	não	sim

Quadro 2 – Gramáticas não-centradas e centradas nas noções de espaço e tempo

O quadro acima mostra certa homogeneidade na atribuição das noções de espaço e tempo às preposições para duas gramáticas, a saber, a de Cunha e a de Neves. Essas duas gramáticas foram classificadas como estudos centrados nas noções de espaço e tempo, logo, era de se esperar que, além da homogeneidade descritiva, uma quantidade maior de preposições fosse descrita pelas noções de espaço e tempo do que nos estudos não-centrados. É o que realmente ocorre. A título de exemplo: Almeida (1999), representante desse último grupo, apresenta duas preposições ligadas às noções estudadas; Neves, representante do primeiro grupo, apresenta 15 preposições relacionadas às noções. Deter-nos-emos, portanto, no exame das duas gramáticas centradas nas noções de espaço e tempo. As gramáticas divergiram no exame das seguintes preposições: *após*, *com*, *sob*, *sobre*. Com relação à preposição *após*, concordamos com a descrição de Cunha, dado que o mesmo propõe descrição sistemática. Com relação à preposição *com*, a descrição de Cunha é oposta à descrição de *sem*, o que mostra a sistematicidade de sua descrição: *com* indica adição; *sem*, subtração. No entanto, optamos pela descrição de Neves sobre a preposição *com*, pois os exemplos são incontestavelmente ligados às noções de espaço e tempo. Para Cunha, as preposições *sob* e *sobre* têm usos em relação ao tempo. Para Neves, por sua vez, essas preposições apresentam apenas usos em relação ao espaço. Concordamos com a descrição de

Cunha, pois seus exemplos apresentam as preposições *sob* e *sobre* com sentido de tempo. Vejamos: *Sob os Filipes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras.* (CUNHA, 1975, p. 530). *Jorge foi jantar e sobre a tarde apareceu Procópio Dias.* (CUNHA, 1975, p. 530).

De qualquer forma, faremos um quadro<sup>16</sup> relativo à soma das descrições dos dois

A. espaço e tempo; ANTE. Espaço; APÓS. Espaço e tempo; ATÉ. Espaço e tempo; COM. Espaço e tempo; CONTRA. Espaço; DE. Espaço e tempo; DESDE. Espaço e tempo; EM. espaço e tempo; ENTRE. Espaço e tempo; PARA. Espaço e tempo; PERANTE. Espaço; POR. Espaço e tempo; SEM.  $\emptyset$ ; SOB. Espaço e tempo; SOBRE. Espaço e tempo.

autores:

### Quadro 3- As noções de espaço e tempo em Cunha (1975) e Neves (2000)

Resta-nos ainda verificar a descrição semântica detalhada das preposições para os estudos centrados nas noções de espaço e tempo. Estamos, portanto, considerando Cunha (1975) e Neves (2000) para propor o quadro abaixo:

PREPOSIÇÃO	ESPAÇO	TEMPO
$\emptyset$		
<i>A</i>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. direção a um lugar ou limite</li> <li>2. distanciamento</li> <li>3. localização</li> <li>4. ponto final no espaço</li> <li>5. contigüidade</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. ponto no tempo</li> <li>2. Com verbo: concomitância</li> <li>3. Com dias da semana: tempo habitual</li> <li>4. Com datação: Ponto final do decurso do tempo</li> </ol>
<i>Ante</i>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. anterioridade a um limite</li> <li>2. co-presença de dois elementos</li> <li>3. ascendência do segundo sobre o primeiro</li> </ol>	$\emptyset$
<i>Após</i>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Posição posterior a um limite próximo</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. posteridade</li> <li>2. subsequência ou consequência</li> </ol>
<i>Até</i>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. aproximação a um limite com insistência nele</li> <li>2. ponto de chegada</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. limite final de tempo</li> </ol>
<i>Com</i>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. espaço</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. tempo</li> </ol>

<sup>16</sup> Optamos pela notação do símbolo  $\emptyset$  para denotar ausência de descrição em relação à variável observada.

<i>Contra</i>	1. junção ou aproximação de um limite 2. contiguidade 3. direção contrária	∅
<i>De</i>	1. ponto de origem: 1.1 afastamento de um limite 1.2 lugar de onde se é 2. localização no espaço 3. ponto inicial de extensão espacial 4. Pertença a um lugar ou tempo	1. localização no tempo 2. Com datação: ponto inicial de decurso 3. Pertença: localização
<i>Desde</i>	1. afastamento do limite, com extensão a partir desse ponto 2. afastamento de um limite, com insistência no ponto de partida	1. ponto de origem, com extensão a partir desse ponto
<i>Em</i>	1. lugar em que se está ou chega 2. superação de limite de interioridade 3. contato com certa duração 4. situação medial 6. contiguidade 7. localização inexata	1. ponto no tempo com certa duração 2. limite temporal (= no prazo de) 3. espaço de tempo em que algo ocorre
<i>Entre</i>	1. situação no espaço intervalar de dois ou mais limites 2. situação no interior de um conjunto em que os elementos são vistos como: 2.1 contínuos 2.2 descontínuos 3. movimento de um ponto a outro	1. intervalo entre dois pontos (=de... a)
<i>Para</i>	1. ponto de chegada 1.1 movimento de direção a um limite 1.2 inclinação 2. afastamento	1. tempo
<i>Perante</i>	1. anterioridade a um limite 2. co-presença de dois elementos 3. ascendência do segundo sobre o primeiro	∅
<i>Por</i>	1. orientação 2. percurso de extensão entre limites 3. movimento com dispersão 4. chegada ou aparecimento em lugar inexato	1. tempo indeterminado 2. duração
<i>Sem</i>		∅
<i>Sob</i>	1. posição inferior a um limite	1. submissão temporal
<i>Sobre</i>	1. posição superior a um limite (com ou sem contato) 2. movimento em direção a	1. seqüência no tempo

Quadro 4- Descrição semântica das preposições em Cunha (1975) e Neves (2000)

(D) *Corpus inicial* de preposições

A partir dos quadros 1 e 2, constatamos que 15 de 16 preposições são descritas em função das noções de espaço e tempo, isto é, todas à exceção de *sem*. Como o critério sintático é predominante para a definição da preposição, acreditamos que, mesmo a preposição *sem*, pode ser descrita através dessas noções. Basta que, para isso, a preposição *sem* seja considerada em contexto sintático com termo denotando uma delas. Por isso, serão consideradas 16 preposições essenciais como *corpus* inicial. Vejamos:

A, ANTE, APÓS, ATÉ, DE, DESDE, EM, ENTRE, COM, CONTRA, PARA,  
PERANTE, POR, SEM, SOB, SOBRE

Quadro 5 – *Corpus* inicial de preposições

## 1.2 Estudos lingüísticos do português

Como nosso objetivo é estudar as preposições do português contemporâneo em uma perspectiva enunciativa, abordaremos os estudos lingüísticos que fazem um estudo das preposições em português do ponto de vista semântico e sincrônico<sup>17</sup>, bem como que apresentem uma descrição sistemática para a maioria ou para todas as preposições. Os estudos escolhidos são Pontes (1992) e Fiorin (2002).

Para cada um dos estudos, abordaremos os seguintes tópicos: a) embasamento teórico; b) descrição semântica das noções de espaço e tempo das preposições essenciais consideradas em nosso *corpus* inicial (quadro 5).

### 1.2.1 Pontes (1992)

Pontes (1992), em *Espaço e tempo na língua portuguesa*, propõe-se a investigar as noções de espaço e tempo em sua codificação em língua portuguesa, isto é, em preposições, advérbios de lugar, demonstrativos e locuções adverbiais e prepositivas, a fim de verificar quais as *oposições* que vigoram entre os elementos da classe. Ela afirma que seu estudo é *principalmente semântico* (p. 7). Seu objetivo é mostrar como o espaço é organizado e como o tempo organiza-se sobre ele em um processo metafórico (LAKOFF & JOHNSON, 1980). O



aparecimento de novas formas na evolução da língua indica inicialmente sentido concreto e passa a abstrato, na seguinte seqüência: espaço-tempo-sentido metafórico. O processo de desaparecimento percorre o mesmo caminho: do concreto ao abstrato. Pontes constata uma *superposição* de espaço e tempo, o que, segundo ela, coincide com os estudos modernos de Física. Tais estudos falam de uma interligação tão profunda entre espaço e tempo, que se poderia propor a noção espaço-tempo (p. 7). Para mostrar essa interligação, ela fornece o seguinte exemplo: o *uso* da metáfora temporal “a duas horas de distância” para indicar espaço. Apesar de situar seu trabalho como estudando *a língua portuguesa*, de acordo com o título do livro, o enfoque de seu trabalho é o *português coloquial*, isto é, o português falado. Com isso, ela mostra quais são as preposições (além das outras classes) usadas e quais estão em processo de desaparecimento do *português coloquial* (p. 8).

Seu trabalho é dividido em espaço na língua e tempo na língua. Na seção *As preposições e a indicação de espaço* (p. 20-34), Pontes inicia excluindo aquelas que lhe parecem em desuso na indicação de espaço: *per*, *após*, *ante* e *perante*. Das duas primeiras, diz que são arcaicas. Das duas últimas, diz que as pessoas preferem o uso de *diante de* na língua oral, sendo possíveis de serem encontradas na língua escrita. A preposição *trás* também é arcaica, sendo substituída por *atrás de* e *por trás de*. As preposições *sob* e *sobre*, por estarem se confundindo na língua escrita (*sic*)<sup>18</sup> e na língua oral devido à semelhança fonológica, também estão em desuso. Elas estão sendo substituídas, respectivamente, por *em cima de* e *embaixo* para denotar espaço. Ainda sobrevivem usos figurativos dessas preposições, como em *sob o comando do exército* e *sob medida* (expressão congelada). Para a autora, o desaparecimento de *sob* é mais acentuado do que o de *sobre*, porque se pode encontrar, mesmo que esporadicamente, o seguinte uso: *A lagartixa correu sobre a mesa*. Para essa preposição, no entanto, predominam usos metafóricos (*falar sobre a juventude*).

Em relação à preposição *a*, Pontes observa que é substituída por *em* na maioria de suas ocorrências no português falado. Tal fato se deve, provavelmente, à sua reduzida massa fonológica, o que faz a preposição *a* ser confundida com o artigo *a*. Os usos de *a* em língua falada são casos de expressões congeladas de tempo (*40º graus à sombra*) ou metáforas de

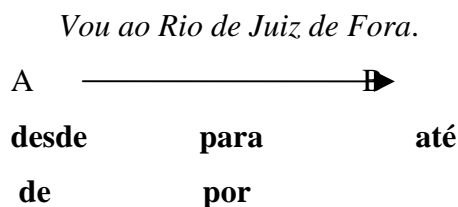
---

<sup>17</sup> Não consideramos trabalhos sobre as preposições em perspectiva diacrônica, como o de Leitão de Almeida (1998) ou Poggio (2002).

tempo (*A vila fica a duas horas daqui*). No caso de *a trinta quilômetros*, a autora considera igualmente caso de expressão congelada. Segundo ela, *quanto mais longe do significado de espaço, mais as expressões com a se conservam* (exemplo: *às vezes* (tempo); *à força* (noção)) (p. 24). Ela conclui, portanto, que *a* com sentido de espaço está em desuso. A preposição com sentido de dativo mantém-se em uso, sendo paulatinamente substituída por *prá* (*Dei o livro prá Maria*). Ela considera ainda como caso de difícil precisão de sentido o uso atual de verbo +a + verbo no infinitivo (*comecei a brincar*).

Em relação à preposição *em*, afirma que indica lugar de maneira genérica, sendo a preposição não-marcada para lugar. Dada a frase *O lápis está na mesa*, é o conhecimento de mundo que nos faz interpretá-la como ‘em cima de’. Se há outra interpretação, o falante imediatamente o especifica (*O lápis está dentro da gaveta*). Essa generalidade é motivada pelo princípio de economia da língua. Como a preposição *em* é mais usada para indicar posição no espaço, é não marcada nesse caso. Da mesma forma, a preposição *pra* é mais usada para indicar movimento no espaço, sendo não-marcada nesse caso. A preposição *entre* (‘intermédio entre dois pontos’) é mais específica que *em*, sendo usada para posição e movimento.

A preposição *de* indica origem, sendo oposta à preposição *pra*. A preposição *desde* é mais específica que *de*, pois indica tom enfático (*Vim desde Paris sofrendo*) ou frequência na ação (*Ela vem desde Paracatu enjoando*). Desde pode ser definida: *foca a atenção no movimento do ponto de origem à destinação*. *De/desde* mantém oposição com a preposição *até*. *Até* indica o ponto final de uma trajetória. As preposições *para* e *por* indicam aproximação a esse ponto final. *Até* é mais específica que *para*. Assim, as preposições mais usadas são *de* e *para*. Vejamos (p. 27):




---

<sup>18</sup> Embora considerando a afirmação um pouco exagerada, não podemos deixar de observar que encontramos um exemplo dessa confusão no seguinte texto: “(...) o ministro da Coordenação Política, Aldo Rebelo, não deu conta da maior crise que se abateu *sob* o governo.” (ZH, 22/02/2004, p. 8)

Ela assinala que a preposição *por*, da mesma forma que *em* e *para*, indica localização em área mais ou menos vaga, sem movimento (*Não há gente por aqui?*). A autora assinala que a preposição *por*, em língua falada, pode indicar ambigüidade. Na frase *Por onde você passou?*, *por* pode indicar ‘o lugar em que se passa’ ou ‘o lugar em que se vai’.

A autora procura assinalar a diferença de *em* e *pra*, dizendo que é mínima. Em alguns casos, a primeira indica brevidade e a segunda, permanência (tal como o ensino escolar diferenciava as preposições *a* e *para*).

A oposição semântica não-marcado/marcado pode ser observada do ponto de vista fonológico: as preposições não-marcadas (*em, pra, de*) são monossilábicas e átonas, enquanto que as preposições marcadas (*desde, até*) são dissilábicas e tônicas.

Abaixo, a autora apresenta o seguinte quadro:

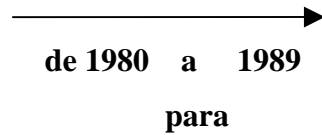
Significado	Posição	Movimento		
		Princípio	Meio	Fim
+ específico (marcado)	entre	desde	por	até
- específico (não-marcado)	em	de		prá

A autora observa uma semelhança entre *entre* e *por*: ambas indicam posição intermediária a dois pontos. Não é à toa que se combinam na expressão *por entre*.

Para a autora, as preposições *de, desde, em, entre, para, por, até* combinam-se com verbos de posição e de movimento. No entanto, *em* e *entre* indicam principalmente posição, podendo, algumas vezes, indicar movimento. Na frase *Vou em casa*, foi o verbo que mudou o sentido e não a preposição. O mesmo pode ser dito da preposição *entre*. *De, desde, para, por, até* indicam, por sua vez, primordialmente movimento.

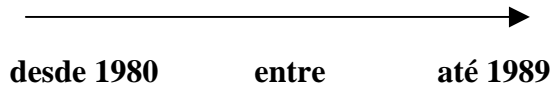
Na seção *A expressão de tempo* (p. 69-71), a autora afirma que todas as preposições não-marcadas (*em, de, pra, por*) indicam tempo. A preposição *a* ocorre para indicar posição no tempo: *Levantei às oito horas. Chegou em casa à noite*. Ela assinala que a preposição *ante*, para indicar tempo, é uso arcaico.

Em relação ao tempo, as preposições conservam os mesmos traços de significado do espaço: *em* indica situação; *de*, origem; *para*, direção; *por*, trajeto. Concebe-se espaço e tempo como uma linha:



Há uma sutil diferença de sentido entre as preposições: em *de 1980 a 1989*, há aspecto durativo, isto é, enfatiza-se o período transcorrido; em *de 1980 para 1989*, há aspecto pontual, isto é, enfatiza-se a mudança de uma data a outra.

As preposições marcadas (*desde, até, entre*) também são usadas obedecendo à mesma concepção de tempo linear observada para as preposições não-marcadas: *desde* indica ponto inicial; *até*, o ponto final e *entre*, o espaço entre dois pontos. Vejamos:



A autora propõe outra oposição para as preposições de tempo, a saber, não referência ao momento da fala e referência ao momento da fala. As preposições *de, por, em, a, entre* não tomam o momento presente como referência. Vejamos: *De 1980 a 1989 nada mudou*. Em contrapartida, as preposições *desde* e *até* apresentam referência ao momento da fala. Na frase *Desde ontem que ela não faz nada*, fica implícito que é *desde ontem* até o momento da fala; na frase *Até amanhã devo acabar este trabalho*, trata-se do período iniciado no momento da fala *até amanhã*.

Façamos um quadro:

<p><i>Até</i>: espaço, movimento, tempo, movimento; <i>de</i>:  espaço, movimento, tempo, movimento, <i>desde</i>: espaço,  movimento, tempo, movimento; <i>em</i>: espaço, posição, tempo,  posição; <i>entre</i>: espaço, posição, tempo, posição <i>para</i>:  movimento, <i>por</i>: espaço, posição, tempo, posição</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 6- Descrição semântica em Pontes (1990)

### 1.2.2 Fiorin (2002)

Fiorin (2002) empreende um trabalho de descrição das categorias de pessoa, espaço e tempo sob os princípios da Teoria da Enunciação para o português. O *corpus* é composto de enunciados de língua escrita advindos de gramáticas, jornais e revistas. Seu trabalho baseia-se também no referencial teórico de Greimas e Courtès (1973;1979), os quais produzem dois conceitos fundamentais para a análise do autor: *debreagem* e *embreagem*. *Debreagem* é a operação em que a instância da enunciação disjunge de si e projeta para fora de si certos elementos, com vistas à constituição dos elementos fundadores do enunciado, isto é, pessoa, espaço e tempo. A *debreagem* consiste em disjuntir do sujeito, do espaço e do tempo da enunciação e em projetar no enunciado um *eu*, um *não-eu*, um *aqui*, um *não-aqui*, um *agora* e um *não-agora*. A *embreagem* consiste no efeito de retorno à enunciação, produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como uma denegação da instância do enunciado. Quando o presidente diz *O presidente da República julga que...*, há precedência de *debreagem* enunciativa, através da instauração de um *eu*, seguida de uma *embreagem*, através da neutralização da oposição entre *eu/ele*, em benefício do segundo elemento, com denegação da *debreagem* prévia.

No capítulo *Do tempo*, Fiorin propõe categorização. Há dois sistemas temporais na língua: um relacionado ao momento da enunciação e o outro relacionado a momento de referência do enunciado. Essa oposição é baseada na divisão temporal de Benveniste (1974, p. 73) em tempo lingüístico, tempo crônico e tempo físico. Para Benveniste, o tempo lingüístico comporta suas próprias divisões. Seu tempo fundamental é o presente, reinventado a cada vez que o enunciador (*eu*) enuncia, instaurando um *agora* e um *então*. O tempo presente da enunciação de *eu* é o mesmo do *tu*, dado que o tempo do discurso não é fechado em uma subjetividade solipsista, sendo, ao contrário, intersubjetivo. Dessa forma, há três momentos que constituem o sistema temporal: momento da enunciação (ME), momento da referência (MR) e momento do acontecimento (MA)<sup>19</sup>. O *momento de referência* está ancorado no *momento de enunciação*. Este se desdobra em dois momentos de referência: *concomitância vs não concomitância (anterioridade vs posteridade)*. Se o momento da referência for concomitante ao momento da enunciação, o momento da referência só é *explicitado* quando for anterior ou posterior ao momento da enunciação.

---

<sup>19</sup> Em nota, o autor afirma que, apesar das semelhanças, essa tripartição temporal não é inspirada em Reichenbach (1947).

Na seção concernente às preposições, o autor não separa as preposições essenciais, das acidentais e das locuções prepositivas. Trataremos apenas das preposições essenciais consideradas em nosso *corpus* final.

Na seção *Das preposições* (p. 172-77), o autor propõe a seguinte categorização para as preposições ou locuções prepositivas temporais: *concomitância* versus *não concomitância* (*anterioridade* vs *posterioridade*). Há outra categoria organizadora de preposições temporais: o aspecto. O aspecto organiza-as da seguinte forma: *pontual* vs *durativo* (*incoativo* vs *terminativo*). O aspecto incoativo-durativo, isto é, começo de processo em duração temporal, é indicado por *desde*, *a partir de*, *a começar de*: *Desde a hora do funeral do nosso Joca, não ponho os olhos nela*. A preposição *desde* marca o início do processo de um ponto de vista retrospectivo. O aspecto terminativo-durativo, isto é, ponto final do processo em duração temporal, é indicado pela preposição *até*. Pode-se marcar simultaneamente o início e o fim do processo, através das preposições: *de... a*, *de... até*, *desde... até*, *a começar de... até*: *De janeiro a junho, as empresas processadoras aproveitam para realizar manutenção em seus equipamentos*. As preposições *em* e *a* assinalam um momento inscrito no enunciado, podendo ser pontuais ou durativas: *Na hora do espetáculo, nós damos um jeito*. *Casei-me aos vinte anos, pensando em me tornar amadurecido*. Essas preposições podem eventualmente assinalar o momento da enunciação: *Agora*, *na hora do almoço, estou em São Paulo*.

No capítulo *Do espaço*, Fiorin propõe a categorização do espaço. Ele observa que essa categoria tem sido pouco estudada em lingüística. Essa situação deve-se, segundo ele, ao fato de espaço e tempo serem interdependentes. No entanto, Fiorin (*op. cit.*, p. 261) acredita que, como a língua tem morfemas distintos para essas categorias, *elas devem ser estudadas separadamente*. Há dois tipos de espaço<sup>20</sup>: o espaço lingüístico e o espaço tópico. O espaço lingüístico organiza-se a partir do *aqui*, isto é, do lugar de *eu*, sendo reinventado a cada enunciação de *eu*, e postulando simultaneamente um *não-aqui*. O espaço tópico é determinado tanto em relação ao enunciador (*à minha esquerda*) quanto em relação a um ponto de referência inscrito no enunciado (*na frente da igreja*). Cada espaço tem sua especificidade: no espaço lingüístico, configura-se *apenas* o espaço dos actantes; no espaço tópico, configuram-

<sup>20</sup> Assim como existem dois tipos de tempo, há, para Fiorin (*op. cit.*, p. 297), dois tipos de espaço, em uma analogia à análise de Benveniste. A denominação tempo *tópico* advém de Greimas, 1973 e Fontanille, 1989.

se as noções de posição e movimento, a partir de uma referência espacial; o espaço lingüístico não é pluridimensional; o tópico, sim. Há duas categorias fundamentais para a análise do espaço tópico, a saber, as posições: direcionalidade e englobamento. A) A direcionalidade é marcada principalmente pelo olhar, articulando-se em *verticalidade vs horizontalidade (lateralidade vs perspectiva)*. B) O englobamento é a colocação de um espaço considerado em sua bi ou tridimensionalidade em uma posição, articulando-se em *englobante e englobado*. Essas categorias são dinamizadas por duas categorias de movimento: *expansão e condensação*. Há movimentos simples e complexos. Os movimentos simples são os seguintes: a) relação direcional: *expansão* produz *afastamento* e a condensação, *aproximação*, ambos gerando *distância*; b) relação de englobamento: *expansão* gerará extensão no espaço e condensação, uma *concentração*, ambos gerando *ocupação*. Os movimentos complexos são os seguintes: a) um movimento direcional aplicado a uma relação de englobamento ocasionará *transposição* do espaço: se for de expansão, determinará uma *saída*, se for de condensação, uma *entrada*. b) um movimento de englobamento aplicado a uma relação direcional determinará uma *difusão* no espaço; se for expansão, será *dispersão*; se for condensação, será *reunião*. Para o autor, o espaço tópico *especifica* o espaço lingüístico tendo caráter principalmente aspectual. Exemplo: *A gente faz um troca-troca geral aqui em cima*. (p. 261-264).

Na seção *Dos advérbios espaço-aspectuais e das preposições* (p. 272-83), o autor afirma que preposições e advérbios têm suas **posições** manifestadas a partir de um sujeito observador (O actante a partir de cuja visão se marcam posições e movimentos é um observador, porque o espaço tópico tem um caráter aspectual). Trataremos, igualmente, das preposições essenciais consideradas em nosso *corpus* final.

As **posições** são expressas da seguinte maneira:

a) visão concentrativa: marca uma posição que coincide com um lugar considerado como um ponto. Em português é manifestada pela preposição *em*: *Estava em uma frisa*; b) visão extensiva: *Entre* assinala uma posição num lugar delimitado por vários pontos de referência constituídos de elementos idênticos: *colocou o prato sobre o forro americano, entre os talheres*; c) visão de orientação horizontal: *adiante (de), diante de, antes (de), defronte a, em frente (de), frente a, à frente (de), perante e ante* indicam uma posição no eixo

da *perspectividade*, a partir de um ponto onde está ou se supõe estar o olhar do observador, orientada na direção do prolongamento do olhar: *Mas o que via ante seus olhos horrorizados eram as grossas mãos de Piano manando de sangue e lama. Atrás (de), detrás (de), depois de, após* indicam uma posição no eixo da *perspectividade*, a partir de um ponto de referência onde está ou se supõe estar o olhar do observador, mas orientada no sentido oposto ao do eixo do olhar: *Após um quadro turvo, sem nenhuma claridade, um outro de luz muito viva, de cintilante beleza*; d) visão de orientação vertical: *sobre, por cima (de)* indicam posição superativa de um objeto em relação a um ponto de referência (sem necessidade de contato): *Dirige-se à tela, que está sobre um cavalete. Sob, por baixo (de), debaixo (de), embaixo (de)* indicam posição inferativa de um objeto em relação a um ponto de referência (há ou não contato entre o objeto e o ponto de referência): *Ocultava sob os móveis objetos como se não fossem meus*; e) visão de proximidade/afastamento: *contra* indica que há contato físico entre o objeto e o ponto de referência: *Aperta o pão contra chão acimentado*. Há marca contigüidade entre o objeto e o ponto de referência: *Veio encostar-se à parede de vidro*.

Os **movimentos** são expressos da seguinte maneira:

1. O movimento direcional produz aproximações e afastamentos, bem como direcionalidade do movimento. a) A aproximação assinala o deslocamento em direção a um ponto de referência: *a, para* marcam o ponto de chegada de um movimento e também que se considera que ele será atingido. A combina-se com verbos que significam a ação de atingir o ponto de chegada, como *chegar* e *para*, com aqueles que levam em consideração o ponto de partida, como *ir* e *vir*; *a* marca o termo provisório do movimento, *para*, o termo definitivo<sup>21</sup>: *Chegou ao cinema pouco antes das seis. Saiu para a rua. Em direção a, na direção de* indicam somente a orientação do movimento para o ponto de referência, sem que se leve em conta o fato de atingi-lo ou não: *Saiu em direção ao cruzeiro. Até (a)* denota que o ponto de referência foi considerado atingido: *Depois veio até mim, pousou levemente a mão sobre*

<sup>21</sup> A diferença de sentido entre *a* e *para* é baseada na oposição 'estada provisória' e 'estada permanente' tanto para gramáticos (SAID ALI, 1964b, BECHARA, 1999) quanto para lingüistas (FIORIN, 2001). Bagno (2002, p. 142-3), em pesquisa quantitativa baseada em *corpus* de língua falada, mostra que a noção [- permanência] é expressa pelas preposições *em, a* e *para* em concorrência; a noção [+ permanência] é expressa pelas preposições *em* e *para*. Esses dados nos mostram que as preposições *em* e *para* são não-marcadas para a noção [+ permanente]; a preposição *a* é marcada para a noção [-permanência]. O autor mostra que, em língua escrita, houve observância das regras gramaticais, o que mostra porque a análise de Fiorin assemelha-se à das gramáticas pesquisadas.



*meus ombros. Sobre* denota o ponto de chegada, considerado em posição inferativa, de um movimento: *O exército avançou sobre a cidade.* b) O afastamento marca o deslocamento a partir de um ponto de referência: *de*: assinala o ponto de partida de um movimento e que o objeto estivera em contato com ele. *Faz um ano que voltei definitivamente da Europa. Desde* indica o ponto de partida e que o movimento prossegue de maneira contínua desde sua origem: *Fizera a caminhada a pé, praticamente desde Fortaleza.* c) A direcionalidade do movimento é assinalada, marcando-se ou não o eixo em que se dá: *por*, indica a passagem, num movimento unidirecional, de um ponto a outro da referência: *Você já passou pelo guichê.*

2. Movimento de transposição no espaço: *Por* denota uma transposição do limite considerado em sua dimensionalidade: *E o criminoso entrou pelas paredes. Por entre* indica que o limite é uma posição englobada marcada por vários pontos de referência: *Assoma por entre as finas grades a cabecinha.*

3. Movimento de dispersão: *por* denota uma expansão em diferentes direções: *Os olhos passeando pela sala.*

Façamos um quadro das preposições essenciais em Fiorin (2000):

<p><i>Após</i>: posterioridade, aspecto pontual; <i>Desde</i>: aspecto incoativo-durativo; <i>Até</i>: a aspecto terminativo-durativo; <i>Em</i>, <i>a</i>: momento do enunciado ou da enunciação aspecto</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 7- Descrição da noção de tempo em Fiorin (2002)

<p><i>Em</i>: posição, visão concentrativa; <i>Entre</i>: posição, visão extensiva; <i>Ante/ Perante</i>: posição, visão de orientação horizontal no eixo da perspectividade;</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 8- Descrição da noção de lugar em Fiorin (2002)

1.2.3 Considerações acerca dos estudos lingüísticos

Ao contrastarmos as análises de Pontes e Fiorin, não encontramos divergências, apesar dos distintos referenciais teóricos. Ambos partem do princípio da distinção de formas para a expressão das categorias de espaço e de tempo, isto é, cada preposição indica uma e somente uma relação de espaço ou uma relação

de tempo a cada enunciado. Ambos descrevem as preposições a partir de sua relação com o momento inscrito no enunciado por oposição a formas que têm relação com o momento da enunciação. Para Pontes, a oposição entre enunciação e enunciado pode ser percebida na divisão das preposições em referência e não-referência ao momento da fala. Segundo a autora, as preposições *de*, *por*, *em*, *a*, *entre* não tomam o momento presente como referência, enquanto as preposições *desde* e *até* apresentam referência ao momento da fala. Para Fiorin, há uma maior descrição das preposições como espaço tópico, isto é, do espaço inscrito no enunciado. Exemplos como *A gente faz um troca-troca geral aqui em cima* (p. 264), em que *aqui* indica lugar da enunciação e *em cima* lugar do enunciado, mostram que sua concepção de momento inscrito no enunciado e momento da enunciação é dicotômica, isto é, ou uma forma indica momento no enunciado ou indica momento da enunciação.

Observamos que a lista de preposições de Fiorin é quantitativamente maior do que a de Pontes. O uso de *corpus* de língua escrita por parte do autor faz com que ele inclua preposições que, segundo Pontes, estão em desuso ou em vias de extinção na língua falada, tais como *a*, *ante*, *perante*, *sob* e *sobre*.

A descrição semântica proposta pelos estudos lingüísticos é a seguinte:

PREPOSIÇÃO	ESPAÇO		TEMPO	
	Posição	Movimento	Posição	Movimento
<i>A</i>	Visão aproximativa	Consideração do ponto de chegada	∅	Aspecto durativo Aspecto pontual
<i>ANTE</i>	Visão horizontal	∅	∅	∅
<i>APÓS</i>	∅	∅	∅	posteridade
<i>ATÉ</i>	∅	Ponto de chegada	∅	∅
<i>COM</i>	∅	∅	∅	∅
<i>CONTRA</i>	Visão de proximidade	Ponto atingido e objeto oposto	∅	∅
<i>DE</i>	∅	Início de processo	∅	movimento
<i>DESDE</i>	∅	Afastamento durativo	∅	Aspecto incoativo-durativo
<i>EM</i>	Visão concentrativa	∅	Aspecto durativo Aspecto pontual	∅
<i>ENTRE</i>	Visão extensiva	∅	posição	∅
<i>PARA</i>	∅	Consideração do ponto de partida	∅	movimento
<i>PERANTE</i>	Visão horizontal	∅	∅	∅
<i>POR</i>	∅	Transposição Dispersão	∅	trajeto
<i>SEM</i>	∅	∅	∅	∅

<i>SOB</i>	Visão vertical, inferativa	∅	∅	∅
<i>SOBRE</i>	Visão vertical, superativa	Ponto de chegada	∅	∅

Quadro 9- Descrição semântica das preposições em Pontes (1990) e Fiorin (2002)

Se contrastarmos o quadro da descrição semântica das preposições nas gramáticas de Cunha e de Neves ao quadro acima, verificaremos que há divergência de descrição acerca das noções de espaço e tempo em seis preposições, a saber, *após, até, com, de, por* e *sobre*. Pensamos que essa divergência se deve mais à quantidade menor de análises efetuadas pelos estudos lingüísticos em comparação aos estudos gramaticais do que à discordância em relação à análise das referidas noções. Ainda que as classificações de sentido de gramáticas e estudos lingüísticos sejam diferentes, ambas reconhecem as noções de espaço e tempo como pertinentes ao sentido das preposições<sup>22</sup>. No cotejo entre os estudos gramaticais e lingüísticos, observamos ainda que quanto maior for a enumeração de usos de preposição, maior será a descrição de sentidos efetuada para as preposições. Em outras palavras, uma lista reduzida de frases pode conduzir a uma descrição semântica restrita.

### 1.3 Considerações parciais: a análise da língua a partir da subordinação à sintaxe e ao sentido não-enunciativo

Quase todos os estudos gramaticais centrados nas noções de espaço e tempo e os estudos lingüísticos partiram de duas noções básicas para descrever o espaço: *posição* e *movimento*. Quase todos os estudos gramaticais abordados e Pontes partiram dessas mesmas noções para descrever o tempo nas preposições.

Apesar de as gramáticas proporem estudo das preposições a partir das noções de espaço e tempo, sua definição das preposições está relacionada ao papel sintático-formal na oração, por oposição ao papel realizado pelas outras classes gramaticais. Assim, *a definição das preposições é primeiramente de cunho sintático*. Além disso, quando da descrição semântica propriamente dita, esta se realizou de forma sumária e generalizante. Por exemplo, em Cunha (1975, p. 515), na frase *Dirigem-se as duas à fonte*, o sentido é descrito como

<sup>22</sup> Não podemos deixar de assinalar que tanto o trabalho de Cunha (1975) quanto o de Neves (2000), embora situados em *gramáticas*, partem de perspectivas lingüísticas, respectivamente, o estruturalismo

“movimento a um lugar”. Em Neves (2000), gramática que apresentou maior variedade de usos das preposições, os sentidos estão subordinados ao critério sintático pertença ou não-pertença ao sistema de transitividade. No caso de pertença, o sentido das preposições é dito, sumariamente, ‘locativo’. No caso de não-pertença, o sentido das preposições é dito ‘circunstancial’, dentro do qual os sentidos genéricos de ‘espaço’ e ‘tempo’ apresentam algum detalhamento, tendo em vista a frase. Concluímos que, mesmo em uma gramática de usos, o sentido parece vinculado ao critério sintático de pertença ao sistema de transitividade. O mesmo pode ser dito de Cunha (1975), uma vez que o autor divide as preposições em relações fixas, necessárias ou livres, dizendo que apenas nas últimas o sentido da preposição é significativo, ou seja, nos casos de possibilidade de substituição de preposições. Assim, nos casos de *regência* (verbal ou nominal), o sentido das preposições não é relevante.

Vemos, dessa forma, que o critério sintático da regência verbal (ou nominal) subordina os sentidos nas gramáticas estudadas. Quando Cunha ou Neves abordam a descrição do sentido das *preposições* estão, na verdade, descrevendo o sentido do *sintagma* (verbal, nominal ou adjetival), subordinado ao critério sintático de regência. Esse é o único critério relevante para as gramáticas, já que mesmo o critério da *ordem* dos constituintes, reconhecido pela própria gramática como um critério sintático -vide capítulo *Colocação Pronominal*-, não é levado em consideração. Em Almeida (1999, p.307), temos que em *Sobre isso, não quero falar* e *Não quero falar sobre isso*, a diferença de colocação não acarreta diferença de sentido. Além disso, por causa da centralidade do fenômeno da regência verbal nas gramáticas, as noções de espaço e tempo, em sua consideração semântica, são observadas *exclusivamente* na natureza lexical, seja do complemento ou do adjunto verbal. Exemplo: *Os gemidos abalavam a casa, ressoavam até o fundo do pomar.* (a noção de espaço advém do complemento ‘fundo do mar’) *Joana Inês desvelou-se no tratamento das irmãs até cair ela mesma vítima do mal.* (a noção de tempo advém do complemento ‘até cair ela mesma vítima do mal’) (CUNHA, 1975). Ao subordinar o sentido à classificação de pertença ou não ao sistema de transitividade, ou à classificação de relações fixas, necessárias ou livres, pode-se concluir que *as gramáticas subordinaram o sentido a um e apenas um critério sintático: a regência.* Em outras palavras: *uma sintaxe constrange um sentido.*

---

de Pottier e o funcionalismo, diferentemente do que fazem os estudos não-centrados nas noções de espaço e tempo, os quais não partem de perspectivas lingüísticas.

Os estudos lingüísticos não propuseram definição de preposição, apenas as descreveram. A listagem das preposições nos estudos lingüísticos é praticamente a mesma das gramáticas. Em Pontes (1992), tal fato se é justificado através do conhecimento escolar que as pessoas possuem acerca das classes. Diferentemente das gramáticas, as descrições de Pontes (1992) e de Fiorin (2002) centraram-se nas relações paradigmáticas das preposições e não no sintagma verbal, substantival ou adjetival. Ambos os autores partiram de teorias lingüísticas *semânticas*, a saber, respectivamente, da teoria semântico-cognitiva de Lakoff<sup>23</sup> e da teoria semiótico-enunciativa de Greimas, privilegiando o estudo do sentido a partir de uma classificação prévia de categorias. Para Pontes, essa classificação parte da dicotomia sentido concreto/abstrato ou metafórico e da dicotomia sentido espacial/temporal. Cada preposição é avaliada separadamente em seu trajeto diacrônico de sentido concreto a metafórico bem como avaliada nas relações paradigmáticas com outras preposições (por exemplo, *sobre* passa a sentido metafórico simultaneamente ao fato de a locução *em cima de* adquirir o sentido concreto outrora pertencente àquela preposição). Para Fiorin, a classificação é composta das perspectivas objetivas do locutor, a saber, visão horizontal, vertical, concentrativa, etc. No trabalho do autor, há apenas a descrição de espaços e momentos inscritos no *enunciado*. A ausência de descrição de espaços e momentos inscritos na enunciação possivelmente justifique a não utilização, pelo autor, dos conceitos de *debreagem* e *embreagem* para a descrição das preposições.

Para os dois autores, uma mesma preposição pode ter sentido de espaço ou de tempo, desde que em frases separadas, da mesma forma que ocorre nas gramáticas estudadas. Espaço e tempo são tratados, portanto, em seu caráter geral e absoluto de caracterização dos seres. Concluimos que os estudos lingüísticos subordinam as preposições a classificações prévias de sentido, ou seja, *as preposições estão subordinadas a uma classificação de sentido, seja essa ligada ao espaço, seja ao tempo, seja a espaço com movimento ou espaço*

---

<sup>23</sup> Segundo Fuchs e Le Goffic (1985, p. 92-3), Lakoff é um discípulo dissidente de Chomsky. Após a publicação de *Aspects of the Theory of Syntax* (CHOMSKY, 1965), o primeiro decide filiar-se à *semântica gerativa* e o segundo à *semântica interpretativa*, que dá origem à *teoria standard estendida*. A grosso modo, podemos dizer que a diferença entre as duas perspectivas é a de que Lakoff acredita que as estruturas profundas são de natureza sintático-semântica, enquanto Chomsky acredita que o componente semântico atua como interpretante das estruturas sintáticas profundas no nível das transformações.

*estático*<sup>24</sup>. Dessa forma, esses estudos, ao buscarem a regularidade paradigmática do sentido das preposições, fazem da mesma uma regra exaustiva dos sentidos de cada preposição.

Quanto à descrição das noções de espaço e *tempo*, as gramáticas apresentaram um estudo baseado no caráter geral dessas categorias. Cada frase foi descrita como designando, de forma genérica, tempo *ou* espaço, não relacionando, portanto, essas categorias a descrições mais específicas. Por seu turno, os estudos lingüísticos apresentaram essas noções de forma apenas mais detalhada. Por exemplo, em Fiorin, a preposição *sob* é descrita ‘espaço com visão vertical do tipo inferativo’. Ainda assim, esses estudos propõem *um* sentido de tempo *ou* um de espaço para cada frase, sentido esse oriundo de uma classificação prévia em função das posições objetivas do locutor.

Como as gramáticas descreveram o sentido da preposição em suas relações de sintagma (seja nominal, verbal, ou adjetival) e os estudos lingüísticos, da preposição em suas relações de paradigma, concluímos que nenhum dos estudos empreendidos, apesar de sua qualidade de descrição da língua, apresentou um estudo que relevasse do *sentido* das noções de espaço e tempo no *enunciado* e na *enunciação*. A contribuição desses estudos é a de descrever o sentido regular que as preposições apresentam e o de fornecer o *corpus* dessa pesquisa.

Nenhuma das gramáticas ou dos estudos lingüísticos descreve a preposição *sem* relacionada às noções de espaço e tempo. No entanto, em nossa hipótese geral, todas as preposições podem ser descritas em função dessas noções. Por isso, optamos por incluí-la em nosso trabalho. As preposições a serem estudadas são as seguintes:

<p style="text-align: center;">A, Ante, Após, Até, Com, Contra, De, Desde, Em, Entre, Para, Perante, Por, Sem, Sob, Sobre</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

#### Quadro 10- *Corpus* final de preposições

Acreditamos, finalmente, que a teoria *semântica*<sup>25</sup> que estuda as noções de espaço e tempo considerando o sentido de cada *enunciado* é a Teoria da Enunciação de Lakoffiana, Marque-Pucheu (2001) *classifica* as locuções prepositivas em dois tipos: valor espacial dominado por valor extrínseco ou valor espacial

que a língua, para Benveniste, é sempre tomada do ponto de vista semântico.

Benveniste. Como essa teoria apresenta um sentido variável para as noções de espaço e tempo (ver capítulo 3), ela não prevê a exaustividade do sentido das preposições. Fazemos a ressalva de que as considerações acerca das gramáticas e estudos lingüísticos abordados, apesar de não indicarem uma abordagem enunciativa, apontaram a importância de considerar a constituição sintagmática das preposições. Tendo em vista a importância atribuída à sintaxe, estudaremos, no capítulo a seguir, sua concepção para Benveniste, a fim de descrever como a mesma se coaduna com uma perspectiva relevando do sentido da preposição no *enunciado*. Em outras palavras, procuraremos responder à seguinte pergunta: *que* sintaxe interessa a um estudo enunciativo das preposições?

## **2. SINTAXE DA LÍNGUA EM BENVENISTE: questões metodológicas para um estudo enunciativo das preposições**

A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido. Quatro quintos do francês são indo-europeus, se se pensa na substância de que se compõem suas frases, ao passo que as palavras transmitidas na sua totalidade, da língua-mãe ao francês moderno, caberiam no espaço de uma página. (SAUSSURE, CLG, p. 200)

## Introdução

No capítulo anterior, realizamos um estudo semântico das preposições em relação às noções de *espaço* e *tempo*. Observamos que poucas gramáticas fizeram essa relação de forma sistemática, a saber, duas de 16. A preposição foi estudada pela maioria delas em sua função sintática de ligação dos termos da oração. Os estudos lingüísticos abordados, apesar de privilegiarem o sentido das preposições, não lhes negaram essa função sintática. Com isso, observamos que um estudo semântico das preposições deve considerar uma abordagem sintática das mesmas, ou melhor, deve considerar *um* conceito de sintaxe e *uma* relação com o sentido.

Como vimos ao final do capítulo 1, a concepção de sintaxe que impera nas gramáticas é a de um eixo subordinador dos sentidos possíveis de uso da língua. Portanto, o critério sintático domina e restringe a importância do critério semântico. Tal fato observa-se tanto em uma *gramática de usos do português* quanto em uma *gramática normativa do português*, como veremos. Neves (2000), a qual apresenta uma extensa lista de sentidos para as preposições, subordina esses sentidos à sintaxe do sentido atrelado à transitividade (o qual é dito simplesmente ‘locativo’) ou à sintaxe dos sentidos não pertencentes à transitividade (ditos ‘circunstanciais’ e desdobrados em uma série de sentidos, cuja interpretação depende antes do ‘conhecimento de mundo’ do que do contexto lingüístico). Almeida (1999, p. 307) acredita que nas frases *Não quero falar sobre isso* e *Sobre isso, não quero falar* a mesma relação prepositiva está dada, logo, ele deixa sugerido que ambas têm o mesmo sentido. O autor desconsidera, portanto, outras dimensões da sintaxe, as quais podem marcar sentidos diferentes para as frases acima. Além disso, quando as gramáticas tratam do sentido, sua descrição é feita de forma sumária e generalizante. Na frase *Estivemos à janela*, a preposição *a* tem sentido de movimento a um lugar (ALMEIDA 1999, p. 336). Não podemos deixar de observar o esforço de mostrar que uma mesma preposição pode ter mais de um sentido, mas tal fato se deve ora à natureza do verbo ora à natureza do complemento, isto é, mais uma vez, à sintaxe da frase. Exemplos: *Dirigimo-nos à janela* (*a*: movimento a lugar); *Estivemos à janela* (estada em um lugar). Como vimos no capítulo 1, não é simplesmente a sintaxe que subordina o sentido das preposições, antes é apenas o critério sintático da *regência verbal* que



o determina<sup>26</sup>. Mesmo nos estudos lingüísticos, os quais privilegiaram um estudo semântico das preposições, concluímos que o uso das preposições está subordinado a um e apenas um sentido.

Como esse trabalho pretende ser um estudo *semântico-enunciativo* das preposições, elegemos uma teoria que privilegia esse aspecto, a saber, a Teoria da Enunciação de Benveniste. No entanto, não podemos negar que a sintaxe é fator relevante para o estudo das preposições, uma vez que ela teve importância fundamental para as gramáticas<sup>27</sup>. Reconhecer a importância da sintaxe para o estudo das preposições não é, contudo, suficiente: a sintaxe é um conceito tão amplo que comporta abordagens díspares como a gramática gerativa de Chomsky ou a abordagem funcionalista de Givón. Dessa forma, nesse capítulo, pretendemos investigar na obra de Benveniste *uma* concepção de sintaxe pertinente a um estudo do aspecto *semântico* das preposições.

Desde agora, podemos dizer que sua concepção de sintaxe opõe-se fortemente à concepção não-enunciativa presente nas gramáticas. A concepção benvenistiana deve apontar uma abordagem *em conjunto* da língua: a sintaxe revela o sentido; o sentido revela a sintaxe. Como observa Normand (1997, p. 226), a análise da significação em Benveniste ancora-se na noção capital da propriedade da *integração*. Para o autor, a análise semântica da linguagem natural, não é feita separando forma e sentido como se procede em linguagem lógica, e sim na *integração* entre forma e sentido. Vejamos: “Ainsi le “modèle” logique permet d’évoquer la distinction syntaxe (combinatoire de signes) et sémantique (relations des signes au monde), (...) la spécificité d’une langue naturelle par rapport à une language logique est de signifier d’emblée<sup>28</sup> » (NORMAND 1997, p. 227). Acreditamos, com isso, que, ao se opor fortemente

---

<sup>26</sup> Lichtenberg (2001, p. 111-3) chega à conclusão semelhante após estudo das gramáticas brasileiras. A autora acrescenta que essa sintaxe equivale a “uma fórmula, uma montagem”, observação essa que pode ser aplicada igualmente às preposições descritas pelas gramáticas, uma vez que estão subordinadas a uma operação de montagem em uma *regência verbal*, como vimos no capítulo 1.

<sup>27</sup> Segundo o filósofo Rabuske (1987, p.25-6), a ciência possui três critérios de cientificidade, um dos quais é a *concordância com o conhecimento científico comum*. Assim, o autor menciona a necessidade de uma certa concordância teórica – um ‘senso comum’ - entre teorias contemporâneas. Se, no capítulo 1, consideramos as gramáticas como fonte de estudo científico da língua, elas podem nos oferecer, ao menos, certas proposições científicas de caráter genérico, tais como *O estudo das preposições releva da sintaxe da língua*.

<sup>28</sup> Tradução nossa: “Assim, o ‘modelo lógico’ permite evocar a distinção sintaxe (combinatória dos signos) e semântica (relações do signo ao mundo), (...) a especificidade de uma língua natural em relação a uma língua lógica é a de significar *d’emblée*.” A partir dessa tradução, utilizaremos a expressão francesa *d’emblée* por não termos encontrado uma expressão equivalente em português.

aos estudos da língua natural segundo o modelo lógico, Benveniste funda um *método* de análise da linguagem natural que conjuga *forma e sentido* ou *sintaxe e semântica*.

Portine (1997, p. 92), a partir de estudo do conceito de sintaxe geral nos textos *Problemas de Lingüística Geral I e II*, diz, baseando-se especialmente no texto *Os níveis da Análise Lingüística*, que a língua, para Benveniste, é tripartida em *merisma*, *signo* e *frase*, por oposição à língua na abordagem gerativa, que é multipartida<sup>29</sup>. Se essa afirmação for correta, três implicações daí decorrem: 1<sup>a</sup>) o estudo do signo depende sempre de seu emprego, isto é, de suas relações paradigmáticas e sintagmáticas; 2<sup>a</sup>) a sintaxe marca a passagem da língua à enunciação, pertencendo, portanto, às duas instâncias; 3<sup>a</sup>) a frase enquanto pertencente à língua pode ser concebida como uma unidade em que o signo prevê virtualmente uma estrutura gramatical, ou seja, há relações sintagmáticas *in absentia*<sup>30</sup> na frase. Em contrapartida, a frase, enquanto pertencente à enunciação, depende da referência à situação. Essas implicações, geradas umas sobre as outras, devido a sua divisão em níveis, levam-nos à seguinte asserção: *o estudo da língua, a partir do nível do signo, implica o estudo de uma dupla sintaxe da língua*<sup>31</sup>.

Para demonstrar essa hipótese, utilizaremos um ou dois “textos de análise”<sup>32</sup> de quatro das seis seções de *Problemas de Lingüística Geral I e Problemas de Lingüística Geral II* (doravante referidos, respectivamente, como PLG I e PLG II)<sup>33</sup>, a saber, *Estruturas e*

<sup>29</sup> « On a une tri-stratification (là où la grammaire générative a opéré une poly-stratification . » (Tradução nossa : Tem-se uma tri-estratificação (onde, na gramática gerativa, foi operada uma poli-estratificação). Portine, professor e pesquisador do Signes (Centro de Ciências Cognitivas) na Universidade de Bordeaux III, aponta, apesar, ou melhor, por causa de sua visão *cognitiva* de língua, uma parte da epistemologia da Teoria da Enunciação. Como formalista que é, observa que a sintaxe, em Benveniste, é regida pelo signo do número 2. Como tal assunção é apenas uma abstração inicial e necessária, devemos entendê-la não como uma matematização ou formalização da sintaxe em Benveniste, mas apenas como uma aproximação ao conceito de sintaxe da língua para o autor.

<sup>30</sup> Tal concepção é encontrada igualmente em Bouquet (1997, p. 278) sobre Saussure. Bouquet fez um estudo exaustivo dos manuscritos de Saussure, chegando à conclusão de que as dicotomias em Saussure, em especial a de língua/fala, vão perdendo força ao longo dos cursos de Saussure, fato que não se revela explicitamente na publicação. Para Bouquet, no pensamento de Saussure, pode-se conceber a existência de relações sintagmáticas na língua. Benveniste, leitor do estruturalismo saussuriano, deve ter percebido essa concepção de língua nas entrelinhas do *Curso*.

<sup>31</sup> Com essa afirmação, estamos desconsiderando o nível do fonema (e níveis inferiores).

<sup>32</sup> Cf. Normand (1996, p. 135), os textos de Benveniste são classificados em *textos de análise* e *textos canônicos*. Os primeiros são textos de análise lingüística e os segundos, teóricos.

<sup>33</sup> As seções em que se dividem os livros foram nomeadas pelo próprio autor, tal como se lê no prefácio de PLG II. Esse fato garante que a língua pode ser dividida em várias abordagens, nem que seja baseando-se em critérios tradicionais, cuja crítica Benveniste procede de forma mais ou menos sutil, como veremos.

*análises, Funções sintáticas, O homem na língua e Léxico e cultura.* Acreditamos que essa abordagem abrangente garante a generalidade necessária para confirmar que *um estudo enunciativo implica uma sintaxe e uma semântica juntas.* Acreditamos ainda, com essa abordagem, depreender *qual* o conceito de sintaxe para o autor<sup>34</sup>.

Analisaremos inicialmente dois textos da seção *Léxico e Cultura*, seção em que não se esperaria encontrar estudo sintático. Os textos são “Problemas semânticos da reconstrução” (PLG I) e “Difusão de um termo da cultura: o latim *orarium*” (PLG II). Nesses dois textos, surpreendemos a relação entre léxico e relações sintagmáticas e relação entre léxico e uso estilístico perpassando o centro da análise do autor. Na seção *Funções sintáticas*, estudaremos os textos “Ativo e médio no verbo”(PLG I) e “A frase nominal” (PLG I), a fim de verificar que a concepção de frase não está pautada na montagem de sintagmas, mas em diferenças de função. A seguir, analisaremos um texto da seção *O homem na língua*, a saber, “Os verbos delocutivos” (PLG I), texto que parece pertencer exclusivamente à morfologia derivacional, mas que também apresenta implicações sintáticas. Assim, a base da função delocutiva é a forma de uma locução que depende do uso em enunciados com determinada referência a uma situação. Na seção *Estruturas e análises*, observaremos como a sintaxe da frase é relevante para a análise das preposições em “O sistema sublógico das preposições em latim” (PLG I) e “Para uma semântica da preposição *vor*” (PLG II). Com isso, demonstraremos qual é a concepção de sintaxe de língua em Benveniste e, em especial, a sintaxe das preposições.

Este capítulo será dividido de acordo com as seções propostas por Benveniste, a saber, 2.1 *Léxico e cultura*: o léxico como sintaxe, a evolução do léxico como estilo; 2.2 *Funções sintáticas*: uma frase, várias funções; 2.3 *O homem na língua*: morfologia como sintaxe; sintaxe como enunciação; 2.4 *Estruturas e análises*: a frase como unidade da preposição, duas frases como método de análise do sentido; 2.5. Considerações parciais: a análise da língua a partir das relações sintáticas entre *forma* e *sentido*.

## **2.1 *Léxico e cultura*: o léxico como sintaxe, a evolução do léxico como estilo**

---

<sup>34</sup> Segundo Flores (2001, p. 30, nota 37), a enunciação deve ser estudada não apenas nos textos dedicados exclusivamente a ela, mas no conjunto da obra do autor. Com isso, acreditamos que a concepção de sintaxe nos textos de análise lingüística abordados é a de uma introdução à sintaxe da enunciação.

Nesse item, procuraremos investigar as relações do léxico com o contexto sintático e as implicações dessa relação. Observaremos igualmente a relevância do *estilo*, isto é, do uso para a determinação do léxico.

No texto “Problemas semânticos da reconstrução” (PLG I), Benveniste trata da reconstrução do sentido de formas idênticas ou semelhantes que apresentam diferença de sentido. Para ele, o único critério para a reconstrução é a busca de um *emprego* em que esses dois sentidos tenham unidade, dado que o “*sentido*” de uma forma lingüística se define pela *totalidade dos seus empregos, pela sua distribuição e pelos tipos de ligações resultantes*. Essa busca alcança sucesso somente se fizer uso do *conjunto dos contextos nos quais a forma é suscetível de aparecer*. Benveniste escreve ainda que a etimologia não é um critério independente para provar o parentesco de duas formas. Ele apresenta dez análises de reconstrução, das quais abordaremos três, número suficiente para nos aproximarmos do conceito de sintaxe da língua para o autor.

1ª. Existem em francês os verbos *voler* 1 (‘voar’) e *voler* 2 (‘roubar’), os quais foram erroneamente considerados como advindos da mesma unidade. Além da evidente diferença de sentido, os dois apresentam configuração morfológica e sintática diferenciada. *Voler* 1 é intransitivo; *voler* 2 é transitivo e ambos apresentam derivações distintas. Como *voler* 2 apresenta menos palavras derivadas que *voler* 1, poderíamos pensar que aquele deriva deste. Como se observa apenas um contexto em que os dois sentidos formam uma unidade, a saber, “*Le faucon vole la perdrix*”, não se pode dizer que um deriva do outro, sendo, portanto, palavras distintas.

2ª. Há em grego *trephe* (‘nutrir’) identificado a *trephe* (‘espessar’, ‘coagular (um líquido)’). Benveniste observa a relação entre os dois sentidos no próprio grego, os quais devem formar apenas um sentido. *Trephe* (‘nutrir’), para ser analisado em suas ligações semânticas, deve antes ser definido como “favorecer o desenvolvimento daquilo que é submetido ao crescimento”. Assim, encontram-se os seguintes empregos em grego: *paídas*, *híppus*, com o significado de “favorecer o crescimento de crianças, cavalos” e *trephein khaiten*, com o significado de “deixar crescer os cabelos”. Há a produção de um sentido técnico de *tréphe*, a saber, *tréphein gála* (deixar coalhar). Assim *trephein khaiten* e *trephein*

*gála* não apresentam diferenças. Benveniste conclui que não há a palavra *coagular* e sim um emprego (*trephein gála*) do sentido de *trephe* (‘favorecer o desenvolvimento’).

3ª. Benveniste trata da reconstrução de um grupo unitário para indicar a direção em que variou o sentido de uma palavra. Um dos critérios usuais, rechaçado por ele, é o da evolução do “concreto” ao “abstrato”, pois são termos ambíguos. Ele analisa a palavra *trust* (‘fidelidade’) nas línguas germânicas em relação à “árvore”, ou “carvalho” *triu*. Para alguns estudos etimológicos, a noção abstrata de ‘fidelidade’ evoluiu da noção concreta de ‘vegetal’. Benveniste pensa diferentemente: deve-se considerar as relações morfológicas e a distribuição das formas. Assim, foi pela expressão de solidez que se passou a designar a árvore em geral e o carvalho em particular. O autor recorre ao irânico em que “árvore” é *diraxt*, vinda de *draxta*- “ficar firme”. Ele baseia-se igualmente em documentos para mostrar que a noção de “árvore” é tardia. Além disso, ele constata que o “referente” carvalho surge apenas em uma língua, derivado de “árvore”, uma vez que o carvalho cresce apenas em uma parte da Europa. O autor conclui dizendo que não se deve confundir designação e significação

O autor conclui, para todos os casos de reconstrução, que é apenas *pelos relações que se define uma estrutura semântica*. O autor exclui outros critérios, tais como relações com a “substância” extralingüística e referência a categorias semânticas “universais”<sup>35</sup>.

Observamos que, para Benveniste, o estudo da relação semântica entre palavras obedece a dois critérios: 1º) semelhança formal (nenhuma de suas dez reconstruções parte da comparação de formas diferentes); 2º) semelhanças de distribuição sintática e morfológica. Assim, quanto mais semelhantes forem as derivações de duas formas, mais as formas tendem a ser analisadas como uma unidade. Da mesma forma, quanto mais semelhantes forem os contextos sintáticos (intransitividade, transitividade), mais as formas tendem a ser analisadas como uma unidade. Como vimos em relação aos verbos *voler1* e *voler 2*, a semelhança formal não é critério suficiente para observar a unidade da palavra. Por outro lado, em relação à análise de “coagular” e “nutrir (crianças)”, há a mesma forma para essas duas palavras, em grego, bem como mesma distribuição sintagmática entre elas (*trephein paida – trephein gála*).

---

<sup>35</sup> O fato de Benveniste negar a passagem do sentido concreto ao abstrato como parâmetro *universal* das línguas, mostra que seu modelo teórico se opõe ao de Lakoff, o qual postula que as palavras, em geral, apresentam sempre o mesmo trajeto, a saber, passagem do sentido concreto ao metafórico (ver cap. 1, PONTES, 1992).

Logo, trata-se, na verdade, de *uma mesma unidade semântica*. A reconstrução de “árvore” a partir de “fidelidade”, nas línguas germânicas, mostra a necessidade de bases empíricas para a reconstrução, e não o apelo a critérios universais como “concreto” e “abstrato”.

No texto “Difusão de um termo de cultura: o latim *orarium*” (PLG II), Benveniste propõe-se a investigar a origem e a evolução do termo *orarium* do latim a outras línguas. O texto do Novo testamento apresenta a palavra grega *σουδαριου* (“toalha, lenço”) e a Vulgata a traduz para *sudarium* (“lenço para enxugar o rosto”), que é um empréstimo grego. Benveniste diz que o uso de *sudarium* em duas passagens do Novo testamento referentes à ressurreição (João 11, 14 e João 20, 7) fez com que *sudarium* passasse a significar “pano que envolve a cabeça dos mortos”. Há, no entanto, outra tradução latina mais antiga, a Itala, que utilizou *orarium*.

Para Benveniste, se uma das duas formas latinas estava se impondo, o uso da outra forma deve ter razão de outra natureza. Para ele, a diferença entre elas é de *nível estilístico*: *sudarium* pertence à língua clássica; *orarium* é comum, quase vulgar. Assim, o uso de *orarium* revela o uso comum; e o de *sudarium*, o bem falar. Para Benveniste, *orarium* teria encerrado sua existência se não fosse uma nova circunstância. A partir do século VI, *orarium* passou a designar a peça de fazenda que o diácono traz sobre o ombro esquerdo, sendo substituída nos séculos XI e XII, por *stola* (“estola”). *Orarium* foi adotado em grego, em eslavo e em algumas línguas asiáticas. Dessa forma, *orarium* passou a designar *termo novo* fora do latim.

Com a análise de dois termos praticamente sinônimos, Benveniste mostra a preocupação em analisar o *uso lingüístico*. Os dois termos aparecem em contextos diferenciados, logo, têm sentidos diferenciados. A sobrevivência de *orarium* no contexto religioso-cristão só foi possível graças à sua transformação em outra palavra, a saber, *estola*, desta vez, com sentido relacionado ao bem falar. Essa transformação fez com que *orarium* e *sudarium* deixassem de ser sinônimas, condição essencial para a sobrevivência das duas formas. Com isso, Benveniste mostra que, se os contextos sintagmáticos influenciam o sentido das palavras, da mesma forma, a “designação” das palavras modifica seu contexto sintagmático. Assim, a relação entre o eixo da designação e o do contexto (sintagmático) é de

dupla implicação: um eixo implica o outro *por sua vez* durante o processo de constituição do sentido.

Concluimos que, para Benveniste, num estudo do léxico de uma língua, seja em perspectiva diacrônica ou sincrônica, a determinação da unidade *palavra* depende de três fatores: forma; relações sintagmáticas na frase e no contexto; designação. Esse último depende do contexto sintagmático e da aparição do “referente” na cultura de um povo, tal como vimos com a análise de “carvalho” e mesmo na de *orarium* (‘estola’).

## **2.2 Funções sintáticas: uma frase, várias funções**

Nesse item, pretendemos observar a concepção de frase em Benveniste, para que se possa especificar o que o autor entende pelas palavras “distribuição sintática” ou “uso lingüístico”, tais como apresentadas na seção anterior.

No texto “Ativo e médio no verbo” (PLG I), Benveniste investiga a distinção entre as vozes verbais. Para o autor, a verdadeira *oposição* não está no par ativo-passivo, dado que muitas línguas indo-européias desconhecem a tripartição em ativo-médio-passivo, cuja *simetria nada tem de orgânico*. Para o autor, o qual segue os comparativistas, a verdadeira oposição está no par ativo-médio, sendo que o passivo é uma modalidade do médio. Assim, uma forma verbal ativa se opõe primeiramente à média, depois à passiva. Essas duas oposições não se dão pelas mesmas categorias. O autor seguirá explanando sobre a primeira oposição no presente artigo.

O verbo indo-europeu só faz referência ao sujeito e não ao objeto. Assim, tempo, modo, pessoa e número têm expressão diferente no ativo e no médio. Dessas quatro categorias, apenas modo e tempo, além da voz, são marcadas no verbo. Como a definição da diferença entre ativo-médio mostra-se muito vaga se comparadas todas as línguas indo-européias, Benveniste observa essa diferença em verbos que só apresentam voz ativa e verbos que só apresentam voz média nas línguas grega, latina e sânscrita. Esses verbos são divididos em classes. Comparando as duas séries, Benveniste chega à conclusão de que no ativo, os verbos denotam um processo que se efetua a partir do sujeito e fora dele. No médio, o verbo indica um processo ao qual o sujeito é interno, sendo sua sede. Essa diferença não repousa na

semântica dos verbos, dado que ambas as classes têm verbos de ação e de estado. No médio, o sujeito é o centro do processo, mesmo que o verbo exija um objeto, sendo, nesse caso, centro e ator do processo. Há, nesse momento, conversão do médio em ativo, ou, em outras palavras, do intransitivo em transitivo, como em “Ele dorme (médio)” para “Ele adormece alguém (ativo)”; “Eu danço (médio)” para “Eu faço dançar um outro (ativo)”.

A seguir, Benveniste analisa alguns exemplos em grego para confirmar sua descrição. Esses exemplos são usos da mesma forma verbal em ambas as vozes. O autor afirma que temos, nesse caso, “realmente um ativo” e não “ausência do médio”. Vejamos:  $\delta\omega\rho\alpha$   $\phi\epsilon\rho\epsilon\iota$  “carregar os presentes” (ativo),  $\delta\omega\rho\alpha$   $\phi\epsilon\rho\epsilon\tau\alpha\iota$  “ele carrega os presentes que recebeu”(médio),  $\upsilon\omicron\mu\omicron\upsilon\zeta$   $\tau\iota\theta\epsilon\upsilon\alpha\iota$  “estabelecer leis” (ativo),  $\upsilon\omicron\mu\omicron\upsilon\zeta$   $\tau\iota\theta\epsilon\sigma\theta\upsilon\alpha\iota$  “estabelecer leis incluindo-se (dar-se leis)” (médio).

Benveniste pondera que os nomes ativo e médio poderiam ser substituídos por “diátese externa” e “diátese interna”, para que se possa perceber a oposição das vozes verbais. Benveniste propõe ainda uma divisão das *funções semânticas* do verbo. Número, pessoa e voz estão associados na desinência verbal; modo e tempo estão associados ao tema verbal. As primeiras funções situam o sujeito relativamente ao processo, definindo o campo posicional do sujeito, ou seja, a “não-pessoa”, ou, tradicionalmente, terceira pessoa. (Em nota, Benveniste remete a distinção pessoa e não-pessoa ao artigo *As relações de tempo no verbo francês*, 1950). As segundas funções, por sua vez, afetam a própria representação do processo, independentemente da situação do sujeito.

O autor assinala outros usos. No médio, há possibilidade de que o sujeito seja afetado sem que tome a si mesmo por objeto. Há oposições lexicais nas quais um mesmo verbo, pelo jogo das desinências, significa “dar” (ativo) ou “tomar” (médio). Em sânscrito, *dati* (ativo), “ele dá”, *adate* (médio), “ele recebe”; em latim, *licet* (ativo), “o objeto é posto em leilão”, *licetur* (médio), “O homem arremata em leilão”. O linguísta conclui o texto dizendo que procurou descrever a estrutura e a função semântica de uma categoria verbal organizada em “língua” e em “palavra”.

Podemos dizer que a concepção de voz verbal em Benveniste não é nem puramente morfológica e nem puramente semântica. O autor mostra que a oposição na categoria verbal



da voz não repousa na noção semântica “interesse do sujeito no processo” e nem na oposição morfológica entre formas de ‘ação’ e de ‘estado’. A noção fundamental para distinguir e conceituar a voz é a relação da desinência verbal e o sujeito da frase, ou seja, afetamento ou não-afetamento do sujeito pelo processo verbal. A categoria de voz ganha, portanto, *status* sintático. Mais precisamente, podemos dizer que toda frase verbal implica processo: ora esse processo afeta o sujeito, caso da voz média; ora afeta o sujeito e o objeto, caso da voz média; ora afeta o objeto, caso da voz ativa.

Vislumbramos aqui o artigo que, em nossa concepção, viria a expor a teoria da análise da língua, a saber, *Os níveis da análise lingüística* (PLG I). Nesse último, a língua é dividida em três níveis: *merisma*, *signo* (palavra)<sup>36</sup> e frase. No nível da frase, segundo Benveniste (*op.cit*, p. 137), “transpomos um limite, entramos num novo domínio”. Se tanto os fonemas quanto as palavras podem ser contados, as frases não o podem; se tanto os fonemas quanto as palavras têm distribuição e emprego, as frases não os têm. Se tanto os fonemas quanto as palavras têm unidades (formais), a frase tem uma única propriedade: a de ser predicado. Assim, as frases não podem ser classificadas conforme o número de componentes, ou mesmo na relação biunívoca forma-função (forma declarativa- função declarativa, para dar um exemplo), dado que as frases não têm emprego. Além disso, as frases são enformadas de sentido e referência: “sentido porque são enformadas de significação, e referência porque se referem a uma determinada situação” (PLG I, p.140). Dessa forma, uma frase formalmente exclamativa pode ter função declarativa e vice-versa. Benveniste leva-nos à conclusão de que há *a frase* enquanto nível e não *as frases* enquanto unidades de outra entidade mais alta. A frase é a entidade lingüística mais alta, possuindo sentido e, exclusivamente, referência. Se a frase não está submetida à classificação, ela tem um sentido constante, a predicação, e um “sentido” variável, sua referência. Em Benveniste, em suma, há a concepção de uma frase, e tantas funções quantas forem suas realizações.

---

<sup>36</sup> Em “Os níveis da análise lingüística” (PLG I, p. 131), Benveniste refuta o termo *signo* e utiliza o termo *palavra*, justificando da seguinte forma “para comodidade de nossa análise, podemos negligenciar essa diferença (...)”. Diferentemente, em “A forma e o sentido da linguagem” (PLG II, p. 230), o autor distingue *signo* de *palavra*. Os parênteses, marcas de uma voz em surdina, foram utilizados para fazer ressoar a estreita relação semântica entre esses termos, desde que for considerado um ponto de vista metodológico. Agradeço a meu grupo de estudos em Benveniste, em especial à Carmem Luci da Costa Silva, a sugestão de fazer essa reflexão.

Tal concepção da frase está no artigo “Ativo e médio no verbo” de forma sutil, dado que o autor assinalou vários usos para as vozes ativa e média, a saber, 1º) afetamento ou não do sujeito pelo processo verbal, o qual é objeto ou não da ação, 2º) afetamento físico ou não do sujeito pelo processo verbal, o qual não é objeto da ação. Com isso, se Benveniste não assinala explicitamente as funções ativa e média, ele, nem por isso, deixa de distinguir a função das duas vozes baseado na função da frase, a saber, *asserção de um processo verbal*. Dessa forma, a função da frase é o traço comum utilizado para diferenciar as vozes verbais.

No texto “A frase nominal” (PLG I), Benveniste observa que o fenômeno sintático frase nominal tem extensão muito ampla, abrangendo várias famílias de línguas. Logo, a frase nominal deve possuir características que são comuns a essas diversas línguas. A frase nominal é definida como contendo um predicado nominal sem verbo. A partir dessa definição, o autor estuda a oposição entre nome e verbo para caracterizar a frase nominal.

Após contestar que a diferença entre verbo e nome repousa, respectivamente, sobre noções como designação de “processo” e “objeto” (critério semântico), ou sobre a oposição entre “marcação de tempo” e “não marcação de tempo”(critério morfológico), dado que as diversas línguas que apresentam frase nominal contradizem tal classificação, Benveniste observa que o único critério para essa distinção é o sintático. Esse critério prende-se à função do verbo do enunciado.

A função verbal é independente da forma verbal, embora, às vezes, coincidam. A função verbal no enunciado assertivo é dupla. Essas funções estão em planos diferentes. A função coesiva, ou a função da organização dos elementos em estrutura completa, pertence ao plano gramatical; a função assertiva, ou a função da atribuição a um enunciado de um predicado de realidade, pertence ao plano da asserção da realidade.

Benveniste assinala as possíveis variedades da frase nominal: frase nominal restrita à terceira pessoa ou admitida a todas as pessoas; frase nominal com forma fixa ou livre. De qualquer forma, essas variações concernem à sintaxe. Benveniste compara as frases *omnia praeclara – rara* (“tudo o que reluz (é) raro”) e *omnia praeclara – pereunt* (“tudo que reluz – perece”). Assim, a função verbal de cada uma dessas frases reside em uma forma verbal ou nominal. A diferença é que a frase nominal não é suscetível às determinações da frase verbal,

a saber, tempo, pessoa, modo, etc. A frase nominal tem, portanto, caráter intemporal, impessoal, não modal, afirmando uma certa qualidade como própria do sujeito. Benveniste, com isso, rejeita certas descrições que vêem a frase nominal como incompleta por não ter verbo.

Após examinar algumas frases nominais em grego, Benveniste distingue o emprego da frase nominal ao da frase verbal. A frase nominal comunica uma verdade geral ou argumento de autoridade e é utilizada em discurso e diálogo, diferentemente da frase verbal, que comunica um dado de fato e é utilizada em narrações e descrições. Benveniste conclui que tanto a forma nominal quanto a verbal, assentadas sobre a função verbal assertiva, são opostas e complementares. Enquanto a frase nominal está fora do tempo, a frase verbal descreve uma situação no tempo. Enquanto a frase nominal está no texto para convencer, a frase verbal está para informar.

Benveniste escreve ainda que uma descrição detalhada da frase nominal está por ser feita, mas que a descrição do fenômeno sintático deve começar por uma definição de *diferença*, isto é, definição de diferença de natureza e não de grau. O autor conclui que a diferença entre os dois tipos de frases pode ressurgir nas línguas modernas, tal como atesta a diferença entre os verbos espanhóis *ser* e *estar*.

Benveniste escreve explicitamente que há uma diferença entre forma verbal (ou nominal) e função (verbal ou nominal). Como o objetivo do autor é analisar um fenômeno sintático recorrente a inúmeras línguas, *seu estudo parte da função para chegar às formas*. Como o próprio autor afirma, há línguas em que forma e função coincidem, e outras em que elas não coincidem. Por isso, Benveniste defende que a oposição entre frase verbal e nominal pode ressurgir, no espanhol, através da diferença formal entre dois verbos, enquanto que, no grego, a diferença incide sobre a presença ou não de verbo. Dessa forma, a diferença formal varia de acordo com a língua, sendo consequência da diferença de função. Benveniste, ao destacar as diferenças de natureza entre a frase nominal e verbal, parte do mesmo método empregado para a análise da voz: comparação de duas funções (voz ou tipo de frase) em relação a um traço comum, a saber, a concepção de frase. No caso das funções da voz, o traço comum é a frase enquanto asserção de um processo verbal; no caso das funções dos tipos de frase, o traço comum é a frase enquanto enunciado assertivo da realidade. Para Bressan (2003,

p.109-10), como tanto as frases verbais quanto as nominais têm usos contemporâneos, trata-se, na verdade, de duas maneiras de afirmar. Para ela, a análise da frase nominal em Benveniste mostra que a terceira pessoa é subsumida pela enunciação, pois essa frase é atualizada por um *eu* em um *aqui-agora* de cada enunciação. Com tal análise, ela corrobora nossa conclusão, ao sugerir que a função de asseverar um argumento de autoridade motiva o uso de uma frase-feita. Portanto, para Benveniste, deve-se partir da *função para chegar à(s) forma(s)*.

Observamos uma diferença de conceituação de frase para os dois casos: na análise da frase nominal, a frase é dita enunciado, isto é, algo que foi dito; na análise da voz, a frase não é dita enunciado. Tal diferença reporta-nos à divisão da língua em Benveniste observada por Portine: as vozes verbais podem ser observadas na frase enquanto signo; os tipos de frase somente podem ser observados na frase enquanto enunciado. Surpreendemos aqui a situação limítrofe da sintaxe em Benveniste: a) sintaxe enquanto diversas distribuições lineares de um mesmo signo (diferença entre médio e ativo pelo uso intransitivo ou transitivo de um mesmo verbo); b) sintaxe enquanto enunciação de asserção da realidade, cujas modalidades (verdade absoluta ou ocasional) dependem duplamente da forma do enunciado em uma dada língua<sup>37</sup> (presença ou ausência de um verbo) e da função (informativa ou argumentativa) nos discursos (narrativo/descritivo ou argumentativo). Não podemos deixar de ratificar a leitura de Barthes acerca da escrita de Benveniste: a concisão e a clareza dessa escrita revela-se em uma descrição que minimamente, ou discretamente, opõe duas frases.

Não podemos deixar de notar o viés estrutural da análise de Benveniste, que, ao seguir a máxima saussuriana de que o ponto de vista cria o objeto, propõe conceitos de frase diferentes para analisar fenômenos diferentes. Assim, a análise da frase nominal exige um conceito de frase, a análise da voz verbal exige outro.

### **2.3 O homem na língua: morfologia como sintaxe; sintaxe como enunciação**

---

<sup>37</sup> Apesar de Benveniste discorrer longamente sobre a não coincidência entre forma e função nas diferentes línguas, o autor deixa implícito que dentro de *uma* língua considerada, a diferença de função corresponde a uma diferença de forma. Cada língua ou tipo de língua manifesta uma função com formas diferentes, mas em distribuição dentro de cada língua.

Nesse item, procuraremos demonstrar definitivamente nossa hipótese de que, para Benveniste, *o estudo da língua, a partir do nível do signo, implica o estudo da sintaxe da língua*. Para isso, observaremos que um estudo aparentemente situado na morfologia derivacional depende da morfologia, da sintaxe e da enunciação.

No texto *Os verbos delocutivos* (PLG I), Benveniste diz que, além dos verbos denominativos, derivados de nomes, e deverbativos, derivados de verbos, há aqueles que derivam de locução para os quais cunha o termo *verbos delocutivos*.

Para justificar a existência dessa nova classe de verbos, ele analisa alguns verbos *aparentemente* denominativos. A formação do verbo latino *salutare* (“saudar”) dá-se a partir de *salus –tis*. Trata-se, pois, de um denominativo *stricto sensu*. No entanto, a relação entre *salutare* e *salus* evidencia outra relação, pois a base para *salutare* não é o vocábulo *salus*, mas a saudação *salus!*. Nesse caso, *salutare* não significaria *salutem alicui efficere* (“efetuar a saudação”), mas *salutem alicui dicere* (“dizer salve!”). Assim, *salutare* não pode ser reduzido a *salus* enquanto nome, mas a *salus* como locução. Diz ainda o autor: “vê-se assim que, apesar da aparência, *salutare* não é derivado de um nome dotado do valor virtual de um signo lingüístico, mas de um sintagma no qual a forma nominal se encontra atualizada como “termo que se pronuncia”. Esse verbo se define, portanto, com relação à locução formular de que deriva e se chamará delocutivo”.

Tal raciocínio leva Benveniste a afirmar que boa parte dos verbos considerados *denominativos* mereceriam ter seu estudo revisado<sup>38</sup>. Para ilustrar essa situação, o autor apresenta o caso de *saluere*. Segundo ele, consideradas apenas as relações morfológicas, poder-se-ia supor que o adjetivo *saluus* houvesse produzido dois denominativos verbais: *saluare* e *saluere*. Conforme Benveniste, o único denominativo da dupla é *saluare*, “tornar salvo, salvar”. *Saluere*, por sua vez, não pode ser interpretado como derivado de *saluus*, mas sim, da saudação *salue!*.

Benveniste admite ainda que um verbo possa tornar-se delocutivo a partir de uma forma denominativa. Para tanto, exemplifica com o caso de *ualere*. Para o autor, existe o

verbo *ualere* (“ter força, ser eficaz”). No entanto, há um emprego específico desse verbo que pode ser considerado delocutivo. Trata-se do emprego na fórmula epistolar *te iubeo ualere*. Nesse caso, *ualere* não está em seu emprego normal, tal como em *te iubeo uenire*, ou seja, *iubeo+ infinitivo*. Nas palavras do autor: “aqui *ualere* é um infinitivo convertido de *uale!* de sorte que *te iubeo ualere* equivale a *te iubeo: uale!* Assim, a derivação sintática *uale!* > *ualere* dá a *ualere*, nessa expressão, uma função delocutiva”.

Vale lembrar ainda que Benveniste, por um lado, alerta para a necessidade de não se confundir os delocutivos com os verbos derivados de interjeições como, por exemplo, os verbos franceses *claquer* (“estalar (o chicote), bater (palmas à porta)”) e *huer* (“vaiar”). Para ele, o delocutivo tem como radical um significante, enquanto *claquer* é derivado de uma simples onomatopéia. Por outro lado, ele alerta para a necessidade de não se confundir os delocutivos com o que a gramática tradicional chama de “verbos de desejo”. Segundo Benveniste, “o delocutivo define-se não pelo conteúdo intencional mas pela relação formal entre uma locução e um verbo que denota o enunciado dessa locução. O sentido da locução constituinte importa pouco”. A diferença entre um verbo de desejo como *souhaiter* (“desejar”) e um verbo delocutivo como *saluer* é a seguinte: o substantivo *souhait* não é uma fórmula de desejo; enquanto *salut* é um substantivo mas também - sob a forma *salut!* - uma fórmula de saudação.

Benveniste resume seu raciocínio ao dizer que a definição essencial do delocutivo é a de ser um verbo derivado não de um signo da língua, isto é, na relação “fazer...”, e sim de uma locução de discurso, isto é, na relação “dizer...”.

Benveniste inicia o texto propondo uma nova classe de verbos, os delocutivos, ao lado das classes já existentes, o que nos conduziria a propô-los como derivados de um processo morfológico comum, isto é, um signo derivado de outro signo. No entanto, logo a seguir, Benveniste defende a tese de que os delocutivos não derivam de um vocábulo, como os denominativos, mas de um *sintagma* pronunciado, de uma fórmula. Há casos de verbos plenamente delocutivos, como *saluere*, e casos de verbos com função delocutiva, como *ualere*. Para esses últimos, a função delocutiva deriva de base morfológica de uma locução,

---

<sup>38</sup> O autor fornece uma lista considerável de verbos a serem considerados delocutivos. Essa lista abrange verbos não apenas em latim ou francês, mas também em alemão, inglês, eslavo e armênio,

aliada a uma determinada sintaxe e a uma determinada locução de “dizer...” Com isso, os delocutivos derivam de uma locução em uso, ou seja, de uma *relação morfológico-sintático-semântica*<sup>39</sup>. Temos que a morfologia nos leva à sintaxe; e esta nos leva à enunciação. Vejamos um trecho de análise dos delocutivos em português, a fim de que fique clara a necessidade dessa relação conjunta para a derivação dos mesmos.

Flores e Silva (2002b) enfatizaram as diferenças sintáticas entre verbos delocutivos e denominativos no português, tomando como pressuposta a necessidade de identidade morfológica entre verbo e locução. Tal estudo baseou-se especialmente nos verbos *desculpar* e *parabenizar*. Assim, na frase<sup>40</sup> *A intenção desculpa o crime* (uso denominativo) em contraste com a frase *Ele desculpou-se e saiu* (uso delocutivo), os autores concluíram que o verbo delocutivo depende de sujeito do tipo humano e objeto do tipo humano. No entanto, essa caracterização sintática não é suficiente: verbos cuja sintaxe retoma um *dizer...* como *amaldiçoar* e *alertar* não retomam as locuções “maldito!” e “alerta!”<sup>41</sup>. Flores e Silva (*op. cit*) concluem que é preferível utilizar o termo *uso delocutivo* a *derivação delocutiva*. Eles assinalam, com isso, que *delocutivo* e *denominativo* são *funções* de um mesmo verbo.

Concluímos, com isso, que os verbos delocutivos derivam de locuções a partir de uma *relação morfológico-sintático-semântica*, o que demonstra o princípio lingüístico de Benveniste observado por Normand (1997): análise *d’ emblée* da língua. Essa análise fica evidente em um dos termos de Benveniste para definir o delocutivo: *derivação sintática*<sup>42</sup> (p. 308). Nesse texto, fica igualmente ratificada a concepção de “duas sintaxes” ou de “duas

---

fato que demonstra a generalidade dessa categoria.

<sup>39</sup> Optamos por uma notação hifenizada para o termo *relação morfológico-sintático-semântica* para promover um paralelismo com outro termo enunciativo *eu-tu-aqui-agora*, procurando, com isso, enfatizar uma relação entre enunciação e derivação sintática.

<sup>40</sup> Os exemplos acerca dos verbos delocutivos são retirados do *corpus* da pesquisa de Flores e Silva (2002b), composto de verbetes do *Dicionário de usos do português*, de Francisco Borba (1990). Para mais informações sobre a delocutividade, ver os seguintes textos: Cornulier (1976) e Anscombe (1979, 1985).

<sup>41</sup> Agradeço a contribuição de nosso grupo de estudos em Benveniste, em especial à Magali Lopes Endruweit e à Sônia Lichtenberg.

<sup>42</sup> Lichtenberg, em conversa, lembra-nos que o mecanismo de produção dos verbos delocutivos é o mesmo observado para o substantivo *micróbio*. Segundo Benveniste (Formas novas da composição nominal”, PLG II), *micróbio* é um composto de bases gregas, cujo sentido advém não da soma de bases do grego, mas da definição em Francês realizada pelo cientista Pasteur. A palavra tem o sentido francês “organismo pequeno” (substantivo) e não grego “que tem vida curta” (adjetivo). Logo, a *palavra* (o neologismo) origina-se de uma *frase*. Acrescentamos que, tanto nesse caso quanto no dos delocutivos, ocorre uma *derivação morfológico-sintático-semântica*.

frases” para o autor, tal como observado anteriormente, a saber, a frase enquanto mecanismo gramatical- nesse caso, as relações morfológico-sintáticas pressupostas para a realização do delocutivo; a frase enquanto enunciado - nesse caso, as relações semânticas entre a base morfológico-sintática e a enunciação necessária para a constituição do delocutivo.

#### **2.4 Estruturas e análises: a frase como unidade da preposição, duas frases como método de análise do sentido**

Nesse item, estudaremos dois textos da seção “Estruturas e análises”, a saber, “O sistema sublógico das preposições em latim” (PLG I) e “Para uma semântica da preposição *vor*” (PLG II). Nestes textos não observaremos, nesse momento, a produção de uma *sintaxe da enunciação*<sup>43</sup>. Analisaremos antes uma concepção de *sintaxe da língua* atrelada a uma concepção de frase. A partir do exame desses dois textos, podemos introduzir uma metodologia para nosso trabalho, metodologia a ser desenvolvida a partir do estudo da Teoria da Enunciação (capítulo 3).

Em “O sistema sublógico das preposições em latim”, Benveniste propõe uma análise de parte do sistema<sup>44</sup> das preposições em latim, partindo de um *sentido* constante das mesmas para derivar *funções*. Benveniste sugere que tal análise diferencia-se das anteriormente feitas pelos latinistas por dois motivos: a) o autor diferencia o sentido de duas preposições semelhantes; b) ele propõe uma definição coerente do conjunto de particularidades semânticas e gramaticais de uma preposição em seus múltiplos empregos. O autor diz que as preposições *pro* e *prae* foram descritas indiferentemente pelos latinistas quanto à noção ‘diante de’. Na verdade, *pro* pode ser descrito em relação às seguintes dimensões<sup>45</sup>: 1ª) direção (aproximação –afastamento): *pro* indica ‘movimento de saída ou expulsão para fora de um lugar supostamente interior ou coberto’; 2ª) coerência – incoerência: esse movimento cria separação entre a posição inicial e a posição *pro*, por isso *pro* indica o que se põe ‘diante do’ ponto de partida, podendo marcar, segundo o caso, cobertura, proteção, defesa ou equivalência,

<sup>43</sup> Esses textos serão retomados no capítulo 3 para que possam ser feitas considerações do ponto de vista da enunciação.

<sup>44</sup> O próprio autor afirma que um estudo coerente das preposições deve analisar a totalidade das preposições e a totalidade das relações de um estado de língua, procurando coordenar o *seu sentido* e as suas *funções* (grifos nossos, p. 141).



permuta; 3ª) subjetividade – objetividade: o sentido desse movimento cria entre o ponto de partida e o ponto *pro* uma relação objetiva que não se inverte se houver mudança da posição do observador. *Prae* discerne-se pela descrição das mesmas dimensões: 1ª) direção (aproximação – afastamento): *prae* indica posição na frente de um objeto; 2ª) coerência-incoerência: esse objeto é concebido como contínuo em função do que é posterior, de forma que *prae* indica a porção anterior do objeto; 3ª) objetividade – subjetividade: o sujeito é considerado como ocupando a parte posterior. Daí parte o movimento *prae* em direção ao que está na frente, ou em excesso.

Apesar de distinguir facilmente os sentidos secundários de *pro*, o autor diz ser difícil explicar os *empregos* causal e comparativo de *prae*, não constatados para *pro*. Para facilitar a descrição, Benveniste propõe-se a explicar os dois empregos pelo *mesmo esquema sublógico* que está na base do *sentido constante* de *prae*. Para observar a relação entre os dois empregos de *prae*, Benveniste organiza *paralelamente* (*op. cit.*, p. 149) uma frase de *prae causal* e uma frase de *prae comparativo*. Em *Prae laetitia lacrimae prosiliunt mihi* (“No extremo de minha alegria, as minhas lágrimas brotam”), *prae* não marca uma causa objetiva, marca, na verdade, um ponto extremo, um excesso que tem por consequência uma certa disposição do sujeito. *Prae comparativo* é igualmente explicado pelo *sentido constante* de excesso em *Gallis prae magnitudine corporum suorum breuitas nostra contemptui est* (“Para os gauleses, a nossa pequena estatura ao lado da sua alta estatura é motivo de desprezo”), pois coloca o objeto em posição de superioridade em relação ao sujeito. Logo, *prae causal* diferencia-se de *prae comparativo* por um *único* traço: alargamento do emprego do segundo em relação ao primeiro, pelo relacionamento de objeto exterior ao sujeito. Assim, em *prae causal*, temos um complemento *interno* ao sujeito que *motiva* a atitude do mesmo sujeito. Em contrapartida, em *prae comparativo*, temos um complemento *externo* ao sujeito que constitui um elemento de mesmo estatuto semântico que o sujeito e que é comparado a ele. O autor conclui dizendo que todos os empregos de *prae* estão contidos em uma definição constante. Ele afirma ainda que essa *nova técnica de descrição* pode ser feita para cada uma das preposições para posterior integração em sistema geral, a qual *refundiria* as categorias estabelecidas.

---

<sup>45</sup> Essas dimensões são baseadas em análise de Hjelmslev sobre o sistema sublógico de casos, segundo Benveniste (PLG I, p. 141). O título do artigo de Benveniste, a saber, *O sistema sublógico das preposições em Latim*, é uma evidente referência ao trabalho de Hjelmslev.

Nesse texto, as preposições são descritas em relação a três categorias. A última, objetividade- subjetividade, está relacionada à inclusão do sujeito da frase na descrição da relação da preposição e do objeto da frase. A diferença entre *prae* causal e orações de causa é baseada nas condições de emprego da primeira, isto é, nas suas relações sintagmáticas. *Prae* causal combina-se com complementos de sentimento, o mesmo não ocorrendo com orações de causa. Essencialmente, a diferença entre *pro* e *prae* pode ser descrita pela inclusão ou não do sujeito do verbo no processo. Se não o inclui, formamos a dimensão *pro*, a saber, movimento de afastamento- separação - objetividade; se o inclui, formamos a dimensão *prae*, a saber, posição de proximidade – continuidade – subjetividade. O encadeamento da descrição de Benveniste mostra o percurso da noção mais objetiva da relação preposição-objeto da frase até a relação preposição-objeto-sujeito da frase. No caso de *pro*, o sujeito da frase não é afetado; no caso de *prae* o é, em sua afetividade.

A nova técnica de descrição esboçada por Benveniste é a de propor uma *definição constante* para cada preposição e observar seus desdobramentos no uso da língua. Os desdobramentos são observados através de duas frases com a mesma preposição postas *paralelamente*. Eis o método. Ao estudarmos o próximo texto sobre as preposições, veremos se a utilização desse método se confirma.

Além disso, observamos que o autor procura dar um *tratamento unitário* para as preposições ligando termos e ligando orações. Tal atitude revela a não-pertinência, para o autor, da oposição entre preposição e conjunção. Como vimos, a passagem de *prae* causal a comparativo deve-se a um “alargamento de emprego” (p.149). Concluímos, com isso, que Benveniste analisa a preposição a partir de um *sentido* constante e deriva daí sua *função* na frase, a qual é relativa às relações sintagmáticas de cada emprego de preposição.

Em “Para uma semântica da preposição *vor*”, Benveniste analisa a preposição *vor*, do alemão, para aproximá-la de *prae*, do latim. Para isso, o autor rejeita a explicação de Brugmann da expressão *prae (gaudio)*. Brugmann diz que algo se apresenta na frente de algo e, por essa razão, torna-se motivo para algo. Assim, ele rejeita o sentido “causal” da preposição *prae*. O autor diz que *vor* indica ações involuntárias, por oposição a *aus*, que indica ações voluntárias. *Vor* indica duas posições possíveis: 1) do lado em que está a face de uma pessoa ou coisa, portanto, face a face: *vor dem Gerich* (“comparecer perante o tribunal”)

; 2) caminhando na frente de pessoa ou coisa, portanto, precedendo-a: *vor jemand laufen* (“correr na frente de alguém”).

A segunda acepção assegura o sentido “causal” de *vor*. Na locução *vor dem winde segeln* (“singrar diante do vento”), *vor* indica a posição que se ocupa e a direção para onde se vai sob o efeito de um impulso que vem de trás, impulsionando para frente. Benveniste faz ainda as seguintes observações: 1) o verbo indica sempre um estado involuntário (gritar, chorar); 2) o substantivo indica sempre emoção viva (alegria, cólera, terror, etc.) Está-se bem próximo da noção causal. Essa mesma noção pode ser observada em *vor Begierde brennem*, *vor Scham vestummen* (‘arder de cobiça’, ‘emudecer de vergonha’). A causa eficiente é um comportamento involuntário (singrar ou arder) resultado de uma pulsão física ou emocional (vento, cobiça) que o sujeito sofre (o barco ou uma pessoa).

Benveniste explica a aproximação entre “singrar diante do vento” e “arder de cobiça” por um *paralelismo* entre os dois tipos de locuções: *vor (dem)*<sup>46</sup> *winde segeln* e *vor Begierde brennem*. Assim, sendo interna ou externa, a “impulsão” funciona da mesma forma, tendo a mesma denotação. O autor diz que o primeiro tipo de *locução* é formado por *vor* que, aposto adverbialmente<sup>47</sup> a um verbo denotando estado involuntário, forma um *sintagma com o substantivo que denota o agente da impulsão*. O autor conclui dizendo que o lingüista deve observar *um* mesmo esquema subjacente sob a diversidade superficial de empregos, se quiser compreender os *efeitos de sentido* daí resultantes.

Dessa forma, nos dois textos em que trata das preposições, Benveniste propõe uma *definição constante* para as preposições, definição esta derivada das relações sintagmáticas da preposição. Da mesma forma, nos dois artigos, a frase é a unidade de estudo das preposições. A frase é abordada na *totalidade* das relações sintagmáticas bem como em sua relação com

<sup>46</sup> Benveniste não considera o artigo nesse momento. Por isso, grafamo-lo entre parênteses.

<sup>47</sup> O autor observa uma relação sintática entre as preposições e os advérbios. Para Câmara Jr. (1984), há uma estreita relação sintática entre algumas conjunções e as preposições. Vejamos: “As conjunções vêm a ser, portanto, dois grupos de conetivos de natureza e função diversa; há gramáticos que os classificam separadamente e consideram conjunções propriamente ditas apenas as coordenativas, opondo os conetivos coordenativos, ou conjunções, aos subordinativos, em que se incluem as preposições”(p. 81-3). Com isso, vislumbramos aqui uma relação *semântica* entre preposições, advérbios e conjunções, derivada de sua estreita relação sintática.

outra frase de mesma estrutura sintática posta *paralelamente*. Em suma: a frase é a unidade de sentido das preposições, e duas frases em *paralelismo* é a unidade para o estudo do sentido das preposições.

## **2.5 Considerações parciais: a análise da língua a partir das relações sintáticas entre *forma* e *sentido***

A partir da leitura de alguns “textos de análise” de Benveniste, concluímos que, para o autor, a partir do signo, *o estudo da língua implica o estudo de uma dupla sintaxe da língua*. Os dois conceitos de sintaxe para Benveniste, derivados da leitura que fizemos, são os seguintes: 1) sintaxe enquanto mecanismo gramatical, nas relações morfológico-sintáticas dos elementos estruturais; 2) sintaxe enquanto uso, nas relações morfológico-sintático-semânticas. Cada uma dessas sintaxes deriva um conceito próprio de frase. Por precisão terminológica, denominaremos esses dois conceitos, doravante, de *locução* e de enunciado. A *locução* é a estrutura abstrata de uma forma. O *enunciado* é a realização concreta de uma forma<sup>48</sup>. A sintaxe enquanto mecanismo gramatical, objeto principal destas páginas, retira sua unidade da *locução*. A sintaxe enquanto realização retira sua unidade do *enunciado*.

Observamos que Benveniste, tendo em vista sua atuação profissional como professor de *gramática comparada*, utiliza-se nos chamados “textos de análise”<sup>49</sup>, ora em exame, de um *método comparativo* para análise da língua. Em que consiste a *gramática comparada*? Saussure (CLG, p. 125-seg.) concebe a *gramática comparada* como o estudo da *identidade sincrônica* entre signos de uma dada língua. Com isso, ele não mantém a abordagem de seus antecessores, os quais buscavam o parentesco de signos entre línguas distintas, com vistas a um estudo histórico-evolucionista<sup>50</sup>. Para Saussure (CLG, p. 127), a *identidade* não é o significante nem tampouco o significado, mas o *valor* compartilhado por duas formas. Em outras palavras, o objeto da língua não é uma entidade material, mas uma entidade psicológica.

---

<sup>48</sup> Tais conceituações são meramente provisórias, uma vez que o principal objetivo desse capítulo é a observação de *duas* sintaxes. Para assinalar o lugar que cabe a cada uma delas bem como para definir suas respectivas unidades, ver capítulo 3, seção 3.5.

<sup>49</sup> NORMAND (1996).

<sup>50</sup> Estamos nos referindo ao Saussure do *Curso*, e, ainda assim, às seções dedicadas à Linguística Sincrônica, e não ao autor de *Mémoire*. Para uma discussão detalhada da relevância da gramática comparada para Saussure, ver BOUQUET (1997, p. 83-seg).

Benveniste, herdeiro dessa concepção saussuriana de gramática comparada, não a toma, no entanto, como *objeto* de seus estudos, antes como *método*. Vejamos o que ele diz sobre a *gramática comparada*: “E todos os passos da gramática comparada eram por natureza rigorosos e se esforçavam sempre por um maior rigor. É isto pessoalmente que me seduziu.” (PLG II, p. 12). Assim, Benveniste, ao buscar a *identidade* de fenômenos não antes comparados como a frase nominal e a verbal, ou os verbos delocutivos e denominativos, busca, como Saussure, uma *identidade psicológica* ou, diríamos, abstrata dos signos. No entanto, diferentemente deste, Benveniste não toma essa *identidade* como objeto primordial de seus estudos. Assim, a *identidade psicológica* dos signos é apenas um ponto de partida metodológico, ainda que rigoroso, para um outro objeto de estudo (ver cap. 3).

Notamos, a partir do *método comparativo* utilizado por Benveniste, que a sintaxe enquanto mecanismo gramatical apresenta uma noção de *frase* diferente daquela apresentada pelas gramáticas brasileiras abordadas: a *frase* é a organização de todas as suas partes constitutivas. Com isso, ela inclui o *sujeito agente* na descrição das preposições, diferentemente do que ocorre na gramática tradicional, em que o mesmo não é considerado para o estudo das preposições. Como vimos na análise das preposições *pro* e *prae* em latim, o autor aponta implicações semânticas acerca do tipo de relação que o predicado estabelece com o *sujeito agente*, a partir do uso de uma ou outra preposição. Mesmo na análise da preposição *vor*, centrada na formação de locução, Benveniste descreve rapidamente a necessidade de um *sujeito agente* compatível com a locução (para *vor*, sujeito com comportamento involuntário; para *aus*, sujeito com comportamento voluntário). Acreditamos que a concepção de *frase* em Benveniste coaduna-se com um estudo enunciativo das preposições, uma vez que não considera apenas as relações do predicado verbal através da regência verbal (ou de outra parte da frase, através da regência nominal) como nas gramáticas brasileiras estudadas, mas o mecanismo gramatical total da *frase*, uma análise *d’emblée* da língua. Tampouco essa concepção de *frase* considera um conjunto restrito de sentidos possíveis para as preposições, tal como realizado pelos estudos lingüísticos abordados. Assim, a *frase*, através do *método comparativo* de Benveniste, pode apresentar uma análise *múltipla*, advinda, paradoxalmente, da análise *d’emblée* da língua. Já que todas as partes da frase estão implicadas na sintaxe enquanto mecanismo gramatical em Benveniste, cada uma dessas partes pode ser comparada com outra frase igual em que se opere uma modificação no termo a ser observado. Para fazer uma comparação: a sintaxe enquanto mecanismo gramatical em Benveniste é *múltipla*, pois

analisa as várias partes da frase e *total*<sup>51</sup>, pois unifica essas partes em um único sentido; por sua vez, a análise da sintaxe pelas gramáticas brasileiras é *não-múltipla*, uma vez que analisa apenas *um* segmento da frase e *parcial* ou *lógica*, pois segmenta o sentido. Para ilustrar: a comparação realizada pelas gramáticas, no caso das preposições, realiza-se apenas nas diferentes regências do *verbo* ou de verbos diferentes; em contrapartida, a comparação realizada pelo lingüista dá-se no verbo, no complemento, na preposição e no sujeito. Não há, portanto, uma relação de *regência stricto sensu*, isto é, dominância sintático-semântico de *uma* das partes da frase sobre o todo e, sim, múltipla implicação das partes.

Benveniste, ao lançar mão do *método comparativo* estabelecido por Saussure, propõe uma definição de *identidade* e uma definição de *diferença*<sup>52</sup>. O par dicotômico *identidade/diferença* encontra equivalente funcional no par metodológico *dissociação/integração* ou em *forma/sentido*, tal como apresentado por Benveniste (PLG I, “Os níveis da análise lingüística”). O método *comparativo* é adotado para o estudo do léxico religioso, das vozes, da frase nominal, dos verbos delocutivos e das preposições em latim, isto é, em todas as seções de *Problemas de Lingüística Geral* por nós abordadas. A definição de *identidade* é sempre uma concepção de *frase* e as definições de *diferença* são sempre funções opostas e complementares derivadas dessa concepção de frase. Em dois momentos, a saber, no estudo da frase nominal e das preposições em latim, ele afirma que sua análise é geral e constata diferenças de valor. Ele pondera que uma análise detalhada deve ser feita, mas que toda análise começa por diferenças de natureza e de valor e não de grau<sup>53</sup>. Com isso, a definição de *identidade* para o estudo da frase nominal é a definição de frase como “asserção da realidade”, as definições de *diferença* são a definição de frase nominal “asserção da realidade de forma atemporal” e de frase verbal “asserção da realidade de forma temporal,

<sup>51</sup> Segundo Merquior (1991), o viés estruturalista caracteriza-se por *totalidade* da estrutura, sua *auto-regulação* e *transformação*. Observamos, aqui, a estreita vinculação de Benveniste ao quadro estruturalista saussuriano.

<sup>52</sup> Lopes (1997, p.117-123) descreve o funcionamento do método estruturalista de Saussure, através dos termos *identidade/diferença*. Ele chama de *perspectiva sintética* ou *identidade* aquilo que denominamos definição de identidade, e *perspectiva analítica* ou *diferença*, o que denominamos definição de diferença. Essa dupla análise advém do princípio saussuriano de que é o ponto de vista que cria o objeto. Na perspectiva sintética, há a conjunção de unidades em nível superior, o que nos permite definir o *valor* (ou *sentido*) do elemento. Na perspectiva analítica, há disjunção de um *continuum* em nível inferior, o que nos permite atingir a *forma dos elementos*. Essas duas operações são complementares e indissociáveis. Não podemos deixar de observar semelhanças entre a descrição de Lopes acerca do método de Saussure, e o método empreendido por Benveniste em “Os níveis da análise lingüística”, conforme demonstraremos.

<sup>53</sup> Cf. PLG I, p. 180-1.

ocasional”. A definição de *identidade* para o estudo das vozes verbais é o de frase enquanto “asserção de processo verbal” e as definições de *diferença* são a definição da voz média “asserção de processo verbal em que o sujeito é fonte do processo” e de voz ativa “asserção de processo verbal em que o sujeito está dentro e fora do processo”. A definição de *identidade* do estudo de derivação é definição de frase como “asserção de signo lingüístico ou de locução da fala”, as definições de *diferença* são a definição da derivação denominativa “asserção de nome derivado de signo lingüístico” e a definição da derivação delocutiva “asserção de locução derivada do dizer”. Finalmente, a definição de *identidade* de preposições é a de frase como “asserção de noções de posição, distanciamento e objetividade” e as definições de *diferença* são a definição da preposição *pro* “asserção de posição diante, distanciamento do sujeito e objetividade” e a definição da preposição *prae* “asserção de posição diante, não-distanciamento do sujeito e subjetividade”.

A *identidade* é de sentido generalizante, de natureza “subjacente”<sup>54</sup> como o próprio Benveniste escreve em “Para uma semântica da preposição *vor*” (PLG II, p.144) e remonta à concepção de sintaxe enquanto mecanismo gramatical. Corroboramos aqui, com Saussure, que a *identidade* é de natureza *psicológica*, abstrata. A *diferença*, por sua vez, é de sentido específico, de natureza da realização concreta e remonta à concepção de sintaxe enquanto uso. Corroboramos a hipótese desse capítulo, qual seja, o *estudo da língua, a partir do nível do signo, implica o estudo de uma dupla sintaxe da língua*.

Concluimos, a partir do exposto, que a *frase é idêntica ao mecanismo gramatical comum a duas frases relacionadas e é diferente em cada uma dessas duas realizações*. Assim, a análise do significado em Benveniste depende de *duas frases* postas em comparação paradigmaticamente para a apreensão tanto de sua identidade quanto de sua diferença de sentido. Em sintaxe da língua, a análise da identidade do sentido de duas frases sintaticamente diferentes, desde que consideradas *paradigmaticamente*, conduz a uma oposição disjuntiva constante de sentidos interligados em uma e apenas uma língua. Façamos um quadro- síntese acerca da dupla sintaxe em Benveniste:

---

<sup>54</sup> Portine (1997, p. 86-7) interroga-se se Benveniste não se aproximaria de uma análise gerativa. Para ele, essa aproximação é “tentadora”, mas pouco provável. Em todo caso, tomamos o termo “subjacente” para uma concepção de sintaxe enquanto mecanismo gramatical ou como conjunto de características abstratas dos elementos da *locução* observado em *uma única* língua, sem termos a intenção de imputá-lo a várias línguas.

SINTAXE DA LÍNGUA	<i>identidade</i>	sintaxe enquanto mecanismo gramatical Unidade: <i>frase</i>
	<i>diferença</i>	sintaxe enquanto uso Unidade: <i>enunciado</i>

Quadro 11- Sintaxe da língua em Benveniste

Como o objetivo principal destas páginas é o estudo da sintaxe enquanto mecanismo gramatical, resta-nos desenvolver o conceito de sintaxe enquanto uso. Para isso, devemos investigar a concepção de enunciação e de sua correlata *sintaxe da enunciação*, a fim de contemplarmos a referência das preposições e não apenas o emprego das mesmas, conforme observado neste capítulo. Tal investigação será feita no capítulo 3.



### 3. SINTAXE DA ENUNCIACÃO EM BENVENISTE: princípios para um estudo enunciativo das preposições

De Saussure à denominada “lingüística da enunciação”, houve, pois, um deslocamento daquilo mesmo a que remete a própria noção de enunciação: deslocamento para o qual contribuiu especialmente a própria “descoberta” das partículas dêiticas da linguagem, e através da qual se revela a verdadeira natureza da noção de dêixis que aqui veremos configurar. (LAHUD, 1979, p. 99)

#### Introdução

No capítulo 2, concluímos que, para Benveniste, o estudo da língua é o estudo da sintaxe da língua. Observamos que, para um estudo da sintaxe da língua, Benveniste segue sua versão do método estruturalista, a qual propõe a determinação de uma *identidade* entre dois fenômenos e de uma *diferença* entre os mesmos. Dessa forma, o sentido da palavra é obtido a partir das relações de *identidade* e de *diferença* entre dois sintagmas contendo a palavra em análise. Essa concepção mostra que a análise do *sentido* da língua depende, para Benveniste, do encontro de dois fatores, ou de uma análise *d’emblée*, conforme Normand (1997). No entanto, como vimos com o estudo dos verbos delocutivos, a análise não depende apenas das relações morfológico-sintáticas entre dois sintagmas e sim das relações

morfológico-sintático-semânticas entre os mesmos. Ou seja, a análise da relação entre a estrutura sintática de um sintagma e um sintagma com referência à enunciação.

Com isso, neste capítulo, procuraremos definir as condições e as categorias lingüísticas que tornam possível uma análise *d’emblée* da língua. Essas condições estão agrupadas no que se denominou *enunciação*. Dadas as definições de enunciação, a saber, “em relação à língua é um processo de apropriação’ e “colocação em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” e advinda de “um centro de referência interno”<sup>55</sup>, vemos que a enunciação emana de um centro *único*, que se apropria da língua em todos os seus recursos (morfológicos, sintáticos e semânticos) e cujo sentido é também *único*, pois oriundo de “ato” enunciativo a cada vez diferente. Dessa forma, o objetivo desse capítulo é observar os princípios e o conceito de enunciação em Benveniste que sustentam uma análise *única* da língua em discurso. Tal análise única deriva uma *sintaxe da enunciação*.

Este capítulo será ordenado segundo uma aproximação paulatina da Teoria da Enunciação, a saber, dos conceitos mais gerais aos mais específicos para um estudo das preposições. Vejamos: 3.1 Da concepção de linguagem à de língua ou da passagem da *função* ao *uso*; 3.2 A relação entre a *pessoa* e a *não-pessoa* ou o nível do signo; 3.3 A relação entre a língua e a enunciação da língua ou o nível do enunciado; 3.4 As noções de *espaço* e *tempo* em suas implicações para a língua-discurso ou da passagem do espaço e tempo ao espaço-tempo; 3.5 Considerações parciais: a análise *d’emblée* da língua ou a sintaxe da enunciação.

Iniciaremos nosso estudo pela passagem da concepção de linguagem à de língua em Benveniste, tal como elas se apresentam no texto “Da subjetividade na linguagem” (PLG I). Assim, mostraremos que Benveniste, mesmo fazendo referência à noção supra-lingüística ou universal *desliza* necessariamente para noção lingüística e contingente. Para confirmar essa leitura, veremos igualmente a concepção de língua, tal como se apresenta no texto “Categorias de pensamento e categorias de língua” (PLG I). Nessa primeira seção, buscamos, por conseguinte, os fundamentos epistemológicos para a consideração das noções de *espaço* e *tempo* em uma perspectiva lingüística, ou seja, na perspectiva de *uma língua*. Na segunda seção, analisaremos os conceitos que sustentam a concepção de enunciação, a saber, os conceitos de *pessoa* e *não-pessoa*, os quais são apresentados em “Estrutura das relações de

---

<sup>55</sup> Ver “O aparelho formal da enunciação”, PLG II, p. 82-84.

pessoa no verbo” (PLG I), “A natureza dos pronomes” (PLG I) e “O pronome e o antônimo em francês moderno” (PLG II). Na terceira seção, observaremos o conceito de enunciação e sua relação com a língua em “A forma e o sentido na linguagem” (PLG II) e “O aparelho formal da enunciação” (PLG II). Na quarta seção, postularemos ainda, a concepção lingüística das noções de *espaço* e *tempo* em sua correlação com as categorias de *pessoa* e *não-pessoa*, a partir do estudo do texto “A linguagem e a experiência humana” (PLG II). Esse aparato diversificado deve-se ao fato de Benveniste não ter nos legado uma metodologia enunciativa explícita ou mesmo uma análise da enunciação<sup>56</sup>.

### 3.1 Da concepção de linguagem à de língua ou da passagem da função ao uso

Nesta seção, objetivamos estudar o conceito de linguagem e sua implicação para o conceito de língua em Benveniste. Diferentemente de Jakobson (1974, p. 122-3), o qual postula seis funções da linguagem, ele fala da existência de uma única *função da linguagem*, a saber, *a comunicação intersubjetiva*<sup>57</sup>. Acreditamos abordar aqui o ponto de vista epistemológico a partir do qual Benveniste observa a linguagem: o de uma relação entre locutores. Dessa concepção, Benveniste deriva uma concepção de língua. A língua é uma *forma* que condiciona uma *substância*, tal como veremos a partir do texto “Categorias de pensamento e categorias de língua” (PLG I), o que faz com que cada língua instaure a intersubjetividade de uma forma própria.

Benveniste, conforme anteriormente afirmado, filia-se ao quadro estruturalista saussuriano. Segundo Normand (1996, p. 139), Benveniste herda de Saussure a concepção de língua enquanto sistema. Flores (1999, p. 108) concorda com essa posição, ao escrever:

“Esse autor, reconhecendo o alcance que a noção de arbitrariedade tem em lingüística, tenta clarear o sentido e a natureza dos argumentos

<sup>56</sup> O texto “Os verbos delocutivos” (PLG I) traz propriamente uma análise enunciativa aplicada à derivação, tema que não constitui objeto de nosso estudo. Por isso, necessitamos *produzir* uma metodologia adequada ao estudo das preposições.

<sup>57</sup> Optamos pelo termo *comunicação intersubjetiva* ao invés de *intersubjetividade*, uma vez que entendemos que essa última palavra denota a *condição* enquanto a primeira denota a *função* da linguagem (ver também FLORES, 2001, p. 29). Apesar de Benveniste utilizar a palavra *comunicação* entre aspas no início do texto, momento em que rechaça seu sentido de “troca” ou “instrumento”, ele a assume no final do texto, com o sentido de “relação entre locutores”, ao escrever: “é a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição de intersubjetividade, única que torna possível a comunicação lingüística” (PLG I, p. 293).

utilizados por Saussure.[...] problematiza a afirmação de Saussure (...) Ele opta por uma nova definição. A relação entre significante/significado não seria mais arbitrária, mas necessária, deixando para o campo do arbitrário a relação do signo - tomado no seu caráter estrutural - com a realidade. **O fundamental da leitura de Benveniste é o fato de que a noção de valor é recuperada e remetida ao lugar pensado originalmente por Saussure**”. (grifo nosso, p. 106-8).

Para Normand (*op. cit.* p. 139), Benveniste diferencia-se do mestre pela inclusão da referência e do sujeito na língua. Dado que o axioma saussuriano é *A língua é um sistema de signos*, de que referência está se tratando se Saussure exclui a referência ao mundo como condição para sua concepção de língua? Flores e Silva (2000, p. 42) mostram que a referência inclusa na língua por Benveniste é *a referência ao EU*, ou seja, “Benveniste propõe um mecanismo de referência único, qual seja, o sujeito e sua enunciação”. Dessa forma, Benveniste amplia a noção de língua através da inclusão da dimensão intersubjetiva. Conforme Flores (2001, p. 29), “a teoria de Benveniste não só acentua a subjetividade lingüística como também a condição de intersubjetividade na determinação de um quadro dialógico constitutivo da língua. É a intersubjetividade que viabiliza o uso da língua”. Advém desse quadro dialógico o fato de que a *intersubjetividade* é condição para a *subjetividade*.

Essa “ampliação da noção de língua” produz, na verdade, outro conceito fundamental em Benveniste: a *linguagem*. Com efeito, para o autor, o conceito de língua como um sistema de signos é herdado de Saussure. O conceito de linguagem, por sua vez, apresenta uma *relevância* inteiramente diferente, produzindo um outro conceito de *língua*. A linguagem deixa de ser uma “faculdade de natureza multiforme e heteróclita” (CLG, p.17), em Saussure e passa a ser, em Benveniste, “a própria natureza do homem” (“Da subjetividade na linguagem”, PLG I, p. 285). Com isso, queremos dizer que Benveniste *resgata*<sup>58</sup> a dimensão

---

<sup>58</sup> Não podemos deixar de ressaltar que nos referimos sempre ao Saussure do Curso e não ao Saussure dos manuscritos. Como costuma dizer Flores, foi *a obra* do Curso que, com seus defeitos e méritos, fundou a Lingüística e, principalmente, foi o Curso o texto lido por Benveniste. Bouquet (1997, p.235), ao abordar os manuscritos de Saussure, afirma que Benveniste não apresenta nenhuma novidade em relação às idéias de Saussure. Esse posicionamento, antes de depor contra o trabalho de Benveniste, o legitima, uma vez que demonstra que Benveniste leu muito bem Saussure, apesar do Curso. De qualquer forma, Benveniste *resgata* a dimensão da linguagem, a partir de seu *status* no Curso. Silveira (2003, p. 15), em tese sobre a operação de constituição do CLG, diz que os editores

da linguagem, relegada por Saussure ao status de não-objeto da Lingüística<sup>59</sup>, e a posiciona como um mecanismo maior e mais importante do que a língua enquanto sistema de signos, porque inclui a “comunicação” e o “homem”.

Em “Da subjetividade da linguagem”, essa concepção é bem clara. Nesse texto, Benveniste recusa conceber a linguagem como um “instrumento de comunicação”, pois tal posição equivaleria a “opor o homem e a sua natureza” (p. 285). Dessa forma, a possibilidade de “comunicação” advém da inerência da linguagem ao homem. Esta inerência é a *subjetividade*. Benveniste define-a como “a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (p. 286). O autor ressalva que a subjetividade na língua nada mais é do que a “*emergência no ser*” (no ‘sujeito’, no ‘eu’) da propriedade da linguagem, isto é, de *dizer eu*. (p. 286). Como vemos, o ‘sujeito’ só importa à língua se emergir como um *eu* que enuncia. Temos então que ‘sujeito’ é uma categoria filosófica ou psicológica, tal como diz o próprio autor, a qual encontra lugar em uma categoria lingüística, *a pessoa*. É esta última que apresenta um verdadeiro interesse para o lingüista. Para Benveniste, *a pessoa* é expressa pelos seres que se comunicam, a saber, *eu* e *tu*, ambos indispensáveis para a comunicação.

Benveniste reforça que a subjetividade é uma propriedade da *linguagem* e não das *línguas particulares*, dado que a categoria de pessoa *eu* e *tu* deve existir, de uma forma ou outra, em todas as línguas (p. 287). Mesmo em línguas orientais, há a existência implícita dessa categoria subjazendo as formas nominais de polidez.

O autor faz a caracterização da *pessoa*, tal como ela se apresenta na *língua* francesa. Esse “salto” da linguagem à língua revela o verdadeiro interesse de Benveniste: uma descrição geral acerca da intersubjetividade para a língua francesa. Esse interesse confirma-se pelo fato de o autor seguir tratando da *língua* até a conclusão do texto, mesmo que continue utilizando a palavra *linguagem*. O autor faz a seguinte ressalva:

“A instalação da “subjetividade” na linguagem cria na linguagem e, acreditamos, igualmente fora da linguagem, a categoria de pessoa. Ela tem, além disso, efeitos muito variados sobre a própria estrutura das línguas, quer seja na organização das formas ou nas relações de significação. Aqui, **visamos necessariamente línguas particulares**,

---

impuseram uma *unidade* à multiplicidade: os cursos de Saussure foram transformados no CLG. É nessa *unidade* que a linguagem aparece em segundo plano.

<sup>59</sup> Para uma exposição acerca da constituição do objeto em Lingüística, ver Silva (2002, cap. 1). A título de ilustração, vejamos o que diz Saussure acerca do objeto da Lingüística: “De fato, entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível de uma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito” (CLG, p. 17).

para ilustrar alguns efeitos da mudança de perspectiva que a ‘subjetividade’ pode introduzir.” (p. 290, grifo nosso).

Benveniste conclui o texto escrevendo que a condição de *intersubjetividade* é a única que torna possível a comunicação lingüística. Concluimos que, para Benveniste, a linguagem é/funciona como um mecanismo de emergência no ser das condições de vir a ser sujeito de língua em face de outro(s) sujeito(s). Assim, o caráter essencial da linguagem não é simplesmente comunicar, mas pôr os sujeitos em relação.

Constatamos que Benveniste *desliza* das considerações de linguagem para as de língua. O próprio autor observa, conforme citação acima, que, embora tratando da *linguagem*, o alcance de suas reflexões é *necessariamente* o de *língua*, no seu caso, a *língua* francesa. Essa generalidade que busca nas observações em torno da *linguagem* desliza, paradoxalmente<sup>60</sup>, para considerações de *língua*<sup>61</sup>.

A fim de reiterarmos que Benveniste trata da *língua*, mesmo quando fala da *linguagem*, vejamos o texto “Categorias de pensamento e categorias de língua” (PLG I).

Neste texto, Benveniste defende a tese de que o pensamento organiza-se a partir da língua. Além disso, ele objetiva ver como se realiza a relação entre língua e pensamento. Já no primeiro parágrafo, o autor escreve: “por mais particulares ou abstratas que sejam as operações de pensamento, recebem expressão na língua. Podemos dizer tudo e podemos dizê-lo como queremos” (p. 68). Benveniste argumenta que, se a língua dá forma ao pensamento, é ela e apenas ela que torna possível a realização do pensamento e não sua simples transmissão.

A seguir, Benveniste mostra que dissociar língua e pensamento é impossível, pois não se pode imaginar língua sem ‘significado’ ou ‘conteúdo’ e nem pensamento sem ‘forma’ ou ‘expressão’. Com isso, o autor propõe o estudo de elemento mediador: as “categorias”. Aqui, Benveniste observa que as categorias lingüísticas são diferentes das do pensamento. As primeiras são particulares a uma língua; as segundas são universais. Além

---

<sup>60</sup> O próprio Benveniste, em um texto de homenagem a Saussure, não apenas se dá conta da natureza paradoxal da linguagem como a sublinha como a característica mais importante da mesma: “Certos lingüistas censuram a Saussure o comprazer-se em sublinhar paradoxos no funcionamento da linguagem. A linguagem é realmente o que há de mais paradoxal no mundo, e infelizes daqueles que o não vêem. Quanto mais nos adiantarmos, mais sentiremos que esse contraste entre a unicidade da nossa percepção dos objetos e a dualidade cujo modelo a linguagem impõe à nossa reflexão” (PLG I, p. 45). Nessa citação, vemos que o par *unicidade/dualidade* tem estreita relação com o par *identidade/diferença*. Não podemos deixar de observar que a identidade ou unicidade referem-se à percepção primeira dos falantes e a diferença ou a dualidade como a percepção segunda, dita reflexão, dos falantes. Se Benveniste enfatizou a *identidade* entre estruturas nos textos de análise (ver cap. 2), acreditamos que, nos textos relativos à Teoria da Enunciação, o autor enfatize a *diferença* discursiva entre essas estruturas.

<sup>61</sup> Da mesma forma, Benveniste *desliza*, como vimos, da noção de *sujeito* à de *pessoa* ou da noção de ‘sujeito extralingüístico’ à de “sujeito intralingüístico”. Assim, podemos dizer que a teoria da enunciação não é a teoria do sujeito, objeto próprio de outras áreas que não a Lingüística, mas a teoria de sua inscrição na enunciação (FLORES, 2001, p. 59).

disso, as primeiras são adquiridas e conservadas pelo locutor, já as segundas podem ser criadas livremente pelo mesmo. Tal caracterização poderia nos levar a pensar que o pensamento é descrito de forma independente e superior à língua, mas não é o que ocorre.

Para provar que o pensamento depende da língua, Benveniste retoma as dez categorias de pensamento de Aristóteles. Essas categorias revelam a totalidade de predicados que se atribui a um ser. Para o autor, essas categorias “filosóficas” traduzem, de forma aproximada, as classes gramaticais herdadas da gramática grega pelas línguas ocidentais. A fim de provar definitivamente que a língua organiza o pensamento, o autor analisa uma língua completamente diferente da grega: a língua ewe (do Togo). Nessa língua, diferentemente da grega, há cinco verbos para o verbo grego “ser”. Cada um desses verbos corresponde, aproximadamente, a uma das categorias da língua grega: predicados de ação, de estado, de existência, de atribuição de qualidades. Como esses verbos não são sequer semelhantes na língua ewe, os mesmos não foram agrupados em um sentido abstrato (e, falaciosamente, dito universal) do verbo “ser”. Com efeito, a organização desses predicados em um esquema “abstrato” de “ser” na língua grega conduz a uma interpretação de universalidade dessas mesmas categorias. As dez classes gramaticais são, portanto, produto da língua grega.

Benveniste afirma que o pensamento é visto modernamente como dinamismo, como virtualidade. Por isso, o chinês pôde criar suas próprias categorias sem que, com isso, deixasse de compreender categorias que não são próprias de sua cultura, como as da mecânica, por exemplo<sup>62</sup>. Como vimos, em “Da subjetividade na linguagem”, a categoria de pessoa é igualmente parte integrante das línguas orientais. Assim, o pensamento é independente de estruturas lingüísticas *particulares*, isto é, de significados culturalmente fixados, mas não da língua, a qual permite que novos significados sejam produzidos pelo homem. O autor conclui da seguinte maneira: “A possibilidade do pensamento liga-se à faculdade da linguagem. Pensar é manejar os símbolos da língua” (p. 80). Assim, a *atividade* do pensamento depende dos símbolos da língua.

A partir desse texto, concluímos que Benveniste estuda a *língua*, e não a *linguagem*, nem que seja por uma *necessidade*. A linguagem tem, então, um aspecto inexorável: não é diretamente *apreensível*<sup>63</sup>. Por isso, devemos denominá-la de *linguagem/língua*.

<sup>62</sup> Ito (1997, p. 223) mostra, em análise da língua japonesa, que, apesar do sistema pronominal pessoal do japonês ser desnecessário, diferentemente do que ocorre para as línguas indo-européias, o ato de enunciar é universal. Com isso, ele reconhece o esforço de Benveniste em atingir a *linguagem*, visando necessariamente as *línguas*.

<sup>63</sup> Além do texto “Categorias de pensamento e categorias de língua”, no qual a *língua* e a *linguagem* são tematizadas, essas concepções estão dispersas em outros textos, dos quais citamos apenas a referência direta a esses termos. Tais citações corroboram o fato de que a linguagem, embora visada por Benveniste, não é diretamente apreensível. Todas as citações constam do PLG I: “Não se cede mais tão facilmente quanto antes à tentação de erigir como propriedades universais da linguagem as particularidades de uma língua” (p. 6).; “a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza” (p. 20).; “É das línguas que se ocupa o lingüista e a lingüística é em primeiro lugar a teoria das línguas” (p. 20).; “A forma do pensamento é configurada pela estrutura da língua” (p. 27).; “A

A *linguagem* tem ainda um outro aspecto: é uma *atividade*. A linguagem, como vimos na última citação, aproxima-se do *pensamento*. Benveniste (p. 70) opõe as categorias de língua e as de pensamento, dizendo que as últimas são recebidas e conservadas pelo locutor e que as primeiras podem ser especificadas livremente e criadas pelo locutor. Com isso, as categorias de língua são estáveis e as categorias de pensamento são dinâmicas. Em outro texto, Benveniste escrevera: “A linguagem é uma entidade de dupla face (...) Organiza o pensamento e realiza-se em uma forma específica” (PLG I, p. 30). Dessa forma, se o pensamento é dinâmico e a linguagem é uma entidade de dupla face e o pensamento liga-se à faculdade da linguagem, podemos concluir que é a linguagem que permite a passagem da língua à enunciação, ou das categorias estáveis às dinâmicas, ou dos sentidos convencionais aos sentidos instaurados livremente pelo locutor. A linguagem é, portanto, uma condição de comunicação intersubjetiva, *atividade* derivada das categorias de língua e derivante de *uma* língua, a da enunciação, seja entre franceses e chineses ou entre *eu* e *tu*. A linguagem é a própria categoria *mediatizadora*: *fim*, ou seja, meta da língua e *princípio* de comunicação. Como escreveu Benveniste, a linguagem é paradoxal: simultaneamente no início e no fim da língua, ela é a própria *vida* da língua.

Com isso, a *linguagem*, tomada como *linguagem/língua*<sup>64</sup>, é resgatada em toda sua relevância para a teoria da enunciação de Benveniste. Assim, “a ampliação do conceito de língua” em Benveniste produz um novo conceito, a saber, língua como comunicação intersubjetiva, ou seja, o resultado da relação EU-TU-ELE.

A *língua* francesa, a partir da qual Benveniste propõe sua análise, apresenta uma correlação paradigmática e sintagmática das categorias de pessoa, tempo e espaço semelhantemente à da *língua* portuguesa<sup>65</sup>. Essa realidade lingüística faz com que a análise do autor acerca do papel dos índices pronominais e adverbiais para a constituição da intersubjetividade seja praticamente o mesmo para essas duas línguas. Assim, poderemos utilizar suas considerações para nosso estudo das preposições em português.

### 3.2 A relação entre a *pessoa* e a *não-pessoa* ou o nível do signo

Neste item, objetivamos estudar os índices lingüísticos que caracterizam a função única da linguagem para Benveniste, a saber, a instauração da intersubjetividade. Tais índices estão agrupados no que o autor chamou de *pessoa*. Ela, como veremos, engloba não apenas a indicação das pessoas do discurso, mas também a espacialidade e a temporalidade que possibilitam seu discurso, além da ostensão de objetos que lhes permite falar do mundo. Esses índices podem ser agrupados da seguinte forma: *eu-tu-este-aqui-agora*.

---

linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de simbolizar” (p. 27). Devo essa exegese ao professor Valdir Flores.

<sup>64</sup> Ducrot (1989, p. 163) corrobora nossa análise ao escrever que a concepção de língua em Benveniste considera a relação entre interlocutores, da ordem da linguagem, instaurada no centro da língua.

<sup>65</sup> Jakobson (1956, p. 202) afirma que a lingüística deveria se voltar mais aos fenômenos universais. Baseando-se em Sapir, ele lembra que a referência gramatical ao destinador e ao destinatário do discurso é universal, o que corrobora sua tese de que a função básica da linguagem é a comunicação. Em contrapartida, Benveniste admite a universalidade da categoria de pessoa, mas privilegia a *forma* como essa subjetividade se manifesta na língua francesa.



Benveniste propõe dividir o sistema pronominal pessoal em dois grupos: o pertencente ao paradigma do EU/TU e o pertencente ao paradigma do ELE. Em “Estruturas das relações de pessoa no verbo” (PLG I), o autor afirma que uma teoria lingüística da pessoa verbal deve ser feita com base na estrutura opositiva entre elas. Assim, a categoria de *pessoa* é um conceito formulado por oposição a categoria de *não-pessoa*. A primeira é associada aos pronomes *eu-tu*; a segunda é associada ao *ele*. Além disso, a *pessoa* divide-se em *pessoa subjetiva* e *pessoa não-subjetiva*. A partir disso, organizam-se duas relações constantes: a *correlação de personalidade*, que opõe as duas primeiras pessoas (EU e TU) à terceira (ELE) e a *correlação de subjetividade*, que opõe a primeira (EU) à segunda pessoa (TU). A correlação de subjetividade é dita *interior* à de personalidade.

A *correlação de personalidade* separa a pessoa da não-pessoa, podendo ser expressa da seguinte forma: EU/TU x ELE. Essa correlação separa o par EU/TU – em que existe uma concomitância entre a pessoa implicada e o discurso sobre ela – do ELE – privado da característica de pessoa e caracterizado como a forma verbal para indicar a não-pessoa. Essa oposição é feita através de uma tripla especificidade de EU/TU em sua relação a ELE. A categoria de pessoa caracteriza-se pela sua *unicidade*, *inversibilidade* e *ausência de predicação sobre a “coisa”*. A *unicidade* de EU garante que cada enunciação tenha uma e única referência. A *inversibilidade* garante que cada enunciação seja proferida sempre por um *eu...*, a qual em seu término, o converte necessariamente em *tu*. Com essa característica, ratificamos a estreita relação entre *eu* e sua enunciação (FLORES e SILVA, 2000, p. 42). Ela revela, igualmente, o princípio da comunicação intersubjetiva: *tu* é uma possibilidade de vir a ser *eu*, sendo pressuposto em toda enunciação de *eu*. É essa possibilidade que faz com que *tu* seja uma pessoa. A *ausência de predicação sobre a “coisa”*, do âmbito do EU, opõe-se à *predicação sobre a “coisa”*, do âmbito do ELE.

A *correlação de subjetividade* opõe EU a TU, podendo ser expressa da seguinte forma: EU X TU. EU é *interior* ao enunciado, *exterior* a TU e transcendente a este, portanto, é a única pessoa realmente subjetiva. A característica da *transcendência* de EU em relação a TU pode ser percebida na análise empreendida pelo autor para o pronome *nós*. Para o autor, *nós* não é um “eu” quantificado ou multiplicado, isto é, o conjunto de várias subjetividades, tal como seria “vocês” e “eles”, em que há uma quantificação. *Nós* é um *único* “eu” dilatado, acrescido de contornos vagos. Tal fato evidencia-se nos casos em que a forma *nós* pode substituir a forma *eu*. Assim, Benveniste marca a *transcendência* de “eu” na instância de discurso. Com a característica de transcendência de eu em relação a tu, vemos que a *unicidade* referencial da *pessoa* é reforçada pela *unicidade* de sentido da *pessoa subjetiva*<sup>66</sup>.

Disso conclui-se que, com Benveniste, a categoria de pessoa adquire um novo estatuto, porque não basta defini-la em termos de presença ou de ausência do traço de pessoalidade, mas em termos de subjetividade. Essa concepção fica bem clara em A

<sup>66</sup> Essa frase pode parecer tautológica para quem conhece bem a teoria da enunciação de Benveniste. Não podemos deixar de observar que a equivalência entre “sentido” e “referência” ocorre de forma explícita apenas em seu último texto “O aparelho formal da enunciação” (PLG II), sendo vislumbrada no texto “A forma e o sentido na linguagem”, como veremos. Por isso, ao longo desse capítulo, utilizaremos, algumas vezes, a expressão “sentido e referência”.

*natureza dos pronomes* (1956). A diferença entre a pessoa e a não-pessoa reside no tipo de referência que estabelecem. O par EU/TU pertence ao nível pragmático da linguagem, definido na própria instância de discurso, refere a uma realidade distinta cada vez que é enunciado. Segundo ele, “*eu* é o “indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância lingüística *eu*” (PLG I, p. 279). Assim, *eu* e *tu* são signos vazios, não referenciais em relação à realidade, e que se tornam plenos, tal como os signos da não-pessoa, assim que o locutor os assume em cada instância de discurso. Disso decorre que o *sentido* de cada enunciação contendo *eu...* é único, pois dependente das condições circunstanciais de cada instância de discurso<sup>67</sup>, as únicas responsáveis por tornar esse signo pleno. Temos que na definição sumária “é “ego” que *diz ego*.” (PLG I, p.286) há uma repetição, uma vez que o paradigma do EU invoca um “retorno” sintático ao *dizer eu...*, retorno esse que produz uma síntese do dizer de *eu*, uma unicidade do sentido de sua enunciação.

Além disso, a categoria de *pessoa* abriga um conjunto de signos referentes às circunstâncias da instância de discurso, a saber, os demonstrativos *este*, etc., os advérbios de espaço e tempo *aquí* e *agora* e *tempo verbal*. Esses signos são ditos *sui-referenciais* (PLG I, p. 289). Por exemplo, o demonstrativo do paradigma do EU, isto é, *este* opõe-se ao demonstrativo do paradigma do ELE, a saber, *aquela*. Todos esses índices circunstanciais possuem o mesmo estatuto no paradigma do EU e somente retiram seu valor se observados em conjunto na enunciação.

Benveniste propõe uma dicotomia entre os signos de *pessoa* e de *não-pessoa*, ou entre signos que pertencem às instâncias de discurso e que pertencem à sintaxe da língua: *aquí-lá*; *agora* – *então*; *hoje* – *no mesmo dia, no dia tal*; *ontem* – *na véspera do dia tal*; *amanhã* – *no dia seguinte*; *há três dias* – *três dias antes do dia tal*, entre outros pares. Com isso, Benveniste observa que a categoria de *pessoa* surge de uma cisão imanente à própria língua, o que ele demonstrou através desses exemplos em que podemos observar uma profunda diferença de forma.

O ELE pertence ao nível sintático, já que tem por função combinar-se com uma referência objetiva de forma independente da instância enunciativa que a contém. A diferença é, portanto, de natureza e de função. As propriedades da não-pessoa são:

“1º de se combinar com qualquer referência de objeto; 2º de não ser jamais reflexiva da instância de discurso; 3º de comportar um número às vezes bastante grande de variantes pronominais ou demonstrativas; 4º de não ser compatível com o paradigma dos termos referenciais como *aquí*, *agora*, etc.” (PLG I, p. 283)

---

<sup>67</sup> Lahud (1979, p. 114) denomina a categoria de pessoa de *indicadores de subjetividade* e os caracteriza como: “para Benveniste, não se tratam de signos que ‘descrevem’ por si próprios uma relação entre enunciado e enunciação, mas de elementos cuja função é permitir ao *sujeito que os enuncia*, e no momento em que os enuncia, de *instaurar essa relação*, de vincular seu enunciado ao seu próprio ‘dizer’”.

A citação acima nos revela que a não-pessoa tem referência objetiva, isto é, referência sintaticamente determinada, e que a mesma apresenta uma grande diversidade de referência dada sua condição de denotação dos objetos. A não-pessoa possui, portanto, a função de *representação sintática* de termos de extensão e conteúdo variados. Na frase, *Pedro está doente; ele está com febre*, Benveniste observa a qualidade de substituição do pronome não-pessoal *ele*. Como podemos observar, as propriedades da não-pessoa opõem-se às propriedades da pessoa na língua.

Além disso, podemos dizer que a oposição referência objetiva e sui-referência, tal como apresentada no texto “Da subjetividade na linguagem” (PLG I), remete, respectivamente, à enunciação “subjetiva” e à enunciação “não-subjetiva”<sup>68</sup> (p. 292).

Vejamos de forma esquemática:

Pessoa	Não-Pessoa
• referência ao <i>eu</i> – enunciação “subjetiva”	• referência ao objeto – enunciação “não-subjetiva”
• reflexivo à instância de discurso	• não reflexivo à instância de discurso
• número restrito de variantes pronominais e demonstrativas	• número grande de variantes pronominais e demonstrativas

Quadro 12- A correlação de personalidade: a oposição pessoa/ não-pessoa

Quanto ao paradigma do ELE, o autor assinala que eles têm existência lingüística apenas quando são usados. “A forma *ele*... tira seu **valor** do fato de que faz necessariamente parte do discurso enunciado por ‘eu’”(“Da subjetividade na linguagem, p. 292, grifo nosso).

Depreende-se daí que a oposição entre pessoa e não-pessoa é apenas uma distinção formal entre signos lingüísticos. Em cada enunciação ou em cada discurso, como vimos na citação acima, o valor de *ele* passa pelo de *eu*, ou seja, *cada enunciação produz um sentido diferente para cada atualização de frase contendo ele*. Da mesma forma, tanto *eu* quanto *ele* deixam de ser, respectivamente, signo vazio e signo geral e passam, em cada instância de discurso, a apresentar um sentido único. Essa é a conclusão a que chega Cardoso (1995, p. 164). Lichtenberg (2001, p. 127) propõe o seguinte raciocínio:

“A *não-pessoa* que, na língua, “não designa nada nem ninguém”, em certa medida não difere muito dos *indicadores de subjetividade*, que são móveis, instituindo, a cada enunciação, um *eu*, um *tu*, um *este*, um *aqui*, um *agora*. A *não-pessoa*, embora guardando resquício da significação, um certo conceito existente na língua, a cada situação

<sup>68</sup> No texto “As relações de tempo no verbo francês” (PLG I), o autor também fala do uso de “ele”, ligado a uma *enunciação* histórica e do uso de “eu, tu e ele”, ligado a uma *enunciação* de discurso.

de uso, a cada situação de *emprego*, relaciona-se a um referente determinado pela *idéia* expressa pelo locutor. É, na língua, conceito, “o não importa quem ou não importa o que”; na instância de discurso, não tem um referente *fixo*, *atualiza-se* na situação na qual o locutor se insere, à *idéia* que esta situação suscita, à atitude do locutor diante desta situação”. (LICHTENBERG, 2001, p. 127)

A partir dessa citação vemos que, se a *não-pessoa* pode, enquanto *signo*, combinar-se com qualquer referência ou a nenhuma, é justamente essa mobilidade que faz com que, na enunciação, a não-pessoa remeta a sintagmas diferentes e/ou a mais de um sintagma. O caráter geral desse signo pleno permite que apenas uma pequena parte de seu valor seja atualizado na enunciação. A não-pessoa, ao promover uma referência objetiva, isto é, uma referência sintaticamente localizada no discurso, pode, em enunciados longos, apresentar desdobramentos referenciais, uma vez que esses mesmos sintagmas remetem, por sua vez, a outros sintagmas, formando uma rede de sentido a cada vez única.

Na análise da enunciação, observamos as mesmas diretrizes da análise estrutural de cunho saussuriano empreendida pelo autor para o que denominamos, no capítulo 2, de *sintaxe da língua*, a saber, o par mínimo *diferença/identidade*. Nossa retomada do par mínimo *diferença/identidade* justifica-se por sua aparição, com outro nome, no texto “Os níveis da análise lingüística” (PLG I). Tal par é denominado, nesse texto, como *dissociação/integração*. Através do primeiro termo chega-se à *forma*, através do segundo, ao *sentido*. Forma e sentido são definidos da seguinte maneira: “A forma de uma unidade lingüística define-se como a capacidade de **dissociar-se** em constituintes de nível inferior. O *sentido* de uma unidade lingüística define-se como a sua capacidade de **integrar** uma unidade de nível superior”(PLG I, p. 135-6, grifos nossos). O autor acrescenta, mais adiante, que a frase não deve ser considerada como dissociada em nível inferior ou integrante de um nível superior. Isso se deve ao fato de uma frase não poder ser dissociada em *tipos de frases* e nem *integrada* a uma unidade superior (ver p.137). No entanto, a frase pode ser dissociada em *palavras em emprego* as quais *integram* o sentido e a referência única da frase. Assim, a frase, ou para usar nosso termo, o *enunciado* é *diferente* da soma de suas palavras em emprego e *idêntico* à sua referência.

Há, destarte, considerando a correlação de personalidade, a oposição dos paradigmas EU/ TU X ELE (relação de *diferença*) nos mecanismos referenciais da língua

e a conjunção dos paradigmas EU/TU/ELE na referência única da enunciação (relação de *identidade*). Ou, considerando a correlação de subjetividade : a *identidade* de subjetividade EU/TU é da ordem da língua; a *diferença* de subjetividade EU X TU é da ordem da enunciação. Com a instauração da subjetividade na linguagem, através da diferença EU X TU, dita *correlação de subjetividade*, instaura-se a referência da enunciação, a cada “eu...” única. Por sua vez, se considerarmos a língua, a relação EU/TU X ELE, dita *correlação de personalidade*, instaura dois tipos de referência: a sui-referencial e a objetiva. A primeira caracteriza-se por um “retorno” do dizer ao *eu*, ou melhor, a uma *síntese*; a segunda, por um “retorno” do dizer a sintagma imediatamente anterior (a “anáfora”), ou melhor a uma *análise*. Essa caracterização deve-se ao fato de a categoria de pessoa (*eu* e *tu*) ter a propriedade da *unicidade*, a qual faz com que a pessoa - a qual, a cada enunciação, pela propriedade de *inversibilidade* é sempre *eu...* – marque seu próprio dizer como uma *unidade de sentido e referência*. Assim, a correlação de subjetividade é dita interna se considerado o *ponto de vista* da língua, e externa, se considerado o *ponto de vista* da enunciação.

A fim de ratificarmos a oposição formal existente entre a categoria de pessoa e a de não-pessoa e suas implicações para a enunciação, vejamos o texto “O antônimo e o pronome em francês moderno” (PLG II). Entendemos que esse texto ratifica e amplia as considerações feitas em “A natureza dos pronomes” (PLG I).

Benveniste faz uma análise do pronome pessoal *je* em relação ao antônimo, *moi* no sistema pronominal do francês. O objetivo do autor é mostrar a diferença de *função sintática* entre as duas formas. O autor mostra que *je* é sempre anteposto ao verbo. Este, exceto no caso do imperativo e das formas nominais, é *obrigatoriamente* precedido por um pronome, seja *je*, seja *il*. *Moi*, por sua vez, apresenta uma série de empregos autônomos, os quais não são estendidos a *je*. Exemplos: (1) *Moi, j’aime marcher; lui non*. (2) *Moi, je pense que*. Benveniste conclui, com isso, que *je* e *moi* estão em distribuição complementar, diferindo em seu *comportamento sintático* e em sua *capacidade combinatória*.

Tais empregos levam o autor a considerar o pronome *moi* como um nome próprio. Essa aproximação deve-se ao fato de ambos designarem de maneira constante e única a um

indivíduo único. Além disso, o pronome *moi* tem as mesmas construções e propriedades sintagmáticas dos nomes próprios. Exemplos: (1) Em resposta a *Quem*, tanto *moi* quanto *Pierre*, são respostas possíveis. (2) Pronome e nome próprio se coordenam: *Moi, Pierre*. O pronome *moi* diferencia-se do nome próprio pelo fato de que o primeiro é dito *nome próprio social* e o segundo, *nome próprio de locutor*. *Moi* realiza-se, portanto, somente no ato de fala e designa somente o falante, tal como refere a si mesmo.

A seguir, Benveniste procura diferenciar as particularidades dos antônimos *moi* e *toi* em oposição a *lui*. Enquanto *moi (toi)* exige sempre a retomada por *je* antes da forma verbal pessoal, *lui* pode ser tanto retomado por *il* quanto se ligar diretamente à forma verbal. Assim, *lui* tem duas possibilidades de uso: como antônimo e como pronome. No segundo caso, evidencia-se seu papel de *substitutivo abreviativo*, tal como caracterizado no texto “A natureza dos pronomes”, ou seja, sua possibilidade de substituir o nome próprio. Vejamos as duas possibilidades: a) antônimo: *Toi, tu as tout; Lui, il n’ a rien*; b) pronome: *Lui seul est venu / Pierre seul est venu*.

*Je* e *tu* são pessoas únicas; *il* representa não importa que sujeito compatível com seu gênero e número, podendo remeter, em um enunciado, a sujeitos diferentes. Em consequência, *je* e *me* remetem a uma mesma e única pessoa; *tu* e *ti*, a uma mesma e única pessoa, mas *il*, podendo remeter a sujeitos distintos, tem dois regimes diretos: *se*, quando sujeito e objeto coincidem, *le*, quando não coincidem. Além disso, o pronome de terceira pessoa apresenta duas formas: *il* (gênero masculino) e *elle* (gênero feminino). Quanto aos adjetivos possessivos, *je* e *tu* têm formas diferenciadas dos antônimos, a saber, *mon* e *ton*, respectivamente. Já a terceira pessoa apresenta coincidência formal entre o pronome oblíquo plural (*leur*) e o adjetivo possessivo plural (*leur*). Benveniste conclui: “Tudo concorre para ilustrar esta constatação geral de que a terceira pessoa é fundamentalmente diferente das duas outras em seu estatuto, sua função e distribuição de suas formas”.

Com isso, o autor demonstra claramente que *eu* e *tu* apresentam em seu paradigma lingüístico propriedades que fazem com que, a cada vez que sejam pronunciados em um mesmo enunciado, remetam a si mesmos, isto é, ao mesmo “sujeito”. Já *ele* tem a propriedade de remeter a cada enunciado, a sujeitos gramaticais diferentes. Como se pode observar, estamos explorando aqui a polissemia da palavra *sujeito*: no

primeiro caso, designa o ser imbuído de subjetividade; no segundo, o termo gramatical da frase. Essa oposição entre o sujeito designado por ELE e por EU já está presente em “Estrutura das relações de pessoa no verbo” e “Natureza dos pronomes”, ratificando suas idéias. A novidade do texto “O antônimo e o pronome em francês moderno” consiste na detecção da existência de duas formas EU: *je* e *moi* (ou dois TU: *tu* e *toi*), com duas funções sintáticas distintas<sup>69</sup>. A diferença formal entre os dois “eu” manifesta-se, em português, pelo “eu” contido na desinência verbal número-pessoal (exemplo: penso), o qual representa o pronome *je*; e o “eu” manifesto seja com a forma “mim”, seja quanto a forma “eu”(exemplos: para *mim*, acredito que... ou *eu* acredito que...), o qual representa o antônimo *moi*. Com isso, Benveniste prova, mais uma vez, que no interior da língua, existe uma forma, que, por sua função sintática, serve para marcar o *nome próprio do locutor*. Da própria língua, surge um índice, *moi*, que indica a particularidade referencial de toda enunciação de *je*. Acreditamos que, enquanto *je* é obrigatório do ponto de vista da *sintaxe da língua*, ou seja, da formação de toda e qualquer frase em língua, *moi* é obrigatório do ponto de vista da *sintaxe da enunciação*. Esse último, por suas propriedades de não exigência sintática e por referência única à presente instância de discurso, como comprovam alguns dos exemplos em francês, *moi* pode estar *implícito* tanto em frases de “eu penso...” quanto “ele pensa...”. Esse último caso é atestado em “Da subjetividade na linguagem”, quando o autor diz que “A forma *ele...* tira seu **valor** do fato de que faz necessariamente parte do discurso enunciado por ‘eu’” (PLG I, p. 292). Além disso, o fato de as formas do paradigma EU/TU não apresentarem flexão de gênero e número, por oposição às formas do paradigma do ELE, que apresentam, faz com que o *eu-tu* tenha uma referência única englobando todas as frases de um enunciado, e que *ele* possa ter tantas referências quantas forem as frases da qual faz parte.

Tendo em vista essa oposição, podemos dizer que, em Benveniste, a língua possui uma *dupla sintaxe*<sup>70</sup>: o paradigma do ELE em sua multiplicidade – e descontinuidade - de referências e o paradigma do EU em sua multiplicidade - e unicidade – de referências. A sintaxe da língua realiza-se através de anáforas, isto é, através de remissões a sintagmas

<sup>69</sup> Mais de uma vez observamos que Benveniste, seguindo o paradigma saussuriano, faz equivaler uma *diferença* de forma a uma *diferença* de sentido.

<sup>70</sup> Cabe aqui mencionar a concepção de língua em Benveniste, segundo Normand (1996, p. 139): “Longe de desfazer as oposições saussurianas, as reformula, constrói outras, de maneira a retomar o que foi excluído, o referente e o sujeito (...)” Como podemos ver, as dicotomias fazem parte da

nominais *identificados*. Como cada sintagma nominal pode indicar sujeitos gramaticais diferentes através do auxílio da flexão de gênero e número, o paradigma do ELE remete a sujeitos diferentes, ou a qualquer sujeito, gerando, com isso, *multiplicidade* de referências. Já o paradigma do EU/TU remete, através da dêixis, apenas a si mesmo, em sua respectiva instância de discurso, gerando, com isso, igualmente, *multiplicidade* de referências. No entanto, há um momento em que essas duas sintaxes se inter-relacionam, ou seja, um momento em que a multiplicidade referencial do ELE e a multiplicidade referencial do EU (ou *je*) convertem-se em unicidade referencial (ou seja, *moi*). Assim, vale dizer que a multiplicidade de referências de *je*, oriunda de cada vez que essa forma é pronunciada, remete a um *único moi...*, que reúne e sintetiza um conjunto de *frases* contendo *je*. Ao conjunto de frases pertencentes à ordem do *je* chamamos *enunciado*. Ao todo do enunciado pertencente à ordem do *moi*, chamamos *enunção*. Em suma, a *dupla sintaxe* da língua, a do paradigma do JE e a do paradigma do LUI, devem se converter em *uma única sintaxe da enunção*, a do MOI<sup>71</sup>.

Como dissemos acima, o EU engloba o ELE, desde que considerado o nível da enunção. Assim, se o paradigma do ELE pertence à dissociação da referência global a referências objetivas, locais, o paradigma do EU, por sua vez, igualmente integra cada referência à unicidade de cada “eu” pronunciado. Apenas a enunção *integra* essas referências objetivas e sui-referenciais em um processo de *síntese*, produzindo uma referência *única* a cada enunção. Vemos aqui reafirmada a análise *d’emblée* da língua aplicada à enunção, análise esta somente possível graças ao método saussuriano baseado no par mínimo *identidade/diferença*. No item seguinte, observaremos em que consiste precisamente o nível da enunção.

### 3.3 A relação entre a língua e a enunção da língua ou o nível do enunciado

Nesta seção, objetivamos estudar a relação entre *língua* e *enunção*, buscando, para isso, entender o conceito de *enunciado*<sup>72</sup> e de referência em Benveniste.

---

concepção mesma de língua em Benveniste, autorizando, com isso, o método saussuriano de identidade/diferença para a apreensão do valor enunciativo e não apenas do valor sistêmico.

<sup>71</sup> Não estamos tomando *je* e *moi* como marcas lingüísticas e sim em uma interpretação teórica.

<sup>72</sup> Assinalamos que Benveniste utiliza o termo *frase* com o sentido de uso. Para evitar possíveis ambigüidades com o termo *frase* na sintaxe enquanto mecanismo gramatical, utilizaremos o termo *enunciado* quando houver referência à sintaxe enquanto uso, cf. seção 2.5.



Dados os conceitos de *pessoa* e *não-pessoa*, resta-nos investigar a relação da língua e da instância de discurso. Silva (2002, p. 34) escreve:

“Benveniste não teorizou sobre a língua e nem sobre a fala; teorizou sobre o discurso, nível intermediário. O texto *O aparelho formal da enunciação* (1970) mostra que a língua comporta formas que são atualizadas plenamente na instância da fala. (...) Benveniste *reformula* Saussure ao propor o conceito de enunciação, como o lugar intermediário entre a língua e o discurso, como o lugar em que língua, linguagem e fala trabalham em conjunto”. (SILVA, 2002, p. 34)

Nessa citação, vemos que a relação entre língua e instância de discurso é de mútua colaboração desde que considerarmos a enunciação. Dessa forma, o sentido de cada instância de discurso possui algo de permanente e algo de efêmero; algo de representacional e algo de situacional. Assim, quando Benveniste escreve, em *A forma e o sentido da linguagem* (PLG II), que: “o sentido de uma frase é sua idéia, o sentido de uma palavra é seu emprego. A partir da idéia, a cada vez particular, o locutor agencia palavras que neste emprego tem um “sentido” particular.” (p. 231), ele, a nosso ver, constata que o sentido do *enunciado*, é único e irrepetível, uma vez que ele *combina* algo de “permanente”, a saber, o emprego das palavras a algo de “efêmero”, a saber, a idéia do *enunciado*. Ao longo dessa exposição, procuraremos confirmar a hipótese de uma dupla vinculação de sentido enunciativo a modos distintos de sua apresentação, seja na *língua*, seja na *instância de discurso*.

Nesse texto, Benveniste trata ainda da natureza da linguagem. Ele alude à distinção saussuriana entre língua e fala, propondo-se a ultrapassá-la. Para realizá-la, o autor observa que há *duas espécies e dois domínios do sentido e da forma* (PLG II, p. 228). O autor formula a divisão da língua *em duas maneiras de ser no sentido e na forma*: a *ordem semiótica* ou ordem da língua como sistema de signos e a *ordem semântica* ou ordem da língua como comunicação intersubjetiva.

A unidade da ordem semiótica é o signo, o qual é composto de forma e sentido. Sua forma depende de uma análise semiológica e seu sentido é a sua existência *em* oposição a outros signos. Tal como em Saussure, ser significativo e ser distintivo é a mesma coisa. Benveniste, ao escrever, “O signo tem sempre e somente valor genérico e conceitual. Ele não admite significado particular ou ocasional” (PLG II, p. 228), mostra que a *significação* do signo é sempre *uma constante*.

A unidade da ordem semântica é a palavra, a qual é composta de forma e sentido. Sua forma apresenta-se aos falantes e seu sentido depende do emprego que eles fazem em

cada situação discursiva. Assim, a palavra apresenta-se como unidade intermediária, pois une dois domínios distintos. No domínio do semântico, o *enunciado* é unidade do discurso. Vejamos: “(...) é assim que nos comunicamos: por frases, mesmo que truncadas, embrionárias, incompletas, mas sempre por frases.” (p. 228).

Benveniste conclui que o *sentido* só pode ser percebido na ordem semântica e dentro de uma forma específica, o sintagma. O sentido na ordem semântica pode ser dividido em dois: o sentido da palavra e o sentido da palavra na frase. O sentido da palavra é o seu emprego; o sentido do *enunciado*, sua idéia. O sentido é cada vez particular e único, pois depende da atualização do locutor, enquanto o emprego pode se repetir, caso se repetirem as condições sintagmáticas.

O *enunciado* é enformado de *sentido* e de *referência*. O sentido é a idéia; a *referência* é o estado de coisas que provoca a situação de discurso a que o *enunciado* se reporta. Tanto o *sentido* quanto a *referência* são, a cada enunciação, particulares e efêmeros. Essa dupla característica do *enunciado* não implica, como se poderia supor, dois níveis de “entendimento”: o *sentido* de cada *enunciado* somente pode ser percebido em relação a sua *referência*<sup>73</sup>. Vejamos: “o sentido das palavras, por seu turno, se determina em relação ao contexto de situação” (p. 232-3). Da mesma forma, *língua* e *linguagem* estão exclusivamente implicadas: se a língua serve para predicar, a linguagem serve para viver. Logo, o nível semiótico existe apenas em função do nível semântico. Benveniste diz : “Opor a forma ao sentido é uma convenção banal (...); mas se nós tentarmos **reinterpretar esta oposição** no funcionamento da língua integrando-a e esclarecendo-a, ela retoma toda sua força e sua necessidade.” (grifos nossos, p. 222). Acreditamos que, nessa citação, mais uma vez, o método saussuriano de análise por oposição de pares mínimos intervém: o *enunciado* é *idêntico* à sua referência e *diferente* do sentido do emprego das palavras que o constituem.

Não podemos deixar de assinalar que Benveniste pouco fala da *palavra em emprego*. Portine (1997, p. 92) afirma que, para o autor, o sintagma não existe enquanto *nível*, uma vez que se agencia imediatamente em *um sentido*<sup>74</sup>. Tal concepção corrobora o fato observado no

<sup>73</sup> Para Normand (1997, p.231), sentido e referência não são distinguidos na enunciação, em Benveniste. Essa unicidade advém, segundo ela, da particularidade referencial dos indicadores de pessoa.

<sup>74</sup> Portine (1997) escreve : « il n’ y a pas pour Benveniste un niveau spécifique de syntagmes remarquables, mais une dynamique de l’agencement des signes qui rend possible le passage au niveau de la phrase, celle-ci ne se

capítulo 2 de que em Benveniste o *enunciado* não pode ser *segmentado*, *montado*, devendo ser considerado *d'emblée*. Se, como escreveu o autor em “Níveis da Análise Lingüística” (PLG I), a frase, ou para usar nosso termo, o *enunciado* não tem número finito, distribuição ou emprego; a única forma de definir o *enunciado*, de dizer a sua *diferença*, é através da referência a uma situação. O sentido do *enunciado*, dito irrepetível e efêmero, é, então, *diferente* do sentido repetível e constante da *palavra em emprego* ou das *frases* que o constituem.

O autor escreve:

“Na língua organizada em signos, o sentido de uma unidade é o fato de que ela tem um sentido, de que é significante. O que equivale a identificá-la pela sua capacidade de exercer uma “função proposicional”. (...) Um problema totalmente diferente consistiria em perguntar: *qual* é esse sentido? Aqui “sentido” se toma numa acepção completamente diferente” (PLG I, p. 136, grifo do autor).

Com essa citação, Benveniste deixa claro que dizer *o que o sentido é*, a saber, sua *identidade*, só é possível no *enunciado*. Na palavra em emprego, no nível da língua, o sentido é apenas identificado. Vemos, a seguir, tal posição reiterada no texto “A forma e o sentido na linguagem” (PLG II, p. 227): “A questão não é mais de definir o sentido, enquanto o que releva da ordem semiótica. No plano do significado, o critério é: isso significa ou não? Significar é ter um sentido, nada mais”. Ratificamos, com a citação acima, a idéia de que, no nível semiótico, o sentido é genérico.

Na conclusão do texto, Benveniste passa a usar o termo composto *língua-discurso* (p. 233) para definir o lugar da língua em uso, através da *sintagmatização* das palavras, do *enunciado*, por um locutor para referir a um alocutário. Tal termo e sua definição confirmam o fato de que a *enunciação* é o movimento, o ato em que língua e discurso atuam conjuntamente para produzir a *língua-discurso*. Com a língua-discurso, atingimos a *síntese* ou a *integração de sentido*.

Constatamos que, com a *língua-discurso*, atingimos a *linguagem*: princípio da comunicação e fim da língua (ver seção 3.1). Em “Os níveis de análise lingüística”, o autor

---

faisant pas par degrés mais par un saut (l' intégration) » (p. 92). Tradução nossa : « Não há para Benveniste um nível específico de sintagmas observáveis, mas uma dinâmica de agenciamento de signos que torna possível a

assinala que a *linguagem* constitui a *língua-discurso*: “é no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a **linguagem**.” (PLG I, p. 140, grifo nosso). As unidades da linguagem são a *palavra* e o *enunciado*. A *palavra* não retém senão uma parte do valor do signo. O *enunciado* é enformado de *sentido* e de *referência*. Concluímos ainda que num estudo do *enunciado* para Benveniste, deve-se considerar seu “sentido” de duas formas: 1<sup>a</sup>) *identificação*, através da *função* da *palavra em emprego* ou da *frase*; 2<sup>a</sup>) *compreensão*, através da referência do *enunciado* como parte do discurso que emana do *eu...*

Em *O aparelho formal da enunciação* (PLG II), a *língua-discurso* ganha contornos nítidos e novos sentidos apenas suspeitados nos textos anteriores. Para falar de língua em ação, Benveniste define o que entende por esse conceito. Trata-se da *enunciação* definida como: "o colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização" (p. 82). A seguir, ele demonstra os passos do processo de colocação da língua em funcionamento, isto é, da atualização da *língua-discurso*. Vejamos:

1º) A língua introduz o locutor como parâmetro para a enunciação; 2º) O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de jogo de formas específicas; 3º) Ao se declarar como locutor, ele imediatamente instala o outro, o alocutário; 4º) A referência é parte integrante da enunciação: como na enunciação a língua serve para expressar uma relação com o mundo, o locutor refere ao mundo pelo discurso para que outro co-refira identicamente, uma vez que o contexto faz de cada locutor um co-locutor. A situação cria um *centro de referência interno* composto de formas específicas responsáveis por colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação. Eis as formas: os índices de pessoa (a relação *eu-tu*), de espaço e de tempo (*aqui-agora*) e de ostensão de objetos (*este- aquele*) . Assim, *referência* e *co-referência* estão mutuamente implicadas na enunciação.

Com essa descrição, a *língua-discurso* ganha um novo sentido: não se trata apenas do sistema semântico, mas do amálgama dos sistemas semiótico-semântico. O *aparelho formal da enunciação* está contido na língua e, o ato de enunciação de *eu...* permite que *eu...* se aproprie da língua toda. Logo, a relação contingente-conteúdo relativa aos pares língua-enunciação é apenas um movimento, cujo ponto de vista adotado vai definir as relações e os

---

passagem ao nível da frase, não por graus mas por um salto (a integração)”.

sentidos entre os elementos lingüísticos<sup>75</sup>. Assim, do ponto de vista da sintaxe da língua, como vimos, há uma *dupla sintaxe* (do ELE e do EU/JE); já do ponto de vista da enunciação, há uma *sintaxe única* (do JE).

Benveniste postula que, ao lado desses elementos lingüísticos pelos quais a enunciação é *diretamente* responsável, há ainda outras formas às quais a enunciação oferece as condições necessárias, a saber, as *funções sintáticas*. O autor cita as funções de asserção, ordem e interrogação. No entanto, no texto “A forma e o sentido na linguagem” (PLG II, p.222), o autor afirma que a linguagem apresenta funções tão diversas e tão numerosas que o melhor seria resumir: a linguagem serve para *viver*. Com isso, Benveniste mostra que a enunciação é responsável por toda e qualquer função da língua.

Através da assunção de que a enunciação é um centro composto das categorias *eu-tu-este-aqui-agora*<sup>76</sup>, Benveniste desfaz a existência de uma *dupla* referência, objetiva e sui-referencial, e postula a existência de uma única referência, própria ao nível da enunciação, composta de referências objetivas e sui-referenciais subsumidas pela referência ao EU. Observamos ainda que, a partir desse texto, a enunciação passa a ter um *aparelho formal* pertencente à língua. A *forma* desse aparelho consiste justamente no paradigma referencial único *eu-tu-este-aqui-agora* que produz, a cada enunciação, *um* sentido a *um enunciado*. Não podemos deixar de lembrar que em “Os níveis de análise lingüística” (PLG I), Benveniste já afirmava que, no nível do discurso, não podemos falar de tipos de frases, mas de *uma* frase. Assim, todo e qualquer *enunciado* retira seu sentido do paradigma *eu-tu-este-aqui-agora*, mesmo que alguns desses elementos estejam apenas implícitos em alguns enunciados. Disso decorre que a *dupla sintaxe* do nível do signo converte-se em *sintaxe única*, que não quer dizer *uma sintaxe*, mas *uma* sintaxe particular que alia uma possibilidade a uma especificidade.

---

<sup>75</sup> Tal reflexão devemos, em parte, a Sônia Lichtenberg.

<sup>76</sup> Lichtenberg (2001, p. 247) conclui: “pois há um *eu-tu-aqui-agora* que cria *referência*, daí a multiplicidade de sentidos que não admitem controle, ou melhor, que o impossibilitam”. Cada um desses itens, em uma analogia, refere-se, abstratamente, a cada uma das partes da frase, a saber, sujeito, verbo, circunstâncias, objeto. Essa analogia leva-nos a supor que a enunciação comanda a *frase* em seu *todo*, pois afeta cada uma e todas as suas partes.”

A nosso ver, a novidade desse texto reside na formulação do conceito de aparelho formal de enunciação. Esse aparelho é definido como um centro de referência responsável pela colocação do locutor em sua própria enunciação, através de formas lingüísticas específicas expressando *pessoa, objeto, tempo e espaço*. Além disso, esse texto inova ao postular a *referência* como parte integrante da enunciação, confirmando a afirmação presente em “Da subjetividade na linguagem”, de que tanto o paradigma dos signos vazios quanto o dos signos plenos são convertidos, através do centro de referência interno a *eu*, em palavras submetidas a *um único* processo de enunciação<sup>77</sup>.

Uma afirmação de “O aparelho formal da enunciação” (PLG II) poderia nos intrigar, já que ela representaria um retorno à dicotomia entre os paradigmas do EU e do ELE. O fato mais intrigante é que essa dicotomia é negada, como dissemos, neste mesmo texto. Vejamos: “É preciso distinguir as entidades que têm **na língua** seu estatuto pleno e permanente e aquelas que, emanando **da enunciação**, não existem senão na rede de “indivíduos” que a enunciação cria e em relação ao “aqui-agora” do locutor”(p. 86, grifo nosso). Observamos ainda, nessa citação, a dicotomia *língua/enunciação*. No entanto, acreditamos que essa dicotomia não serve para *isolar* sentidos ou relações e sim para *relacioná-los*.

Em “Da subjetividade na linguagem” (PLG I), Benveniste observa a instalação da subjetividade no paradigma verbal. Na conjugação, *eu como, tu comes, ele come*, não há qualquer mudança no verbo em virtude da mudança de pessoa. Já em *Eu creio, tu crês, ele crê*, Benveniste observa uma profunda diferença entre o paradigma do EU e do ELE. *Eu creio* não é a descrição de um objeto, é um ato. Já em *ele crê*, há uma descrição do objeto do enunciado. Assim, em *Eu creio*, ele observa a instalação da “subjetividade” da língua.

A evidência dessa descrição parece difícil de superar. Contudo, deve-se sempre considerar o *ponto de vista* do qual se observa um determinado fenômeno. Do ponto de vista da língua enquanto sistema de signos, a *correlação de subjetividade* (EU x TU) é *interna* à *correlação de personalidade* (EU-TU X ELE), conforme “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (PLG I) (ver p. 259). Nesse âmbito, o que se pode dizer dos sentidos de EU/ TU e de ELE é apenas ‘sentido vazio’ e ‘sentido pleno’<sup>78</sup>. Em contrapartida, do ponto de vista da

<sup>77</sup> Devemos tal leitura, em parte, a Cardoso (1995, p. 164).

<sup>78</sup> Cf. “A natureza dos pronomes” (PLG I, p. 280).

língua enquanto relação entre locutores (ver 3.1), a *correlação de subjetividade* (EU x TU) é *externa* à *correlação de personalidade* (EU x ELE). Nesse âmbito, os índices *eu-tu-este-aqui-agora*, pertencentes ao paradigma do EU submetem o paradigma do ELE ao sentido único e irrepitível da presente enunciação. Assim, na enunciação, o centro de referência único *eu-tu-este-aqui-agora* submete ao paradigma do EU tanto o dizer “eu...” quando o dizer “ele...”. Na enunciação, a remissão e a submissão de “eu...” e “ele...” ao mesmo mecanismo de referência *eu-tu-este-aqui-agora* reflete a diluição da dicotomia existente entre signos de língua e signos de enunciação: atingimos a *língua-discurso*.

A evidência da descrição dos verbos performativos é relativizada: como vimos, o *eu* está implícito em toda enunciação. Isso revela que *toda* enunciação comporta, ao mesmo tempo, um apontar para o *objeto do enunciado* e para o *ato* de enunciação. Vejamos esquematicamente: dizer *ele crê* indica, ao mesmo tempo, dizer “em *que* ele crê” e que “*eu afirmo que* ele crê”; já, dizer *eu creio* indica, ao mesmo tempo, dizer “eu afirmo que eu creio” e dizer “em *que* eu creio”. Assim, o sentido de ‘ato’ para *ele jura...* ou de ‘objeto’ para *eu juro...* depende da referência de cada enunciação. Vemos aqui o que nomeamos como diluição de dicotomia entre língua e enunciação: de ato/descrição passamos a ato-descrição.

Decorre da postulação de uma referência única, o fato de que não podemos mais falar das noções de espaço e tempo de forma separada: toda enunciação parte do eixo *eu-tu-este-aqui-agora*. Logo, toda enunciação contendo preposições tem sentido de *espaço-tempo*. Assim, a anáfora, característica da *não-pessoa*, apresenta o tempo como um *antes* de referência nominal e um *depois* de co-referência pronominal. Já a referência única, característica da *pessoa*, apresenta o tempo em sua conjunção com o espaço, a saber, *espaço-tempo*, pois essa referência ocorre *d’emblée*, na ‘idéia’ que o locutor produz a cada enunciação. Com a enunciação, o *locutor* une a pessoa e a não-pessoa no paradigma referencial único *pessoa subjetiva-pessoa não subjetiva-objeto de ostensão-tempo-espaço*.

A descrição feita acima, realizada com uma certa simplicidade, merece um maior detalhamento, uma vez que são as noções de *espaço* e *tempo* que, segundo nossa primeira hipótese específica, caracterizam as preposições. É o que faremos na próxima seção.

### 3.4 As noções de *espaço* e *tempo* em suas implicações para a língua-discurso ou da passagem do espaço e tempo ao espaço-tempo

Resta-nos ainda investigar as implicações da *correlação de personalidade* e da *correlação de subjetividade* para as noções de *espaço* e *tempo*, tal como ela se apresenta em “A linguagem e a experiência humana” (PLG II). Como pudemos vislumbrar em “A natureza dos pronomes”, os índices de *espaço* e *tempo* são coexistentes e contemporâneos à instância de discurso de “eu...”. Tal como sucede com os pronomes pessoais, os índices de *espaço* e *tempo* possuem dois estatutos: 1º) se ligados ao paradigma do EU/TU, um estatuto de *pessoa*; 2º) se ligados ao paradigma do ELE, um estatuto de *não-pessoa*. No primeiro paradigma, temos a série *aqui* (*espaço*); *agora, hoje, ontem e amanhã* (*tempo*). No segundo paradigma, temos a série correlata *nesse lugar* (*espaço*); *nesse momento, nesse dia, no dia anterior, no dia posterior* (*tempo*). Desse estudo, faremos observações acerca das noções de *espaço* e *tempo* em sua consideração na *língua* e na *enunciação*.

Em “A linguagem e a experiência humana” (PLG II), Benveniste fala do *tempo* em sua correlação com a *pessoa*. O objetivo do autor é mostrar que o tempo possui uma natureza e configuração peculiar à língua e à experiência subjetiva. O autor mostra que o sistema temporal da língua não reproduz o *tempo* de forma objetiva, ou seja, o *tempo* não pertence ao paradigma do ELE, mas ao paradigma do EU. Para isso, o autor procura distinguir três conceitos de tempo, quais sejam, *tempo físico, tempo crônico* e *tempo lingüístico*.

O *tempo físico* é um contínuo uniforme, infinito, linear e segmentável à vontade. Ele tem por *correlato* na experiência humana uma duração variável medida pelo grau de emoção e de ritmo de vida interior de cada indivíduo. Assim, o *tempo físico* tem um aspecto objetivo (a de ser um contínuo infinito, etc.) e um aspecto subjetivo (a duração interna a cada indivíduo).

O *tempo crônico* é o tempo da seqüência de acontecimentos de nossa vida. Ele possui uma particularidade em relação ao físico: enquanto o primeiro, corre sem fim e sem retorno, o segundo, por estar mensurado objetivamente, admite que possamos olhar os acontecimentos em duas direções, a saber, do passado ao presente ou do presente ao passado. O aspecto objetivo do *tempo crônico* é expresso através de uma instituição das sociedades: o calendário. O calendário apresenta três condições de existência: 1ª) a postulação de um momento axial, condição dita *estativa*, ou seja, um acontecimento muito importante que oferece direção às coisas; 2ª) a condição dita *diretiva*, enunciada pelos termos opostos antes/depois... a partir do eixo de referência de um acontecimento importante; 3ª) a condição dita



*mensurativa*, na qual se fixa um repertório de unidades de medida - “dia”, “mês”, “ano”, etc.- para denominar os intervalos constantes entre as recorrências de acontecimentos. O *tempo crônico* organiza as posições objetivas das unidades de medida entre si e igualmente as organiza em relação à posição do *eu*. O calendário, por suas unidades fixas, é dito *intemporal*. O calendário somente se torna parte do tempo por aquele que *vive* o tempo, designando-o como passado, presente ou futuro. Assim, o *tempo crônico* é intemporal pois alheio às unidades variáveis da experiência humana no tempo.

O *tempo lingüístico* é referido às categorias da experiência humana. O *tempo lingüístico* é definido como aquele em que se manifesta a experiência humana do tempo, sendo radicalmente diferente do tempo físico, caracterizado por sua unidirecionalidade e do tempo crônico, caracterizado por sua bidirecionalidade objetiva. O *tempo lingüístico* tem como característica o fato de estar ligado ao exercício da fala e de se definir como função do discurso. Esse tempo tem seu centro no *presente* da instância da fala. Esse presente não deve ser confundido com o presente do *tempo crônico*: ele é reinventado a cada vez que o homem fala porque é um momento novo, ainda não *vivido*. O presente lingüístico é o fundamento das oposições temporais da língua, a partir do qual o homem fala do passado e do futuro, ditos *visões* sobre o tempo, uma vez que o presente lingüístico é o único tempo. Essa assimetria apresenta um aspecto formal: o presente lingüístico está implícito; as visões sobre o tempo devem ser explícitas. Assim, o eixo do *tempo lingüístico* não pode ser transferido para o passado ou para o futuro, senão a uma distância restrita. Benveniste conclui: “o único tempo inerente à língua é o presente axial do discurso (...) [o passado e o futuro] não se relacionam ao tempo, mas as visões sobre o tempo, projetadas para trás e para frente a partir do ponto presente” (p. 76).

Benveniste observa ainda o *tempo lingüístico* em sua relação com a comunicação *intersubjetiva*. Apesar do tempo presente ser subjetivo, isto é, imanente ao *eu* e apenas a sua experiência, durante a comunicação, o meu “hoje” se converte no “hoje” de meu interlocutor, ainda que não tenha sido instaurado pelo seu discurso. O *tempo lingüístico* é, portanto, intersubjetivo. Desse aspecto decorre que dizer “hoje” fora do discurso desliga-o do tempo lingüístico e remete-o ao tempo crônico que o *compreende* por “hoje, no dia tal, do ano tal”.

A partir dessas considerações, podemos dizer que o tempo crônico pertence ao paradigma do ELE, ou da *não-pessoa*; já o tempo lingüístico pertence ao paradigma do EU, ou da *pessoa*. Estamos, nesse momento, considerando o nível do signo (ou da *língua*)<sup>79</sup>. Como diz Benveniste, o tempo lingüístico é, freqüentemente, implícito. Assim, o tempo crônico é *identificado* por marcas específicas (ontem, no dia tal, hoje na hora tal), enquanto o tempo lingüístico é *interpretado* pelos locutores e interlocutores. A *não-pessoa* caracteriza-se pela *dissociação* de sentido, o que faz com que o tempo crônico surja como *segmentação* de tempos em seqüência, em que há consideração de um antes e um depois. Por sua vez, a *pessoa* caracteriza-se pela *integração* de sentido, o que faz com que o *tempo lingüístico* surja como uma *interpretação* do tempo *único* da enunciação, o presente, o qual se opõe ao passado e ao futuro. Assim, o *tempo crônico* é diretivo; o *tempo lingüístico* é concentrativo. Além disso, o *tempo crônico* comporta um grande número de termos, por oposição ao *tempo lingüístico*, que comporta um pequeno número de termos. A dicotomia *tempo crônico/tempo lingüístico* realiza-se, portanto, na *correlação de personalidade*, a qual toma seu lugar na *língua*.

Se o paralelismo paradigma do ELE – tempo crônico e paradigma do EU – tempo lingüístico está correto, temos que a dicotomia tempo crônico/tempo lingüístico se desfaz no processo de enunciação. Como vimos, a dicotomia referência objetiva/sui-referência realiza-se no nível do signo (ou da língua), ou no nível das formas. Tal dicotomia se desfaz em uma referência única, em que o paradigma do EU subsume o paradigma do ELE, durante a enunciação. Da mesma forma, a dicotomia *tempo crônico/tempo lingüístico* se desfaz na referência única ao tempo, na enunciação. Assim, a referência do *tempo crônico* pode remeter ao tempo lingüístico em toda e qualquer enunciação. Eis a junção do tempo lingüístico e do crônico, ou melhor, sua imbricação em tempo crônico-lingüístico. Daí decorre, em nosso entendimento, que o *tempo lingüístico* apresenta dois aspectos: a co-referência do discurso nas relações internas do *enunciado* é o aspecto objetivo; a ligação das relações internas ao *enunciado* ao presente implícito e único da *enunciação* de *eu-tu* é o aspecto objetivo-subjetivo. A conjunção *tempo crônico-tempo lingüístico* realiza-se, portanto, na *correlação de subjetividade*, a qual, por sua vez, toma seu lugar na *enunciação*.

---

<sup>79</sup> A observação de um paralelismo existente entre os tipos de tempo e as categorias de pessoa e não-pessoa deriva, em parte, da tese da dissertação de mestrado de Bressan (2003). Nessa dissertação, a autora relaciona a frase nominal ao paradigma da *não-pessoa*, por oposição à frase verbal, relativa à *pessoa*.

As características atribuídas ao *tempo* podem, na Teoria da Enunciação, serem auferidas ao *espaço*, uma vez que ambas as noções têm o mesmo estatuto nessa teoria, de acordo com “A natureza dos pronomes” (PLG I, p.279). Segundo Lichtenberg (2001, p. 139), a tripartição espacial pertinente pode ser nomeada da seguinte forma: *espaço físico*, *espaço geográfico* e *espaço lingüístico*. Podemos dizer, por conseguinte, que as noções de *tempo* e *espaço*, concebidas em signos dissociados na língua, integram-se em signos-palavras na *apropriação* da língua por um *eu*, em uma única referência dita *espaço-tempo*.

### **3.5 Considerações parciais: a relevância da locução para a sintaxe da enunciação**

A partir do estudo da teoria da enunciação, observamos que as noções de *espaço* e *tempo* apresentam funcionamento completamente diferente na perspectiva enunciativa e na não-enunciativa. Nesta última perspectiva, apresentada pelas gramáticas e estudos lingüísticos brasileiros, *espaço* e *tempo* são apresentados de forma genérica, dicotômica e em estreita relação com a natureza lexical do complemento verbal. Essa última característica evidencia-se em especial nas análises de Cunha (1975) e de Neves (2000), duas das gramáticas que apresentam *um estudo centrado nas noções de espaço e tempo*. Além disso, nem todas as preposições ou mesmo nem todos os usos de uma preposição indicam sentido de *espaço* ou *tempo*, tanto para as gramáticas quanto para os estudos lingüísticos abordados.

Em contrapartida, em nossa reflexão sobre Benveniste, *espaço* e *tempo* são apresentados de forma específica, pois têm referência única a cada enunciação, em uma dicotomia que se desfaz na enunciação, na conjunção *espaço-tempo* (ou *aqui-agora*) e em estreita relação com o todo do *enunciado*. Como vimos em “A forma e o sentido da linguagem” e em “Os Níveis da análise lingüística”, não há tipos de frases, mas há *a frase*, ou o *enunciado*. Com isso, o *enunciado* está sempre relacionado ao centro de referência única, *eu-tu-este-aqui-agora*, mesmo que alguns de seus termos estejam implícitos.

Dessa forma, todo e qualquer *enunciado* pode ser descrito a partir das noções de *espaço-tempo* que circunstanciam o dizer de *eu*. Assim, conforme nossa hipótese geral, todas as preposições podem ser descritas em função das noções de *espaço* e de *tempo* sob uma perspectiva enunciativa, a saber, *espaço-tempo*. Não devemos nos enganar com a singeleza de

um hífen: estamos apresentando uma noção inteiramente nova. O sentido de espaço *ou* tempo decorre de uma *parte da frase*, localizada sintaticamente e denominada *predicado verbal*, segundo as gramáticas estudadas. *Espaço-tempo* é categoria lingüística presente no centro de referência único de EU, as quais, por conseguinte, *atravessam* todo o *enunciado*.

Constatamos ainda que a dupla sintaxe da língua é, na enunciação, convertida em *uma* sintaxe, tendo em vista o centro de referência único- *eu-tu-este-aqui-agora* - cujas categorias podem estar implícitas à enunciação, mas não menos presentes. Como vimos, Benveniste postula, inicialmente, dois mecanismos referenciais: o objetivo ou “anafórico” e o sui-referencial ou “dêitico”<sup>80</sup>. Esses mecanismos encerram *duas* sintaxes: o primeiro propõe uma sintaxe de *localização* de sentido; o segundo uma sintaxe de *unicidade* de sentido em cada enunciação. Essa dupla sintaxe desdobra-se em uma sintaxe de oposições, da ordem da correlação de personalidade, e uma sintaxe *d’emblée*, da ordem da correlação de subjetividade. Cada enunciação, ao remeter a um *eu*, um *tu*, um *este*, um *aqui* e um *agora* diferentes, propõe *um* sentido único, dado que irrepetível, para cada *enunciado*. Vemos aqui reafirmada a análise *d’emblée* da língua: da noção de *espaço* ou *tempo* passamos à noção unitária de *espaço-tempo*. Como vimos na seção 3.2, a correlação de subjetividade é, na língua, interior à correlação de personalidade. Quando da enunciação, a correlação de subjetividade passa a ser externa à de personalidade, subordinando-a, ao subordinar as oposições de referência do ELE à *unicidade* de referência de “eu...”.

Com isso, ratificamos a idéia de que, em Benveniste, o *enunciado* é *idêntico* a si mesmo e *diferente* do sentido de suas partes<sup>81</sup>. Relembrando Benveniste, em seu constantemente citado “Os Níveis da Análise Lingüística”: “Uma frase constitui um todo, que não se reduz à soma das suas partes”(PLG I, p. 132). Enquanto para perspectiva das gramáticas brasileiras abordadas, *uma sintaxe constrange um sentido*, em uma perspectiva

---

<sup>80</sup> Os nomes anáfora/dêixis são *mencionados entre aspas*, porque, conforme Flores e Silva (2000, p. 37-8), eles remetem a perspectivas epistemológicas divergentes em relação à teoria da enunciação. Além disso, o termo *dêixis* aparece apenas no texto “A natureza dos pronomes”, ainda assim com ressalvas e o termo *anáfora* não é utilizado. Acreditamos, com isso, que eles não são inteiramente *apropriados* por Benveniste.

<sup>81</sup> Mais uma vez, observamos uma das máximas saussurianas aplicadas à teoria de Benveniste: *a análise da língua depende do ponto de vista*. Em “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (PLG I, p. 247), o autor afirma que a “terceira pessoa” é dita, na gramática indiana, primeira pessoa. Assim, do ponto de vista da língua, o *ele* é primeira pessoa; do ponto de vista da enunciação, o *eu* é primeira pessoa. Por isso, ao abordarmos o método da identidade/diferença para a sintaxe da língua e para sintaxe da enunciação, obtemos pontos de vistas diferentes.

enunciativa, *um* sentido constrange *uma* sintaxe. Se para a primeira perspectiva, a sintaxe é *não-múltipla* e *parcial*, para a segunda, a sintaxe é *múltipla* e *total*. *Múltipla*, pois implica a análise das várias partes do *enunciado* e *total*, pois unifica as várias partes do *enunciado* para constituir o sentido único ou a *referência* da *enunciação*. Eis a *sintaxe da enunciação*.

A seguir, procuraremos demonstrar em que consiste a *sintaxe da enunciação* aplicada a um estudo das preposições, através da análise dos textos “O sistema sublógico das preposições em latim” (PLG I) e “Para uma semântica da preposição alemã *vor*” (PLG II). Nessa retomada, faremos uma comparação entre os dois textos, buscando observar a metodologia de análise das preposições.

Tanto em um quanto em outro texto, Benveniste rejeita o sentido “causal” das preposições *prae*, latina, e *vor*, alemã (traduzidas como ‘diante’ ou ‘de’). Acreditamos que Benveniste, ao rejeitar o sentido “causal” das preposições latina *prae* e alemã *vor*, não rejeita *um* possível efeito de sentido em um *enunciado*, mas a *descrição* dada, a qual é feita com base na preposição tomada isoladamente. A descrição de Benveniste, por seu turno, observa uma locução em que se encontra a preposição em um *paralelismo* com outra locução da língua. Tomemos o caso da preposição alemã *vor* (‘diante de’, ‘de’). De fato, nas *locuções singrar* *diante do vento* e *chorar de alegria*, o sentido da segunda frase deriva do sentido da *locução* do primeiro. O sentido é ‘impulsão de um objeto/ser (o sujeito gramatical) dada por outro objeto (o complemento)’. Benveniste observa ainda que *diante do vento* é um aposto adverbial. Ele sugere, a partir disso, a existência de uma estreita relação entre a função da preposição e a do advérbio<sup>82</sup>. Não é de se surpreender, então, que a preposição latina *prae* tenha seu uso expandido para o que a gramática chama de *oração subordinada adverbial comparativa* e *adverbial causal*. “O *prae* causal e o *prae* comparativo devem explicar-se juntos pelo mesmo esquema sublógico que está na base dos empregos comuns de *prae*.” (PLG I, p. 146). Com a citação, vemos que o autor não se ocupa da segmentação da forma da *locução* e sim da totalidade do sentido da mesma. Eis a ratificação da análise *d’emblée* da língua.

A descrição de Benveniste é assaz interessante, uma vez que revela a real natureza das preposições na língua-discurso: a inexistência. Nenhuma preposição ocorre sozinha na

---

<sup>82</sup> Como observa igualmente Câmara Jr (1984, ver cap. 2, nota 25).

enunciação<sup>83</sup>, aparecendo na mesma, por exemplo, através de locuções<sup>84</sup>, ainda que curtas, com a função de pergunta: *de quê, para quem?*, etc. Logo, a *locução* é a condição de enunciação das preposições. Em “Os níveis da análise lingüística”, o autor caracteriza a *palavra* como relevando mais fortemente da configuração sintagmática, diferentemente do *signo*, que releva mais fortemente das relações paradigmáticas. O autor distingue ainda dois grupos de palavras, conforme sua relação com os *elementos sintagmáticos*: as palavras *autônomas*, que funcionam diretamente como constituintes de *enunciado*, e as palavras *sinônimas*, que só podem entrar em *enunciados* acrescentadas de outras palavras. Nesse último grupo, o autor inclui as preposições (ver PLG I, p. 132-3). Assim, “palavras acrescentadas de outras palavras” equivale ao que chamamos de *locução* e pertence ao nível da língua, por constituir *enunciado*, mas ainda não ser *enunciado*.

Enunciar uma realidade não é suficiente: como escreveu Saussure, não basta assinalar uma verdade, é necessário dizer de seu lugar em uma reflexão. Exploremos melhor o conceito *a enunciação tem condições*. Dizer das *condições* das coisas é dizer de seus *a priori*. Estaríamos nós reconhecendo que a *enunciação*, que, à primeira vista, pertence bem à experiência, tem algo de conceito *a priori*? No capítulo 3, assinalamos a centralidade da *linguagem* na reflexão benvenistiana: ela é definida como condição da comunicação intersubjetiva. Assim, se a *linguagem* é a condição da *enunciação*, a *enunciação* por pertencer a toda humanidade, é também *a priori*. Ela tem como condição a postulação de *eu*, de um *tu*, de *objeto de ostensão*, de *tempo* e de *espaço*, os quais também adquirem o status de conceitos *a priori*.

Os conceitos *a priori* não dependem da experiência, o que não significa dizer que *negam* a existência de objetos externos ao sujeito. Não estaríamos de volta à discussão do *significado* do *signo*, tal como empreendido pelo autor em “A forma e o sentido da linguagem”? Se dizer do *significado* do *signo* é dizer de sua existência em relação a outros signos e nada mais, dizer da *enunciação* ou do *tempo* ou do *espaço* ou da *locução* sem

---

<sup>83</sup> Possivelmente, a única exceção é a preposição *até*, no cumprimento de despedida: *Até!* ou *Contra*, em resposta a uma pergunta, por exemplo.

<sup>84</sup> A *locução* é definida como: 3. Gram. Conjunto de palavras que equivalem a um único vocábulo, por terem significado conjunto próprio e função gramatical única. As locuções podem ser adjetivas, adverbiais, conjuntivas, interjetivas, prepositivas, substantivas e verbais (HOUAISS, 2001). Apesar de não termos mantido esse conceito de *locução* para as análises enunciativas (ver 4.1), ele serve como ponto de partida para nossa reflexão.

*referência* a uma instância de discurso, esta sim pertencente ao nível da experiência, é sempre e somente afirmar sua existência e nada mais. Assim, *espaço* e *tempo* não podem ser definidos *a priori*: eles apenas existem *a priori*, um em oposição ao outro, da mesma forma que os *significados* dos signos. Curiosamente, as gramáticas e os estudos lingüísticos abordados não conceituaram *espaço* e *tempo*, apenas assinalaram sua existência para as preposições. Como proceder diferentemente? Da mesma forma, a locução surge como um signo, o qual, tendo um significante delimitado, não pode ter seu significado descrito, apenas apontado em relação às noções de espaço *ou* de tempo. A locução surge como frase apenas no momento em que *refere* a uma instância de discurso particular, a uma experiência. Se na afirmação *a priori* benvenistiana “eu é quem diz eu”, tal fato deve ser *permanente* a cada momento que *eu* enunciar. Assim, dizer que a locução é a condição de enunciação das preposições significa dizer que a locução surge como algo permanente, exterior ao ato de enunciar, mas tomada em uma *posição*<sup>85</sup> pelo sujeito, ou, para usar as palavras de Benveniste, em um *sentido*.

As locuções apresentam ainda outros aspectos. Elas pertencem bem ao nível da língua e da língua-discurso: são elas, portanto, que constituem o nível limítrofe entre o *signo* e o *enunciado*, tal como observado no capítulo 2. Elas guardam *relações sintagmáticas in absentia*, para retomar Bouquet (1997), mas nascem exclusivamente da enunciação. Da língua, guardam a fixidez de uma estrutura gramatical; da língua-discurso, guardam o sentido do todo da *locução*. Por exemplo, para que o sentido de ‘impulsão’ se realize, todo e cada um dos elementos da locução é necessário. Na locução *chorar de alegria*, por exemplo, há a necessidade de uma impulsão interna ao sujeito (*alegria*), propiciada pela preposição (*de*) em sua noção de movimento e tempo; essa impulsão gera uma ação involuntária (*chorar*) em um sujeito. Com a locução *chorar de alegria*, ilustramos que há uma “contaminação” do sentido único de *excesso* da palavra *chorar* à palavra *alegria*. Novamente, verificamos que, em uma análise *d’emblée*, o sentido do todo do *enunciado* é diferente do sentido da soma de suas partes.

Se *chorar de alegria* e *singrar (diante) do vento* têm o mesmo significado, tal fato decorre, segundo o autor, do *sentido geral da preposição* (p. 142) ou do *valor*. Como vimos

---

<sup>85</sup> Ao tratar da teoria benvenistiana, Dahlet (1997, p. 74-5) afirma que, para esse autor, os objetos referem ao sujeito, à medida que são apreendidos em uma determinada *posição* pelo sujeito, ou “esses objetos se deslocam na perspectiva das (dis)posições (estritamente enunciativas, não esqueçamos) variáveis do locutor no discurso”.

em “A forma e o sentido da linguagem”, o *valor* é de caráter genérico, pertencendo ao nível semiótico. Como a teoria da enunciação integra os níveis semiótico e semântico (em semiótico-semântico), devemos partir das *identidades* de valor de várias locuções e observá-la na sua diferenciação no *enunciado*. Cabe observar ainda que, para aceder ao nível do *valor* da preposição, devemos entender *locução* como a relação entre uma palavra em análise, no caso, a locução com preposição, e um paradigma de palavras, tal como Benveniste faz ao observar a relação de significação entre *morrer de rir* e *singrar (diante) do vento*. Essa relação paradigmática é por nós denominada de *paralelismo sintático*<sup>86</sup>. Além disso, observamos que, para Benveniste, como *gramático comparatista*, a *identidade sincrônica* dos signos não está atrelada a uma igualdade material, antes a uma igualdade psicológica, abstrata (cf. 2.5).

A *locução*, por pertencer ao nível semiótico e semântico, será considerada como pertencente aos dois níveis. Como vimos, a *generalidade* é bem uma característica do *signo* ou do sistema semiótico (cf. 3.2). Além disso, vimos que devemos postular algo de *permanente* para que possamos apreender a *variabilidade*, cujo domínio é sobremaneira o *enunciado*. Dessa forma, como já dissemos, uma locução, por ser mecanismo gramatical constante e de significação genérica, pode bem representar o nível semiótico. Em contrapartida, a locução, por ser igualmente uso, pode bem representar o nível semântico.

Em 3.3, observamos que, para Benveniste, *há duas maneiras de ser língua no sentido e na forma*. Daí se depreende que a locução, unidade intermediária entre língua e linguagem, deve ser considerada em seu duplo aspecto de “forma” e de “sentido”. Eis a *dupla sintaxe*. Como unidade da ordem semiótica, a locução é da ordem do *signo* e do *significado distintivo, conceitual*. Como unidade da ordem semântica, a locução é da ordem da *palavra* e do *sentido particular, da referência*. Benveniste (PLG II, p. 229) acrescenta ainda que, se os elementos de uma e outra ordem coincidem, eles tem, no entanto, estatuto diferenciado em cada uma delas. Tal afirmação será ilustrada sobremaneira no capítulo 5.2, em que tomaremos *uma* locução em sua forma e significado no nível semiótico e observaremos como sua forma e sentido são diferentes em dois enunciados, ou seja, no nível semântico.

---

<sup>86</sup> Benveniste (PLG I, p. 143) utiliza a palavra *paralelismo* para referir a unidade de construção sintática existente entre duas locuções. Preferimos a denominação *paralelismo sintático* a *paralelismo*, uma vez que a mesma explicita a unidade entre termos considerados em sua construção sintática.



Benveniste, no texto sobre verbos delocutivos (ver cap. 2), cunha a passagem de uma locução a um uso lingüístico de *derivação sintática* (PLG I, p. 308). Teríamos para as preposições, tal como para os delocutivos e para os compostos eruditos<sup>87</sup>, um caso de *derivação sintática*? Acreditamos que sim. Flores e Silva (2002) observaram que Benveniste usa *função delocutiva*, para os verbos que não são plenamente delocutivos. Assim, apenas um sentido do verbo *desculpar*, a saber, ‘dizer desculpas!’, deriva um verbo em função delocutiva. Com isso, podemos dizer que *derivação sintática* define-se pela passagem de um *enunciado* atual a um *enunciado virtual*<sup>88</sup>, ou seja, de uma locução enquanto *palavra* a uma locução enquanto *signo*. A preposição, como qualquer outra classe gramatical que é parte integrante da locução, pode ser estudada em seu sentido enunciativo, ou seja, na unidade da locução ou do *signo-palavra*.

Se a relação entre língua e enunciação é a de um *movimento*, podemos observar uma dupla implicação entre *locução* e *enunciado*. Da enunciação à língua, o *enunciado*, por sua freqüência e regularidade, atinge um *status* de *frase* cristalizada na língua, constituindo um *valor* de locução. Em contrapartida, da língua à enunciação, a *locução* atinge inúmeros sentidos a cada vez que for enunciada, constituindo uma *referência* de locução. Dessa forma, entre a sintaxe da língua ou o nível do signo e a sintaxe da enunciação ou o nível do enunciado, há a constituição do *ato individual de utilização da língua*, ou da *língua-discurso*. É nesse e apenas nesse lugar que podemos constituir uma análise enunciativa dando conta do movimento locução-enunciado, ou da passagem do sentido geral e repetível de *espaço* ou *tempo* ao sentido específico e irrepetível de *espaço-tempo*. Em sintaxe *d’emblée* ou sintaxe da


<sup>87</sup> Além desses casos, em “Mecanismos de transposição”, seção Estruturas e análises (PLG II), Benveniste estuda o sufixo *-eur* francês (‘-dor’), mostrando que o mesmo advém de duas estruturas sintáticas, o que faz com que uma palavra como *travailleur* (‘trabalhador’) tenha sentidos distintos, conforme a frase. Há *derivação sintática*, pois uma frase deriva outra frase. Com isso, assinalamos que a asserção defendida no capítulo 2, a saber, *o estudo da língua é o estudo da sintaxe*, encontra nesse texto mais um suporte.

<sup>88</sup> O autor diz, em “Mecanismos de transposição”, que se trata antes de uma “*derivação*” do que de uma “*descrição funcional*” (p. 115). Embora nos textos “*Formas novas de composição nominal*” (PLG II) (sobre compostos eruditos) e “*Para uma semântica da preposição vor*”, não seja utilizado o termo *derivação*, a necessidade da aplicação desse termo aos textos precedentes é marcada pela existência da mesma descrição presente em “*Os verbos delocutivos*” e “*Mecanismos de transposição*”, nos quais o termo *derivação* aparece. Além disso, em “*Fundamentos sintáticos de composição nominal*” (PLG II), conforme Moïnfar (1997, p. 369) aparece o termo *metamorfismo*, definido como “*transformação de um enunciado atual em virtual*” (PLG II, p. 163). Essa definição é, para nós, a mesma de *derivação sintática*. Em síntese: a *derivação sintática/metamorfismo* está presente nas análises morfológicas do autor. A morfologia constitui, para ele, portanto, uma “*micro-sintaxe*” (termo empregado em PLG II, p. 147-8 para referir a composição nominal). Agradeço a Sônia Lichtenberg a discussão dessas idéias (LICHTENBERG, 2004).

enunciação, a análise da identidade de dois signos-palavra ou locuções sintaticamente diferentes, desde que considerados *sintagmaticamente*, conduz à *integração* conjuntiva de sentidos interligados em uma e apenas uma enunciação. Temos aqui demonstrada a tese de que, na sintaxe da enunciação, *um sentido constrange uma sintaxe*.

Façamos um quadro

acerca da sintaxe *d'émblée* em Benveniste:



<p>SINTAXE</p> <p><i>D' EMBLÉE</i>      <b>enunciação</b></p> <p><i>Diferença</i></p>	<p><i>Identidade</i></p> <p>Sintaxe enquanto mecanismo gramatical</p> <p>Unidade: <i>locução</i></p>
	<p>Sintaxe enquanto uso</p> <p>Unidade: <i>enunciado</i></p>

Quadro 13 - Sintaxe *d'émblée* em Benveniste

#### 4. CONSEQÜÊNCIAS METODOLÓGICAS PARA UM ESTUDO ENUNCIATIVO DAS PREPOSIÇÕES: do método e do *corpus*

“O método é uma característica essencial da Ciência. A comprovação da hipótese pelos fatos é uma exigência do método. Para Hegel, a ciência é o método.” (RABUSKE, 1987, p. 28)

##### **Introdução**

Neste capítulo, pretendemos buscar uma metodologia própria ao estudo enunciativo das preposições do português. Tal método parte da consideração da *locução*, tal como definida no capítulo anterior. Ressaltamos, por conseguinte, que a *locução* é o conceito operatório para a passagem da língua à língua-discurso.

A partir disso, procuraremos definir os conceitos essenciais a uma análise enunciativa, a saber, *locução*, *valor*, *dissociação*, *enunciado*, *integração*, *co-referência*, *enunciação*, *referência*, *locutor*, *alocutário*, os quais se mostraram relevantes em diversos momentos do estudo da Teoria da Enunciação, ainda que alguns desses não fossem nomeados da forma apresentada. A seguir, derivaremos dessa metodologia um conceito de *corpus* pertinente a uma análise da sintaxe enunciativa. Para isso, pautar-nos-emos nas observações de Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989), Flores (2001), Fiorin (2002) e de Authier-Revuz (1998, 2004) acerca do *corpus* em Teoria da Enunciação. Além disso, a partir de uma reflexão acerca da Lingüística de *Corpus* em sua intersecção com a Teoria da Enunciação,

procuraremos balizar a *constituição do corpus* de análise. Finalmente, apontaremos as notações a serem utilizadas nas análises.

Este capítulo será dividido de acordo com os elementos indispensáveis para uma análise enunciativa, a saber, *método e corpus*: 4.1 Da metodologia de análise; 4.2 Da constituição do *corpus*.

#### 4.1 Da metodologia de análise

Como o percurso de nosso trabalho inicia por um estudo das preposições na língua, conforme gramáticas, estudos lingüísticos e Benveniste, nossa análise das preposições segue o mesmo percurso. Dessa forma, partiremos de uma análise da locução como condição de enunciação das preposições. A seguir, procederemos a análise enunciativa propriamente dita. Ao final, mostraremos, através de um quadro-síntese, como uma *locução* pode *derivar* diversos sentidos, conforme a referência única ao *eu-tu-este-aqui-agora* de cada *enunciado*.

Com isso, observamos que nosso trabalho apresenta *duas* unidades de análise: a *locução* e o *enunciado*. Apenas com a constituição dessas duas unidades, poderemos demonstrar a dicotomia que opera o movimento entre língua e língua-discurso<sup>89</sup>. A constituição de *duas* unidades de análise, ainda que artificialmente separadas, permite-nos, enquanto *analistas* da Enunciação e não enquanto *enunciadores*, simular o “ato individual de utilização da língua”. Se, de acordo com o texto “O aparelho formal da Enunciação”<sup>90</sup>, a língua, para o locutor, é tomada “como ato, situações e instrumentos de sua realização”; para o analista, inversamente, a língua é tomada como: 1º) instrumentos de sua realização, 2º) situações e 3º) ato<sup>91</sup>. Assim, não nos basta justificar a pertinência da simulação de dois objetos de análise. É, além disso, nossa incumbência mostrar forma de acesso a esses dois objetos. A máxima saussuriana *O ponto de vista cria o objeto*, ao ser por nós enunciada, ganha outro

---

<sup>89</sup> Conforme Barbisan (2004, p. 71-2), a coexistência metodológica entre nível semiótico e semântico não adquire, para Benveniste, outro valor senão o de uma articulação na enunciação.

<sup>90</sup> PLG II, p. 83.

<sup>91</sup> A tomada desse ponto de vista analítico pode ser igualmente observada em Authier-Revuz (1998, p. 16), a qual declara sua filiação teórica ao que chama de “neo-estruturalismo”, representado por Benveniste e outros. Vejamos: “identificar, inventariar, classificar e descrever as formas através das quais se realiza o desdobramento metaenunciativo; relacionar tais formas a posições enunciativas particulares a discursos, gêneros e sujeitos.”

valor: *O ponto de vista cria objetos*. Se, em nosso trabalho, os objetos são *locução* e *enunciado*, do ponto de vista do *analista*, devemos tomar, em primeiro lugar, o instrumento de sua realização, ou seja, a *locução* e, partir daí, observar sua situação, isto é, os outros elementos lingüísticos em correlação de sentido com a locução para, a seguir, observar o ato de enunciação, isto é, a *referência* do *enunciado*, em sua consideração ao *eu-tu-este-aqui-agora*.

Finalmente, cabe-nos definir os termos a serem utilizados em nossa metodologia:

1. *Locução*: unidade de análise pertinente ao enunciado. É um signo-palavra, definido por ser constituído de elementos organizados em uma estrutura que pode apresentar variações em um dos elementos (morrer de *ódio*/morrer de *raiva*). Seu sentido é determinado por seu *valor*.

2. *Valor*: sentido repetível e genérico da locução na língua identificado a partir das relações de oposição paradigmática.

2. *Dissociação*: processo enunciativo de apreensão das formas da locução e de outros signos-palavra para constituição das relações de *integração* no enunciado.

3. *Enunciado*: unidade de sentido das relações de integração da locução com os outros signos-palavra do enunciado. Sua extensão é não-determinável. Seu sentido é determinado por sua referência.

4. *Integração*: processo enunciativo de relação de sentido da locução com outros signos-palavra para a constituição da *referência* do enunciado.

5. *Co-referência*: tipo de processo enunciativo no qual dois ou mais signos-palavra estão em identidade de sentido, por fazerem referência a um mesmo tema. É uma relação de sentido entre signos-palavra sintática e semanticamente interdependentes no enunciado.

6. *Enunciação*: ato individual e único de utilização da língua por um locutor a um alocutário para referir ao mundo em um dado espaço-tempo.

7. *Referência*: sentido irrepetível e único da locução no enunciado compreendido a partir das relações de integração sintagmática.

8. *Locutor*: pessoa subjetiva responsável por referir ao alocutário através da apropriação da língua possibilitada pelo aparelho formal de enunciação.

9. *Alocutário*: pessoa não subjetiva responsável por co-referir à enunciação do locutor.

A partir do exposto, nossa metodologia de análise enunciativa das preposições em português obedece às seguintes etapas:

<p>- A locução: <i>a dissociação</i> - constituição da estrutura da locução</p> <p>- A locução no enunciado: <i>a integração</i> - constituição de relações de interação entre <i>a</i></p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 14 - Metodologia de análise enunciativa das preposições

Cabe lembrar que cada uma dessas etapas situa-se no movimento efetuado na *enunciação*, ou na *língua-discurso*, conforme quadro 13. É neste e apenas neste espaço que podemos realizar uma análise *única* da língua. Ressaltamos ainda que a divisão em etapas da metodologia corresponde a uma necessidade metodológica e não uma realidade empírica, dado que, como vimos no capítulo 3, o sentido da Enunciação é *d'emblée*.

## 4.2 Da constituição do *corpus*

Nesse item, trataremos de: 1) dos procedimentos de coleta do *corpus*; 2) das características do *corpus*; 3) das notações utilizadas nas análises.

### 4.2.1 Do conceito e da coleta do *corpus* ou do *corpus* de dados

Definir *corpus* para a teoria da enunciação tem sido uma tarefa árdua mas não menos importante. Os estudos existentes são esporádicos e um tanto inexatos<sup>92</sup>, lançando antes um

<sup>92</sup> Vejamos o que dizem esses estudos: “Para a teoria da enunciação, a utilização de *corpus* não pode dar-se no sentido mais estrito deste conceito. Não considerarmos aqui que um conjunto de dados deve ser determinante para as hipóteses descritivas ou explicativas que se possam construir. (...) O nosso

*programa* de estudos do que uma definição precisa de *corpus*. Dentre os estudos existentes, o único que parece apontar com mais rigor para um *corpus* de natureza enunciativa é o de Authier-Revuz (2004, p. 239-257). A partir da análise do sintagma *câmara de gás* em um texto negando o extermínio dos judeus, ela relaciona o *dado* lingüístico – a saber, o sintagma –, em sua apresentação e distribuição sintática no texto em exame, ao *fato* lingüístico – a saber, o texto em questão –, em seu *sentido* decorrente da configuração do dado. Observamos, com Authier-Revuz (2004), que o par *dado/fato*, tanto quanto o par metodológico *identidade/diferença*, ou como o par de unidades de análise *locução/enunciado*, não está dissociado em uma análise de sintaxe enunciativa. Na verdade, um conduz ao outro. Dessa forma, nosso *corpus* final de preposições (ver quadro 11, cap. 1), entendido como *corpus* de *dados*, nos conduz necessariamente a um *corpus* de *enunciados* (ver cap. 5), entendido como *corpus* de *fatos*. Dessa forma, o *corpus* de *enunciados* contém necessariamente o *corpus* dos dados. Em conseqüência, acreditamos que o *dado* lingüístico tem uma importância fundamental para a constituição do *corpus*, uma vez que esse constitui o ponto de partida para a formação do *fato* lingüístico. A fim de dar conta dos dados lingüísticos ou do aspecto formal do *corpus*, buscamos a definição de *corpus* da Lingüística de *Corpus* bem como a relação do *dado* lingüístico para a constituição do *fato*.

O *corpus* é definido em Lingüística de *Corpus* por seus aspectos de forma e de adequação ao objeto de pesquisa. Sendo essa lingüística definida como uma *abordagem*<sup>93</sup>,

---

objeto de análise aqui são os recortes enunciativos (discursivos).” (Orlandi et. al., 1989, p. 37); “O *corpus* foi constituído de três fontes distintas (...) Esse banco de dados serviu de controle para a descrição, pois nele, com a facilidade que nos oferece a informática, podem ser examinados centenas de exemplos, o que permite afirmar que possibilita ao pesquisador uma noção bem clara do funcionamento da língua hoje no Brasil” (Fiorin, 2002, p. 23); “Em lingüística da enunciação, reafirma-se a máxima saussuriana *o ponto de vista cria o objeto*, ou seja, o fato lingüístico não é anterior ao ponto de vista teórico adotado pelo cientista, mas é por ele determinado. (...) Não existe um fenômeno lingüístico *a priori* a ser estudado, (...) basta que, para isso, [um fenômeno lingüístico qualquer] seja contemplado com referência às representações do sujeito que enuncia, à língua e a uma dada situação. Eis o *corpus*”. (Flores, 2001, p. 58). Esse último autor esclarece em nota, a partir da palavra *corpus*, o *status* de suas palavras: “Não faço aqui mais do que sugerir algumas observações iniciais”. Ressaltamos que essa nota reflete nossa posição acerca dos autores citados.

<sup>93</sup> Segundo Sardinha (2000, p.355-7), a Lingüística de *Corpus* não é uma simples *metodologia*, pois produz conhecimentos novos, e nem uma *disciplina*, pois não possui um objeto próprio, servindo aos mais variados objetivos. Para o autor, ela é uma *abordagem*, pois pressupõe princípios filosóficos. O fato de não ser uma *disciplina* faz com possa ser usada em pesquisas com diversos propósitos.

<sup>6</sup> As características observadas para a constituição de um *corpus* são definidas: a *autenticidade* diz que os usos devem ser de natureza comunicativa e não artificiais; a *naturalidade*, que se deve observar usos de falantes nativos; a *critériosidade*, que a construção de *corpus* deve contemplar usos cujas características sejam pertinentes ao trabalho em desenvolvimento; a *representatividade*, que o *corpus* deve ser quantitativamente relevante para que os padrões coletados não sejam considerados

acreditamos que seu conceito de *corpus* possa ser condizente para a coleta de nosso *corpus* de análise. *Corpus* é definido como:

“Um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo critérios suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise da linguagem.” (SARDINHA, 1999b, p. 4)

Dessa conceituação, dois critérios nos chamam atenção: o uso do computador para o estudo lingüístico e a concepção de *corpus* como uma construção baseada em *critérios* relativos ao objeto de pesquisa. Trataremos desses dois aspectos conjuntamente.

A Lingüística de *Corpus*, uma nova abordagem da lingüística empírico-funcionalista, apresenta instrumentos para detectar o que chama de *padrões lexicais*, isto é, “combinações lexicais coesas, recorrentes, que não são expressões idiomáticas mas que o significado de uma das partes é contextualmente restrito àquela combinação específica” (HEYLEN & MAXWELL, 1994 *apud* ORENHA, 2003, p. 200). Nessa citação, vemos que o conceito de *padrão lexical* aproxima-se do que entendemos por *locução*. Dessa forma, o *padrão lexical* constitui o *dado* lingüístico fundamental para a Lingüística de *Corpus*.

O instrumento que pode nos ser útil para a observação das *locuções* é o aplicativo *Wordsmith*. Para que possamos utilizar esse instrumento, é necessário situá-los teoricamente e procurar as intersecções necessárias com a Teoria da Enunciação.

A Lingüística de *Corpus*, com o auxílio de um *corpus* autêntico, natural, criterioso e representativo<sup>94</sup>, em formato digitalizado, procura detectar esses padrões, confirmando-os através de cálculos estatísticos. Brevemente, seus princípios teóricos<sup>7</sup> sobre a linguagem são os

---

idiosincráticos (SARDINHA, 2000, p. 335- sg.).

<sup>7</sup> Como podemos observar, a Lingüística de *Corpus* opõe-se explicitamente à lingüística chomskiana.



seguintes: (a) Foco no desempenho linguístico, em vez de competência; (b) Foco na descrição linguística, em vez de universais linguísticos; (c) Foco numa visão mais empirista do que racionalista da pesquisa científica (Leech, 1992, p.107 *apud* Sardinha, 1999a). Os padrões *lexicais* são de três tipos: (1) *Colocação*: associação entre itens lexicais, ou entre o léxico e campos semânticos. Por exemplo, em termos lexicais, *sheer* (vertical) associa-se a *scale*, *number* (escala, número); em termos de campos semânticos, *jam* (geléia) se relaciona com itens do campo de alimentos como *butty*, *doughnuts* (sanduíche, sonhos); (2) *Coligação*: associação entre itens lexicais e gramaticais. Por exemplo, *start* (iniciar) é mais comum com sintagmas nominais e orações *-ing*, enquanto *begin* (iniciar) é mais usado com um complemento *to*. (3) *Prosódia semântica*: associação entre itens lexicais e conotação (negativa, positiva ou neutra) de campos semânticos. O nome se deve ao fato de que certas palavras preparam o ouvinte ou o leitor para o conteúdo semântico que está por vir, da mesma maneira que a prosódia na fala indica para o interlocutor que tipos de sons estão por vir a seguir. Por exemplo, *cause* (causar) tem uma prosódia semântica negativa, pois se associa a palavras desfavoráveis como *problem(s)*, *damage*, *death(s)*, *disease* e *cancer* (problema(s), dano, morte(s), doença, câncer). Já *provide* (prover) possui uma prosódia semântica positiva ou neutra, já que se associa a palavras deste tipo, tais como *assistance*, *care*, *jobs*, *opportunities*, e *training* (assistência, cuidado, empregos, oportunidade, treinamento) (SARDINHA, 1999a).

Acreditamos que, se os princípios teóricos da Linguística de *Corpus* não são os mesmos que os da Teoria da Enunciação, ao menos não são dela discordantes. Ambas postulam a necessidade de base empírica para a descrição da linguagem, negando, a partir disso, a existência de “universais lingüísticos”. Há um ponto, todavia, de divergência entre as duas áreas: a Linguística de *Corpus* depende da comprovação estatística dos padrões lexicais intuídos pelos falantes; em contrapartida, a Teoria da Enunciação não depende de comprovação estatística, pois seu foco não está na *forma* e sim no *sentido irrepitível* de cada frase (SANTOS, 2002). Disso decorre que a unidade de análise da Linguística de *Corpus* é o *padrão lexical*, enquanto que a unidade de análise da Teoria da Enunciação é o *enunciado*. De qualquer forma, a Linguística de *Corpus* é utilizada para relacionar tais padrões lexicais a gêneros discursivos e a áreas do conhecimento<sup>95</sup>, ou seja, o *dado* conduz ao *fato*.

---

<sup>95</sup> Para um exemplo dessa relação, ver Krieger & Finatto (2004, p.202-213).

No entanto, como dissemos no início desse capítulo, nosso estudo das preposições postula *duas* unidades de análise: a *locução* e a *frase*. A Lingüística de *Corpus* pode colaborar na detecção da primeira. Como a *locução* apresenta um padrão definido, acreditamos que um estudo de *corpus* ajude-nos não tanto a *contabilizar* essas ocorrências quanto a *descobri-las*<sup>96</sup> – para retomar o valor heurístico atribuído ao *corpus* por Rundell, 1996. Como a locução não tem necessariamente um valor idiomático ou metafórico, sua detecção bem com a observação de seus limites não é de fácil apreensão. Dessa forma, a Lingüística de *Corpus* pode nos ajudar a observar essas padronizações, ou a constituir o *dado* lingüístico.

A *prosódia semântica*, por ter um escopo mais amplo que a *colocação*, observa não a co-ocorrência de duas ou mais palavras, mas a co-ocorrência de uma palavra e um paradigma de palavra. Com isso, acreditamos que o conceito de *prosódia semântica* aproxima-se de nosso

conceito de *locução*<sup>97</sup> (cf. definição de *locução*, acima). Sardinha (2004) observa que se a *colocação* depende de confirmação estatística, o mesmo não pode ser dito da *prosódia semântica*. Para a confirmação desse último padrão, basta que as frases sejam recuperadas. Por exemplo, *causar* em Português, apresenta conotação negativa, tendo em vista a observação de diversos colocados negativos como *doença*, *morte*, *inflação*, etc. Com isso, queremos dizer que a comprovação estatística não é imprescindível para a detecção de padrões lexicais. Uma das exigências mais importantes da Lingüística de *Corpus* é a da *representatividade* do *corpus*. Portanto, podemos fazer uma análise qualitativa, através dos princípios da Teoria da Enunciação, utilizando a observações de *locuções* ou *prosódias*

---

<sup>96</sup> As gramáticas e os estudos lingüísticos pesquisados não apresentaram essas locuções, apenas algumas *expressões fixas* (CUNHA, 1975; NEVES, 2000) de caráter predominantemente metafórico.

<sup>97</sup> Em estudo sobre aspecto verbal (FLORES e SILVA, 2000; FLORES e SILVA, 2002a), a partir de um *corpus* de língua falada (HILGERT, 1998) e sobre os verbos delocutivos (FLORES e SILVA, 2002b), a partir de um *corpus* de língua escrita (BORBA, 1990), Flores e Silva observaram que essas categorias são marcadas no enunciados em outras formas além daquelas que lhe são usualmente imputadas: a categoria aspecto verbal é igualmente observada em advérbios aspectuais e temporais co-ocorrentes ao verbo; os verbos delocutivos dependem de co-ocorrência de sujeito e objeto do tipo humano e de não co-ocorrência de objeto em terceira pessoa. Hoje, poder-se-ia dizer que se tratam de locuções ou prosódias semânticas – ou relações sintagmáticas *in absentia*, para usar um termo de Bouquet (1997) – entre uma palavra fixa, a saber, o verbo e uma palavra variável, a saber, o advérbio, no primeiro caso, e o sujeito e o objeto, no segundo.

*semânticas*, desde que utilizando um *corpus* representativo de nosso objeto de estudo. Para o estudo das preposições, Sardinha (1999c) postula que o *corpus* deve conter, no mínimo, 206 mil palavras.

Concluimos que a Lingüística de *Corpus* poderá ajudar-nos a verificar elementos diretamente co-ocorrentes à preposição, a saber, a formação da *locução*. Na tarefa de busca das preposições, contamos com o auxílio do aplicativo *Wordsmith Tools*<sup>98</sup>, o qual organiza as palavras de busca em uma lista, chamada *Wordlist*. Tal lista organiza e separa construções gramaticais semelhantes a uma mesma preposição. Por exemplo, observamos que a preposição *a* co-ocorre freqüentemente entre dois verbos, em que o segundo está na forma infinitiva. Além disso, esse aplicativo permite que se recupere o texto envolvendo a palavra, promovendo recortes maiores ou menores, de acordo com a necessidade do pesquisador. Assim, além da observação da *locução*, o *Wordsmith* recupera o contexto sintático imediato. Com isso, a Lingüística de *Corpus* auxilia-nos na constituição de um *corpus de dados* adequado aos nossos objetivos.

Resta-nos, agora, caracterizar nosso *corpus* de dados. Podemos dizer que a coleta dos textos ocorreu através da versão *online* do jornal Zero Hora, do Rio Grande do Sul. A versão *online* apresenta o mesmo texto que a versão impressa do jornal. Os textos foram produzidos por falantes nativos do português em situações reais de comunicação, o que garante a *autenticidade* e a *naturalidade* dos dados. Os artigos datam de março a setembro de 2004, perfazendo mais de 206 mil palavras, garantindo, assim, a *representatividade* do *corpus*, por conter o número mínimo de ocorrências para o estudo das preposições. A *criteriosidade* do *corpus* fica a cabo de nossa observação empírica das *locuções* e dos recortes de *enunciado* operados. Cabe aqui um maior detalhamento da última questão: Quais as *locuções* observadas? Como realizar os recortes de *enunciado*?

#### 4.2.2 Das características do *corpus* ou do *corpus* de fatos

Segundo Flores (2001, p.58), em texto acerca da teoria da enunciação, a constituição de um *corpus* depende do ponto de vista que adotamos. Assim, “basta que (...)

---

<sup>98</sup> O aplicativo foi cedido gentilmente pela Profª Drª. Maria José Bocorny Finatto. Sua utilização foi realizada no âmbito do Instituto de Letras da UFRGS.

seja contemplado com referência às representações do sujeito que enuncia, à língua e a uma dada situação”. Com isso, o autor, baseando-se em Authier-Revuz (1998), assinala que o *corpus* pode ser de qualquer natureza como, por exemplo, conversas, bilhetes, textos teóricos, etc., desde que o ponto de vista teórico seja respeitado. Assim, os autores enfatizam o aspecto de *conteúdo*, de *sentido* do *corpus*.

Quanto aos aspectos de conteúdo, elegemos a *enunciação escrita* como ponto de partida para a constituição de nosso *corpus*, através da coleta de textos de diversas temáticas provenientes do jornal Zero Hora durante o ano de 2004. Acreditamos que o texto jornalístico, por mobilizar vários tipos textuais - descritivo, narrativo, argumentativo, explicativo, dialogal, conforme Adam (1997) - bem como vários gêneros discursivos - entrevista, editorial, reportagem, entre outros, conforme Bonini (2002)- , apresenta *diversidade* notável de sentidos para a demonstração de que os princípios enunciativos perpassam toda a língua. A partir dos textos de base, os quais configuram uma *enunciação*, faremos recortes. Tais recortes justificam-se pelo fato de acreditarmos que, se o sentido da enunciação é sua *referência*, o mesmo pode ser percebido em vários recortes de um mesmo texto. Tentaremos, com esses recortes, respeitar a *integralidade* da idéia, a fim de atingir o sentido único do centro de referência *eu-tu-este-aqui-agora* de cada enunciação.

Os recortes de *enunciado* não observarão, portanto, os limites gramaticais da *frase* - tal como ela é entendida pela gramática tradicional - ou mesmo do parágrafo. O *enunciado* é entendido como *unidade* delimitada pelo *sentido* e não pela *forma*. O procedimento de apreensão do *enunciado* será feito da seguinte forma: leitura integral do texto do jornal; localização do sentido envolvendo diretamente a locução e, a seguir, delimitação de sentidos subsidiários relacionadas ao uso da *locução*. A integração do sentido imediato e dos sentidos subsidiários constitui a *totalidade* do *sentido* do *enunciado*. Formalizando um pouco: por vezes, a totalidade do sentido se esgota no parágrafo em questão; por vezes, é relativo a uma *frase* da introdução e uma da conclusão do texto; por vezes, o sentido é o todo do texto; por vezes, é relativo apenas ao parágrafo contendo a locução ou à última frase imediatamente anterior. Enfim, a extensão do *enunciado* é variável (cf. cap. 4, seção 4.1).

Tendo em vista que nosso principal objetivo é mostrar que *todas as preposições podem ser estudadas na Enunciação*, não nos interessa quantificar e hierarquizar as

preposições bem como as locuções mais e menos utilizadas em português<sup>99</sup>, e sim apontar o sentido irrepetível de cada enunciação. Destarte, será analisado, inicialmente, *um enunciado* para cada locução observada, a fim de demonstrarmos que o sentido da locução é determinado pelo *enunciado*. A seguir, serão analisadas três<sup>100</sup> *locuções* em seis *enunciados* para uma das preposições, a saber, *até*, para que se constate a diversidade de sentidos de uma mesma locução. Ademais, com essa divisão metodológica, procuraremos testar a pertinência da metodologia (ver cap. 5).

Cabe ressaltar ainda que não reproduziremos as *Wordlists* que geram os usos de uma mesma preposição. Como não faremos um estudo quantitativo das locuções, acreditamos que sua reprodução, para fins de comprovação científica, não se faz necessária para nosso trabalho.

#### 4.2.3 Das notações utilizadas

Procuraremos utilizar o menor número de símbolos possível a fim de facilitar a leitura. Para garantir essa proposta, faremos uma marcação em negrito na *locução* do *enunciado* em análise, a fim de que o leitor acompanhe com facilidade nossa descrição. Além disso, numeraremos as linhas do *enunciado*, a fim de que, durante a análise, o leitor localize o trecho em questão.

Notações:

....= denotam que a consideração do *enunciado* apresenta continuidade não relevante para a análise;

(1), (2), (n) = número de *enunciado*. A contagem reinicia para cada preposição considerada;

---

<sup>99</sup> Um estudo decorrente dessa hierarquização apontaria, como temos observado a *grosso modo*, que as preposições *de* e *com* são as mais utilizadas no português contemporâneo, com cerca de 16 mil ocorrências cada uma em um *corpus* de 206 mil palavras, e que a preposição *ante* é a menos utilizada, com cerca de 7 ocorrências no mesmo *corpus*.

<sup>100</sup> O critério da escolha das locuções é a co-ocorrência das preposições com expressões de ‘espaço’ *bem como* de ‘tempo’, a qual produz o *sentido geral das preposições* (Benveniste, PLG II, p. 140 e 142). Destarte, das três locuções analisadas para cada preposição, *uma* traz *sentido geral* de espaço e a *outra* de tempo. Estamos cientes que não poderíamos abordar todas as locuções existentes em nosso *corpus* de fatos, o que não quer dizer que esse não seja um estudo relevante. Por exemplo, a preposição *com* ou a preposição *de* apresentaram 16 mil ocorrências e, no mínimo, 100 locuções cada uma.

l.= linha em que se encontra o trecho do *enunciado* em análise.

## **5. ANÁLISES ENUNCIATIVAS DAS PREPOSIÇÕES DO PORTUGUÊS: das noções de espaço e tempo aos sentidos de espaço e tempo**

“A dissertação de mestrado tem caráter demonstrativo. Ela deve demonstrar uma proposição e não apenas explicar um assunto. Pesquisa experimental e reflexão racional complementam-se necessariamente na elaboração da ciência.” (SEVERINO, 2002, p. 151- 2)

## Introdução

Nesse capítulo, procederemos a análise enunciativa das preposições do português. Essa análise será acompanhada de uma reflexão teórica acerca da cientificidade da metodologia elaborada, isto é, de sua capacidade de refletir os pressupostos da Teoria da Enunciação de Benveniste. Para realizar este intento, este capítulo será dividido em duas partes, a saber, 5.1 Análises enunciativas ilustrativas, em que demonstraremos que uma análise enunciativa para as preposições é determinada pelas relações sintático-semânticas da *locução* no *enunciado* e 5.2 Análises enunciativas comparativas, em que, ao compararmos a mesma locução em enunciados diferentes, demonstraremos que a preposição tem sentidos necessariamente *diferentes* a cada *enunciação*.

Retomemos, brevemente, a metodologia de análise (ver 4.1, quadro 14):

- A locução: *a dissociação* - constituição da estrutura da locução
- A locução no enunciado: *a integração* - constituição de relações de integração entre a locução e outros signos-palavra do enunciado
- A locução na enunciação: *a referência* - constituição para o locutor e para o alocutário do sentido único e imediato da locução no todo do enunciado

### 5.1 Análises enunciativas ilustrativas

Nessa seção, objetivamos demonstrar que o sentido da preposição não é apenas determinado pelas relações sintático-semânticas imediatas da preposição na locução, unidade essa que se poderia dizer que abriga o sentido repetível – ou seja, o valor da preposição na língua. De fato, o sentido da preposição é determinado pelas relações sintático-semânticas da preposição no enunciado, unidade essa que se poderia dizer que abriga o sentido irrepitível – ou seja, a referência - da preposição na enunciação. Assim, partiremos de uma descrição do valor da locução, tal como apresentada por Cunha (1975), Neves (2000) ou Borba (2002)<sup>101</sup>. Ao final dessa seção, faremos um quadro comparativo demonstrando a passagem do sentido

---

<sup>101</sup> Em *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, Borba (2002) apresenta um amplo comentário para as preposições. Com isso, apesar de não apresentar uma reflexão específica para as preposições, tal como os autores abordados no capítulo 1, a descrição de Borba nos pareceu útil para as análises enunciativas.

não-enunciativo da preposição ao sentido enunciativo da mesma. Com isso, procuraremos demonstrar que as preposições podem ser analisadas da perspectiva enunciativa benvenistiana, ou seja, da perspectiva em que *sentido constringe sintaxe*.

A seguir, apresentaremos *uma* análise enunciativa para cada uma das preposições essenciais do português constantes de nosso *corpus* de dados (ver quadro 10, cap. 1).

### 5.1.1 Da preposição *a*

1.(1) Neste domingo, o mundo repete um gesto feito há 60 anos e volta os olhos para a  
2.Normandia, na França. Vinte e dois dirigentes de 15 países participarão das comemorações  
3. do 60º aniversário do desembarque que mudou a história da II Guerra Mundial (1939-1945)  
4.e determinou o começo da derrocada do III Reich. Este deverá ser o último grande  
5.aniversário. **Daqui a 10 anos**, a maioria dos veteranos que hoje perambulam pelas praias da  
6.Operação Overlord já **terá morrido**. Além disso, pela primeira vez um líder alemão  
7.comparecerá à cerimônia. O chanceler Gerhard Schroeder, convidado pelo presidente  
8.francês, Jacques Chirac, afirmou que a data é um símbolo de liberdade, e não de vitória ou  
9.derrota. (ZH online, 06/06/2004)

<i>daqui a 10 anos,... terá morrido</i>
-----------------------------------------

A locução *daqui a 10 anos,... terá morrido* (l. 5-6) faz parte de *a maioria dos veteranos que hoje perambulam pelas praias da Operação Overlord já terá morrido* (l. 5-6), tendo o valor de estimativa de vida medida do presente a um limite no futuro. Há integração, por co-referência, entre *hoje*, em *a maioria dos veteranos que hoje perambulam pelas praias da Operação Overlord já terá morrido* (l. 5-6); *último*, em *Este deverá ser o último grande aniversário* (l. 4-5) e *neste domingo*, em *neste domingo, o mundo ... volta os olhos para a Normandia* (l. 1-2). *Aniversário*, em *Este deverá ser o último grande aniversário* (l. 4-5), está em integração, por co-referência, com *cerimônia*, em *pela primeira vez um líder alemão comparecerá à cerimônia* (l. 6-7).

O locutor centraliza sua atenção na iminente e presente comemoração do 60º aniversário da derrota do III Reich alemão e da vitória de França durante a II Guerra Mundial. A comemoração é considerada, pelo locutor, o último grande aniversário porque é, provavelmente, a primeira e a última vez em que a maioria dos veteranos de guerra franceses se encontrará amistosamente com um líder alemão. *Daqui a 10 anos* sugere a gradativa redução da importância do evento à medida que nesse decurso de tempo poucas testemunhas oculares restarão para se fazerem presentes. O uso de *terá morrido*, em que a estimativa de



vida é apresentada como certa, integrada a *já*, em que a estimativa é apresentada como próxima do presente, mostra que o locutor observa o limite futuro como um resultado certo e próximo do presente. A locução *daqui a 10 anos,... terá morrido* tem, para o locutor, a referência de estimativa de vida medida a partir do iminente encontro de rivais a um limite futuro avaliado como muito próximo. A, em *daqui a 10 anos,... terá morrido*, marca tempo medido pela expectativa de encontro iminente entre grupos rivais a um limite próximo no futuro. A não marca simplesmente tempo físico de estimativa de vida e sim tempo físico e político de estimativa de encontro.

### 5.1.2 Da preposição *ante*

1.(1) Anos atrás, denunciei a fraude de um Dicionário Crítico do Pensamento da Direita, 2.elaborado com dinheiro público por uma centena de acadêmicos. Prometendo um panorama 3.científico de uma importante corrente política mundial, a obra omitia todos os principais 4.escritores e filósofos conservadores e colocava em lugar deles panfletários de quinta 5.categoria. Pela amostragem numericamente significativa dos signatários da empulhação, era 6.obrigatório concluir que o establishment universitário brasileiro havia perdido os últimos 7.escrúpulos de seriedade, consentindo em tornar-se instrumento consciente da exploração da 8.ignorância popular. Mas não é somente às idéias que o acesso está bloqueado. É também 9.aos fatos. Por falta de fontes, ninguém neste país sabe nada do que os historiadores 10.ocidentais descobriram nos Arquivos de Moscou desde 1990 sobre a história do 11.comunismo, retaguarda indispensável à compreensão do estado atual desse movimento que 12.**vai dominando** a América Latina **ante os olhos cegos de milhões de paspalhos** que o 13.imaginam morto e inexistente. Essa indolência mental, esse desprezo pela busca do 14.conhecimento, concomitante à orgulhosa afirmação de certezas arbitrarias se traduz, 15.retoricamente, no ufanismo patético dos derrotados e dos impotentes. Não é verdade que 16.todo povo tem o governo que merece. Mas o brasileiro, sem dúvida alguma, tem. (ZH online, 16/05/2004)

*vai dominando ante os olhos cegos de milhões de paspalhos*

A locução *vai dominando ante os olhos cegos de milhões de paspalhos* (l.12) faz parte de *movimento que vai dominando a América Latina ante os olhos cegos de milhões de paspalhos* (l. 11-12). *Movimento* está em integração, por co-referência, com *comunismo* (l. 10). A locução tem o sentido de ação em situação anterior ao espaço ocupado por pessoas. *História do comunismo* (l. 10-11) está em integração, por co-referência, com *o acesso está bloqueado... é também aos fatos* (l. 8-9). *A fraude de um Dicionário Crítico do Pensamento da Direita* (l. 1) está em integração, por co-referência, com *às idéias... o acesso está bloqueado* (l. 8). *História do comunismo* (l. 10-11) está em integração, por co-referência, com *Dicionário Crítico do Pensamento da Direita* (l. 8). *Milhões de paspalhos* (l. 12) está

em integração com *uma centena de acadêmicos* (l. 2), *o establishment universitário brasileiro* (l. 6), *derrotados e ... impotentes* (l.15) e com *todo povo... o brasileiro* (l. 15). A locução *vai dominando ante os olhos cegos de milhões de paspalhos* está em integração, por co-referência, com *essa indolência mental* (l. 13), *esse desprezo pela busca de conhecimento* (l. 13-14), *a afirmação de certezas arbitrárias* (l. 13-14).

O locutor identifica tanto o povo brasileiro em geral quanto os acadêmicos brasileiros em particular à nomeação *olhos cegos*, parte da locução *vai dominando ante os olhos cegos de milhões de paspalhos*. Da mesma forma, tanto o movimento político comunista quanto o pensamento conservador são identificados como desconhecidos pelos brasileiros. Assim, o povo brasileiro é avaliado pelo locutor como *cego, derrotado e impotente*, isto é, como alguém do alcance de determinados conhecimentos intelectuais. *Ante os olhos cegos* indica, portanto, posição anterior a espaço intelectual. Esses conhecimentos são considerados importantes pelo locutor, uma vez que vem gerando política de atuação que *vai dominando* espaço da *América Latina*, em que se inclui o Brasil. A locução *vai dominando ante os olhos cegos de milhões de paspalhos* tem, para o locutor, a referência de ação em espaço físico anterior ao limite do espaço intelectual ocupado por milhões de brasileiros. *Ante*, em *vai dominando ante os olhos cegos de milhões de paspalhos*, tem a referência de situação em espaço físico anterior a limite de espaço intelectual. *Ante* refere a espaço físico e intelectual.

### 5.1. 3 Da preposição *após*

1.(1) A Lei dos Crimes Hediondos já é uma adolescente. Contamos 14 anos desde sua 2.entrada em vigor, e dificilmente o Legislativo brasileiro irá, algum dia, exarar instrumento 3.legislativo mais polêmico e passível de questionamentos. Equivocada em dezenas de 4.aspectos, contando com falhas e omissões manifestas em seu texto definitivo - alterado 5.diversas vezes -, a Lei dos Crimes Hediondos hoje mais parece uma colcha de retalhos, 6.servindo, ao longo desses 14 anos, diversas vezes, como mero brinquedo populista. Ao longo 7.de 14 anos, as ousadas extorsões mediante seqüestro e os homicídios brutalmente 8.qualificados, delitos que funcionaram sempre como principais alvos da vigência da Lei nº 9.8072, não só **fizeram aumentar** sua incidência nos últimos tempos, a olhos vistos, **dia após** 10. **dia**, como passaram a ocorrer em índices e hipóteses muito mais alarmantes. E, em um 11.possível vazio deixado por uma hipotética revogação da Lei nº 8.072, o que restará? 12.Intransigente e rígida, a ponto de entrar, sob vários aspectos, em embate com todo um 13.sistema de normas, de nada, ou quase isso, serviu. (ZH online, 17/08/2004)

<i>fizeram aumentar... dia após dia</i>
-----------------------------------------

A locução *fizeram aumentar...dia após dia* (l. 9-10) faz parte de *extorsões mediante seqüestro e os homicídios brutalmente qualificados... não só fizeram aumentar sua*

*incidência... dia após dia...* (l. 7-10). A locução tem o valor de acontecimento de sucessão temporal iterativa medida através do intervalo de dia. *Extorsões... e homicídios...* está em integração, por co-referência, com *delitos que funcionaram sempre como... alvos da... Lei nº 8072* (l. 8-9). *Lei nº 8072* está em integração, por co-referência, com *A Lei dos Crimes Hediondos* (l. 1), *instrumento legislativo mais polêmico e passível de questionamentos* (l. 2-3), *com falhas e omissões* (l. 4), *uma colcha de retalhos* (l. 5), *mero joguete populista* (l. 6) e *intransigente e rígida* (l. 12). *Extorsões mediante seqüestro e homicídios brutalmente qualificados* (l. 7-8) está em integração, por co-referência, com *Lei dos Crimes Hediondos* (l. 1). A locução *fizeram aumentar... dia após dia..* (l. 9) está em integração, por co-referência, com *nos últimos tempos* (l. 9), *14 anos desde sua entrada em vigor* (l. 1-2), *ao longo desses 14 anos* (l. 6) e *ao longo de 14 anos* (l. 6-7).

O locutor ressalta a existência de uma coincidência temporal entre a vigência da Lei dos Crimes Hediondos e o aumento da incidência de delitos hediondos, a fim de realizar uma dura crítica à eficácia da Lei. Essa crítica pode ser vista em julgamentos que o locutor imputa à Lei, tais como *polêmica, falha, intransigente*, entre outros. Com isso, o locutor faz uma equivalência temporal entre a locução *dia após dia*, relacionada ao aumento alarmante de delitos, e *ao longo desses 14 anos*, relacionado à vigência da referida Lei. A co-referência entre *dia após dia* e *14 anos desde sua entrada em vigor* mostra que o dia após o qual a incidência de crimes aumenta está relacionado ao dia em que a lei foi promulgada. A locução *fizeram aumentar... dia após dia* tem a referência de acontecimento de sucessão temporal presente e iterativa delimitada a partir do dia específico em que a Lei nº 8.072 entrou em vigor. *Após*, em *fizeram aumentar... dia após dia*, tem a referência de situação posterior a limite de tempo físico e a limite de tempo jurídico. Este tempo é de ordem física e jurídica.

#### 5.1.4 Da preposição até

1.(1) Todos admiramos os vitoriosos. Atletas como Guga e Daiane, entretanto, invadem  
 2.nossas vidas com uma intensidade que ultrapassa a lógica das vitórias. Minha tese é de que  
 3.eles habitam o coração e a fantasia de milhões de brasileiros por sintetizarem, sobretudo no  
 4.caso de Daiane, as desconcertantes contradições de que somos feitos. O que significa para  
 5.essa garotinha negra, nascida em família humilde, viver as contradições de ser/fazer tudo de  
 6.forma tão improvável, quebrando paradigmas a cada salto? O que significa - para além do  
 7.imediatismo do ouro, da prata, do bronze ou do nada, que é o que para muitos significa ser o  
 8.primeiro - ser Daiane sem deixar de ser Dos Santos? As respostas estão na fala que se  
 9.seguiu ao quinto lugar. Sem negar a tristeza decorrente das próprias falhas ("A pior derrota  
 10.é quando você perde para si mesma.") ou da responsabilidade pelos próprios erros ("Errei  
 11.o movimento anterior ao esticado. Sei que poderia ter feito melhor e não fiz."), Daiane  
 12.ensinou ao mundo inteiro com rara singeleza e maturidade: "Esporte é isso aí. A gente

13.perde, às vezes, e é preciso ter forças para recomeçar". O alcance das lições que essa  
 14.menina, com seu profissionalismo e sua humanidade, tem dado aos excluídos e incluídos  
 15. deste nosso país apenas a História terá condições de avaliar. Mas **o que fez até agora** já é  
 16. definitivo: lembrou-nos de que viver é arriscar-se além dos limites possíveis; de que nem  
 17. sempre nossos resultados trarão o ouro, mas certamente serão a base que nos dará o  
 18. impulso para recomeçar. (ZH online, 26/08/2004)

*o que fez até agora*

A locução *o que fez até agora* faz parte de *mas o que fez até agora já é definitivo* (l. 15), tendo o valor de ação que atinge limite temporal presente. A locução *o que fez até agora* (l. 15) está em integração, por co-referência, com *lembrou-nos de que viver é arriscar-se além dos limites possíveis* (l. 16) e com *nem sempre nossos resultados trarão o ouro, mas certamente serão a base que nos dará o impulso para recomeçar* (l. 16-17). *Ouro* (l. 17) está em integração com *vitoriosos*, em *admiramos os vitoriosos. Atletas como.... Daiane, entretanto, invadem nossas vidas* (l. 1) e com *ouro, prata, bronze em, para além do imediatismo do ouro, da prata, do bronze ou do nada* (l. 6-7). A locução está em integração com *Daiane* (l. 11) e com *essa garotinha negra, nascida em família humilde* (l. 5). A locução *o que fez até agora* está em integração, por co-referência com *ser/ fazer tudo de forma tão improvável, quebrando paradigmas a cada salto* (l. 5-6) e com *fala que se seguiu ao quinto lugar* (l. 8-9). A locução *o que fez até agora* (l. 15) está em integração, por co-referência, com *...as lições que ... tem dado aos excluídos e incluídos deste nosso país apenas a História terá condições de avaliar* (l. 13-15), com *invadem nossas vidas com uma intensidade que ultrapassa a lógica das vitórias* (l. 1-2) e com *habitam o coração e a fantasia de milhões de brasileiros* (l. 3).

A integração entre a locução *o que fez até agora, ser/fazer tudo de forma tão improvável, quebrando paradigmas a cada salto e fala que se seguiu ao quinto lugar*, integradas a *essa garotinha negra, nascida em família humilde* mostram que o locutor reúne um conjunto de ações, atitudes e características de Daiane dos Santos para avaliar a repercussão positiva que a atleta tem juntamente aos brasileiros, entre os quais se inclui. A integração entre *admiramos os vitoriosos. Atletas como... Daiane, entretanto, invadem nossas vidas, para além do imediatismo do ouro, da prata, do bronze ou do nada e lembrou-nos... de que nem sempre nossos resultados trarão o ouro* mostra que o locutor modifica sua posição quanto aos atletas que merecem sua atenção, a saber, os que alcançam medalhas de ouro, etc., tendo em vista a *admiração* que a atleta Daiane inspira. A integração entre *as lições que tem dado... apenas a História terá condições de avaliar*, em que *lições... tem dado*

corroborar a consideração da repercussão do conjunto das ações sucessivas de Daiane, e *mas o que fez até agora já é definitivo*, em que *mas... já é definitivo* produz uma antecipação da repercussão positiva das ações de Daiane junto aos brasileiros, isto é, uma antecipação de tal repercussão à sua conquista de medalhas de ouro ou à avaliação histórica, faz com que a locução *o que fez até agora* tenha a referência de conjunto de ações/attitudes que atinge culminância de repercussão positiva antes do tempo esperado, isto é, no presente. *Até*, em *o que fez até agora*, tem a referência, para o locutor, de alcance de culminância de ação/atitude adiantada ao presente. Esta culminância é da ordem do tempo físico e do tempo de aprendizagem.

### 5.1.5 Da preposição *com*

1.Com cordões de isolamento, viaturas e policiais à paisana, a China impediu ontem qualquer  
2.protesto que lembrasse os 15 anos do massacre da Praça da Paz Celestial, temendo que  
3.mesmo a menor manifestação ameace o Partido Comunista. Na madrugada de 4 de junho de  
4.1989, centenas de manifestantes foram mortos quando os soldados do exército, apoiados por  
5.tanques, abriram caminho a tiros pela Avenida Changan, que estava bloqueada pela  
6.população, e enfrentaram estudantes para retomar o controle da praça. - Fiz três minutos de  
7.silêncio em casa porque não podia sair. Há mais de 10 policiais do lado de fora - disse Jiang  
8.Qisheng, que foi negociador por parte dos estudantes em 1989 e passou 18 meses preso.O  
9.dissidente, **hoje com 55 anos**, disse que planeja "acender uma vela de noite". (ZH online, 05/06/2004)

*hoje com 55 anos*

A locução *hoje com 55 anos* faz parte de *O dissidente, hoje com 55 anos, disse que planeja "acender uma vela de noite"* (l. 8-9), tendo o valor de duração de vida considerada até o presente. Há integração, por co-referência, entre *o dissidente* (l. 8-9) e *Jian Qisheng*, parte de *disse Jiang Qisheng, que foi negociador por parte dos estudantes em 1989 e passou 18 meses preso* (l. 7-8). *Em 1989* (l. 8) está em integração, por co-referência, com *na madrugada de 4 de junho de 1989, em na madrugada de 4 de junho de 1989, centenas de manifestantes foram mortos* (l. 3-4). *Hoje*, parte da locução *hoje com 55 anos*, está em integração com *ontem*, parte de *a China impediu ontem qualquer protesto que lembrasse os 15 anos do massacre da Praça da Paz Celestial* (l. 1-2). Há integração, por co-referência, entre *dez policiais do lado de fora*, em *há mais de dez policia do lado de fora, disse Jiang Qisheng* (l. 7-8), e *policiais à paisana*, em *com... policiais à paisana, a China impediu ontem qualquer protesto...* (l. 1-2).

O locutor ilustra a presença ostensiva da polícia nas ruas para interditar protestos lembrando o massacre de 1989 por meio da presença da mesma à porta do dissidente Jiang Qisheng. Jiang é participante de protestos que ocasionaram o massacre histórico. O locutor mostra que o dissidente mantém-se protestando, ainda que silenciosamente. Assim, a locução *hoje com 55 anos* não tem simplesmente, para o locutor, a referência de tempo da vida de Jiang até o presente e sim a referência de duração de vida de participante de protesto histórico até o presente protesto lembrando esse evento. Esse fato é corroborado pela identificação entre *hoje*, na locução *hoje com 55 anos*, e *ontem*, relativo à interdição de protesto. *Com*, em *hoje com 55 anos*, indica duração de tempo de ordem física e de ordem histórica.

### 5.1.6 Da preposição *contra*

1.(1) Tiros disparados durante uma festa de aniversário que reunia filiados e simpatizantes do  
 2.PMDB deixou dois feridos ontem em Barra do Guarita, norte do Estado, na divisa com  
 3.Santa Catarina. Por volta das 16h, quatro homens armados, em um Monza, **atiraram contra**  
 4.**a casa onde era realizada a festa**, na Avenida Tenente Portela, no centro do município.  
 5.Antônio Rogério Constâncio, 38 anos, foi atingido na perna esquerda. O agricultor Ivo  
 6.Vieira, que fazia compras em um estabelecimento comercial localizado ao lado da  
 7.residência, foi baleado no ombro. Ambos estão internados no Hospital de Caridade de Três  
 8.Passos e passam bem. O vice-prefeito de Barra do Guarita, Cesar Paier (PMDB), que deixou  
 9.a festa 10 minutos antes do tiroteio, informou que os disparos foram efetuados de uma  
 10.distância de cerca de oito metros. Um dos homens teria sentado em cima do capô para  
 11.atirar em direção à residência. O delegado Jorge Soares, de Três Passos, não sabe a  
 12.motivação do ataque porque ainda não identificou os quatro agressores. (ZH online, 21/09/2004)

*atiraram contra a casa onde era realizada a festa*

A locução *atiraram contra a casa* (l. 3-4) faz parte *quatro homens armados... atiraram contra a casa onde era realizada a festa* (l. 3-4), tendo o valor de ação com direção a um espaço com finalidade negativa relativa a esse espaço. A locução *atiraram contra a casa* está em integração, por co-referência, com *tiros disparados durante uma festa de aniversário que reunia filiados e simpatizantes do PMDB deixou dois feridos* (l. 1-2), *foi atingido na perna esquerda* (l. 5), *foi baleado no ombro* (l. 6-7) e *atirar em direção à residência* (l. 11).

O locutor relaciona o ataque a uma determinada casa ao fato de, nesse local, acontecer uma festa reunindo um grupo de simpatizantes do PMDB. Tal relação pode ser vista pela integração entre *contra a casa* e *onde era realizada a festa* e pela co-referência entre

*contra a casa e durante uma festa... que reunia... simpatizantes do PMDB.* Pela integração entre *atiraram contra a casa, foi atingido na perna esquerda e foi baleado no ombro*, a locução é tomada como enfatizando o alcance da finalidade negativa. Esse sentido é corroborado pela co-referência entre a locução *atiraram contra* e *tiros disparados*. A locução *atiraram contra a casa onde era realizada a festa* tem a referência de ação com direção a um lugar com finalidade negativa em relação às pessoas neste lugar plenamente atingida. *Contra*, em *atiraram contra a casa onde era realizada a festa*, tem a referência de direção a um espaço-tempo com finalidade negativa plenamente atingida. Este espaço-tempo é de ordem física.

### 5.1.7 Da preposição *de*

1.(1) Diários de Motocicleta foi apresentado à imprensa nacional na última segunda-feira, em  
 2.sessão especial seguida de entrevista coletiva com a presença do diretor, dos protagonistas  
 3.Gael García Bernal e Rodrigo de la Serna e de Alberto Granado - parceiro de Ernesto  
 4.Guevara em uma viagem de motocicleta de mais de 12 mil quilômetros pela América do  
 5.Sul, da Argentina até a Venezuela. Se a estrela do evento de divulgação de Diários de  
 6.Motocicleta era o galã mexicano Gael García Bernal, 25 anos, que encarna no filme o  
 7.estudante de Medicina argentino Ernesto Guevara, quem conquistou a platéia de jornalistas  
 8.com sua simpatia, lucidez e bom humor foi Alberto Granado, 82 anos. Morando atualmente  
 9.em Havana, em Cuba, disse que na época já intuía que levava na garupa um grande homem.  
 10.- O mais bonito do filme é que o diretor e os atores entraram no espírito dos diários. **Sou**  
 11.**de Córdoba** e temos um sentido muito particular de humor. Depois de uma queda de  
 12.motocicleta, é muito melhor rir - disse Granado, lembrando que Diários de Motocicleta é  
 13.baseado tanto em Notas de Viaje, texto mais solene escrito por Guevara, quanto em Con el  
 14.Che por Sudamérica, relato bem-humorado de autoria do próprio Granado. (ZH online, 28/04/2004)

*sou de Córdoba*

A locução *sou de Córdoba* (l. 10-11) faz parte de *disse Granado* (l. 12), tendo o valor de afirmação de pertença a uma cidade, origem. *Sou de Córdoba* está em integração com *temos um sentido muito particular de humor* (l. 11). *Temos um sentido muito particular de humor* (l. 11) está em integração, por co-referência, com *Depois de uma queda de motocicleta, é muito melhor rir, disse Granado* (l. 11-12) e com *Diários de Motocicleta é baseado.... em Con el Che por Sudamérica, relato bem-humorado de autoria do próprio Granado* (l. 12-14). *Temos um sentido muito particular de humor* está em integração, por co-referência, com *quem conquistou... os jornalistas com sua simpatia, lucidez e bom humor foi Alberto Granado, 82 anos* (l. 7-8). *Alberto Granado, 82 anos* (l. 8) está em integração com *galã mexicano Gael García Bernal, 25 anos* (l. 6).

*Granado*, ao qual se integra a locução *sou de Córdoba*, é entrevistado em evento de divulgação do filme *Diários de Motocicleta*, do qual é personagem e escritor. O locutor, ao assinalar a relação entre as características *sou de Córdoba* e *senso de humor* mostra que a boa disposição de Granado não é apenas ocasional, mas sim uma característica relacionada à índole de sua cidade de origem. O locutor integra a juventude dos 25 anos de Gael Bernal à jovialidade dos 82 anos de Granado, para ressaltar a vitalidade desse último. Ao relacionar o comportamento bem humorado do velho Granado na presente entrevista no Brasil às risadas do jovem Granado após queda de motocicleta, o locutor corrobora a permanência do temperamento vivaz de Granado em qualquer hora e lugar. O uso de *sou*, parte da locução *sou de Córdoba*, integrado a *temos*, confirma o sentido de característica plenamente assumida como relacionada a um determinado lugar. O locutor marca que a locução *sou de Córdoba* tem a referência de afirmação de pertença a um lugar caracterizado pela índole bem humorada de seu povo. *De*, na locução *sou de Córdoba*, não tem apenas a referência de pertença a espaço físico e sim a referência de pertença a espaço físico e a espaço caracterizado por estilo de vida. Este espaço é de ordem física e de identidade.

### 5.8 Da preposição *desde*

1. (1)Depois do artigo sobre Platão, vieram outras perguntas sobre o estudo da filosofia, a  
 2.maioria delas na linha: o que ler e como ler? A receita é: no começo, poucas leituras, muito  
 3.bem selecionadas, feitas lentamente, de lápis na mão, com um dicionário de filosofia ao  
 4.lado para tirar cada dúvida, e repetidas tantas vezes quantas você precise para tornar-se  
 5.capaz de expor o argumento ainda mais claramente do que o fez o autor. Depois, aos  
 6.poucos, vá ampliando o círculo, abrangendo estudos eruditos sobre pontos determinados, até  
 7.conseguir dominar a história inteira das discussões sobre cada tópico. Decida-se a consagrar  
 8.a essa leitura alguns meses, como quem só tivesse um livro para ler até o fim da vida. Se  
 9.quiser usar o método de leitura de Mortimer J. Adler (Como Ler um Livro, editora  
 10.UniverCidade), isso não lhe fará mal algum, mas **saiba desde já** que nenhum método serve  
 11.para todos os livros: cada um exigirá uma estratégia diferente, que você mesmo irá  
 12.descobrir. Tenha sempre à mão uma ou várias obras de história da filosofia e não tema  
 13.interromper a leitura principal para vasculhá-las em busca de comparações, voltando  
 14.àquela em seguida. Vá dos clássicos para os modernos e contemporâneos, e não ao  
 15.contrário. (ZH online, 05/09/2004)

*saiba desde já*

A locução *saiba desde já* (l. 10) faz parte de *mas saiba desde já que nenhum método serve para todos os livros* (l. 10), tendo o valor de injunção à ação com duração temporal a partir do limite presente, o qual antecede outra ação. Há integração, por co-referência, entre



*no começo poucas leituras* (l. 2) e *depois... vá ampliando o círculo* (l. 5-6), ambas parte de *a receita* (l. 2). *A receita* (l. 2) está em integração, por co-referência, com *o método de leitura de... Adler* (l. 9). *Nenhum método serve para todos os livros* (l. 10-11), em que a locução toma parte, está em integração, por co-referência, com *receita* (l. 2) e com *o método de leitura de... Adler* (l. 9). *A receita* está em integração, por co-referência, com *não tema interromper a leitura principal para vasculhá-las em busca de comparações, voltando àquela em seguida* (l. 12-13) e com *Vá dos clássicos para os modernos e contemporâneos* (l. 14).

O locutor procura ensinar a leitores principiantes como ler obras de filosofia através de uma *receita*. Para isso, ele a organiza em conselhos ordenados por etapas de tempo, a saber, *no começo das leituras e depois vá ampliando o círculo*. A locução *saiba desde já*, em sua relação com *mas*, aponta um conselho que se opõe aos anteriores, pois se antecipa a outros conselhos e atravessa todas as etapas de leitura. O locutor, com *mas saiba desde já*, faz a ressalva de que sua receita não impõe um único método para todos os livros. Tal receita, na verdade, impõe a atitude de descoberta de um método particular para cada livro. Após a ressalva, o locutor segue dando conselhos ordenados por etapas de tempo. Através de um deles, a saber, *não tema interromper a leitura principal*, o locutor enfatiza a necessidade de que principiantes tomem iniciativa frente a sua leitura, o que inclui começá-la a qualquer tempo. O uso de *saiba* combinado a *desde* ressalta o sentido de temporalidade indefinida. *Desde, em saiba desde já*, tem a referência de injunção à ação com duração temporal a partir do presente dizer do locutor, a qual antecede outras ações de leitura bem como a referência de injunção à ação com duração temporal a partir de qualquer tempo de ação do alocutário que anteceder as outras ações de leitura. *Desde* indica um duplo limite temporal: presente, para o locutor, e atemporal, para o alocutário. Este tempo é da ordem do dizer e da ordem do fazer.

### 5.1.9 Da preposição *em*

1.(1) A Polícia Civil descobriu que carros roubados em São Paulo e legalizados no Paraná  
2.estão sendo revendidos no Estado. A polícia acredita que o modelo preferido pelos  
3.criminosos é o Golf. Foram identificados como sendo do grupo um gaúcho e cinco  
4.paulistas, mas a polícia ainda apura a participação de mais pessoas, inclusive de  
5.empresários. Quatro dos sete carros apreendidos foram transferidos do nome do suspeito  
6.gaúcho para novos proprietários. Conforme o delegado, ao prestar depoimento, o dono

7.revelou o nome da pessoa que havia lhe vendido o Golf. A polícia descobriu que a mesma  
 8.pessoa tinha revendido recentemente 10 carros, seis dos quais Golf. O vendedor foi  
 9.chamado e admitiu ter negócios com um homem de São Paulo. Ele afirmou desconhecer  
 10.que os carros fossem oriundos de roubo. - Ele disse que recebia os veículos para revender  
 11.e, depois, depositava o dinheiro em uma conta, em nome desse homem. Recebia comissão  
 12.por cada automóvel vendido, que variava de R\$ 1 a R\$ 2 mil - explicou o delegado. O  
 13.suspeito gaúcho não tem revenda de carros. **Guardava os veículos em uma garagem** da  
 14.Avenida Protásio Alves. Além de fazer anúncios em jornais, contava com a ajuda de donos  
 15.de oficinas, que indicavam seus serviços. Agentes da 12ª DP devem viajar ao Paraná e a  
 16.São Paulo para complementar as investigações. (ZH online, 06/05/2004)

*guardava os veículos em uma garagem*

A locução *guardava os veículos em uma garagem* (l. 13) está em integração com *O suspeito gaúcho* (l. 12-13), tendo o sentido de atividade de movimento a espaço definido. A locução *guardava os veículos em uma garagem* está em integração, por co-referência, com *não tem revenda de carros* (l. 13). Há integração, por co-referência, entre *na garagem e revenda*. *O suspeito gaúcho* (l. 12-13) está em integração, por co-referência, com *criminosos* (l. 3), *um gaúcho* (l. 3), *o nome do suspeito gaúcho* (l. 5-6), *o nome da pessoa* (l. 7), *a mesma pessoa* (l. 7-8) e com *o vendedor* (l. 8). A locução *guardava os veículos em uma garagem* está em integração, por co-referência, com *Quatro dos sete carros apreendidos foram transferidos do nome do suspeito gaúcho para novos proprietários* (l. 5-6), *a mesma pessoa tinha revendido recentemente 10 carros, seis dos quais Golf* (l. 7-8), *O vendedor ... admitiu ter negócios com um homem de São Paulo* (l. 8-9).

Ao fazer a identidade entre o sentido de *garagem* e o de *revenda*, o locutor faz com que a locução *guardava os veículos em uma garagem* tenha o sentido de *revender carros na garagem*, isto é, o valor de uma atividade profissional. Essa transação, ao ser realizada por uma pessoa referida pelo locutor como *suspeito gaúcho* e incluída no grupo dos *criminosos*, é avaliada como suspeita de ilegalidade. Tal fato é corroborado pela série de coincidências que a polícia observa entre a venda de carros roubados de São Paulo e as circunstâncias da referida garagem de vendas gaúcha. O locutor, através da ordenação enunciativa passo a passo das atividades policiais, produz, em primeiro lugar, um efeito de gradativa aproximação da polícia ao espaço de atividade profissional ilegal e, em segundo lugar, um efeito de alcance do interior dessa atividade, ou seja, de seu funcionamento. Vejamos: 1º) a polícia descobre o *nome do suspeito* de praticar atividade ilegal (l. 6- 8), chama-o e obtém dele um depoimento (l. 8-12) , investiga sua garagem (l. 12-13); 2º) investiga a forma através da qual ele revende

os carros (l. 12-14). *Em, em guardava os veículos em uma garagem*, tem a referência de movimento a espaço definido de forma física e profissional.

### 5.1. 10 Da preposição *entre*

1.(1) O presidente Luiz Inácio Lula da Silva completa hoje 500 dias no comando do Palácio  
2.do Planalto com uma coleção de desgastes. Sem forças para romper as amarras da política  
3.econômica e desnordeado pelas críticas, Lula se aproxima da metade do segundo ano de  
4.mandato ainda em busca de rumo. A pressa tem levado o presidente a anunciar medidas que  
5.ainda não foram completamente definidas por sua equipe. Em 26 de abril, Lula prometeu  
6.como "boa notícia" a correção da tabela do Imposto de Renda. A Receita Federal tinha  
7.apenas estudos embrionários sobre o reajuste. Em 500 dias, Lula admitiu que o tempo de  
8.bravatas virou recordação do período em que agitou a oposição no Brasil. Também  
9.percebeu que o discurso mágico deveria ceder lugar ao realismo político A promessa: - Em  
10.agosto de 2003, o presidente garantiu que o Primeiro Emprego geraria 250 mil postos de  
11.trabalho **para jovens entre 16 e 24 anos** em 2004. A situação atual: - Em maio, o governo  
12.resolveu alterar as regras do programa para torná-lo mais atraente. As novas normas foram  
13.anunciadas ontem. A meta de 2004 foi reduzida para 50 mil jovens empregados. A  
14.proposta, sancionada em outubro de 14.2003 pelo presidente como um trunfo na geração  
15.de empregos, fracassou. Apenas 700 empregos teriam sido criados, segundo o Ministério  
16.do Trabalho. Por meio do Primeiro Emprego, empresas cadastradas contratariam jovens  
17.entre 16 e 24 anos, faixa etária que concentra 45% dos desempregados. (ZH online, 14/05/2004)

*para jovens entre 16 e 24 anos*

A locução *jovens entre 16 e 24 anos* (l. 5) faz parte de *o presidente garantiu que o Primeiro Emprego geraria 250 mil postos de trabalho para jovens entre 16 e 24 anos* (l. 5-6), tendo o sentido de grupo caracterizado por idade no intervalo temporal de dois limites numéricos. *Jovens entre 16 e 24 anos* está em integração com *empresas cadastradas contratariam jovens entre 16 e 24 anos, faixa etária que concentra 45% dos desempregados* (l. 10-11). Há integração, por co-referência, entre *jovens entre 16 e 24 anos* (l. 5) e *faixa etária que concentra 45% dos desempregados* (l. 11). *Em agosto de 2003, o Primeiro Emprego geraria 250 mil postos de trabalho para jovens entre 16 e 24 anos* (l. 5) está em integração com *A meta de 2004 foi reduzida para 50 mil jovens empregados* (l. 7-8), com *O presidente Luiz Inácio Lula da Silva completa hoje 500 dias no comando do Palácio do Planalto com uma coleção de desgastes* (l. 1-2) e com *Em 500 dias, Lula admitiu que o tempo de bravatas virou recordação do período em que agitou a oposição no Brasil* (l.7-8).

O locutor, ao produzir integração entre *jovens entre 16 e 24 anos* e *faixa etária que concentra 45% dos desempregados*, concebe a locução como referindo a pessoas em situação

econômica de desemprego no intervalo temporal entre dois limites numéricos. Ao produzir a identidade entre a locução *para jovens entre 16 e 24 anos, o presidente completa...500 dias... com uma coleção de desgastes e em 500 dias, Lula admitiu que o tempo de bravatas virou recordação do passado...*, o locutor avalia o grupo caracterizado por situação temporal-econômica como estando à mercê do tempo de ajustes de governabilidade de um determinado presidente (*Lula*). A locução *Jovens entre 16 e 24 anos* indica grupo com situação temporal-econômica submetida à situação temporal de aprendizagem de governar de uma pessoa. *Entre*, na locução *para jovens entre 16 e 24 anos*, indica, para o locutor, situação temporal-econômica de um grupo submetida à situação temporal-política de uma pessoa.

### 5.1. 11 Da preposição *para*

1.(1) A primeira das 12 medalhas de ouro conquistadas pelo Brasil em Jogos Olímpicos teve a 2.marca da improvisação, uma espécie de cicatriz que acompanharia o esporte nacional ao 3.longo dos tempos. Em meio à viagem de navio, a delegação brasileira descobriu que só 4.chegaria à Bélgica, local dos Jogos de 1920, 13 dias depois do início da competição. Teve 5.de fazer uma mudança de emergência. Para completar, boa parte da munição da equipe foi 6.roubada - e ela só competiu porque ganhou 2 mil cartuchos e 50 alvos da equipe americana. 7.A delegação brasileira, formada por 25 pessoas (21 atletas), **embarcou para Antuérpia**, na 8.Bélgica, dia 1ª de julho de 1920, a bordo do navio Curvelo. Os brasileiros tinham passagens 9.de primeira classe, mas quando chegaram ao local foram informados de que deveriam 10.ocupar a terceira. Os atletas optaram por ficar no salão do restaurante, mas só podiam 11.estender suas camas no local quando o último cliente saísse - e quando o primeiro da 12.manhã chegasse. O resultado é que dormiam tarde e acordavam na primeira hora da 13.manhã. Na escala na Ilha da Madeira, o comandante informou que o Curvelo só chegaria 14.dia 5 de agosto, depois do início dos Jogos, marcado para o dia 22 de junho. O chefe da 15.delegação, Roberto Strompovsky, enviou mensagem ao Comitê Olímpico pedindo 16.adiamento das provas. Não teve resposta. Mandou outra à antiga Confederação Brasileira 17.de Desportos pedindo dinheiro. Mais uma vez acabou ignorado. A solução foi uma 18.mudança de emergência. Os oito atiradores desceram em Lisboa e tomaram um trem para 19.Antuérpia. Chegaram a tempo, mas em meio à viagem foram roubados. Só competiram 20.porque os americanos ajudaram. (ZH online 16/05/2004)

*embarcou para Antuérpia*

A locução *embarcou para Antuérpia* faz parte de *A delegação brasileira... embarcou para Antuérpia* (l. 7), tendo o valor de deslocamento em direção a um lugar definido. *Em meio à viagem de navio, a delegação descobriu que chegaria só chegaria à Bélgica 13 dias depois da competição* (l. 3-4) está em integração, por co-referência, com *Na escala na Ilha de Madeira,... o Curvelo só chegaria..., depois do início dos Jogos....* (l. 13-14). *A solução...* (l. 17) está em integração, por co-referência, com *tomaram um trem para Antuérpia* (l. 17-18). A locução *embarcou para Antuérpia* (l. 7) está em integração com *tomaram um trem para*

*Antuérpia* (l. 17-18). *Tomaram um trem para Antuérpia* está em integração, por co-referência, com *em meio à viagem foram roubados* (l. 18). A locução *embarcou para Antuérpia* está em integração, por co-referência, com *chegaram a tempo* (l. 18-19) e com *só competiram porque os americanos ajudaram* (l. 19-20).

Com a locução *embarcou para Antuérpia*, o locutor refere que a delegação brasileira havia embarcado para Antuérpia para chegar exatamente no dia da competição. No entanto, após iniciar a viagem em direção à cidade, houve imprevistos contra os quais a delegação teve que lutar para alcançar o objetivo de chegar a tempo para a competição. Através da identidade entre a locução e *tomaram um trem para Antuérpia*, por exemplo, o locutor enfatiza a persistência da delegação em contornar os imprevistos da viagem para atingir seu objetivo. Com isso, a locução *embarcou para Antuérpia* tem a referência, para o locutor, de deslocamento com alcance de um lugar definido, ou seja, limite atingido. *Para* marca espaço físico e espaço de intenção.

#### 5.1.12 Da preposição *perante*

1.(1) Ao discursar ontem na solenidade de posse do novo presidente da Associação Nacional  
2.de Jornais (ANJ), Nelson Sirotsky, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assumiu uma  
3.posição de defesa aberta da liberdade de imprensa. Seu discurso foi interrompido pelos  
4.aplausos à chegada de Nelson Sirotsky no palco. Embora não tenha anunciado diretamente a  
5.retirada de seu apoio à criação do Conselho Federal de Jornalismo (CFJ), Lula assegurou  
6.que os tempos de censura não voltarão ao Brasil. Minutos antes, Nelson Sirotsky havia  
7.discursado criticando a criação do Conselho. Em seu discurso, Lula afirmou que "erros,  
8.problemas e distorções existem nos jornais, nos governos e em todas as atividades  
9.humanas" e afirmou que devem ser corrigidos "durante a caminhada". Pediu que os  
10.jornalistas continuem a fiscalizar as autoridades e que a liberdade de imprensa seja sempre  
11.preservada. Lula disse não se importar com as críticas que eventualmente recebe de  
12.jornalistas, mas se incomodar com a censura nos jornais, numa referência ao período em  
13.que o noticiário estava sujeito ao exame prévio de censores, durante o regime militar. - E  
14.isto não vai voltar a acontecer no Brasil - **enfatizou** o presidente, **perante uma platéia de**  
15.**300 pessoas**. (ZH online, 15/09/2004)

<i>enfatizou..., perante uma platéia de 300</i>
-------------------------------------------------

A locução *enfatizou..., perante uma platéia de 300 pessoas* faz parte de *enfatizou o presidente, perante uma platéia de 300 pessoas* (l. 14-15), tendo o valor de atitude discursiva de anterioridade a um limite espacial. *O presidente* está em integração, por co-referência com *o presidente Luis Inácio Lula da Silva* (l. 2). *Uma platéia de 300 pessoas* está em integração, por co-referência, com *a solenidade de posse do novo presidente da Associação Nacional de*

*Jornais* (l. 1-2) e com *jornalistas* (l.10). *Nelson Sirotsky* está em integração, por co-referência, com *jornalistas* (l. 10). *Enfatizou o presidente, perante uma platéia de 300 pessoas* (l. 14-15) está em integração, por co-referência, com *minutos antes, Nelson Sirotsky havia discursado criticando a criação do Conselho...* (l. 6-7). Há integração, por co-referência, entre *Embora não tenha anunciado diretamente a retirada de seu apoio à criação do Conselho Federal de Jornalismo (CFJ)* (l. 4-5), *Lula afirmou que “erros, problemas e distorções existem...”* (l. 7-9), *Pediu que os jornalistas continuem a fiscalizar as autoridades* (l. 9-10) e com *Lula disse não se importar com as críticas que eventualmente recebe de jornalistas* (l. 11-12). Há integração, por co-referência, entre a locução *enfatizou..., perante uma platéia de 300 pessoas* (l. 12-13), *Lula assegurou que os tempos de censura não voltarão ao Brasil* (l. 5-6), *erros.... devem ser corrigidos "durante a caminhada"* (l. 7-9), *que a liberdade de imprensa seja sempre preservada* (l. 10-11) e *se incomodar com a censura nos jornais...*(l. 12).

O locutor mostra que o discurso do presidente acerca da criação do Conselho Federal de Jornalismo está adaptado ao espaço da solenidade em que tomam parte 300 jornalistas, os quais rejeitam a criação do Conselho. Além disso, pela identidade entre a locução *enfatizou... perante uma platéia de 300 pessoas* e *minutos antes Nelson Sirotsky havia discursado criticando a criação do Conselho*, o locutor mostra que o discurso de Lula se adapta ao discurso anterior de representante dos jornalistas. Com isso, o locutor mostra que Lula se posiciona sutilmente a favor da criação do Conselho Federal de Jornalismo, *mas* contra possíveis limitações que tal Conselho imporia às atividades jornalísticas, tal como realizado nos *tempos de censura*. Tal adaptação ou desvio no posicionamento do presidente é igualmente observado pela identidade entre *embora* (l. 4), *e* (l. 9 e l. 10) e *mas* (l. 12), os quais expõem o processo de atenuação de efeitos desfavoráveis da criação do Conselho para os jornalistas. Logo, *perante* não tem apenas o valor de ‘em frente’. A locução *enfatizou..., perante uma platéia de 300 pessoas* tem, para o locutor, a referência de afirmação de posição de discurso de anterioridade ao limite de espaço jornalístico. *Perante*, em *enfatizou... perante uma platéia de 300 pessoas*, tem a referência de posição discursiva de anterioridade a limite de espaço jornalístico. Esse espaço é de ordem física e discursiva.

### 5.1.13 Da preposição *por*

1.(1) Ao analisar na sexta-feira o legado do presidente Getúlio Vargas, o ex-presidente  
 2.Fernando Henrique Cardoso, que decretara em 1994 o fim da Era Vargas, afirmou que  
 3.nunca foi antigetulista, a não ser em sua oposição ao autoritarismo. Para FH, os presidentes  
 4.brasileiros que se mantiveram no poder em tempos democráticos foram os que tiveram

5.capacidade de compreender a diversidade do país e sair do jogo, comportando-se como 6."imperadores". O perigo, disse FH, é quando o presidente não percebe os limites do jogo 7.democrático, no qual operam as forças da sociedade, os partidos políticos e o Congresso. – 8.Aí também não governa. Porque o Congresso tem capacidade de bloquear. Jânio Quadros 9.(ex-presidente, **governou por sete meses** o país) é o melhor exemplo disso. Para FH, 10.Vargas entendeu essas barreiras e agiu com ambigüidade quando necessário. Foi capaz de 11.incorporar as massas trabalhadoras como novos atores da vida política, mas as manteve 12.sob controle. (ZH online, 05/09/2004)

*governou por 7 meses*

A locução *governou por 7 meses* faz parte de *Jânio Quadros (ex-presidente, governou por sete meses o país)* (l. 9), tendo o valor de atividade de extensão temporal. *Jânio Quadros* está em integração com *ex-presidente* (l. 0). *Jânio Quadros* está em integração, por co-referência, com *presidente*, em *o perigo é quando o presidente não percebe os limites do jogo democrático* (l. 6-7). *Disso*, em *Jânio Quadros é o melhor exemplo disso*, está em integração, por co-referência, com *aí também não governa* (l. 8) e com *o congresso tem capacidade de bloquear* (l. 8). *Os presidentes*, em *Os presidentes brasileiros que se mantiveram no poder em tempos democráticos* (l. 3-4), está em integração, por co-referência, com *o presidente Getúlio Vargas* (l. 1).

O locutor descreve e endossa a análise de Fernando Henrique acerca dos motivos da permanência do presidente Getúlio Vargas no governo do país. Por isso, a menção ao presidente Jânio Quadros tem, para Fernando Henrique, a função de mera ilustração da grande capacidade de Getúlio em driblar obstáculos para se manter no governo. Através da identidade entre a locução *governou por 7 meses* e *aí também não governa*, o locutor mostra que Fernando Henrique expõe sua tese acerca do governo de Getúlio através do contraponto com o governo de Jânio Quadros que, ao *governar 7 meses*, é avaliado como um não governo. A locução *governou por 7 meses* tem a referência de atividade de extensão temporal utilizada como argumento para demonstrar uma tese. Esse tempo é de ordem física e argumentativa.

#### 5.1.14 Da preposição *sem*

1.(1) Em cinco anos, o número de processos para cada juiz de primeiro grau da Justiça 2.Comum praticamente dobrou no Estado. Em 1999, em municípios de diferentes regiões do 3.Estado, como Canoas, Bagé, Charqueadas, Erechim ou Capão da Canoa, cada juiz lidava 4.em média com 6 mil a 10 mil ações. O corregedor-geral do Tribunal de Justiça (TJ), 5.desembargador Aristides Pedroso de Albuquerque Neto, afirma que o ideal é que essa 6.relação não superasse 300 por um. - Isso compromete a agilidade e a qualidade dos 7.julgamentos. Mas o Judiciário não é moroso, e sim o sistema legal, passível de recursos 8.infundáveis que complicam ainda mais o problema - afirma o desembargador. Para que esse

9.acúmulo fosse eliminado em um ano, **sem tempo para comer ou dormir**, os juízes **teriam**  
 10.**de julgar** pelo menos nove processos por dia -o que corresponderia à divulgação de uma  
 11.sentença a cada duas horas e meia. - O excesso de processos no Judiciário reflete a falta  
 12.de políticas públicas, a ausência de uma sociedade igualitária. Cada plano econômico gera  
 13.milhões de ações - explica o corregedor-geral. Uma das principais conseqüências dessa  
 14.situação é a morosidade. (ZH online, 21/06/2004)

*sem tempo para comer ou dormir,... teriam de julgar*

A locução *sem tempo para comer ou dormir,... teriam de julgar* (l. 9-10) faz parte de *sem tempo para comer ou dormir, os juízes teriam de julgar pelo menos nove processos por dia* (l. 9-10). A locução *sem tempo para comer ou dormir, ... teriam de julgar* tem o valor de tempo de trabalho subtraído de atividades de sobrevivência. *Nove processos por dia* (l. 10) está em integração, por co-referência, com *recursos infundáveis que complicam ainda mais o problema*, em *mas o Judiciário não é moroso, e sim o sistema legal, passível de recursos infundáveis que complicam ainda mais o problema* (l. 7-8). *Juízes* (l. 9) está em integração, por co-referência, com *Judiciário* (l. 7). Há integração entre *sistema legal*, em *mas o Judiciário não é moroso, e sim o sistema legal* (l. 7-8), e *políticas públicas*, em *O excesso de processos no Judiciário reflete a falta de políticas públicas, a ausência de uma sociedade igualitária* (l. 11-12).

A oposição feita entre *Judiciário*, do qual fazem parte *os juízes*, e *sistema legal ou políticas públicas*, evidenciada por *mas* (l.7), é argumento para que o locutor livre completamente os juízes da responsabilidade pelo acúmulo de processos existente. Assim, com a locução *sem tempo para comer ou dormir, ... teriam de julgar*, o locutor elabora solução do excesso de processos que ele mesmo não toma seriamente. A locução *sem tempo para comer ou dormir* tem a referência de subtração absurda de tempo dos juízes, uma vez que essa subtração extrapola não apenas o encargo profissional de um juiz mas invade o tempo de sobrevivência necessário a um ser humano. Além disso, na locução *sem tempo para dormir ou comer, ... teriam de julgar*, o uso de *teriam de julgar*, indicando possibilidade remota, relacionado a *sistema legal, passível de recursos infundáveis* que, pela relação entre – *vel*, *pass-* e *infund-* indica hipótese impossível, logo, tida como ultrapassando a capacidade humana, corrobora o valor de subtração absurda que a locução possui. O locutor procura criticar a situação de *morosidade* no julgamento dos processos, através de argumento hipotético de subtração de tempo. A locução *sem tempo para comer ou dormir, ... teriam de julgar* tem a referência de subtração de tempo absurda de atividades de sobrevivência. *Sem*,



em *sem tempo para comer ou dormir*, tem a referência, para o locutor, de subtração de tempo físico e hipótese de tempo argumentativo.

### 5.1. 15 Da preposição *sob*

1.(1) A camaradagem que marcou as relações do Movimento dos Trabalhadores sem terra  
2.com o governo, no ano passado, está sendo substituída por um clima de confronto que deixa  
3.no ar um cheiro de ruptura. Durante a madrugada, um grupo invadira a sede do Incra em  
4.Brasília, aproveitando-se da anunciada greve dos servidores federais para tomar o prédio e  
5.pendurar a bandeira do MST na porta - embora o movimento diga que o grupo não pertence  
6.a seus quadros. A reação do Ministério do Desenvolvimento Agrário foi emitir uma nota  
7.condenando a "ocupação sem justificativa". Se os sem-terra estão frustrados com o escasso  
8.número de assentamentos, o governo está aborrecido com a falta de solidariedade dos  
9.antigos parceiros. O ministro Miguel Rossetto pede paciência e promete que 2004 será um  
10.grande ano para a reforma agrária, mas passados os primeiros meses a tolerância de quem  
11.**vive sob lonas pretas à beira das estradas** começa a diminuir. (ZH online, 11/05/2004)

*vive sob lonas pretas à beira das estradas*

A locução *vive sob lonas pretas à beira das estradas* (l. 11) faz parte de *a tolerância de quem vive sob lonas pretas à beira das estradas começa a diminuir* (l. 10-11). A locução *vive sob lonas pretas à beira das estradas* (l. 11) tem o valor de condição de espaço de moradia abaixo de um limite. *A tolerância de quem vive sob lonas pretas à beira das estradas começa a diminuir* (l. 10-11) está em integração, por co-referência, com *a camaradagem... está sendo substituída por um clima de confronto que deixa um cheiro de ruptura*(l. 1-2). Há integração, por co-referência, entre *Movimento dos Trabalhadores sem terra* (l. 1) e *quem vive sob lonas pretas à beira das estradas* (l. 10-11).

Há mudança no relacionamento entre o governo e os sem-terra. Ao produzir identidade entre *Movimento dos Trabalhadores sem terra* e *quem vive sob lonas pretas à beira das estradas*, o locutor produz um efeito favorável aos sem-terra. Tal efeito é o de condição de moradia situada abaixo do limite da dignidade aceitável socialmente. Esta condição é corroborada pela integração entre *vive sob lonas pretas* e *à beira das estradas*. O locutor, ao grafar as palavras do governo “*ocupação sem justificativa*” entre aspas, mostra que se distancia da opinião do governo quanto às atitudes dos sem-terra. Com isso, o locutor visa fazer com que o alocutário veja que se os sem-terra invadem espaços governamentais, como o Incra, como forma de protesto, tal fato é justificado pela sua permanência na presente condição de moradia indigna. A locução *vive sob lonas pretas à beira das estradas* tem a referência de condição de moradia abaixo de limite de dignidade. *Sob*, em *vive sob lonas*

*pretas à beira das estradas*, tem, para o locutor, a referência de ocupação de espaço de moradia abaixo do limite socialmente aceitável. Esse espaço é de ordem física e social.

### 5.1. 16 Da preposição *sobre*

1.(1) A confirmação, pelas estatísticas oficiais, de expansão continuada nas taxas de emprego  
2.e renda no mercado formal de trabalho é o que poderia ocorrer de melhor nestes tempos de  
3.apreensão no cenário internacional e de frustração com o desempenho do mercado interno.  
4.A reação ainda é tímida demais e não serve de alento a um contingente impressionante de  
5.trabalhadores para os quais a recessão do ano passado se encarregou de fechar mais portas,  
6.particularmente nos grandes centros urbanos. Ainda assim, o governo federal precisa  
7.conduzir com o máximo de eficiência esse momento tão esperado. Um aspecto animador é  
8.o revelado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para o qual o  
9.emprego industrial em **março aumentou 0,4% sobre fevereiro**, a terceira alta consecutiva  
10.nesta comparação. Ainda que se constitua em pressuposto para um cenário adequado para  
11.a geração de emprego, a estabilidade, por si só, não opera milagres. O que o governo  
12.precisa reforçar agora, portanto, são ações que facilitem os investimentos e favoreçam a  
13.contratação no mercado formal, assegurando níveis de crescimento compatíveis com as  
14.necessidades do país. (ZH online, 20/05/2004)

<i>março aumentou 0,4% sobre fevereiro</i>
--------------------------------------------

A locução *março aumentou 0,4% sobre fevereiro* (l. 9) faz parte de *o emprego industrial em março aumentou 0,4% sobre fevereiro* (l. 8-9). A locução adquire o valor de comparação entre dois meses do ano relativamente às taxas de contratação empregatícia, em que o mês mais atual, *março*, apresenta valor *superior* ao valor do mês anterior, *fevereiro*. Há integração, por co-referência, entre a locução *março aumentou 0,4% sobre fevereiro* (l. 9), *a reação*, em *A reação ainda é tímida demais e não serve de alento a um contingente impressionante de trabalhadores para os quais a recessão do ano passado se encarregou de fechar mais portas* (l. 4-5) e *a estabilidade*, em *Ainda que se constitua em pressuposto para um cenário adequado para a geração de emprego, a estabilidade, por si só, não opera milagres* (l. 10-11). Há integração, por co-referência, entre a locução *aumentou 0,4% sobre fevereiro* (l. 9), *a confirmação, pelas estatísticas oficiais, de expansão continuada*, em *A confirmação, pelas estatísticas oficiais, de expansão continuada nas taxas de emprego e renda no mercado formal de trabalho é o que poderia ocorrer de melhor nestes tempos de apreensão* (l. 1-3), *esse momento tão esperado*, em *o governo federal precisa conduzir com o máximo de eficiência esse momento tão esperado* (l. 6-7) e *agora*, em *o governo precisa reforçar agora, portanto, ... ações que ... favoreçam a contratação...*(l. 11-13).

A relação entre a locução *março aumentou 0,4% sobre fevereiro*, esse momento tão esperado e agora mostra que *março aumentou 0,4% sobre fevereiro*, indicador da situação presente, é avaliado pelo locutor como benéfico relativamente à situação de recessão do país. Ou seja: a situação presente é superior à expectativa para a situação presente. No entanto, a relação entre a locução *março aumentou 0,4% sobre fevereiro* e *a reação ainda é tímida demais* mostra que a taxa alcançada nos primeiros meses de 2004, apesar de benéfica, não modifica as altas taxas de recessão do ano anterior. Ou seja: a situação presente é igual à situação do passado. A relação entre a locução *março aumentou 0,4% sobre fevereiro*, *precisa conduzir... esse momento tão esperado* e *precisa reforçar agora* mostra que o locutor, tendo em vista o aumento no índice de emprego do início de 2004, tem a expectativa de que ele seja ainda maior para um futuro próximo. Com a locução *março aumentou 0,4% sobre fevereiro*, o locutor não compara a realidade do mês de fevereiro à do mês de março, já que ambos estão situados na mesma situação de recessão originada no ano anterior, mas sim compara a expectativa de aumento de emprego, evidenciada em março, à realidade da falta de emprego, evidenciada em fevereiro. *Sobre*, em *março aumentou 0,4% sobre fevereiro*, marca posição de superioridade de avaliação da situação de março em relação à avaliação da situação fevereiro. Com a comparação temporal evidenciada em *sobre*, o locutor marca projeção positiva de resultados futuros.

#### **5.1.17 Considerações parciais: acerca das conseqüências descritivas e teóricas da análise enunciativa**

A primeira questão com a qual nos deparamos para *descrever* o sentido das preposições foi a seguinte: escolher a definição (onto)lógica de uma gramática ou de um estudo lingüístico para todas as preposições a fim de manter uniformidade descritiva ou escolher a definição que nos pareça mais bem elaborada seja qual for a obra? A primeira opção implicaria um esforço de fazer *representar*, pela descrição, as relações paradigmáticas da preposição em exame, suas identidades e diferenças com outras preposições no sistema lingüístico. A segunda opção implicaria em uma preocupação de fazer *representar*, pela descrição, as relações sintagmáticas da preposição em exame, suas identidades e diferenças com outras *locuções*. Tendo em vista a diversidade acentuada de descrição de sentidos de algumas preposições como *de*, *em*, *por*, entre outras, observamos que os autores levavam em consideração o *valor* da *locução*, ainda que nomeassem a constituição de uma estrutura

gramatical de outra forma<sup>102</sup>, como determinante da descrição da preposição. Por exemplo, a descrição de Cunha (1975, p. 523) para a preposição *de*, a saber, *afastamento de um limite*, leva em conta o exemplo *Ninguém sabe de onde vem esse vento, Dona Maria*. Já a descrição de Neves (2000, p. 658) para a preposição *de*, a saber, *lugar de onde, origem*, leva em conta o seguinte exemplo *Do alto da amendoeira, rolou agouro de coruja*. Com isso, a própria gramática, ao observar o sentido da preposição como advindo de suas relações sintagmáticas, faz com que reafirmemos a necessidade de descrever o sentido da preposição a partir do sentido do todo da locução (ver 3.5) bem como a implicação teórica dessa necessidade. Tal implicação é a de que o “sentido”, desde o nível da língua enquanto sistema de signos, é determinado pelas relações sintagmáticas da preposição.

A segunda pergunta tem a ver com o dispositivo metodológico que engendra sintática e semanticamente as relações sintagmáticas de *dissociação-integração*. A partir das análises enunciativas ilustrativas, observamos que há dois tipos de relações de *dissociação-integração*: 1º) relações sintáticas imediatas na cadeia sintagmática entre a locução e outros signos-palavra, as quais denominamos de *faz parte* e de *em*; 2º) relações sintático-semânticas descontínuas na cadeia sintagmática entre a locução e outros signos-palavra, as quais denominamos *integração* e *integração por co-referência*. Para ilustrar essas duas relações, tratemos do enunciado 5.1.2.

A necessidade de descrever o sentido enunciativo da preposição faz com que a *locução* seja simultaneamente tomada como *forma* em *dissociação* a unidades de nível inferior e como *sentido* em *integração* a unidade de nível superior (cf. cap. 4.1). No enunciado 5.1.2, para compreender que o sentido da preposição *ante* na locução *vai dominando ante os olhos cegos de milhões de paspalhos* é de anterioridade a espaço intelectual, é necessário observar sua relação sintática imediata tanto com o sujeito *o comunismo ...* quanto com *olhos cegos de milhões de paspalhos*, ou seja, na integração desses três signos-palavra à unidade de nível superior que as contém. Ou, como se pode ler em Benveniste (PLG II, p. 144), na locução *chorar de alegria*, o sentido da preposição *de*, a saber, ‘posição que se ocupa e direção para onde se vai sob o efeito de impulso que vem de trás, impulsionando para frente’ advém do sentido de impulso emocional de *alegria* que

---

<sup>102</sup> Cunha (1975, p. 523) escreve, entre parênteses, o seguinte comentário ao lado da descrição da preposição *de*: “(As noções de causa, posse, etc., daí derivadas, podem prevalecer em função do contexto)”.

resulta em um estado involuntário *chorar* para um sujeito. Ou seja, para se compreender o sentido enunciativo da preposição é necessário observar a integração de *todos* os elementos sintáticos imediatos à unidade de nível superior que as contém. Com isso, diferentemente da análise do sentido não-enunciativo das preposições em que o sentido da preposição é determinado pela *regência* na unidade do *predicado verbal*, isto é, em uma relação de dominância de sentido de um *signo* sobre outro, em uma análise enunciativa, a *referência* das preposições é determinada pela *co-regência* na unidade do *enunciado*, isto é, em uma relação de co-determinação do sentido dos *signos-palavra* entre si (ver cap. 1.3). Eis aqui a *sintaxe da enunciação: múltipla*, uma vez que leva em consideração *todos* os signos-palavra contínuos à preposição e *total*, uma vez que unifica tais elementos em um único sentido (ver 2.5 e 3.5).

Em perspectiva enunciativa, o sentido advém da *integração* dos elementos, logo, de uma *sintaxe da enunciação*. Se Benveniste chama a formação do verbo delocutivo de *derivação sintática*, uma vez que o sufixo de formação de verbos, *-ar*, regularmente integrado a bases adjetivais ou substantivas, é “surpreendentemente” *integrado* a uma locução de dizer *parabéns!* para a constituição do delocutivo *parabenizar*, fica evidente que o sentido de todo e qualquer signo-palavra é derivado das relações *morfossintáticas* internas a ele, ainda que essa integração fira uma determinada “lógica” da língua. Tal quebra da lógica da língua pode ser vista no signo-palavra *a fraude de um Dicionário Crítico do Pensamento da Direita*, em que se *integram* morfossintaticamente uma avaliação subjetiva e um título, integração essa que não é possível em outros enunciados. Atentemos à descrição de Benveniste (PLG II, p. 232, grifos nossos): “(...) as palavras contraem valores que em si mesmas elas não possuíam e que são **até mesmo contraditórios com aqueles que elas possuem em outros lugares**. Note-se que se coligam conceitos logicamente opostos, que até mesmo se reforçam ao se unirem. (...) tal é o liame entre ‘ter’ e ‘perder’ em ‘eu tenho perdido’.” Vemos que a *locução*, por ser unidade entre língua e língua-discurso (ver 3.5), pode conter potencialmente o sentido “inesperado”, “não lógico” da preposição, ou melhor, cada locução aponta *uma* lógica, *um* sentido pertinente a determinados enunciados.

Por outro lado, a necessidade de se conceber uma análise enunciativa como a produção de um sentido *único* e *irrepetível* para cada enunciado faz com que devamos observar a co-determinação de sentido de *todos* os signos-palavra entre si. Dessa forma, no enunciado em questão, é necessário observar a *integração* de dois signos-palavra

descontínuos à locução (*história do comunismo e fraude de um Dicionário Crítico do Pensamento de Direita*) para compreender o sentido da própria locução. No enunciado 5.2.1, *ante*, na locução, *vai dominando ante os olhos cegos de milhões de paspalhos*, não há uma soma dos valores dos elementos, tal como em uma análise lógica da língua, e sim uma *sintagmatização*. A referência de *ante* no enunciado 5.2., a saber, posição em espaço físico anterior a espaço intelectual, deriva não apenas do amálgama da preposição *ante* a *dominar*, a qual adquire do verbo o sentido de imposição de passividade, e do amálgama desse conjunto com *os olhos cegos de milhões de paspalhos*, o qual adquire do sintagma nominal o sentido de passividade de ordem intelectual ou cultural. A referência única de *ante* no enunciado 5.1.2 deriva da falta de conhecimento dos brasileiros enunciada não apenas em *comunismo que vai dominando ante os olhos cegos de milhões de paspalhos*, em que a locução toma parte, mas também em *fraude de um Dicionário Crítico do Pensamento da Direita*, em que é assinalada a (pre)dominância de publicações não intelectualmente sérias no Brasil. Observemos que os signos-palavra em questão são de natureza sintática variada: a locução é um amálgama verbal de posição física, expressa em *ante os olhos cegos*, e posição intelectual, *milhões de paspalhos*; o outro signo-palavra é um amálgama nominal de substantivo comum expressando avaliação intelectual, em *a fraude*, e um substantivo próprio expressando o título de uma obra, em *Dicionário Crítico do Pensamento da Direita*. Em contrapartida, em enunciados como 5.1.14, a locução *sem tempo para comer ou dormir, ... teriam de julgar* em sua integração com *passível de recursos infundáveis*, o sentido de subtração de tempo absurda presente na própria locução é enfatizado pela integração entre o radical *infind-*, denotando ação *i(n)realizável*, e o sufixo *-vel* presente em *passível* e *infindável*, denotando, nesse enunciado, uma possibilidade de ação. O sentido no signo-palavra *passível de recursos infundáveis* é, portanto, *impossibilidade* de ação, o qual se agrega ao signo-palavra contendo a preposição para a constituição de sua referência. Eis aqui a *sintaxe da enunciação*: é *múltipla*, uma vez que leva em consideração *todos* os signos-palavra descontínuos à preposição que lhe são pertinentes e é *total*, uma vez que unifica tais elementos em uma única *referência* (ver 2.5 e 3.5).

A *integração* de signos-palavra para a construção da referência da preposição no enunciado mostra que o sentido da preposição não advém da soma dos sentidos dos signos da cadeia sintagmática e sim da totalidade do sentido de signos-palavra contínuos e descontínuos de *qualquer* natureza sintática com a locução. Como vimos na exemplificação acima, o sentido enunciativo advém da integração entre palavras internas à locução (enunciado 5.1.2),

locução com signos-palavra externos (enunciado 5.1.2) e morfemas das palavras internas e/ou externas à locução (enunciado 5.1.14).

Interpretemos uma afirmação de Bouquet (1997, p. 252), atribuída *ao programa de uma gramática do sentido* presente na epistemologia saussuriana, mas não no CLG, o qual consideramos projetado e, em certa medida, reinventado pela Teoria da Enunciação de Benveniste. Vejamos:

“Da reivindicação de uma gramática global – transversal aos domínios da lexicologia, da morfologia e da sintaxe – não decorre que falte questionar (...) todas as categorias tradicionais: o que importa, para tratar essas categorias no seio de uma ciência do sentido, é considerar o fato semântico como algo que implica, em sua essência uma abordagem global (...) revela-se o postulado através do qual fica implícita a transversalidade da gramática do sentido: a transversalidade de um “valor” semântico.” (BOUQUET, 1997, p. 252)

A partir da citação acima, vemos que *uma ciência do sentido* implica uma abordagem global, ou em nossos termos, uma abordagem *d’emblée*. Assim, observamos uma estreita relação entre o *programa de uma gramática do sentido*, projetado por Saussure, e a nossa interpretação da Teoria da Enunciação de Benveniste. Tal aproximação autoriza-nos a dizer que o sentido da enunciação é *transversal à linearidade* da cadeia sintagmática, isto é, advém da totalidade de *unidades dissociadas* de várias naturezas: sufixos, radicais, locuções têm valor sempre e somente nas relações de *integração* em cada enunciado. Além disso, signos *dissociados*, cujos sentidos contraditórios podem impedir a constituição de uma locução em *alguns* enunciados, podem *integrar-se* em *um* signo-palavra para a constituição de sentido em *outros* enunciados. Com isso, constatamos que a metodologia utilizada para a análise enunciativa das preposições consegue demonstrar a tese de que, em perspectiva enunciativa, *sentido constrange sintaxe* ou a tese de que o sentido advém das relações sintático-semânticas não categorizáveis, variáveis a cada enunciado.

Ilustraremos a passagem do sentido não-enunciativo das preposições, isto é, de seu *valor* enquanto signo, ao sentido enunciativo, isto é, de sua *referência* enquanto signo-palavra, para cada uma das preposições analisadas. Vejamos o quadro abaixo:

Preposição	O valor do signo	A referência do signo-palavra
<i>A</i>	estimativa de vida medida do presente a um limite no futuro	tempo medido pela estimativa de encontro iminente entre grupos rivais a um limite próximo no futuro
<i>Ante</i>	situação anterior ao espaço ocupado por pessoas	situação em espaço físico anterior a limite de espaço intelectual
<i>Até</i>	alcance de limite presente	alcance de culminância de ação/atitude adiantada ao presente
<i>Após</i>	situação posterior a limite de tempo	situação posterior a limite de tempo físico e a limite de tempo jurídico
<i>Com</i>	duração de tempo	duração de tempo de ordem física e tempo de ordem histórica
<i>Contra</i>	direção a um espaço com finalidade negativa relativa a esse espaço	direção a um espaço-tempo com finalidade negativa plenamente atingida
<i>De</i>	pertença a espaço	pertença a espaço físico e a espaço caracterizado por estilo de vida
<i>Desde</i>	injunção à ação com duração temporal a partir do limite presente, o qual antecede outra ação	injunção à ação com duração temporal a partir do presente dizer do locutor, a qual antecede outras ações de leitura bem como a referência de injunção à ação com duração temporal a partir de qualquer tempo de ação do alocutário que anteceder as outras ações de leitura
<i>Em</i>	movimento a espaço definido	movimento a espaço definido de forma física e profissional.
<i>Entre</i>	intervalo temporal trabalho delimitado por faixa etária entre dois limites numéricos	intervalo temporal delimitado, internamente aos limites numéricos, pela realidade do trabalho e delimitado, externamente aos limites numéricos, por uma definição sócio-política de trabalho infantil
<i>Para</i>	deslocamento em direção a lugar definido	deslocamento com alcance de um lugar definido
<i>Perante</i>	anterioridade a limite de espaço físico	posição discursiva de anterioridade a limite de espaço físico e discursivo
<i>Por</i>	extensão temporal	Extensão temporal utilizada como argumento para uma tese
<i>Sem</i>	subtração de tempo de atividades de sobrevivência	subtração de tempo absurda de atividades de sobrevivência
<i>Sob</i>	condição de espaço de moradia abaixo de um limite	condição de espaço de moradia abaixo do limite socialmente aceitável
<i>Sobre</i>	comparação de superioridade entre dois meses do ano	posição de superioridade de avaliação da situação de março em relação à avaliação da situação fevereiro



## Quadro 16 – Descrição enunciativa das preposições

### 5.2 Análises enunciativas comparativas

Nesse item, faremos análises enunciativas de uma preposição, a saber, *até*, através da comparação dos sentidos da preposição em uma mesma locução em dois enunciados. Objetivamos observar a pertinência de nossa metodologia. Tal pertinência advém tanto da necessidade de uma uniformização descritiva do sentido das preposições quanto de uma precisão definitória. Neste último caso, por exemplo, a amplitude dos termos *integração* e *locutor*, por exemplo, poderia ter nos conduzido, nas análises ilustrativas, a uma banalização dos mesmos.

Selecionaremos, inicialmente, dois enunciados contendo a mesma locução e, a seguir, faremos a análise de cada enunciado separadamente. A metodologia de análise de cada enunciado será a mesma utilizada para as análises enunciativas ilustrativas. Finalmente, faremos um quadro comparativo demonstrando que a mesma locução têm tantos sentidos quantos forem seus enunciados, ou seja, em enunciação, o sentido é único e irrepetível (cf. cap. 3).

Objetivamos ainda observar os sentidos de *espaço* e de *tempo* que as preposições adquirem nos enunciados. Com isso, dividiremos as seções deste subcapítulo em dois itens, a saber, 5.2.1, tratando de uma dupla de enunciados com sentidos de *tempo* e 5.2.2, tratando de uma dupla de enunciados com sentidos de *espaço*.

5.2.1 Da locução *estudou até + escolaridade*: acerca do sentido de *tempo* da preposição *até*

1. (1) Um dos principais líderes da invasão da Fazenda Coqueiros, Ledovatto, integrante do 2.MST desde a sua fundação, participou dos episódios mais traumáticos do movimento no 3.Estado. Quando 17 sem-terra e quatro PMs eram feridos à bala na Fazenda Santa Elmira, 4.em Salto do Jacuí, em 1989, policiais federais prendiam Ledovatto em Porto Alegre. Ele e 5.outros sem-terra haviam invadido o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária 6.(Incra). No ano seguinte, o homem conhecido como "apaziguador" peleava com PMs na 7.Praça da Matriz, em Porto Alegre. É por isso que seus colegas de coordenação do

8.movimento o destacaram para Coqueiros do Sul, onde uma queda de braços com o governo  
 9.federal se desenrolava desde 2 de abril. - Os companheiros não confiam mais no governo.  
 10.Até agora pela manhã (ontem) tinha gente querendo permanecer na fazenda - disse a  
 11.jornalistas Ledovatto, que **estudou até o 1º ano do Ensino Médio**. Mas mesmo quem  
 12.estava do outro lado da trincheira, e percebia a tensão, via em Ledovatto um negociador  
 13.confíável. (ZH online, 14/05/2004)

*estudou até o 1º ano do Ensino Médio*

A locução *estudou até o 1º ano do Ensino Médio* (l. 12) faz parte de *Ledovatto* (l. 11), tendo o sentido de atividade de alcance de limite temporal de escolaridade. A locução está em integração com *participou dos episódios mais traumáticos* (l. 2), *em 1989... haviam invadido o... Incra* (l. 5), *policiais federais prendiam Ledovatto* (l. 4), *no ano seguinte...peleava com PMs* (l. 6). *Ledovatto* está em integração, por co-referência, com *um dos principais líderes da invasão da Fazenda Coqueiros* (l. 1), *integrante do MST desde a sua fundação* (l. 2-3) e *o homem conhecido como “apaziguador”* (l. 6). Há integração, por co-referência, entre *quem estava do outro lado da trincheira* (l. 11) e *governo* (l. 9). Há integração, por co-referência, entre *via em Ledovatto um negociador confíável* (l. 12) e *o homem conhecido como “apaziguador”* (l. 6).

As ações de invadir e de pelear, as quais se relacionam à locução *estudou até o 1º ano do Ensino Médio*, mostram que o sem-terra Ledovatto vem se reafirmando, ao longo do tempo, como alguém capaz de ajudar a atingir os objetivos dos sem-terra, sendo, por isso, destacado para a presente invasão de Coqueiros do Sul. Pela integração entre *um dos principais líderes* (l. 1) e *um negociador confíável* (l. 12), Ledovatto é visto como líder confíável não apenas pelos sem-terra como também pelo governo. O locutor no entanto, ao grafar *“apaziguador”* (l. 6) entre aspas e ao integrar a locução a *policiais federais prendiam Ledovatto* (l. 4), assinala que Ledovatto não deveria receber a confiança do governo na presente invasão de Coqueiros do Sul, uma vez que ele, em invasões passadas, entrou em atrito com o governo. Com a integração entre *via em Ledovatto um negociador confíável* (l. 12) e *o homem conhecido como “apaziguador”* (l. 6), o locutor considera o líder dos sem-terra como alguém que, conseguindo manter a confiança do governo até o presente, ultrapassa a confiança que o próprio locutor depositaria em Ledovatto. Assim, *Ledovatto* é visto pelo governo como alguém que tem grande conhecimento como negociador, visão esta não assumida pelo locutor. A locução *estudou até o 1º ano do Ensino Médio* tem a referência de atividade de alcance de limite de conhecimento que ultrapassa o limite de conhecimento

atribuído pelo locutor. *Até*, em *estudou até o 1º ano do Ensino Médio*, não tem a referência de limite passado de escolaridade e sim limite presente de conhecimento atingido para além do aceito pelo locutor, logo, limite estendido. *Até* não marca simplesmente tempo físico e sim tempo físico e avaliativo.

1.(2) Luiz Inácio Lula da Silva nunca escondeu seu gosto por um copo de cerveja, uísque ou, 2.melhor ainda, uma dose de cachaça. Mas alguns de seus compatriotas começam a questionar 3.se a predileção de seu presidente por bebidas fortes estaria afetando sua performance no 4.cargo. Os simpatizantes e a equipe de Lula sustentam que tais deslizes são apenas 5.ocasionais, esperados de um homem que gosta de falar de improviso, e não tem nenhuma 6.ligação com o consumo de álcool, descrito por eles como moderado, seja qual for a situação. 7.Para eles, Lula é avaliado em um padrão diferente – e injusto – do de seus antecessores, por 8.ser o primeiro presidente da classe trabalhadora e só **estudou até a sexta série do primário**. 9.– Qualquer um que já foi a uma recepção formal ou informal em Brasília testemunhou 10.presidentes tomando uísque. Mas você nunca leu nada a respeito de outros presidentes, só 11.sobre Lula. Isso é preconceito. – escreveu o colunista Ali Kamel, do jornal O Globo. São 12.muitas as histórias de bebedeira protagonizadas por Lula. Certa noite, no final dos anos 80, 13.quando era deputado federal, Lula errou o andar ao sair do elevador e tentou derrubar a 14.porta de um apartamento que achou ser o seu. O episódio é contado por políticos e 15.jornalistas locais, além de ex-moradores do prédio. De acordo com um artigo publicado no 16.jornal Folha de São Paulo, "durante o governo Lula, a caipirinha se tornou a bebida 17.nacional por decreto presidencial". (ZH online, 11/05/2004)

*estudou até a sexta série do primário*

A locução *estudou até a sexta série do primário* (l. 8) faz parte de *Lula, em para eles, Lula é avaliado em um padrão diferente – e injusto – do de seus antecessores por... e só estudou até a sexta série do primário* (l. 6-7). A locução tem o sentido de atividade de alcance de limite temporal de escolaridade. *Para eles, Lula é avaliado em um padrão diferente – e injusto* está em integração, por co-referência, com *Os simpatizantes e a equipe de Lula sustentam que tais deslizes são apenas ocasionais*. (l. 4). *Deslizes... apenas ocasionais* está em integração, por co-referência, com *consumo de álcool, descrito por eles como moderado* (l. 6). *Os simpatizantes... de Lula* (l. 4) está em integração, por co-referência, com *Ali Kamel* (l. 8). *Lula é avaliado em um padrão diferente – e injusto – do de seus antecessores* (l. 6-7) está em integração com *Qualquer um que já foi a uma recepção... em Brasília testemunhou presidentes tomando uísque. Mas você nunca leu nada a respeito de outros presidentes, só sobre Lula. Isso é preconceito*. (l. 8-11).

*Alguns de seus compatriotas começam a questionar se a predileção de seu presidente por bebidas fortes estaria afetando sua performance no cargo* (l. 2-4) está em

integração com *Lula nunca escondeu seu gosto por um copo de cerveja, uísque* (l. 1), com *São muitas as histórias de bebedeira protagonizadas por Lula* (l. 11-12), em *quando era deputado federal, Lula errou o andar .... O episódio é contado por políticos e jornalistas locais, além de ex-moradores do prédio* (l. 12-15).

O locutor apresenta a opinião dos simpatizantes de Lula acerca da crítica realizada ao presidente sobre suas recentes bebedeiras e igualmente sua opinião acerca da interpretação dos simpatizantes. Esses admitem que a condição de escolaridade de Lula é baixa. Tal fato é corroborado pela combinação entre a locução *estudou até 6ª série do primário e só* (l. 8). No entanto, eles refutam a co-relação entre a baixa de escolaridade de Lula e o seu hábito atual de beber em demasia. Além disso, para os simpatizantes de Lula, a crítica ao presidente é injusta, uma vez que, segundo eles, Lula bebe socialmente, como todos os outros presidentes o fizeram. Para o locutor, identificado ao grupo dos não-simpatizantes, a locução *estudou até a sexta série do primário* mostra o quão limitada é a interpretação dos simpatizantes acerca da crítica dos não-simpatizantes - ou dos *compatriotas* - ao comportamento negativo de Lula. A interpretação é considerada imitada uma vez que a crítica dos não-simpatizantes não se assenta sobre o fato expresso pela locução. *Estudou até a sexta série* é apresentada no espaço do discurso indireto, distanciada da opinião do locutor. A crítica do locutor não se dá sobre característica de Lula, a saber, *estudar até a 6ª série*, e sim sobre a publicidade dos deslizes do mesmo. Assim, a locução *estudou até a 6ª série do primário* não tem a referência de atividade de alcance de limite negativo de escolaridade, isto é, limite aquém do esperado, tal como elaborada pelos simpatizantes de Lula. A locução tem a referência de enunciação de terceiros que alcança o limite de argumento aceito pelo locutor para a defesa de Lula, mas que é argumento aquém de sua crítica. *Até*, em *estudou até a 6ª série do primário*, tem o sentido de alcance de limite mínimo de argumento aceito pelo locutor, logo, limite restringido. *Até* marca tempo físico e tempo argumentativo.

1.(3) Tipicamente amazônica, a extração de goma das árvores forjou comunidades de  
 2.trabalhadores que trocaram a pesca e a lavoura por matas de pínus isoladas no Litoral Sul.  
 3.São os resineiros, que chegam a ficar 10 horas por dia embrenhados nas florestas  
 4.encravadas entre o mar e a Lagoa dos Patos. A rotina se resume a extrair resina de pelo  
 5.menos 1,5 mil árvores por dia. O salário médio de R\$ 400, segundo os resineiros, justifica o  
 6.esforço.Vonildo e outros 15 resineiros vivem em uma comunidade montada no mato, no  
 7.interior de São José do Norte. O grupo é comandado por outro ex-pescador, Fabiel Silva de  
 8.Farias, 21 anos, que responde pelos trabalhadores. Farias **estudou até a 4ª série do Ensino**  
 9.**Fundamental** e ganha salário fixo de R\$ 600. - O pior é cumprir a meta e motivar os outros  
 10.a fazerem o mesmo. Quando falta alguém, coloco a mão na massa, pois precisamos  
 11.produzir. Vale a pena porque ganho 100% mais do que antes - afirma o capataz. Para  
 12.ganhar tempo - normalmente os matos são plantados em áreas inóspitas -, algumas

13.resineiras montam pequenos vilarejos junto às florestas. Em cada lado, há uma cozinha e  
 14.um quarto para duas pessoas. Não há banheiro nem energia elétrica. O chuveiro  
 15.campeiro montado em um casebre anexo - a ducha fica presa em um latão que é abastecido  
 16.com água aquecida em uma fogueira - ajuda na higiene. - Sem mulher, dá para enforçar  
 17.o banho - conta Vilmar Miguel, 44 anos. (ZH online, 11/07/2005)

*estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental*

A locução *estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental* faz parte de *Farias estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental* (l. 8-9), tendo o sentido de alcance de limite temporal de escolaridade. *Farias* está em integração, por co-referência, com *trabalhadores que trocaram a pesca e a lavoura por matas de pinus isoladas no Litoral Sul* (l. 2), com *resineiros, que chegam a ficar 10 horas por dia embrenhados nas florestas encravadas entre o mar e a Lagoa dos Patos* (l. 3-4) e com *o capataz* (l. 11). A locução *estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental* está em integração com *... e ganha salário fixo de R\$ 600* (l. 9). A locução está em integração, por co-referência, com *o salário médio de R\$ 400, segundo os resineros, justifica o esforço* (l. 5-6) e com *Quando falta alguém, coloco a mão na massa... Vale a pena porque ganho 100% mais do que antes - afirma o capataz* (l. 9-11). *O esforço* está em integração com *A rotina se resume a extrair resina de pelo menos 1,5 mil árvores por dia* (l. 4-5), com *chegam a ficar 10 horas por dia embrenhados nas florestas* (l. 3-4) e com *Para ganhar tempo ... algumas resineiras montam pequenos vilarejos junto às florestas. ...Não há banheiro nem energia elétrica* (l. 11-14).

O locutor mostra o cotidiano de trabalho dos resineros, a maioria dos quais abandonara outras atividades realizadas *antes* como *a pesca e a lavoura*. Ao integrar *esforço a ficar 10 horas embrenhados nas florestas e a pequenos vilarejos... não há banheiro nem energia elétrica*, o locutor mostra que as condições de trabalho do resinero *Farias* representam um *esforço*, isto é, são um tanto penosas. No entanto, para os resineros, esse esforço é compensado pelo *salário médio de R\$ 400*, considerado mais vantajoso *segundo eles* do que o recebido pelo trabalho realizado anteriormente, como se verifica no depoimento do resinero *Farias*: *Quando falta alguém, coloco a mão na massa... Vale a pena porque ganho 100% mais do que antes - afirma o capataz*. A locução *estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental*, ao se integrar a *e ganha salário fixo de R\$ 600*, tem a referência, para o locutor, de alcance de delimitação de escolaridade que define grupo de pessoas que se submetem a trabalho penoso para ampliar o limite de seus salários. Tal definição é feita por

outras características, como *trabalhadores da lavoura e da pesca, resineiros, 21 anos, dá para enforçar o banho. Até*, na locução *estudou até 4ª série do Ensino Fundamental*, indica delimitação de perfil escolar de grupo com o qual o locutor não se identifica, ou seja, limite afastado. *Até* marca tempo físico de escolaridade e tempo de auge de compensação salarial.

Vimos que a locução *estudou até + escolaridade* apresenta referências diversas em dois enunciados. No enunciado (1), *estudou até o 1º ano do Ensino Médio* tem a referência de alcance de limite além do esperado pelo locutor, enquanto que, no enunciado (2), *estudou até a sexta série do primário* tem a referência de alcance de limite mínimo aceito pelo locutor e no enunciado (3), *estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental* tem a referência de alcance de (de)limitação de perfil escolar de grupo com o qual o locutor não se identifica. No enunciado (1), a preposição *até* indica tempo de ordem física e avaliativa, no enunciado (2), por sua vez, a preposição indica tempo de ordem física e argumentativa e no enunciado (3), a preposição indica tempo físico de escolaridade e tempo de auge de compensação salarial. Além disso, o enunciado (2) apresenta uma complexidade enunciativa que o enunciado (1) e o enunciado (3) não têm, a saber, dois enunciadores, gerando, com isso, dois sentidos para a preposição *até*, os quais são englobados pela referência produzida pelo locutor.

Façamos um quadro comparativo:

A forma O sentido	<i>Até</i> na locução <i>estudou até + escolaridade</i>
Enunciado (1)	limite além do aceito pelo locutor- limite estendido
Enunciado (2)	limite mínimo aceito pelo locutor – limite restringido
Enunciado (3)	(de)limitação pelo locutor – limite afastado

Quadro 16- Sentidos da preposição *até* na locução *estudou até + escolaridade*

	O sentido de tempo de <i>até</i>
Enunciado (1)	Tempo físico e avaliativo
Enunciado (2)	Tempo físico e argumentativo
Enunciado (3)	Tempo físico e de auge de compensação salarial

Quadro 17– Sentidos de tempo da preposição *até*

5.2.2 Da locução *verbo de movimento + até + local*: acerca do sentido de *espaço* da preposição *até*

1.(1) Passo Fundo, no norte do Estado, entrou ontem na rota dos ativistas do Greenpeace. Um  
2.grupo de 26 pessoas, das quais 12 estrangeiros, entrou no pátio da unidade da multinacional  
3.Bunge Alimentos, localizada no km 2 da rodovia Passo Fundo-Tio Hugo (RST-153). O  
4.gerente administrativo da Bunge de Passo Fundo, César Stalhschmidt, **foi até o local**, mas  
5.recusou-se a conversar com os manifestantes enquanto eles estivessem dentro da área da  
6.empresa. Com a chegada da Brigada Militar, o grupo desocupou o pátio e iniciou um  
7.protesto com cartazes do lado de fora. A direção da empresa não recebeu os manifestantes e  
8.registrou queixa por quebra da tranqüilidade alheia. (ZH online, 12/05/2004)

*foi até o local*

A locução *foi até o local* faz parte de *O gerente... foi até o local* (l. 3-4), tendo o valor de deslocamento a um limite espacial. *Local* está em integração, por co-referência, com *multinacional Bunge Alimentos* (l. 2-3). *O gerente... foi até o local* (l. 3-4) está em integração com *mas recusou-se a conversar com os manifestantes enquanto eles estivessem dentro da área da empresa* (l. 4-6). Há integração entre *um grupo entrou no pátio da multinacional....*(l. 1-2) e *o grupo desocupou o pátio e iniciou um protesto com cartazes do lado de fora* (l. 6-7). *O gerente administrativo da Bunge de Passo Fundo* (l. 3-4) está em integração, por co-referência, com *A direção da empresa* (l. 7). *O gerente... foi até o local* (l. 3-4) está em integração, por co-referência, com *A direção da empresa não recebeu os manifestantes e registrou queixa por quebra da tranqüilidade alheia* (l. 7-8).

A locução *foi até o local* não marca apenas um limite de deslocamento espacial, mas assinala que tal deslocamento não é suficiente para se manter um diálogo entre pessoas de posições diferentes, ou seja, um *gerente administrativo e ativistas do Greenpeace*. Em outras palavras, um gerente de uma empresa multinacional ir até o local onde estão manifestantes que se opõem à empresa, não é necessariamente um gesto de abertura a negociações. Isso é plenamente corroborado pela integração entre *foi até o local* e *mas recusou-se a conversar*. Com a integração entre a locução *foi até o local* e *não recebeu os manifestantes e registrou queixa por quebra da tranqüilidade alheia*, o locutor mostra que o gerente tinha o firme propósito de limitar a ação dos manifestantes na empresa, qualquer que fosse a reação que os mesmos apresentassem. Assim, o locutor mostra que a finalidade do gerente atinge o limite – ou o extremo- permitido a um gerente para coibir a ação de manifestantes. A locução *foi até o local* tem a referência de deslocamento a um limite espacial com finalidade diversa. *Até* não

marca simplesmente limite de espaço físico e sim limite de espaço físico e de espaço de poder.

1.(2) O novo filme de Harry Potter teve sua pré-estréia mundial no último domingo, quando  
 2.os célebres bruxinhos de Hogwarts **voaram até Nova York** para juntar-se a um público  
 3.estimado em 6 mil pessoas no evento realizado no Radio City Music Hall, com direito a  
 4.tapete vermelho. A primeira exibição de Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban, que  
 5.estréia no Brasil em 4 de junho, gerou uma grande expectativa, e uma multidão lotou a  
 6.calçada do cinema para ver de perto o ator de 14 anos que faz o papel de Harry, Daniel  
 7.Radcliffe, e seus colegas de elenco Emma Watson (Hermione) e Rupert Grint (Ronnie  
 8.Weasley). Na sessão de pré-estréia, o público aplaudiu com entusiasmo os três atores  
 9.protagonistas e oito outros membros do elenco que subiram ao palco antes de o filme  
 10.começar, incluindo Robbie Coltrane, que representa o gigante de boa índole Hagrid, e Alan  
 11.Rickman, o sinistro professor de poções mágicas Severo Snape. (ZH online, 26/05/2004)

*voaram até Nova York*

A locução *voaram até Nova York* (l. 2) faz parte de *os... bruxinhos... voaram até Nova York* (l. 1-2), tendo o sentido de deslocamento a um limite espacial. *Nova York* está em integração, por co-referência, com *a primeira exibição de Harry Potter* (l. 4) e com *na sessão de pré-estréia* (l. 8). *Os... bruxinhos* (l. 2) está em integração, por co-referência, com *o ator de 14 anos que faz o papel de Harry... e seus colegas* (l. 6-7) e com *os três atores protagonistas* (l. 8-9). *Os... bruxinhos.. voaram até Nova York* está em integração com *para juntar-se a um público estimado em 6 mil pessoas* (l. 2-3). *Os... bruxinhos... voaram até Nova York* (l. 1-2) está em integração, por co-referência, com *A primeira exibição de Harry Potter... gerou uma grande expectativa* (l. 4-5); *Na sessão de pré-estréia, o público aplaudiu com entusiasmo* (l. 8-9); *uma multidão lotou a calçada... para ver de perto o ator de 14 anos que faz o papel de Harry... e seus colegas* (l. 5-6); *o público aplaudiu...os três atores protagonistas... que subiram ao palco antes de o filme começar* (l. 8-10).

O locutor produz integração entre a locução *voaram até Nova York* e *para juntar-se ao público*, assinalando, com isso, um deslocamento a um lugar com finalidade de aproximação com o público do referido lugar. Tal finalidade é bem sucedida, evidenciada pelo encontro muito próximo entre os atores e o público, como se observa pela integração da locução com *o público aplaudiu com entusiasmo*. Dessa forma, a locução *voaram até Nova York*, tem, para o locutor, a referência de deslocamento a limite espacial plenamente atingido. Até, na locução *voaram até Nova York*, tem a referência de deslocamento a um limite com finalidade plenamente realizada. Até marca espaço físico e de intenção.



1.(3) Um prédio da Rua Frei Germano, a uma quadra da Avenida Ipiranga, na zona leste da  
 2.Capital, hospeda uma missão nobre: proteger 38 adolescentes deixados ao cuidado do poder  
 3.público. O que se vê diante desse abrigo, ao anoitecer, é bem diferente disso. Garotos fogem  
 4.pelo telhado para consumir drogas na calçada, perambular em busca de esmola e até mesmo  
 5.cometer assaltos.. Para alcançar a rua sem passar pelos guardas municipais e pelos  
 6.monitores, um garoto de casaco alaranjado subiu até o telhado. Caminhou sobre as telhas e  
 7.entregou uma sacola para os amigos da rua. Às 21h50min, um guarda **foi até a calçada**,  
 8.observou o grupo e voltou para dentro do abrigo. Os garotos brincavam, cantavam e  
 9.dançavam embalados pelo cheiro de loló e por tragadas de cigarros de maconha. Às 23h,  
 10.ainda havia guardas na calçada, e um adolescente de 15 anos pulou do telhado e caminhou  
 11.em direção à Ipiranga. (ZH online, 06/05/2004)

*foi até a calçada*

A locução *foi até a calçada* faz parte de *um guarda foi até a calçada* (l. 7), tendo o sentido de deslocamento a um limite espacial. A locução está em integração, por co-referência, com *observou o grupo* (l. 8) e com *voltou para dentro do abrigo* (l. 8). Às 21h50min, *um guarda foi até a calçada* (l. 7) está em integração, por co-referência, com *Às 23h, ainda havia guardas na calçada* (l. 9-10). *Guardas* (l. 10) está em integração, por co-referência, com *Um prédio da Rua Frei Germano* (l.1), em *Um prédio da Rua Frei Germano.... hospeda uma missão nobre: proteger 38 adolescentes....* (l. 1-2) e com *poder público* (l. 2-3). *Hospeda uma missão nobre* está em integração com *disso*, em *o que se vê diante desse abrigo, ... é bem diferente disso* (l. 3). *O que se vê* está em integração com *um guarda foi até a calçada, observou o grupo e voltou para dentro do abrigo* (l. 7-8) e com *os garotos brincavam, cantavam e dançavam embalados pelo cheiro de loló e...* (l. 8-9).

Ao integrar a locução *foi até a calçada* a *observou o grupo* e a *voltou para dentro do abrigo* e ao integrar *os guardas* a *poder público*, o locutor mostra que a instituição pública responsável por cuidar para que jovens não voltem a delinquir não consegue cumprir minimamente suas tarefas, uma vez que *ir até a calçada* não significa trazer os adolescentes para *dentro* do abrigo. Tal ineficácia é corroborada pela integração entre *às 23 h, ainda havia guardas na calçada*, em que *ainda* indica que o locutor esperava que os guardas não estivessem na rua àquela hora observando os garotos, e *garotos brincavam.... embalados pelo cheiro do loló*. A locução *foi até a calçada* tem a referência, para o locutor, de deslocamento a um limite espacial cuja finalidade não é minimamente cumprida. *Até*, na locução *foi até a calçada*, tem a referência de alcance de limite espacial sem alcance da finalidade esperada pelo locutor. *Até* marca espaço de ordem física e de atuação institucional.

Vimos que a locução *estudou até + escolaridade* apresenta referências diversas em dois enunciados. No enunciado (1), a locução *foi até o local* tem a referência de deslocamento a um limite espacial com finalidade diversa, enquanto que, no enunciado (2), a locução *voaram até Nova York* tem a referência de deslocamento a um limite com finalidade plenamente realizada. Em contrapartida, no enunciado (3), a locução *foi até a calçada* tem a referência de deslocamento a um limite espacial cuja finalidade não é minimamente cumprida. No enunciado (1), *até* indica espaço físico e de poder, enquanto que, no enunciado (2), *até* marca espaço físico e de intenção. Já no enunciado (3), *até* indica espaço físico e de atuação profissional. Façamos um quadro comparativo:

A forma	<i>Verbo de movimento + até + lugar</i>
O sentido	
Enunciado (1)	limite espacial com finalidade diversa
Enunciado (2)	Limite espacial com finalidade realizada
Enunciado (3)	Limite espacial sem finalidade realizada

Quadro 18- Sentidos da locução *verbo de movimento + até + lugar*

	O sentido de <i>espaço</i> de <i>até</i>
Enunciado (1)	Espaço físico e de poder
Enunciado (2)	Espaço físico e de intenção
Enunciado (3)	Espaço físico e de atuação profissional

Quadro 19- Sentidos de espaço da preposição *até*

### 5.2.3 Considerações parciais: acerca da metodologia para a análise enunciativa

Neste item, procuraremos comentar a pertinência de nossa metodologia, isto é, sua capacidade de refletir os princípios derivados da Teoria da Enunciação de Benveniste. Para tal, comentaremos a necessidade de fazer uma uniformização descritiva do sentido das preposições e de uma precisão definitória dos termos utilizados na metodologia.

Como podemos observar nitidamente nos quadros comparativos, procuramos não apenas aplicar a mesma metodologia a cada enunciado mas também uniformizar a descrição dos sentidos da preposição *até* em cada enunciado. Com isso, objetivamos mostrar que as relações de *identidade* de sentido e as relações de *diferença* da locução possibilitam falar da relação entre uma concepção de língua enquanto sistema de signos ou *língua*, e uma concepção de língua enquanto comunicação intersubjetiva ou *língua-discurso*.

A descrição de *identidade* é de sentido geral, da ordem do repetível (ver 2.5 e 3.5). Essa descrição é baseada em Cunha (1975), Neves (2000), Fiorin (2000) ou Borba (2002), os quais, como vimos, observam o sentido ontológico das preposições, isto é, o sentido das mesmas na instância do predicado verbal ou na instância de suas oposições paradigmáticas (ver 1.3). Por exemplo, a descrição de *até*, na locução *estudou até + escolaridade*, é adaptada de Cunha (1975, p. 521), a saber, “aproximação de limite com insistência nele”, ou seja, *alcance de limite*. A descrição de *diferença* é de sentido específico, da ordem do irrepetível (ver 2.5 e 3.5). Essa descrição é baseada no sentido observado na instância do enunciado. Por exemplo, a descrição de *até*, no enunciado (1) do item 5.2.1, é *alcance de limite além do aceite pelo locutor, limite estendido*. O mesmo pode ser dito da descrição das preposições através das noções de *espaço* e *tempo*. A definição de identidade da locução *estudou até + escolaridade* é da ordem do *tempo*. A definição de diferença da locução *estudou até o 1º ano do Ensino Médio* no enunciado (1) do item 5.2.1 é da ordem do *tempo físico e avaliativo*.

A pertinência da metodologia apresentada é confirmada não apenas porque ela prova o postulado da Teoria da Enunciação de que *até* tem um sentido *diferente* em cada enunciado mas, igualmente, porque ela se reduz ao mínimo de variáveis pertinentes. Em outras palavras, se o sentido da enunciação é único e imediato (*d’emblée*), a metodologia deve conter variáveis ao mesmo tempo únicas, isto é, não classificatórias, imprevisíveis, e imediatas, isto é, denotando a co-relação simultânea dos signos-palavra no enunciado. Diferentemente da Lingüística Textual, cuja integração de sentido conduz a uma classificação em mecanismos sintáticos como, por exemplo, *formas remissivas referenciais*, divididas em *grupos nominais definidos, nominalizações, sinonímias, hiperonímias, nomes genéricos*, entre outros (Koch, 1990, p. 45-47), em uma *Lingüística da Enunciação*, os fenômenos de integração de sentido conduzem a uma *multiplicidade* – qualitativa e quantitativa - de relações cuja classificação sintática não contribui em nada para a análise. Assim, no enunciado 5.1.16, poderíamos dizer

que o sentido de *sem*, na locução *sem tempo para dormir ou comer, ... teriam de julgar* advém da relação da locução com o sintagma nominal adjetivado *recursos infundáveis*, com o sintagma nominal *acúmulo de processos*, com a conjunção *mas*, em *mas o Judiciário não é moroso e sim o sistema legal*. No entanto, tal descrição não conduziria à análise da *referência* da preposição na enunciação. A repetição quase monótona da locução *está em integração com* em nossa metodologia procura mostrar que a variável *integração* é nada mais do que o desdobramento - ou a *dissociação* - em relações entre um mesmo signo-palavra X com outros signos-palavra Y, Z, ....a partir do sentido imediato do signo-palavra X no enunciado. Se “é ego” que *diz ego*” (PLG I, p. 286), o sentido imediato de “até” são as relações de integração de *diz até*.

A precisão definitória de alguns dos termos da metodologia que, como dissemos, é parte da constatação de cientificidade da metodologia nos foi testada sobremaneira no enunciado (2) do item 5.2.1. Nesse enunciado, a existência de dois enunciadores fez-nos refletir sobre o que chamamos de *locutor* e, conseqüentemente, refletir sobre a *referência*. Assim, se o sentido da enunciação é único e irrepitível, cada *enunciado*, que também é uma unidade de sentido (ver 4.1), apresenta um único *locutor*. No enunciado com a locução *estudou até a sexta série do primário*, o locutor convoca um enunciador que produz um sentido para a preposição *até* utilizado como suporte para a *referência*, igualmente única, que ele produz para a preposição. Em outras palavras: como o locutor é o responsável pela enunciação (cf. 4.1), todo e qualquer enunciador presente em um enunciado se *integra* ao sentido único e imediato produzido por *um* locutor.

O enunciado (1) do item 5.2.1, por sua vez, fez-nos refletir sobre o termo *dissociação* e sobre o termo *locução*, uma vez que fez-nos considerar tanto a extensão do signo-palavra a ser considerado para a análise quanto a detecção dos signos-palavra (das locuções) pertinentes a ela. Assim, dizer que a forma em *dissociação* são *apaziguador* e *negociador* poderia nos ter conduzido observar que *locutor* elogia o sem-terra *Ledovatto* por tomar decisões ponderadas, sentido esse não produzido no enunciado (1). De fato, deve-se considerar os signo-palavra *o homem conhecido como “apaziguador”* e *via em Ledovatto um negociador confiável*, através do qual o *locutor* mostra que *Ledovatto* é *conhecido*, visto como ponderado por outros mas que sua opinião sobre o mesmo não é essa. O sentido produzido pelo locutor é reforçado pelo signo-palavra *policiais prendiam Ledovatto*, que não havia sido originalmente incluído em

nossa análise. Com isso, concluímos que se a *locução* é um signo-palavra (cf. definição em 4.1, item 1), os elementos aos quais a *locução* se *integra* são igualmente *signos-palavra* (cf. definição em 4.1, item 4). Dessa forma, todo *signo*, mesmo sendo *palavra autônoma* (ver 3.5) como *negociador*, deve sempre ser concebido, em análise enunciativa, como *signo-palavra*, ou seja, nas relações sintagmáticas que mantém com os termos imediatos que lhe cercam em cada enunciado. Portanto, a noção de *locução* não é apenas pertinente para o estudo da preposição, mas também para o estudo enunciativo de todo e qualquer signo. Em outras palavras, a *dissociação* do enunciado não conduz a um *signo* e sim a um *signo-palavra*.

Qual é, então, o estatuto da divisão benvenistiana entre *palavras autônomas* e *palavras sin-nomas*? No texto “Os níveis da análise lingüística” (PLG I), essa divisão é baseada na concepção de língua como sistema de signos, ou seja, no nível em que a correlação de personalidade é exterior à de subjetividade (cf. 3.3). Neste ponto de vista, a língua é concebida como a disjunção entre os signos do paradigma do EU e os signos do paradigma do ELE. No entanto, em uma concepção de língua como comunicação intersubjetiva (cf. 3.1), ou seja, em que a correlação de subjetividade é exterior à de personalidade, a situação é diferente. Neste ponto de vista, pertinente a uma análise enunciativa, os signos do paradigma do ELE estão em conjunção com os signos do paradigma do EU. Dessa forma, toda *palavra autônoma*, pertencente ao paradigma ELE na língua enquanto sistema de signos, é uma *palavra sin-noma* - ou um *signo-palavra*, ou uma *locução* - na língua como comunicação intersubjetiva.

Com isso, acreditamos que nossa metodologia é capaz de refletir os pressupostos da Teoria da Enunciação de Benveniste, desde que a ela acrescentemos a relação entre uma concepção de língua como sistema de signos a uma concepção de língua como comunicação intersubjetiva, isto é, desde que acrescentemos a ela o termo e a definição de *língua-discurso*.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: da sintaxe da língua à sintaxe da enunciação**

Após o exame das gramáticas e dos estudos lingüísticos, ficou evidente que a descrição semântica das preposições essenciais é pautada por fatores de determinação estrita de seu sentido. Tais fatores estão relacionados ora à determinação do sentido através das relações sintagmáticas no predicado verbal, configurando uma análise de dominância do sentido de um termo da frase sobre o outro, ora à determinação do sentido através das relações paradigmáticas no sistema das preposições, configurando uma análise por oposição de traços constantes de sentido. Tais fatores podem ser resumidos da seguinte maneira: 1º) o sentido das preposições deriva da sintaxe do predicado verbal, mais precisamente, da exigência gramatical do elemento antecedente à preposição e do sentido do elemento conseqüente; 2º) o sentido das preposições deriva de um conjunto de traços de sentido determinados pela relação da preposição com o seu paradigma, o qual inclui as locuções prepositivas e as preposições acidentais.

Com isso, não podemos mais falar da descrição semântica das preposições e sim de, no mínimo, *duas* descrições. Para a primeira, cuja descrição pode ser sintetizada através do termo *regência*, utilizado pelos próprios autores, a determinação do sentido das preposições realiza-se pela dominância de um termo sobre outro, ou *sintaxe constrange sentido*. Para a segunda, a determinação do sentido das preposições realiza-se por oposição de traços distintos. Essas duas descrições podem ser ditas não-enunciativas, uma vez que: a) tomam como unidade lingüística o predicado verbal ou a frase descontextualizada; b) descrevem o sentido das preposições de forma genérica. No entanto, se tal descrição não contempla a diversidade de sentidos da preposição, objetivo de nosso trabalho, ela nos mostra, como diria Benveniste (PLG II, p. 21), as *classes elementares de sentido, as distinções que a língua registra*. As *classes elementares* que se sobressaem para o estudo semântico das preposições no português são *espaço, tempo, posição, movimento, limite, direção*, entre outros.

Cunha (1975), ao propor um estudo centrado nas noções de espaço e tempo, produz uma definição do sentido das preposições de forma genérica de modo a englobar o sentido de espaço e de tempo em uma única descrição. Pontes (1990), ainda que em perspectiva diferente, igualmente propõe uma descrição conjunta das noções de espaço e tempo. Com isso, queremos dizer que, mesmo em uma perspectiva que não contempla diversidade de sentidos, há um esboço de concepção de um estudo relacional das noções de espaço e tempo. No entanto, em ambos os autores, essas noções são descritas de forma semântica generalizante. Tal descrição genérica poderia ser aplicada a locuções em dissociação do mesmo tipo. Assim, Pontes (1990) descreve *por* como tendo o sentido de *localização em área mais ou menos vaga*. Tal descrição, baseada na frase *Não há gente por aqui?*, poderia ser aplicada a todas as locuções do tipo *verbo indicando posição + por + advérbio de lugar*.

Tendo em vista que nosso objetivo é descrever o sentido das preposições nas locuções em integração, não podemos nos deter em uma descrição genérica, ainda que essa nos tenha servido como ponto de partida. A partir do estudo da teoria da enunciação de Benveniste, podemos dizer que a unidade de análise é uma dupla unidade: a *locução* e o *enunciado*. Da mesma forma, a determinação do sentido é dupla: através das relações sintagmáticas do signo-palavra em que se encontra a preposição e através das relações intersintagmáticas da locução com outros signos-palavras para a constituição do sentido único e irrepetível da enunciação, dito *referência*. Assim, para a perspectiva enunciativa, não apenas

a preposição apresenta mais sentidos do que o único sentido apresentado para cada uma delas na perspectiva não-enunciativa, como a preposição apresenta um número indefinido de sentidos, uma vez que cada enunciação provê um sentido diferente para a preposição. Assim, o *valor* de *tempo*, *espaço*, *movimento*, etc. advindo da locução considerada em suas relações paradigmáticas é determinado pela *referência*, advinda da consideração da locução em suas relações sintagmáticas, diferentes a cada enunciado. Ou, como diria Benveniste (PLG II, p. 21, grifo nosso), *a semântica é o “sentido” resultante do encadeamento, (...) da adaptação dos diferentes signos entre eles*. Como resultado dessa *adaptação*, surgem os sentidos enunciativos de *espaço social*, *limite restringido*, entre outros. Portanto, a perspectiva enunciativa pode ser sintetizada por *o sentido constrange uma sintaxe*.

A postulação da locução como unidade para o estudo das preposições não apenas ressalta a importância das relações sintagmáticas para o estudo enunciativo das preposições, como também apresenta um tratamento *aproximado* ao das gramáticas. Ao descrever o sentido da preposição como parte do *predicado verbal*, a gramática admite, sem o dizer, que o sentido da preposição é resultante das relações sintagmáticas, ainda que restritas a uma parte da frase. No entanto, a descrição é completamente diferente para as gramáticas e para a perspectiva enunciativa. Se nessa última falamos de *regência*, isto é, de dominância de sentido de um termo sobre o outro do predicado verbal, para a perspectiva enunciativa, falamos de múltipla implicação de sentido. Nessa última perspectiva, não podemos determinar *categoricamente* quais os elementos determinam o sentido do todo da locução, tal como ocorria nas gramáticas e estudos lingüísticos. Em nossas análises enunciativas, por exemplo, na locução *vive sob lonas pretas à beira de estrada* (ver 5.1.15), observamos que a referência da preposição *sob*, a saber, espaço de moradia abaixo da dignidade aceita socialmente é determinada pelo verbo *vive*, indicando estado de moradia, pela preposição *sob*, indicando posição inferior, pelo sintagma nominal *lonas pretas à beira de estradas*, indicando espaço de moradia diferente do que é socialmente aceito. Em todos esses elementos, observa-se o sentido de ‘moradia’ ligando todos os demais.

Nesse sentido, a contribuição da Lingüística *de Corpus* é fundamental, uma vez que um de seus instrumentos, o aplicativo *Wordsmith*, permite-nos detectar o contexto sintático imediato da preposição. Se criticávamos os estudos gramaticais e lingüísticos por descreverem o sentido das preposições a partir de uma lista reduzida de frases (cf. 1.2.3), a



Linguística de Corpus, ao agrupar centenas ou milhares de frases, permite-nos, de forma rápida e eficiente analisar a constituição de inúmeras locuções. Com isso, a Linguística *de Corpus* tem a capacidade heurística de evidenciar a existência de locuções na língua que os estudos abordados não contemplam ou testar as hipóteses de uma pesquisa científica. Com a detecção de locuções como *hoje com 55 anos* (ver 5.1.5) e *saiba desde já* (ver 5.1.7), o aplicativo *Wordsmith* evidenciou a existência de locuções não atestadas pelos estudos lingüísticos. Como nenhuma gramática observara sentido de espaço ou de tempo para a preposição *sem* ou a maioria não observava o sentido de tempo para a preposição *sobre*, a detecção das locuções *sem tempo para comer ou dormir* (5.1.14) e *março aumentou 0,4% sobre fevereiro* (5.1.14), em que *sem* e *sobre* adquirem noção de *tempo*, ajudou-nos não apenas a ampliar a descrição das gramáticas e estudos lingüísticos mas também a modificar algumas de suas assunções.

Como podemos observar nas análises, as noções de espaço e de tempo são parte inerente do *valor* das preposições. Tais noções são o ponto de partida da descrição *semântica* das preposições pelas gramáticas e estudos lingüísticos abordados, tendo, portanto, mérito científico fundante em qualquer estudo semântico das preposições (ver 1. 1 acerca da cientificidade da gramática). A partir da perspectiva enunciativa, tais noções ganham sentidos específicos, tais como espaço físico, espaço político, espaço social, entre outros, tendo em vista sua atualização individual e irrepetível no enunciado.

No entanto, o sentido específico das noções de espaço e tempo não é diferente no enunciado porque cada um contém uma locução diferente para uma dada preposição. Como mostra nossa metodologia, o sentido da locução é descrito a partir de sua consideração como *signo*, tal como se apresenta principalmente a partir da descrição de Cunha (1976) e de Neves (2000). A seguir, o sentido da locução é descrito nas relações de *integração* do enunciado para um locutor. Ao final, observamos que a passagem do sentido da locução considerada como *signo* ao sentido único da locução no enunciado, ou seja, considerada como *signo-palavra*, apresenta determinações de sentido que se sobrepõem à locução como *signo*. Tal sobreposição pode ser vista na notação terminológica de Benveniste: não há oposição entre *língua* e *discurso* e sim amálgama *língua-discurso*. Da mesma forma, o sentido da locução não é um sentido de *palavra* e sim de *signo-palavra*. Uma mesma locução, isto é, um *signo*, como vimos em 5.2., apresenta, enquanto *signo-palavra*, tantos sentidos quantas forem as

enunciações. Como cada uma das preposições essenciais do português apresentou sentido enquanto signo-palavra *idêntico-diferente* ao sentido enquanto signo, ratificamos o postulado da perspectiva enunciativa de que o sistema semântico, ou a língua enquanto comunicação intersubjetiva, sobrepõe-se ao sistema semiótico, ou a língua como sistema de signos (PLG II, p. 233).

A definição da perspectiva enunciativa como *sentido constrange sintaxe* revela-se na forma como as relações de sentido se dão nos enunciados observados. Como observamos em 5. 1.17, com a análise da locução *vai dominando ante os olhos cegos de milhões de paspalhos*, partes diferentes da locução estão em relação a diferentes signos-palavras do enunciado; partes da locução combinam-se a partes que a excedem em relação a determinados signos-palavras. Com isso, reafirmamos a característica da *múltipla* implicação das partes em uma análise enunciativa. Reafirmamos igualmente que uma análise enunciativa é *d'emblée*, isto é, escapa das relações da locução com as partes, isto é, os signos-palavras e se espalha em várias direções ao todo do enunciado.

Vemos, com isso, o processo de *sintagmatização das palavras* (Benveniste, PLG II, p. 234). Acrescentamos ainda que a múltipla relação da locução com outros elementos do enunciado faz com que a preposição passe de seu sentido genérico – ou ontológico – que tem enquanto signo na língua ao sentido específico que tem enquanto signo-palavra na enunciação. De certa forma, autores estruturalistas já haviam mencionado a sintagmatização do sentido ao falar sobre os *significantes descontínuos* (MARTINET, 1975, p. 103-6) ou *morfemas redundantes* (LOPES 1999, p. 157-8), definidos como repetição de um significado em mais de um significante ao longo da cadeia sintagmática. Por exemplo, em *Eu corro*, o significado “indicação da pessoa que fala” está tanto em *eu* quanto no morfema verbal */-o/*.

No entanto, o que em um estudo da língua, ou do signo lingüístico, significa redundância de sentido, em um estudo da enunciação, ou do signo-palavra, implica *integração* do sentido de signos em *dissociação* para a constituição de sentido único e irrepetível, ou construção de *referência*. Em enunciação, sintagmatização significa a passagem do sentido genérico – ou ontológico – de *eu* na língua, a saber, “indicação da pessoa que fala” para o sentido específico de *eu...* no enunciado, a saber, “afirmação de uma ação pela pessoa que fala”. Para citar um exemplo com preposição: a *referência* de “anterioridade a disposição

intelectual” de *ante* pode estar na relação entre a locução *vai dominando ante os olhos cegos de milhões de paspalhos* e o signo-palavra *a fraude de um Dicionário do Pensamento da Direita*. Os dois signos-palavra não têm nem a mesma ordenação sintática, isto é, não estão em *paralelismo sintático*, e nem mesmo um único termo em comum, mas compartilham sentidos pelo fato de emanarem da enunciação de um *eu...* Com isso, corroboramos aqui a tese de que na perspectiva enunciativa *sentido constrange sintaxe*. Corroboramos ainda o fato de que se, em uma análise do *signo* preposição, o sentido da preposição deriva da *regência* verbal ou nominal - conforme gramáticas - ou de uma relação paradigmática opositiva - conforme estudos lingüísticos -, em uma análise do *signo-palavra* preposição, o sentido da mesma deriva de uma *co-regência* de termos, isto é, da conjunção dos sentidos de múltiplos signos-palavras.

Cabe-nos finalmente fazer alguns comentários acerca das dificuldades de descrição semântica das preposições. Como observamos em 5.1.17, a descrição do sentido das preposições, desde as gramáticas, é determinada pelo sentido da locução. A gramática de Neves (2000), por exemplo, apresenta nada menos do que nove acepções para a preposição *de* com sentido de *espaço* e *tempo* (ver cap. 1, quadro 5). No caso da análise da preposição *de*, dentre as descrições apresentadas pelas gramáticas, houve a necessidade de escolher a descrição baseada em locução igual à locução selecionada para a análise enunciativa. Assim, para a preposição que não recebeu das gramáticas ou dos estudos lingüísticos descrição a partir da mesma locução que selecionamos, como o caso de *contra*, foi preciso produzir descrição baseada no cotejo entre vários autores e em nossa observação da preposição como parte de locução. Dessa forma, se a preposição na locução *investimos um contra o outro* tem o sentido de ‘movimentos em oposição’ e a preposição na locução *apertava o pão contra o chão* tem o sentido de ‘contiguidade espacial’, a preposição na locução analisada, a saber, *atirar contra a casa*, por pertencer à locução com sentido diferente das anteriores, não pode ser descrita exclusivamente por uma delas (NEVES, 2000 e FIORIN, 2002). Assim, a descrição de *contra* teve que ser por nós forjada da seguinte forma: ‘direção a um espaço com finalidade negativa relativa a esse espaço’ (ver cap. 5.1. 6).

Essas duas situações nos levaram a refletir sobre o que significa dizer que a preposição pertence ao paradigma do ELE ou da não-pessoa e, conseqüentemente, a refletir sobre *o ato* individual de utilização da língua que, ao *enunciar* a locução, modifica o estatuto

da preposição. Benveniste, ao dizer que *a forma ele... tira seu valor do fato de que faz necessariamente parte do discurso enunciado por 'eu'* (PLG I, p. 292) e ao dizer que *na sintagmatização...cada palavra não retém somente uma pequena parte do valor que tem enquanto signo* (PLG II, p. 234), mostra que o valor da preposição enquanto signo é apenas o princípio para que se comece a descrever o sentido da preposição enquanto signo-palavra. Assim, as noções de *espaço, tempo, movimento, posição, posição superior, posição inferior, limite, intervalo entre limites*, entre outras, presentes maçicamente na descrição feita pelas gramáticas e estudos lingüísticos abordados parecem insuficientes, vazias para descrever o sentido da preposição nos enunciados.

O valor da preposição que, enquanto signo do paradigma da não-pessoa na língua é *pleno*, no momento em que é aprendido na língua-discurso, parece tão vazio quanto os signos do paradigma da pessoa. Vazio, porque se ELE está fora da alocação EU-TU, se é *ausente*, não o é apenas por ser constitutivo da sintaxe comum e sim por dever ser *reinventado*, *(re)presentado* a cada enunciação, porque, ao ser *apropriado* pelo EU e devendo ser *(re)presentado*, ganha nessa representação um pouco do sentido circunstancial e efêmero da alocação EU-TU. Vazio, finalmente, porque se esse valor está *fora* do EU-TU, deve por EU-TU ser *apresentado* em *sua referência*. A referência, esta sim plena, é resultante nada mais, nada menos da *sintagmatização* do dizer, sendo diferente a cada alocação EU-TU. O valor da preposição é vazio, portanto, uma vez que depende da *referência* da e pela enunciação.

Assim, se do ponto de vista da língua enquanto sistema de signos, a correlação de personalidade é externa à de subjetividade e, portanto, determina uma dicotomia entre signos vazios (paradigma da pessoa) e signos plenos (paradigma da não-pessoa), do ponto da língua enquanto comunicação intersubjetiva (língua-discurso), a correlação de subjetividade é externa a de personalidade e, portanto, determina uma conjunção signo pleno-signo vazio, uma vez que o valor do signo do paradigma do ELE, ao *atravessar*, a comunicação EU-TU, o determina e é sobredeterminado por ele. Assim, no enunciado 5.1.7, *desde*, em *saiba desde já*, determina valor pleno enquanto signo de 'duração temporal a partir do limite do presente'. Como signo-palavra, *desde* é *sobredeterminado* pela referência enunciada pelo locutor de 'duração temporal de conselho do locutor (EU) a partir do presente, a qual antecede leitura' e, neste caso, igualmente pela co-referência atribuída ao alocutário (TU) de 'duração temporal de injunção à atitude dos leitores a partir de todo e qualquer tempo que anteceder a leitura

propriamente dita’. Da mesma forma, a preposição *contra* que, da perspectiva da língua enquanto sistema de signos, apenas co-ocorre linearmente com signos indicando *espaço*, tendo, portanto, valor de *espaço*, no enunciado 5.1.6, portanto da perspectiva da língua enquanto comunicação intersubjetiva, adquire referência de *espaço-tempo*, tendo em vista as relações de integração com *tiros disparados durante uma festa* que *sobredeterminam* para a preposição *contra* a referência a *tempo*. Dessa forma, como em nenhuma das gramáticas, dos estudos lingüísticos e mesmo das locuções em nosso *corpus de fatos* há co-ocorrência da preposição *contra* com signos indicando *tempo*, a descrição de *espaço* da preposição *contra* decorre de uma compreensão do sentido como linear, lógico, isto é, como determinado *unidirecionalmente* de uma parte em relação a outra. No entanto, a disseminação do sentido da locução a outro sintagma, no caso, ‘tiroteio em direção a uma determinada casa’, possibilita que esse outro sintagma igualmente empreste à locução parte de seu sentido, a saber, ‘tiroteio realizado no momento de determinada festa’. Assim, a locução *atiraram contra a casa*, no enunciado 5.1.6, tem a referência de ‘tiroteio em direção a uma determinada casa – espaço - em uma determinada festa – tempo’. Tal descrição de *espaço-tempo* de *contra* decorre da compreensão do sentido como *transversal*, conjuntivo, isto é, como co-determinado *multidirecionalmente* pelas partes.

Se o valor dos signos do paradigma do ELE apresentam-se como vazios em um enunciado das preposições, tal fato decorre da existência de um aparelho formal *eu-tu-este-aqui-agora* na língua. Tal aparelho faz com que o sentido de todo signo do paradigma do ELE advenha do ancoramento de seu valor à *unicidade* da *enunciação* de *eu...*(cf. 3.3). Dessa forma, a preposição *até* na locução *estudou até + escolaridade*, descrita através da noção de ‘alcance de limite temporal de escolaridade’, apresenta um sentido diferente em cada enunciado (ver 5.2.1). Além disso, o signo denotando ‘escolaridade’ ganha igualmente referência *única*: em (1), indica ‘habilidade intelectual de uma pessoa’, em (2), indica ‘nível intelectual de uma pessoa’ e em (3), indica ‘característica intelectual de um grupo de pessoas’. Assim, a *referência* das preposições é resultante da inter-determinação e adaptação do valor de *todos* os signos em emprego, ou seja, em sua transformação em *signo-palavra*.

Além disso, o valor de *até* de ‘alcance de limite temporal de escolaridade’ apresenta sentidos enunciativos diferentes não somente porque se combinam a signos-palavra diferentes, mas porque revelam diferentes (dis)posições enunciativas do locutor relativamente

à noção de *limite* observada em *até*. Em 5.2.1, a disposição é a de um limite estendido além do atribuído pelo locutor, em 5.2.2, tal disposição é a de um limite restringido ao mínimo aceito pelo locutor e em 5.2.3, tal disposição é a de uma delimitação afastada do locutor. Nessas análises, vemos que a unicidade da enunciação de *eu...* não refere apenas à irrepetibilidade do sentido da enunciação mas também à *posição* singular que o locutor ocupa em relação à noção, ao significado constante possibilitado pela língua (ver nota 37, cap. 3.5).

Assim, a preposição, sem perder o valor *pleno* que tem na língua, seja de *espaço* ou de *tempo*, parece *esvaziar-se* um pouco, na língua-discurso, para se conformar a *um* sentido que se *plenifica* em referência por meio do conjunto de relações sintático-semânticas de integração. Entre o valor de *identidade* que a preposição tem em uma mesma locução e o valor de *diferença* que uma mesma locução apresenta em enunciados diferentes, a descrição enunciativa das preposições deve dar conta do *movimento* locução-enunciado ou do movimento sintaxe da língua-sintaxe da enunciação. Se a sintaxe da língua descreve o “sentido” como *valor* repetível e genérico resultante do alinhamento paradigmático de locuções (paralelismo sintático), a sintaxe da enunciação descreve o “sentido” como integração sintagmática variável das locuções a outras locuções. Variável não apenas porque as locuções em cada enunciado são diferentes, mas também porque os próprios limites, a forma da locução é determinada pelo todo da enunciação. No enunciado 5.1.15, postular que a locução seja *vive sob lonas pretas à beira de estradas* e não *vive sob lonas* ou *vive sob lonas pretas* implica observar que o sentido de espaço indigno é resultado de um conjunto de fatores. Com isso, mesmo ao determinar a *forma* da locução, ao determinar sua *dissociação* e a de outros signos-palavras em integração já determinávamos seu sentido. Em suma, se forma e sentido são inseparáveis, como diz Benveniste – ver epígrafe -, tal característica decorre do próprio “sentido”, *essa cabeça de Medusa que está sempre aí no centro da língua* (PLG I, p. 35). Ousaríamos acrescentar o seguinte: na língua, sob a forma de *valor*, na língua-discurso, sob a forma de *referência*.

Como diz Flores, uma teoria implica um sistema de conceitos mutuamente necessários e delimitados. Assim, a teoria da enunciação de Benveniste, ao postular uma *dupla sintaxe*, mobiliza uma *dupla* definição de língua, uma dupla *unidade* e uma dupla definição de sentido. Se na *língua enquanto sistema de signos* um signo é o que outro signo não é, na *língua enquanto comunicação intersubjetiva* um signo-palavra só é porque outro

signo-palavra é. Dupla face de um *único* funcionamento: a linguagem. Ou, se nos permitem uma metáfora, se a linguagem serve para viver assim como a água serve para beber, *língua* e *língua-discurso* são dados simultaneamente para a constituição da *linguagem* assim como *oxigênio* e *hidrogênio* para a constituição da *água*. Eis a sintaxe da enunciação: *dupla*, não porque enumera os constituintes em *dissociação*, mas porque integra forma e sentido, língua e discurso, paradigma do ELE e paradigma do EU a fim de produzir uma referência ao *par* de locutores e, em última instância, uma serventia para os homens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Gramáticas e Dicionários

- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nacional, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BUENO, F. S. *Gramática normativa de língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1956.
- BORBA, F. S. *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- CÂMARA Jr. , J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.
- CUNHA, C. F. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC-FENAME, 1975.
- CUNHA, C. E CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- HOUAISS, A. e Villar, M. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LUFT, C.P. *Moderna Gramática Brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- \_\_\_\_\_. C. P. *Gramática Resumida*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- \_\_\_\_\_. Introdução. IN: *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1987.
- MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfo-sintática do Português: aplicação do estruturalismo lingüístico*. São Paulo: Pioneira, 1997.
- MATEUS, M.H. et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Almedina, 1987.
- NEVES, M<sup>a</sup> H. M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- PERINI, M. *Gramática descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1998.
- SAID, A. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa/ Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1964.

### Livros e artigos



ADAM, J-A. *Les textes: types et prototypes*. Paris : Nathan, 1997.

ALMEIDA, M. L. *A gramaticalização das representações espacio-temporais em português: o caso das preposições, advérbios e conjunções*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986 (Relatório técnico-científico).

ANSCOMBRE, J.C. Délocutivité Benvenistienne, délocutivité généralisée et performativité. IN: *Langue Française*. Paris, n° 42, p. 69-84, 1979.

\_\_\_\_\_. De l'enonciation au lexique: mention, citativité, délocutivité. IN : *Langages*. Paris, n° 20, p. 9-33, 1985.

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Unicamp, 1998.

\_\_\_\_\_. O lugar do outro em um discurso de falsificação da história: a respeito de um texto que nega o genocídio dos judeus no III Reich. IN: \_\_\_\_\_. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 239-57, 2004.

AZEREDO, J. C. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BAGNO, M. Quando se chega em Americana, não sei o que fazer. Regências dos verbos Ir e Chegar com sentido de direção. IN: *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, p. 139-156, 2002.

BARBISAN, L. Língua e fala: conceitos produtivos de teorias enunciativas. IN: *Letras de Hoje*. Porto Alegre. V. 39, n° 4, p.67-78, dez. 2004.

BARTHES, R. Por que gosto de Benveniste. IN: *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984.

BENVENISTE, E. Tendências recentes em lingüística geral. IN:\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 3-18, 1988.

\_\_\_\_\_. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da lingüística. IN:\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 19-33, 1988.

\_\_\_\_\_. Saussure após meio século. IN:\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 34-49, 1988.

\_\_\_\_\_. Categorias de pensamento e categorias de língua. IN\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 68-80, 1988.

\_\_\_\_\_. Os níveis da análise lingüística. IN:\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1988, p. 127-140.

\_\_\_\_\_. O sistema sublógico das preposições em latim. IN:\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 141-149, 1988.

\_\_\_\_. A frase nominal. IN:\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 163-182, 1988.

\_\_\_\_. Ativo e médio no verbo. IN:\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 183-191, 1988.

\_\_\_\_. Estrutura das relações de pessoa no verbo. IN:\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 247 –259, 1988.

\_\_\_\_. A natureza dos pronomes. IN:\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 277-283, 1988.

\_\_\_\_. Da subjetividade na linguagem. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 284 – 293, 1988.

\_\_\_\_. Os verbos delocutivos. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, , p. 306-315, 1988.

\_\_\_\_. Problemas semânticos de reconstrução. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 319-339, 1988.

BENVENISTE, E. Estruturalismo e lingüística. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, p. 11-28, 1990.

\_\_\_\_. A linguagem e a experiência humana. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, p. 68-80, 1990.

\_\_\_\_. O aparelho formal da enunciação. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, p. 81-90, 1990.

\_\_\_\_. Mecanismos de transposição. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, p. 115- 128, 1990.

\_\_\_\_. Para uma semântica da preposição alemã *vor*. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, p. 140-144, 1990.

\_\_\_\_. Fundamentos sintáticos da composição nominal. IN:\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, p. 147-164, 1990.

\_\_\_\_. Formas novas da composição nominal. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, p. 165-180, 1990.

\_\_\_\_. O antônimo e o pronome em francês moderno. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, p. 201-219, 1989.

\_\_\_\_. A forma e o sentido na linguagem. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, p. 220-242, 1989.

\_\_\_\_. Difusão de um termo de cultura: o latim *orarium*. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, p. 245-251, 1989.

BONINI, A. Gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? *Lingua(gem) em discurso*. Tubarão, SC: n° 1, vol. 4, p.32-43, 2002.

BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1997.

BRESSAN, N. T. W. *A tríade enunciativa: um estudo sobre a não-pessoa na teoria de Émile Benveniste*. 2003. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso). UFRGS. Porto Alegre.

CARDOSO, S. H. B. Demonstrativo, anáfora e pressuposição. IN: *Letras & Letras*. Uberlândia, v. 11, p. 157-180, jan.-jun. 1995.

CAVALIERI, R. S. *Fonologia e Morfologia na gramática científica brasileira*. Niterói, RJ: EdUFF, 2000.

CORNULIER, B. La notion de derivation délocutive. IN: *Revue de Linguistique Romaine*, n° 20, 1976.

DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. IN: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 59-87, 1997.

DUCROT, O. Structuralisme, Énonciation, Communication (à propos de Benveniste et Pietro). IN : *Logique, structure, énonciation*. Lectures sur le langage. Paris : Les Editions de Minuit, 1989.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2002.

FLORES, V. N. Para um estudo enunciativo da categoria aspecto nos verbos do Português do Brasil. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 34, n° 2, p. 91-125, jun. 1999.

\_\_\_\_\_. Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação: uma introdução (primeira parte). *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, n° 4, p. 7-67, dez. 2001.

FLORES, V. N.; SILVA, S. Aspecto verbal: uma perspectiva enunciativa do uso da categoria no Português do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n° 3, p. 35-67, set. 2000.

\_\_\_\_\_. Aspecto discursivo: um estudo da sua realização nos tempos pretéritos e futuro no Português Falado. *Uniletras*. Ponta Grossa, n° 24, p. 107-120, dez. 2002a.

\_\_\_\_\_. Derivação delocutiva: um estudo do processo de formação de verbos do português. Porto Alegre : UFRGS, 2002b (Relatório técnico-científico).

FUCHS, C. e LE GOFFIC, P. *Initiation aux problèmes des linguistiques contemporaines*. Paris : Hachette, 1985.

HILGERT, J. G. (org.) *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: materiais para o seu estudo*. Passo Fundo: EDIUPF; Porto Alegre: Ed. universidade/UFRGS, 1997.

ITO, N. La nature des pronoms est-elle universelle? IN : NORMAND, C. ; ARRIVÉ, M. (orgs.) *Émile Benveniste vingt ans après*. Colloque de Cerisy. Paris: Linx, 1997.

JAKOBSON, R. A noção de significação segundo Boas. IN: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1974.

\_\_\_\_\_. *Linguística e poética*. IN: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1974.

KANT, E. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Brasil Editora, 1958.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'Enonciation. De la subjectivité dans le langage*. Paris : Armand Colin, 1980.

KRIEGER, M. G. ; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia*. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

LEITÃO DE ALMEIDA, M.L. Antes e desde: um problema categorial. IN: *Anais do VI Congresso da ASSEL-RIO*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

LICHTENBERG, S. *Usos de indefinidos do Português. Uma abordagem enunciativa*. 2001. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso). UFRGS. Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. Para o estudo da sintaxe de enunciação. IN: *Letras de Hoje*. Porto Alegre. V. 39, nº 4, p. 185-196, dez. 2004.

LOPES, E. *A identidade e a diferença: Raízes históricas da estrutura da narrativa*. São Paulo: EDUSP, 1997.

\_\_\_\_\_. *E. Fundamentos da Linguística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1999.

MARQUE-PUCHEU, C. Les locutions prépositives : du spatial au non-spatial. IN : MARQUE-PUCHEU, C. (org.) *Langue Française*. Paris, nº 129, p.35-53, fev. 2001.

MARTINET, A. *Elementos de Linguística Geral*. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

MERQUIOR, J. G. *De Praga a Paris: o surgimento, a mudança e a dissolução do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

MOÏNFAR, M. D. Sur la terminologie de Benveniste. IN : NORMAND, C. e ARRIVÉ, M. (orgs.) *Émile Benveniste vingt ans après*. Colloque de Cerisy. Paris: Linx, 1997.

NORMAND, C. “Os termos da enunciação em Benveniste”. IN: OLIVEIRA, S. L et al. *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, p.128-150, 1996.

\_\_\_\_\_. Émile Benveniste: quelle sémantique? IN : *Du dire et du discours*. Hommage à Denise Maldidier. Paris: Linx, p. 221-228, 1997.

ORENHA, A. Subsídios para a elaboração de um glossário bilíngue de colocações na área de Negócios. IN: *Intercâmbio*. São Paulo: vol. 12, p. 197-205, 2003.

ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. *Discurso na Cidade e no Campo*. São Paulo: Cortez, 1989.

POGGIO, R. M. G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do Latim ao Português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.

PONTES, E. *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas, SP: Pontes, 1992.

PORTINE, H. Benveniste et la question de la fondation d'une syntaxe. NORMAND, C. e ARRIVÉ, M. (orgs.) *Émile Benveniste vingt ans après*. Colloque de Cerisy. Paris: Linx, 1997.

RABUSKE, E. *Epistemologia das ciências humanas*. Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

RUNDELL, M. *The corpus of the future, and the future of the corpus*. Talk at Exeter, special conference on 'New Trends in Reference Science' at 29/3/1996.

SANTOS, E. R. dos. *Sintaxe e significação: um estudo enunciativo das orações relativas no português*. 2002. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso) UFRGS, Porto Alegre.

SARDINHA, T. B. Padrões lexicais e colocações do português. Trabalho apresentado no Simpósio Processamento Computacional do Português, 9º InPLA, PUCSP. IN: <http://members.wbs.net/homepages/c/o/r/corpuslinguistics/homepage.html>. 1999a. Acesso em: 04/06/2004.

\_\_\_\_\_. Noções de compilação de corpus. I Seminário Estudos de Corpus, USP. IN: <http://members.wbs.net/homepages/c/o/r/corpuslinguistics/homepage.html>. 1999b. Acesso em: 04/06/2004.

\_\_\_\_\_. Representatividade de corpus. IN: <http://members.wbs.net/homepages/c/o/r/corpuslinguistics/homepage.html>. 1999c. Acesso em: 04/06/2004.

\_\_\_\_\_. *Linguística de Corpus: histórico e problemática*. D.E.L.T.A., São Paulo, vol. 16, nº 2, p. 323-367, 2000.

\_\_\_\_\_. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2000.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, S. *A sintaxe entre língua e discurso: um estudo da regência verbal no Português do Brasil*. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. UFRGS. Porto Alegre.

SILVEIRA, E. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da lingüística*. 2003. TESE (DOUTORADO EM LINGÜÍSTICA). UNICAMP. SÃO PAULO.

#### CORPUS

ZERO HORA. Disponível em: [www.clickrbs.com.br/jornais/zerohora](http://www.clickrbs.com.br/jornais/zerohora) (Acesso quinzenal de março a setembro de 2004).

